CAMILA GRILLI

PRINCESA DOS ELEMENTOS

LIVRO 1



Magia Books

CAMILA GRILLI

PRINCESA DOS ELEMENTOS

LIVRO 1

Magia Books

Todos os direitos reservados a autora e a editora. Proibida a reprodução de parte ou totalidade da obra sem autorização por escrito da autora e da editora.
Autora: Camila Grilli
Capa: @hbdesigneditorial
Revisão: Mariana Rocha

Prólogo

Era uma manhã de outono. A brisa fresca soprava nas folhas das árvores e as fazia farfalhar, criando uma melodia natural confortante. A família real dormia enquanto seus convidados — os Beaumont — faziam um piquenique numa clareira da floresta, nas redondezas do castelo. O sol começava a lançar seus primeiros raios de luz no céu agora alaranjado, e uma pequena menina corria por entre as árvores, balançando seus cabelos vermelhos como o fogo. Rodava a saia do vestido, segurando sua pequena coroa de brinquedo na cabeça, e ria junto dos sons dos pássaros cantando, sentindo-se uma princesa — e, de fato, em breve seria uma.

Era esta a razão da estadia dela e de sua família no castelo: assinar um acordo com a família real a fim de que juntassem sua filha com o pequeno e jovem príncipe em matrimônio, quando possuíssem idade suficiente. O acordo proporcionaria a todos muitos benefícios, principalmente na renda e no status de ambas as linhagens.

O sr. e a sra. Beaumont eram uma família nobre de Cannehor e seu renome, respeito e fama dentre o povo provocavam, na realeza, certo interesse político; além disso, eram a principal opção da corte para um dia casar o príncipe com sua futura rainha. Portanto, todos acharam muito mais prático e benéfico forjar logo uma aliança através do casamento, e aqui estavam.

—Querida, não acha que vão procurar por nós eventualmente? — o sr. Beaumont perguntou.

—Ah, Simon, fique quieto. Há tanto tempo que não nos divertimos! Sente-se e aproveite um pouco — ordenou a esposa em resposta, abrindo a cesta de palha.

—Está bem, Samantha. Mas eu ainda pressinto que algo dará errado.

—Você sempre acha isso, meu amor. — Riu. — Além disso, não há com o que se preocupar. A guarda real está a metros de distância. Se qualquer coisa acontecer, basta gritarmos. Agora pare com este medo irracional e vamos descansar um pouco.

Ambos se sentaram na toalha estendida, começando a examinar a comida.

—Catherine! — chamou seu pai. — A comida está te esperando.

— Já vou, papai.

Catherine saiu da floresta e foi até o centro da clareira, onde uma toalha xadrez de piquenique, branca e vermelha, estava posta. Sobre esta, no lado direito, encontrava-se uma cesta de palha, contendo frutas, queijos, pães e doces diversos, junto de uma garrafa de vinho e duas taças — pegas, com certeza, da cozinha real; no lado esquerdo da toalha, uma mulher morena deitava-se, olhando para o homem ao seu lado com ternura.

Os cabelos castanhos de Samantha contrastavam com seus olhos verdes, fazendo-os parecer mais escuros. O homem, por sua vez, fora o responsável por dar a Catherine os cabelos vermelhos enrolados, os quais eram acompanhados por sardas presentes em todo o seu rosto e olhos similares aos da esposa.

A menina sentou-se entre o pai e a mãe e deixou sua pequena coroa na toalha, logo atacando a cesta de doces. Enquanto comia toda a geleia de um pote, perguntou à Samantha a verdadeira razão de estarem ali.

— Hoje, mais tarde, te diremos tudo o que deseja saber, meu amor. Só tenha um pouco mais de paciência, sim?

—Tudo bem, mamãe. Mas estou curiosa.

— Eu sei, querida — disse seu pai —, estamos ansiosos para lhe contar, e o rei implora para que esperemos.

Catherine concordou e, após acabar de comer seu doce, arrastou-se para a beirada da toalha, ficando de costas para seus pais. Colocou a mão na grama e moveu-a suavemente por cima das folhas. O capim, agora seco pela dureza do frio outonal, tornou-se verde lentamente sob seus dedos, adquirindo vida e cor. Quando retirou sua mão, olhou em volta e a vida restaurada agora se estendia por toda a clareira, indo além dos limites da floresta. A menina sorriu e olhou para seus pais a fim de compartilhar o grande avanço que estava tendo com seus poderes mágicos.

Ao virar-se, ouviu um grito agudo, e o que viu chocou Catherine. O corpo inerte de seu pai estava deitado na grama com os braços espalhados, os olhos arregalados e a camisa clara manchada de sangue. No lugar onde deveria ser seu coração, o cabo de uma faca estava afundado, mostrando uma pequena parte da lâmina de metal reluzente. A menina tropeçou para trás, apoiando-se nas mãos. Seguiu os olhos para sua mãe, que estava ajoelhada de costas para um homem, com uma arma de fogo pressionada em sua garganta.

A menina gritou tão alto que sua garganta ameaçou explodir, e o homem recuou. Ele usava uma roupa preta e seu rosto estava coberto com um capuz, mas era possível ver pouco de suas feições: não passava de um homem magro e muito, muito alto, com olhos negros e cheios de ódio. Catherine aproveitou seu momento de distração e tateou a grama às suas costas, procurando algo para usar como arma, e encontrou uma pedra, grande o suficiente para causar algum dano se jogada corretamente. Como poderia ferir alguém quando era apenas uma criança inocente e indefesa?

Não. Não indefesa. Tinha seus poderes, lembrou- se. E precisava usá-los, de algum modo, para salvar sua mãe. Então, atirou a pedra, mirando no rosto do rapaz, mas acabou acertando o estômago, por conta de sua altura exagerada e a evidente fraqueza da menina. Uma janela de surpresa abriu-se para ela enquanto o homem era atingido pela dor e se afastava da mulher. Catherine aproveitou, concentrando-se para fazer uma rajada de vento atingi-lo, porém só conseguiu fazer com que fosse lançado alguns metros para trás. A arma em sua mão atingiu a grama, porém não sem antes fazer uma bala acertar a cintura da mulher. A menina correu

para socorrer sua mãe, que agora tossia, seus pulmões procurando por ar fresco. Uma grande mancha vermelha de sangue formava-se em sua roupa, aumentando mais a cada segundo.

Catherine moveu-se na intenção de ajudar sua mãe a se levantar, mas ela a afastou, procurando a filha com o olhar. Os olhos de Samantha refletiam seu medo e desespero, e, olhando para eles, a menina percebeu o que sua mãe queria dizer antes mesmo de abrir a boca: salve-se. *Vá embora e não olhe para trás*, eles diziam. E ela não conseguiria. Não poderia fugir e deixar sua mãe para morrer, não quando havia uma chance de salvar ambas. Olhou para o corpo morto de seu pai, que já se tornava pálido, e lágrimas escorreram por seu rosto. Não poderia aceitar que aquilo acontecesse consigo e com Samantha.

Pelo canto do olho, viu o homem se recuperando. Sua janela de surpresa — os poucos segundos que conseguira com aquela pedra e a rajada de vento — estava se fechando. Precisava agir, e logo. Posicionou-se ao lado da mulher, pronta para carregá-la se fosse preciso, mas, em vez de usar a filha como apoio, Samantha a abraçou, os joelhos falhando e o sangue escorrendo por seu corpo.

— Eu te amo — sussurrou ela, segurando o rosto de Catherine. — Prometa para mim... — tossiu —, prometa que usará seus poderes apenas para o bem.

— Eu prometo — Chorou, olhando para a ferida de sua mãe. — Eu te amo.

— Vá. Vá e não pare por nada, não importa o que ouça.

— Perdoe-me... Eu sinto muito.

Afastou-se da mãe, limpando as lágrimas, e deu-lhe um último olhar para gravar seu rosto nas lembranças. O homem agora se rastejava na grama com um ferimento na cabeça, procurando sua arma no chão. Os instintos de Catherine gritavam para que corresse, mas todo o seu corpo estava tenso, congelado e em choque. Fechou os olhos e levou alguns segundos para se

recuperar. Não podia ficar ali. Eles estavam condenados e, se não saísse logo daquela clareira, ela também estaria. Portanto, ficou de pé, sem olhar para frente, e fez o que seu subconsciente mandava: correu. No meio do caminho, ouviu um grito ao longe e o barulho de um tiro, mas não parou, mesmo sabendo que sua mãe havia caído, depois de muito lutar. Continuou correndo como nunca antes, sem olhar para trás, por mais de uma hora.

Andou sem rumo até sair da floresta e esbarrar com uma plantação de vinhas, onde um homem de meia-idade trabalhava colhendo uvas e dirigindo-se à pequena casa de madeira alguns metros adiante. A casa que agora seria seu lar por muito tempo.

Capítulo 1

Acordei com um susto. Em um segundo, estava numa clareira na floresta; no outro, estava encarando um teto de madeira branca e com tinta lascada. Sentei-me na cama e olhei ao redor, reconhecendo meu quarto. O quarto no qual dormia desde quando fui adotada aos nove anos. Suspirei e passei a mão na testa, limpando o suor que fazia meu cabelo pregar em meu rosto. Meu pescoço estava ainda pior.

Levantei e fui ao banheiro para me enxaguar e me acalmar um pouco. Eu podia ouvir meu coração batendo, a pulsação latejando em meus ouvidos. Peguei uma toalha no cabide e a molhei, passando pelo meu rosto e toda a minha nuca.

Fazia dois anos que estava tendo o mesmo sonho: eu, numa versão mais nova, correndo na floresta até chegar a uma clareira de grama seca e com uma toalha de piquenique no chão. Então eu acordo, sempre. Eu nunca vi o final, mas, em todas as vezes, enquanto durmo, eu sou invadida por este sentimento de urgência e perigo, como se meu subconsciente estivesse tentando me avisar de algo. Eu só nunca descobri o quê.

Da primeira vez que tive o tal sonho, a cena me pareceu vagamente familiar, e a cada dia que passava, ela fazia menos sentido em minha cabeça. Era como se uma nuvem tampasse meus pensamentos sempre que tentava encontrar uma explicação racional para estar tendo tais pesadelos. *Talvez eu esteja enlouquecendo,* pensei pesarosamente.

Suspirando, voltei para o quarto e olhei pela janela. O sol já ameaçava aparecer no horizonte, colorindo o céu com um laranja avermelhado como se fosse uma aquarela. O dia estava começando, mas ainda era cedo para trabalhar. *Talvez eu devesse arrumar as coisas para não atrasar meu pai na venda de hoje*, ponderei.

Fui até o armário, peguei uma roupa e minhas botas pretas, deixando-as na cama, e me dirigi novamente ao banheiro. Abri a torneira da banheira e esperei-a encher com água quente enquanto eu escovava os dentes e me despia. Quando estava prestes a transbordar, fechei o registro e afundei meu corpo, deixando a temperatura quente me envolver e acalmar minha mente. Fechei os olhos e as lembranças me atingiram.

— Socorro! Socorro! — eu gritava enquanto corria por entre a plantação. — Alguém me ajude!

Um homem, que trabalhava nos vinhedos, ouviu-me e correu em minha direção, deixando para trás sua enxada e luvas. Eu tropecei em um galho grande enquanto tentava chegar à[CG1] *casa, e o fazendeiro chegou a tempo de me segurar, impedindo que eu caísse no chão e me machucasse.*

—O que aconteceu, menina? Quem é você? — ele perguntara, examinando-me e procurando por ferimentos. Sua expressão me dizia que estava assustado, provavelmente pelo carmesim presente em minhas roupas. Aquele sangue não era meu. Uma vez que confirmou isso, o homem retornou a fazer perguntas. — De onde você veio?

—Por favor... Você tem que me ajudar. Eu não sei onde estão meus pais, eu não sei o que fazer — eu dissera, tentando controlar as lágrimas.

—De quem é este sangue? — o fazendeiro me questionara, claramente chocado com o fato de uma criança de nove anos ter aparecido na porta de sua casa com um vestido caro ensopado de sangue.

—Eu não sei... Eu não sei o que aconteceu. Eu...Eu não me lembro.

Sentei-me abruptamente na banheira, ofegando. A memória de como eu havia chegado à minha atual casa sempre me

assombrava e era a única coisa que eu conseguia lembrar nitidamente da infância que tive antes de ser adotada. Quando tentava me concentrar para voltar em minhas lembranças do passado, tudo ficava confuso e só o que conseguia eram flashes sem sentido de uma casa grande e uma coroa brilhante em um quarto mal iluminado.

Provavelmente eu havia sonhado com isso alguma vez e a imagem ficara em minha mente. Não há explicação lógica para o que acontece em meu subconsciente quando se trata das lembranças do meu passado. A única coisa que sei é que sou adotada e que Luke Fairway é o único pai que conheci.

Luke me adotou quando eu tinha nove anos. Bom, ele não teve muita escolha, já que eu havia aparecido na porta de sua fazenda, sozinha, faminta e desesperada. Ele me deu comida, água, um teto, uma cama para dormir... e amor. Qualquer um poderia ter me recolhido, me alimentado e me colocado em um orfanato logo em seguida. Não era sua obrigação me manter consigo, mas foi sua escolha.

Meu pai sempre me dizia que nunca pensou em ter um filho, que eu fui uma enorme surpresa para ele, mas que foi também a melhor coisa que já havia lhe acontecido. "Eu passei a te amar no instante em que te vi", costumava dizer. E eu sabia que nunca poderia duvidar desse amor, pois ele continuou ao meu lado, apoiando-me e protegendo-me mesmo quando descobriu sobre... meus *poderes*.

Outra das duas únicas coisas que carrego de minha infância é o fato de que basicamente posso controlar a natureza através dos quatro elementos: água, ar, fogo e terra. Eu consigo incendiar algo, fazer as plantas crescerem, provocar uma chuva ou uma rajada de vento. Apesar de já ter treinado bastante minhas habilidades, tenho meus limites: mudar o curso natural das coisas exige muita energia e sempre me deixa exausta. Todavia, é um ótimo jeito de ajudar Luke na fazenda. Nós cultivamos uvas para produzir vinhos e, com meus poderes, posso acelerar o crescimento da plantação. Mesmo que apenas consiga usar um pouco de magia, é o suficiente para sempre nos manter abastecidos e com uma vaga no mercado, enquanto outros comerciantes e fazendeiros lutam

para sobreviver normalmente. Não posso negar que haja um pouco de trapaça nisso, mas de que outra forma poderia ser útil?

Meus pensamentos me levaram tão longe que não percebi que o sol já havia despontado no céu, iluminando meu quarto, e a água da banheira havia esfriado. Levantei-me e enrolei-me em uma toalha, dirigindo-me à minha cama, onde havia deixado a roupa pronta para depois do banho. Vesti a calça surrada e a camiseta, calcei a bota e me dirigi até o andar de baixo. Entrei na cozinha, que estava escura devido à cortina que não deixava o sol entrar, e abri o armário.

— Bom dia, flor do dia — alguém disse, fazendo-me dar um pulo.

— Minha nossa senhora! — exclamei, virando com um pulo e colocando a mão no coração. Meu pai estava sentado na cadeira da cozinha, segurando uma xícara de louça na mão. — Você me assustou! O que está fazendo no escuro, pai?

— Você se assusta muito fácil — Luke disse, soltando uma risada abafada. — Não queria te acordar. Estava pensando em algumas coisas.

—Bom, estou acordada há um tempo. Que tipo de coisas estava pensando? — indaguei enquanto abria a cortina.

—Pesadelo novamente? — ele questionou sem responder à minha pergunta.

Suspirei e balancei a cabeça afirmativamente. Fui até o armário e peguei um pedaço de pão, oferecendo a ele, que recusou.

—Alguma coisa diferente das outras vezes? — meu pai perguntou, curioso. Ele sempre fazia esta pergunta quando eu dizia que havia tido outro pesadelo. Eu contara a ele da primeira vez, pois imaginava que ele ao menos teria ideia do que se tratava, mas Luke sabe tanto quanto eu e isso quer dizer... nada. Sentei ao seu lado, deixando o pão na mesa.

— Não. Vamos, conte-me o que você estava pensando?

— Eu... Eu recebi uma carta hoje de manhã — ele começou, hesitante.

— É mesmo? Outra encomenda? — indaguei, interessada. Peguei um pedaço de pão e coloquei na boca.

— Não... Era uma carta do palácio.

Parei de mastigar.

— Você está falando sério?

— Escute, não é como você pensa...

—Pode parar por aí, pai. Eu não vou participar desse negócio.

Levantei-me e peguei um cacho de uvas na fruteira, dirigindo-me para a porta.

— Por favor, Catherine... Escute-me. Nós não temos escolha...

— Há sempre uma escolha, pai, e esta é a minha. Eu não vou para aquele castelo. Este tipo de coisa *vende* as mulheres, e elas são estúpidas o suficiente para acreditarem que foram escolhidas para algo muito importante, só porque é um príncipe.

Há centenas de anos, no século XVI, um rei chamado Carlos VIII criou uma lei que dizia que, quando o príncipe sucessor do trono fizesse vinte anos, ele deveria se casar com a futura rainha, e esta deveria ser uma camponesa escolhida por ele para mostrar ao povo que os monarcas estavam do nosso lado — é claro, não passava de uma ferramenta política, pois todos sabiam que quem realmente escolhia a futura rainha era o rei, e não o príncipe, baseado em seus próprios interesses pessoais.

De qualquer jeito, alguns meses antes do aniversário do herdeiro, quinze jovens camponesas são "escolhidas" aleatoriamente para participarem de uma rígida seleção no castelo,

durante a qual estas mulheres desfrutam de algumas semanas de estadia no palácio real, comendo, bebendo o quanto podem e aproveitando a companhia do jovial príncipe. O propósito é: excluir uma a uma da competição até que sobre apenas uma, que se casará com o futuro rei e será coroada rainha do reino de Cannehor.

Quando eu era criança, meu sonho era ser escolhida para ser uma dessas jovens e me tornar uma rainha, então eu cresci e percebi que este era apenas um jeito que a corte havia achado de basicamente vender essas mulheres para o príncipe.

— Você sabe que não é tão simples...

—Bom, se o príncipe quer uma esposa, por que ele mesmo não sai da bolha de conforto dele e trata de conhecer alguém aqui fora, no mundo real? — soltei com raiva, virando para ele.

— Catherine, pare com isso. Você sabe que é muito perigoso para o príncipe aqui fora, a família real corre perigo há anos. Eles não podem arriscar. Você sabe que esta lei foi abolida, o motivo foi o mesmo pelo qual você não gosta dela, mas teve que ser reimplantada há uma década. Eu tenho certeza de que você se lembra de quando a princesa foi raptada e seus pais foram mortos.

— Sim... Sim, eu me lembro — admiti, baixando a cabeça.

Alguns anos atrás, na mesma época que fui adotada por meu pai, a aliança matrimonial que o rei e a rainha fizeram com uma família nobre de Cannehor foi quebrada, pois a criança dessa família havia sido sequestrada e seus pais haviam sido mortos. Ninguém nunca achou a menina, e assim a lei estúpida teve que ser readotada para que o reino continuasse tendo seu rei e sua rainha.

— Se foi por isso, por que...

Um barulho vindo de fora da casa impediu que eu terminasse de falar. Pareciam cascos batendo contra a pedra da

estrada ao lado de nossa fazenda. Isso poderia parecer normal em qualquer outro lar. O problema era que... ninguém vinha aqui. Nunca.

Corri para a janela e avistei uma carruagem dourada sendo guiada por cavalos-brancos maiores que eu, que pararam alguns metros antes do portão de madeira, incapazes de continuar devido à cerca que havia em volta da casa. Uma vez estacionada, a porta da carruagem foi aberta e de dentro dela saiu um guarda com armadura de ferro, cuja feição não conseguia ver muito bem, graças à distância. Do pouco que se podia distinguir, eu sabia que era um guarda do exército do rei. Virei-me para meu pai, furiosa.

— É a Guarda Real! — sussurrei. — Você os chamou antes de falar comigo?

—Não! Na carta dizia que eles viriam buscar a jovem, digo, você, mas... não pensei que fossem vir tão cedo!

— Nós precisamos dar um jeito nisso. Eu não quero ir para aquele castelo! — choraminguei, ainda mantendo a voz baixa.

Qualquer coisa que meu pai tivesse para falar foi interrompida pela batida na porta que soou pela casa silenciosa. Não precisávamos perguntar quem era, portanto, apenas me dirigi para a porta e a abri, dizendo em seguida:

— Pois não?

Capítulo 2

— Bom dia, senhorita. O senhor Fairway está? — o homem para quem abri a porta perguntou com um sorriso gentil. Seus olhos examinaram a casa e pousaram na figura chocada de meu pai, que estava em pé no meio da cozinha.

— Do que se trata? — questionei, posicionando meu corpo em seu campo de visão.

O guarda, que vestia uma armadura de ferro reluzente e não parecia ter mais do que a minha idade, voltou-se para mim. Devido à sua altura, que aparentava ser o dobro da minha, o homem teve que abaixar a cabeça ao me encarar, fazendo com que mechas de seu cabelo loiro caíssem em seus olhos.

— Temos assuntos do reino a tratar, senhorita — explicou, afastando com a mão o cabelo do rosto. Dirigiu-me um sorriso educado de canto de boca ao falar novamente. — Posso entrar, ou teremos que conversar aqui fora?

—É claro, Vossa Al... — meu pai começou parecendo sair de uma espécie de transe ou choque, ao botar os olhos no guarda. De algum jeito, eles pareciam se conhecer. *Estranho*...

—Por favor, chame-me de oficial Jonathan — o rapaz interrompeu Luke rapidamente ao apresentar-se, passando por mim e entrando na casa. Se eles se conheciam, este oficial claramente não queria deixar transparecer. Franzi o cenho. Ele parou na frente de meu pai e dirigiu seu olhar para mim. Antes que pudesse perguntar algo sobre isso, o guarda começou a falar.

— Creio que esta seja Catherine Fairway, certo?

— Sim, sou eu — respondi, erguendo o queixo e dando um passo à frente. — Posso saber o que o senhor veio fazer em nossa casa, assim tão cedo?

— Estou aqui para convidá-la a participar da Competição Real, senhorita — entoou, dando um ar de grandiosidade nas últimas palavras, claramente esperando que eu ficasse feliz ou ao menos demonstrasse interesse. Mas o que obteve foi exatamente o oposto.

—Desculpe-me, senhor, podemos recusar a oferta? Não estamos interessados, no momento.

O homem piscou, seu sorriso sumindo. Ele parecia surpreso, *muito* surpreso. E confuso. Para minha tristeza, isso durou pouco, pois meu pai se prontificou a corrigir a situação. Clareando a garganta e lançando-me um olhar de repreensão, disse:

— O que minha filha está tentando dizer é que... — ele pensou por um segundo antes de falar, procurando as palavras certas —, seu trabalho é de grande ajuda na fazenda e, se ela se ausentar, sobrarei apenas eu para cuidar desses vinhedos tão grandes. Com a crise que percorre o país, decorrente dos ataques bárbaros, não sobreviveria uma semana sem metade de minha mão de obra nas plantações!

O tom que Luke havia usado para explicar nossa situação foi ligeiramente dramático, mas não deixava de ser verdade. Quando ele me adotou e descobriu sobre meus poderes, decidiu que seria perigoso demais continuar com os funcionários que o ajudavam na fazenda, pois haveria uma grande chance de descobrirem sobre mim e acabarem agindo por impulso devido ao medo. Ninguém sabe do que as pessoas são capazes quando agem controladas por seu instinto protetor, entretanto, duvido que seja algo bom para mim.

Com isso, durante anos, fomos apenas eu e ele a administrar as plantações. Todos ainda se perguntam como é que

papai não faliu depois das demissões. A resposta era simples para mim, mas ninguém sequer desconfiava — e nem podiam. Portanto, se eu fosse embora, mesmo que apenas por alguns meses, eu estava certa de que a fazenda passaria por muitas dificuldades... Isso se conseguisse sobreviver, como Luke dissera.

O jovem guarda ficou um tempo refletindo e pareceu acreditar. Era verdade, afinal. O desapontamento era visível em todo seu rosto e ele me olhou com tristeza. Parecia verdadeiramente determinado a cumprir as ordens do príncipe de achar as garotas perfeitas para a competição. Segurei uma risada com a ideia: não era nem de longe uma delas e ver que alguém pensava o contrário era cômico. Porém, ao notar aquele olhar profundamente frustrado, não pude deixar de sentir pena. Ele estava apenas fazendo seu trabalho, afinal, e não era sua culpa se eu não gostava da ideia de ser vendida a um príncipe para ser escolhida como escolhem carne no açougue.

— Escute, oficial... realmente sentimos muito, não queríamos atrapalhar seus... planos reais — tentei amenizar a situação, aproximando-me dele com um sorriso gentil —, apenas não é a melhor época para nós.

— Bom, nesse caso, eu acho que... — o oficial começou a dizer, mas interrompeu ao olhar para a janela, onde começava a plantação de uvas. Quando voltou a falar, sua voz saiu um murmúrio baixo que quase não pude ouvir. — Não é a melhor época, hum? Não é o que me parece... Como vocês dois conseguem manter uma fazenda deste tamanho tão bem conservada e com muitos frutos?

— É exatamente o que estamos tentando dizer ao senhor. Mal conseguimos manter isso aqui conosco, imagine se tiver apenas um! — meu pai dramatizou... novamente. Ele parecia estar levando o que falava a sério, agora que percebeu que era realmente verdade.

— Eu tenho uma solução — o guarda declarou, virando-se para nós com um sorriso e deixando de lado os vinhedos.

Papai e eu nos entreolhamos. *Ah, não*...

— E qual seria ela? — Luke perguntou, já que eu me mostrei *bastante* interessada.

—Eu posso pedir ao rei para enviar trabalhadores extras para a fazenda do senhor, assim a senhorita Catherine poderá deixar a casa tranquilamente.

— Absolutamente...

— Sim! — bradou Luke antes que eu pudesse recusar. Ele *queria* que eu fosse àquela competição, afinal.

Lancei um olhar flamejante ao meu pai.

— Não! Eu sinto muito, oficial Jonathan, mesmo, as plantas são algo delicado...

— Eu entendo perfeitamente, e é por isso que mandarei enviar vinte dos nossos melhores fazendeiros. Isso deve bastar, certo? — o guarda Jonathan perguntou, franzindo o cenho. Claramente, não tinha noção alguma das dificuldades que cuidar de uma fazenda trazia.

Mas meu pai tinha e, ao ouvir a oferta, seus olhos arregalaram em espanto e empolgação. Claramente era uma proposta tentadora. Porém, quando dirigiu seu olhar para mim, um pouco de seu entusiasmo desapareceu, deixando apenas seu sorriso mais que satisfeito.

— Isso seria maravilhoso, oficial Jonathan! Se nos perdoa, ainda temos que discutir sobre isso. Sabe como é... Não gostamos de tomar decisões precipitadas.

— Eu entendo perfeitamente — o guarda disse, devolvendo o sorriso de meu pai com igual satisfação e euforia. — Espero que aceitem a proposta, o príncipe realmente gostaria de tê-

la em seu castelo, senhorita Catherine. É uma jovem muito encantadora.

As palavras gentis de Jonathan me fizeram corar e o sorriso que me dirigiu fez com que suas íris douradas brilhassem. Desviei o olhar para o chão, agradecendo com um murmuro. *Ele diz isso para todas as garotas?* pensei comigo mesma, sarcasticamente.

— Bom, eu devo ir. Está na hora de vocês começarem seu trabalho, e eu preciso convidar muitas outras jovens — o oficial voltou a falar, dessa vez dirigindo seu olhar a Luke. — Estarei hospedado em uma pensão em Lenov, amanhã de manhã passarei por aqui para saber da resposta de vocês. Se aceitarem, senhorita, não se preocupe em levar roupas e pertences para a viagem. Providenciaremos tudo no castelo.

— Obrigado, oficial Jonathan — Luke agradeceu quando eu não disse nada. Não estava gostando dessa história... Nem um pouco. — Tenha uma boa tarde.

Quando o guarda foi embora e meu pai bateu à porta, finalmente pude falar.

— Nós não podemos aceitar. Você está louco? E se as coisas se complicarem por aqui? Vinte pessoas são demais, papai, muito mais do que o senhor está acostumado. E se alguém perguntar por que demitiu seus antigos funcionários? E se quiserem ficar por aqui até depois do meu retorno? E se alguém fizer algo errado e a safra toda for perdida?! — bombardeei Luke com perguntas, andando de um lado para o outro.

— Catherine, se acalme, pelo amor de Deus. Vinte pessoas é um número perfeito, e eu tenho certeza de que tudo dará certo. Filha... você precisa parar de se preocupar comigo e começar a viver a sua vida.

Eu parei de andar e o encarei, franzindo o cenho.

— Eu estou vivendo a minha vida! — falei, exasperada.

— Não, meu amor. Você não está. Você se preocupa demais com esta fazenda. Você é jovem e vai ter muito tempo para se preocupar em trabalhar. Agora precisa aproveitar enquanto pode!

— Eu só tento ajudar você, papai. Nós precisamos sobreviver. Eu o privei da possibilidade de contratar pessoas aqui por conta da minha magia. É o mínimo que posso fazer por este lugar.

— Eu sei, Cath, eu sei. Mas você tem uma bela oportunidade de conhecer o mundo lá fora. Não quer desfrutar disso? Conhecer pessoas novas, experimentar comidas, usar roupas finas... Eu me lembro de quando seu sonho era ser uma princesa... — Luke disse nostalgicamente, abraçando-me.

— Isso foi antes de eu saber o real motivo da competição.

— O real motivo é que o reino não é seguro o suficiente para que um príncipe viva entre nós, num vilarejo comum, e você sabe disso. A realeza também não gosta desta competição, dá muitos gastos alimentarem tantas pessoas. Vocês, jovens, comem demais. E os vestidos, então?!

Eu ri, balançando a cabeça. Meu pai adorava fazer piadas fora de hora. Isso era uma das coisas que eu mais gostava nele: ele nunca levava a vida a sério, estava sempre fazendo alguma brincadeira. Seu bom humor sempre contagiava quem quer que estivesse por perto e era impossível manter raiva ou rancor dele por muito tempo. Raramente brigávamos e, quando o fazíamos, nenhum dos dois conseguia manter distância por muito tempo. Nossa relação era especial e tudo o que tínhamos era um ao outro. Por isso, era tão difícil querer sair de casa para me aventurar no castelo, enquanto Luke permanecia em casa trabalhando e dando o melhor de si para manter a fazenda em pé... sozinho.

— Se eu concordar — comecei, meu sorriso desaparecendo —, o que acontece se algo der errado com meus poderes? E se eu vencer a competição? Nós dois sabemos que a última vez que tentei me envolver com alguém e compartilhar minha magia não deu muito certo...

Dois anos atrás, eu tive meu primeiro namorado, Jordan. Ele era bonito: alto, moreno, olhos incrivelmente azuis. Obviamente foi meu primeiro e *único*, pois foi um total desastre: fazia cinco meses que estávamos juntos e ele decidiu — sozinho e sem meu consentimento — me fazer uma visita na fazenda. Já que sempre nos encontrávamos em Lenov Village, a vila mais próxima de minha casa, ele nunca havia me visitado antes e, portanto, não sabia o que iria encontrar.

Acidentalmente, ao entrar de fininho na propriedade, Jordan me viu usando meus poderes para criar uma nuvem de chuva em cima da plantação e, quando percebi o que havia acontecido, era tarde demais. Ele me chamara de bruxa e saíra correndo, com medo de que eu o matasse. Apesar de gostar dele, eu superei rapidamente e percebi que deveria tomar muito cuidado ao me envolver com outra pessoa. Papai e eu sabíamos muito bem o quão perigoso poderia ser se eu me expusesse novamente para alguém, mesmo que por acidente.

— Você nem sabe se vai vencer, meu amor. Não sofra por antecipação. Além disso, você pode sempre voltar para casa se achar que for necessário, certo?

— Certo... eu torço para perder na primeira semana.

— Pelo menos você vai ter aproveitado um pouco da comida grátis!

Eu gargalhei, sendo seguida por Luke. Definitivamente, ele era ótimo com piadas. Papai passou um braço por meu ombro e me guiou até a porta, perguntando uma última vez.

— Então estamos decididos?

Eu revirei os olhos, mas não pude deixar de sorrir com sua persistência. Sentiria falta disso.

— Sim. Eu vou para o castelo.

Capítulo 3

Revirei-me no colchão a noite toda. Não conseguia deixar de pensar no pressentimento ruim que me invadia sempre que me lembrava da competição. *Bobagem*, repreendi a mim mesma mentalmente. *É só uma competição estúpida e dentro de duas semanas você estará de volta*, mentalizei. Mesmo tentando me acalmar, não pude deixar de ficar ansiosa. Quero dizer, o que aconteceria se o príncipe me escolhesse? Aceitaria alguém como eu? E o reino? O povo aceitaria uma rainha dotada de magia, ou me chamariam de bruxa, como Jordan havia feito?

As perguntas rondavam minha mente, mantendo-me acordada por horas. Luke tinha razão, eu estava sofrendo por antecipação. *Pare com isso ou vai acabar enlouquecendo*, meu subconsciente mandava. Tentei obedecê-lo e, quando consegui finalmente pregar os olhos, um barulho vindo do andar de baixo me acordou.

A casa estava escura, o sol ainda não havia nascido. Tudo o que iluminava meu quarto era a fraca luz da lua cheia. Sentei-me na cama, apurando meus ouvidos. O barulho se repetiu. Levantei e caminhei silenciosamente até a escada, com cuidado para não denunciar minha presença. Uma luz forte vinha da cozinha, de onde eu também podia ouvir barulho de gavetas e portas abrindo e fechando. O baque de madeira contra madeira ficava mais alto à medida que eu descia as escadas, e estava pronta para atacar algum bárbaro quando vi, em cima da mesa, uma lamparina acesa, projetando a sombra de um homem de meia-idade, com cabelos castanhos e a barba por fazer. Estava curvado sobre uma gaveta de louças antigas que não era aberta há anos. Esperei escondida, tentando ver o que procurava.

O homem tirou as louças de dentro da gaveta, ainda de costas para mim, e retirou a madeira do fundo, revelando uma parte

secreta do móvel. Nela, havia centenas de papéis, parecidos com matérias de jornais. Aproximei-me mais por instinto, curiosa para ver o que havia ali. Ele revirou os papéis, procurando algo específico. Com a bagunça, não consegui ler o que estava escrito, mas consegui ver quando o homem parou de procurar, aparentemente havia encontrado o que procurava: um saquinho pequeno de tecido, fechado com uma fita preta. Quando ele recolocou as louças no lugar e estava para se virar, dei um passo à frente.

— O que está fazendo? — perguntei, denunciando minha presença e agindo como se tivesse acabado de chegar.

Luke deu um pulo, se virando para mim, escondendo rapidamente o que estava atrás dele. Cruzei os braços e arqueei uma sobrancelha, como que o desafiando a mentir.

—Que susto, Catherine! Se estiver querendo me matar, é só dizer! — Ele levou alguns segundos para se recuperar e, quando o fez, revelou o que estava tentando esconder. — Eu estava procurando isso para te dar antes de partir.

— Você não precisa me dar nada, papai. Sabe que estarei de volta antes do fim disso tudo.

—Mesmo assim, quero que se lembre de mim. E... seu aniversário de dezoito anos está chegando. Achei que seria uma boa oportunidade de te dar um presente.

—Meu aniversário é daqui a semanas, papai. Se não estivermos juntos, não me importo de receber o presente atrasado... ou não receber nenhum.

— De jeito nenhum! Dezoito anos é uma data especial, e você vai sim receber um presente. Este presente. Por favor, aceite... Quero que se lembre de mim enquanto tem incontáveis aventuras no castelo.

— Aventuras? Você chama ter que colocar vestidos bufantes e quentes o tempo todo e comer dez vezes ao dia de *aventura*?!

— É claro. Uma aventura com a nova Catherine Bolinha!

Eu segurei uma gargalhada, colocando as mãos na cintura, fingindo estar ofendida.

— Quem você está chamando de bolinha? — indaguei, indignada.

— Hum... Seu *eu* daqui a algumas semanas — Luke brincou, rindo e se esquivando de um tapa meu.

— Bobo! — exclamei, mas acabei rindo junto com ele. — Vamos, dê-me logo este presente antes que mude de ideia e fique aqui.

Seu sorriso diminuiu um pouco quando olhou para o que segurava, no entanto, Luke ainda exibia uma expressão feliz, apesar de pouco descontraída. Ele abriu o saquinho, virando-o na palma da minha mão e dirigindo seu olhar ansioso para mim, enquanto eu examinava meu presente. O que papai me dera era simplesmente maravilhoso: um colar em forma de coração vermelho com uma corrente dourada sustentando-o.

— Isso é tão lindo! — arfei, surpresa. — Obrigada, papai, eu adorei! Mas... Onde você conseguiu isso? Não temos dinheiro para comprar algo assim!

—Não se preocupe. Foi dado a mim por uma... amiga. Ela a conheceu há muitos anos, era uma antiga compradora, da época em que você foi adotada. Quando a viu, deu-me isso e pediu que eu te entregasse quando fizesse dezoito anos. Gostaria de ter te entregado antes, mas você nunca foi de usar joias por causa do trabalho que faz na fazenda.

— Ela simplesmente... Deu isso pra você?

— Sim. Um presente por todos os descontos que fazia para ela — papai relembrou, rindo. Aparentemente, ele e a mulher misteriosa eram bons amigos.

—O que aconteceu com ela? — perguntei, e seu sorriso sumiu. Franzi o cenho com a reação. — Ela não compra mais de você, não é?

—Não. Não compra — confessou. Ficou alguns segundos em silêncio, olhando para o colar, perdido em pensamentos e lembranças. Quando eu estava prestes a perguntar quem era e onde estava sua antiga amiga, Luke me olhou sorrindo, sem permitir que eu falasse mais sobre isso. — Não se preocupe com isso, querida. Agora você deve se concentrar na grande viagem que fará hoje. Tente dormir um pouco, o castelo é longe e a estrada é bastante acidentada.

Concordei com a cabeça, dando-lhe um abraço e subindo para meu quarto, com o colar na mão. Deixei-o na penteadeira no canto do cômodo e deitei na cama. Porém, a última coisa que fiz foi dormir. Fiquei revirando-me no colchão durante horas, pensando na reação de meu pai ao falar de seu amigo, tentando descobrir o que acontecera com ele.

****

O sol da manhã invadiu meu quarto e, quando abri os olhos para encarar o teto branco, senti o cansaço me invadir. Havia conseguido pegar no sono apenas há uma hora, quando meu cérebro estava quase fritando de tanto pensar. Com dificuldade, sentei-me na cama e esfreguei os olhos, encarando um ponto vazio do quarto, tentando fazer minha mente voltar a funcionar.

Quando consegui me mexer, dirigi-me até o banheiro, enxaguei meu rosto e abri a torneira da banheira. Queria tomar um banho para acordar, logo deixei a água escorrer enquanto escovava os dentes e procurava uma roupa no guarda-roupa. Notei a

dificuldade em encontrar algo apropriado para um castelo, pois só tinha pijamas e roupas de fazendeiro. No fundo de uma gaveta, encontrei um vestido azul simples, feito de algodão. As alças eram caídas no ombro e a saia ia até o chão. Não era muito chique, mas não era como se eu tivesse outra opção, portanto, o peguei e coloquei em cima da cama, com uma sapatilha preta — a única que tinha, que não usava fazia alguns meses.

Terminei de separar a roupa e entrei na banheira, tomando cuidado para não pegar no sono enquanto tentava relaxar. Lavei o cabelo e enxaguei-o, tirando a poeira da terra da fazenda, que ficava constantemente pregada em minhas raízes.

Ao acabar o banho, vesti-me e sentei-me na penteadeira, desembaraçando os longos fios vermelhos que chegavam até minha cintura. Desde pequena, sempre odiei cortar meu cabelo e deixava-o crescer o máximo que podia. Não me importava de ter que cuidar todos os dias, valia a pena, pois era maravilhoso. Terminei de pentear e comecei a trançar o cabelo, olhando-me no espelho. Meu rosto era pálido e a única coisa que o dava cor eram minhas sardas, espalhadas por toda a minha bochecha. Os olhos, apesar de serem verdes como os de Luke, pareciam mais vivos em mim, como se houvesse um tom de cinza nos dele. Por vezes, os clientes que vinham nos visitar diziam que éramos muito parecidos, mas nós dois sempre discordamos disso. Acho que o fato de ambos sabermos que sou adotada ajudava a ressaltar nossas diferenças.

Finalizei a trança, prendendo-a com uma mecha do próprio cabelo. Levantei-me e encarei-me no espelho, grande o suficiente para refletir o meu corpo todo devido à minha baixa estatura. Estava prestes a deixar o quarto quando algo chamou minha atenção: a pedra vermelha do colar que Luke me dera. Peguei-o e coloquei, mais uma vez encarando-me no espelho. As cores da joia misturavam-se com meu cabelo, que era um meio-termo entre laranja e vermelho. *Apresentável, pelo menos*, pensei.

— Está pronta? — meu pai perguntou, entrando no quarto e apoiando-se no batente da porta. Virei-me para ele, sorrindo nervosamente.

— Sim. A carruagem já chegou?

Antes que papai pudesse responder, o barulho de cascos de cavalo batendo na terra o interrompeu, respondendo à minha pergunta.

— Acho que isso é um sim — constatei, suspirando.

Luke sorriu e me abraçou, beijando minha testa.
Fechei os olhos.

— Eu te amo, filha. Não se esqueça disso, está bem?

— Jamais.

Retribuí o abraço com medo de soltar. Após alguns segundos, ele se afastou gentilmente e me conduziu escada abaixo. Abri a porta antes que o guarda atrás dela tivesse a chance de bater, e fiquei surpresa. Não era o oficial Jonathan, como havia prometido que seria, era outro homem, mais baixo, com cabelos negros e olhos azuis. Ele dirigiu-me um sorriso.

— Sou Ean Listern, da guarda real. Estou aqui para buscar a senhorita Catherine Fairway e levá-la ao castelo.

— Sou eu.

— Está pronta, senhorita?

— Sim — disse e virei-me para meu pai, dando um beijo em sua bochecha. — Eu te amo.

Luke sorriu e passou a mão em meu cabelo, bagunçando-o levemente. Eu ri e me afastei, seguindo o oficial, Listern. Ele me levou até uma carruagem luxuosa, branca e dourada, diferente da que viera ontem, que estava velha e desgastada. Com a ajuda do guarda, subi os degraus e sentei-me no banco felpudo e preto. Pela janela, olhei para meu pai, que estava em pé olhando para mim e acenando. Acenei de volta.

Quando a carruagem começou a se mexer, fui preenchida por um pressentimento ruim sobre a competição. Eu não queria acreditar, mas algo me dizia que deveria ter ficado em casa e dito não ao príncipe. Tarde demais, o arrependimento me invadiu, e os cavalos viraram na estrada, indo a toda velocidade. Aos poucos, perdi minha casa de vista e recostei-me no banco, tentando me acalmar.

Capítulo 4

A carruagem andou por alguns minutos e eu não podia deixar de pensar no castelo e no que estava por vir. A competição poderia parecer algo estúpido para mim, mas sabia que era importante para o príncipe e para a família real; afinal, era a futura rainha que estava sendo escolhida, além de ser a mulher que traria herdeiros para o trono. Era muito relevante, apesar de errôneo. Eu suspirei, passando a mão na testa e tentando aceitar o fato de que agora eu era uma possível candidata ao cargo de rainha, mesmo que isso parecesse quase impossível. Morar num castelo não parecia ser uma possibilidade que me agradaria, por melhor e mais empolgante que pudesse parecer a outros olhos.

— Está ansiosa, senhorita? — o guarda me questionou, analisando minha expressão. Forcei um sorriso.

—Um pouco — confessei. — Nunca estive no castelo antes.

— A maioria das pessoas nunca esteve. No entanto, posso dizer que é maravilhoso. Repleto de histórias antigas e misteriosas...

Eu sorri e olhei para o chão, pensando em algo que estava preso em minha mente. Criei coragem para perguntar e consegui dizer, vencendo a súbita timidez:

— O oficial Jonathan está fora de serviço?

Ean Listern franziu o cenho, olhando-me por um segundo. Depois, sua mente pareceu clarear e o entendimento invadiu sua face.

— Ah! Sim. Ele não está trabalhando hoje. Voltou ao castelo assim que acabou de visitar as jovens da competição, convidando-as para a estadia no palácio.

— Presumo que todas tenham dito sim imediatamente — deduzi amargamente. Recostei-me no banco e olhei pela janela.

— Bom, nem todas — o oficial disse, surpreendendo-me e inclinando-se em minha direção para apoiar o cotovelo nos joelhos. Um pequeno sorriso brincou em seus lábios. — Você não disse.

— Eu quis dizer com exceção de mim.

— Sabe, Jonathan ficou muito surpreso ao ouvir que você não queria participar da competição — Ean disse, franzindo o cenho e me olhando de modo especulativo.

— Eu imagino. Todas as garotas desse reino devem babar no famoso *príncipe de Cannehor* — falei, afinando a voz ao dizer as últimas palavras. Ean abafou um riso com minha imitação.

— Presumo que você não seja uma delas.

— Presumo que esteja óbvio. Sabe, não ligo muito para o fato de ele ser um nobre ou membro da corte — disse e suspirei, olhando pela janela. — Eu sei que é errado julgar alguém antes de conhecê-lo... Mas meu julgamento não se deriva do fato de ele ser o príncipe, e sim do fato de ele e o rei estarem promovendo esta competição estúpida.

— Por que tem tanta raiva da competição, senhorita? — o guarda perguntou, estranhando minhas palavras. Ele se inclinou novamente em minha direção e tombou levemente a cabeça para o lado, como se estivesse muito interessado em saber o que eu teria para dizer.

— Eu sei o motivo pelo qual fora criada, eu sei do ex-rei Carlos VIII e sei que ele adorava fazer as mulheres de objeto. Também sei que a lei havia sido abolida e que fora reconstituída por causa da morte da princesa. Mas ainda tem o mesmo princípio, e eu ainda não gosto dela.

— Senhorita, perdoe-me, mas você está errada — ele disse, apoiando as costas no banco da carruagem. — Originalmente, não era bem uma competição. Era apenas uma semana de festa, durante a qual, à noite, o príncipe dava bailes com o propósito de dançar com as pretendentes e conhecer seus dotes.

No fim, ele escolheria a melhor, baseando-se no dinheiro da família, e a levaria para cama. O rei Stephen mudou isso ao reinstituir a lei e o príncipe concordou, achando melhor a ideia de uma competição fundamentada em caráter pessoal e não financeiro; desse jeito, teria a chance de, ao menos, conhecer a futura rainha, antes de casar-se.

Eu ergui as sobrancelhas de repente me sentindo estúpida. Encolhi-me sem poder encarar o oficial, que ainda me olhava. Nesse caso, não era tão horrível como eu pensara, afinal... Eu sempre achara que era a única garota a saber da história toda e por isso não gostava da ideia de competir no castelo, mas, aparentemente, *ninguém* do povo sabia a história toda. O ex-rei fez muito bem escondendo a verdade.

— Acho que lhe devo desculpas, oficial — admiti timidamente, encarando meus pés. Ean Listern riu, o que fez seus olhos azuis brilharem, e relaxou no banco.

—Não precisa se desculpar, senhorita. Apenas prometa que irá tentar não perder a competição propositalmente — falou ainda com um sorriso. Acompanhei-o com uma gargalhada e cobri a boca com a mão para abafar o som.

—Certamente, senhor. Eu prometo — declarei, estendendo minha mão para selarmos o acordo. Ele apertou-a.

— Então estamos entendidos.

Eu sorri e olhei para a janela, surpreendendo-me com a vista. Um rio de águas cinzentas e turbulentas passava ao nosso lado, criando uma divisa natural com o lado Norte do reino, onde era possível ver montanhas e árvores, criando imensas florestas. Era lindo, e fiquei tão distraída observando a paisagem que apenas me dei conta do que acontecia na carruagem quando Ean abriu a porta, tirando-me de meus pensamentos. Havíamos parado. Ele pulou para o chão de terra, virando-se para mim em seguida e estendendo uma mão.

— Você não vem? — ele perguntou, quando não soube o que fazer. Rapidamente aceitei sua ajuda e desci da carruagem.

— Por que paramos aqui?

— O cavalo precisa descansar, e nós precisamos esticar as pernas — Ean respondeu-me, apontando para o grande corcel branco, que trotava lentamente até a margem do rio. Ele abaixou a cabeça e bebeu a água.

—Esse rio não é muito sujo para ele? — disse, olhando a cor acinzentada da água.

— Na verdade, nunca soubemos o que causa essa cor, e definitivamente não é algo sujo. Algumas pessoas dizem que é a vegetação do próprio rio, como as algas, mas ninguém tem certeza disso — o guarda explicou e fez uma pausa antes de voltar a falar. — Nós o chamamos de Storm River.

Dei uma leve risada com o trocadilho da tempestade e olhei para o rio. Aproximei-me da margem, postando-me ao lado do cavalo. Ele tinha uma coleira no pescoço, onde estava escrito seu nome: *Maximus*. Sorri e tentei alcançá-lo para um breve afago, porém, Ean me impediu ao segurar meu braço. Embora o toque tenha sido leve, assustou-me e fez-me recuar do animal.

— Eu não faria isso se fosse você. Maximus é realmente muito arisco e não gosta que o toquem — ele alertou, e quando me afastei, Ean soltou-me, dirigindo-se para a sombra de uma árvore próxima.

O guarda e o cocheiro pegaram comida de uma cesta e me olharam, oferecendo uma fruta. Recusei e voltei a observar o animal à minha frente, sentando-me no chão.

Eu o observei de longe. O garanhão bebia a água com dificuldade por conta da forte correnteza, que ricocheteava nas pedras das margens e erguia-se, atrapalhando o animal a enxergar o que fazia. Contudo, ele não desistiu. Continuava tentando matar sua sede, que parecia ser grande. De repente, tive uma ideia.

Olhei para a correnteza tempestuosa e me concentrei, recheando minha mente de pensamentos positivos e calmos. Lentamente, a água parou de bater nas pedras e se acalmou, por um breve instante. Maximus afundou seu focinho no rio e bebeu uma grande quantidade de líquido, aproveitando a chance que aparecera. Após alguns segundos, o efeito de minha magia se esvaiu, permitindo que Storm River voltasse ao normal.

Quando isso aconteceu, senti-me infinitamente mais cansada. Mudar a natureza, mesmo que por um breve momento, tinha o seu preço. A noite havia sido péssima e usar meus poderes esgotara todo o meu estoque de energia. Estava pronta para deitar na grama e fechar os olhos quando uma sombra cobriu meu rosto. Era Maximus. O cavalo abaixou sua cabeça e esfregou o focinho em meu braço, relinchando levemente e balançando sua crina. Sorri e tomei isso como um agradecimento, passando a mão em seu pescoço.

— Você é tão bonzinho, não é? — sussurrei e sorri para ele. — Tenho certeza de que não é tão bravo quanto Ean disse.

Debaixo da árvore, o guarda e o cocheiro nos olhavam boquiabertos e alarmados. Aparentemente, viram o corcel se aproximar de mim e acharam que iria fazer algo, mas Maximus era um bom cavalo. Ele estava apenas me agradecendo por ter possibilitado que tomasse água. Levantei-me e acompanhei o animal até onde os outros dois estavam.

— Eu acho que vou voltar para dentro da carruagem — declarei, reprimindo um bocejo. — Não dormi nada esta noite, e a viagem pode ser cansativa.

—Fique à vontade, senhorita. Gostaria que eu a acompanhasse?

— Não há necessidade, Ean. Apenas me avise quando chegarmos ao castelo, caso eu não acorde antes.

— Tudo bem, senhorita.

Agradeci e me despedi de Maximus, prometendo que o visitaria no castelo. Fui até a carruagem e deitei-me no banco, encolhendo-me um pouco para que meu corpo inteiro coubesse nele. A superfície de veludo almofadada era muito confortável, mesmo que eu não tivesse muita liberdade de movimento. Fechei os olhos e o sono veio sem nenhum esforço, juntamente de mais um pesadelo.

Assim como em todos os outros sonhos que tinha, eu era uma versão mais nova de mim mesma e estava correndo pela floresta, aparentemente me divertindo. Parei de andar quando cheguei a uma clareira, onde uma toalha de piquenique estava

posta e uma cesta de comidas estava à vista. Eu esperava que o sonho parasse nesse momento e eu acordasse, como aconteceu em todas as outras vezes. Todavia, estava errada. Dessa única vez, meu pesadelo foi invadido por vozes vagamente familiares. Eu conseguia ouvi-las, mas entender o que diziam era um desafio. Olhei em volta, procurando a origem do som, e foi quando, lentamente, duas pessoas se materializaram na minha frente.

Eram um homem e uma mulher. Eles estavam sentados na toalha, tirando coisas da cesta e me olhando com sorrisos no rosto. Eu me assustei. Nunca havia visto aquelas pessoas na minha vida, mas elas me pareciam remotamente familiares e, de alguma forma, eu sabia que as conhecia. Apenas não me lembrava.

O solavanco que a carruagem deu ao passar por uma pedra na estrada me fez bater com a cabeça no banco e acordar com dor. Passei a mão onde havia machucado e abri os olhos, sentando-me devagar, ainda tomada pelo sono.

—Desculpe por isso, senhorita — Ean disse, e pude ver que seus olhos examinavam o local da pancada. — Dói muito?

— Não, estou bem. Obrigada.

Esfreguei os olhos e bocejei, pronta para perguntar se eu havia dormido muito. Quando olhei pela janela, as palavras fugiram de minha mente e encarei o grande e pesado portão pelo qual acabávamos de passar. O ferro antigo e descascado rangia conforme fechava, contudo, continuava sendo imensamente lindo. Detalhados de forma peculiarmente redonda e contorcida, o portão e o muro que nos cercavam serviam de proteção contra-ataques e invasões bárbaras, mas também confinava a todos os que viviam dentro deles.

— Chegamos à capital, senhorita — Ean anunciou. — Bem-vinda a Damelok.

Capítulo 5

Nós andamos por pelo menos mais dez minutos por um pasto verde vazio, quando finalmente avistei o castelo. Era uma construção imensa, com as paredes feitas de tijolo de pedra, empilhados um por um, o que causava certo desnível na textura. Havia duas torres grandes e quatro torres menores, que guardavam, no topo de cada uma, um arqueiro vigilante e a bandeira do país, com as cores do reino em destaque: branco, azul e prata.

A porta de madeira de quase quatro metros de altura da grande fortaleza era guardada por dois guardas que, além da armadura, usavam um elmo, escudos e lanças. Ean apenas guardava uma espada na bainha de seu cinto.

A carruagem parou em frente à entrada, e eu e ele descemos. O cocheiro levou o veículo e os cavalos para uma área externa, provavelmente o estábulo. Os guardas de plantão reconheceram o oficial Listern e se apressaram a abrir o imenso portão, que parecia pesar uma tonelada. Assim que coloquei os pés dentro do local, perdi o ar.

— Bem vinda ao castelo, senhorita.

O chão de marfim muito bem polido era quase todo coberto por um tapete vermelho vibrante de veludo, com espaço o suficiente para que quatro pessoas andassem lado a lado; o que não estava escondido pelo carpete estava coberto por ocasionais mesas de madeira bruta, sustentando vasos antigos de decoração, que possuíam desenhos e padrões coloridos. As paredes eram tão cobertas por quadros, pinturas e retratos com molduras de ouro que se tornava quase impossível ver a pedra por trás de tudo. E assim pude entender o que o guarda dissera sobre o quanto aquele lugar era repleto de histórias.

Conforme andava com Ean, via mais e mais corredores alternativos e tantas portas que perdi as contas. Depois de andar

por alguns minutos em silêncio, finalmente perguntei:

— Onde estamos indo?

—Na verdade, nós já chegamos. Este é o salão principal.

Paramos em frente a uma porta dupla de madeira, que era guardada por dois guardas com armadura e espada reluzentes. Assim que nos viram chegar, eles seguraram nas maçanetas e abriram a pesada porta, revelando uma imagem de caos e confusão.

Pessoas corriam de um lado para o outro, segurando pranchetas ou bandejas de comida; em sua maioria, mulheres de todas as idades, com vestidos azuis-claros, sapatos pretos e o cabelo preso em um coque alto, provavelmente criadas. Havia também algumas garotas da minha idade, com vestidos chiques e de manga longa, ao contrário do meu. Apesar de Cannehor estar enfrentando o início do que prometia ser um rigoroso inverno, eu não tinha muitas opções de roupa e por isso precisei colocar algo totalmente fora da temporada. Em casa, nunca precisei de roupas muito pesadas, pois sempre acendia o fogo da lareira com meus poderes e nunca o deixava apagar. Papai e eu ficávamos horas tomando chá e conversando ao lado do calor das chamas.

— Ei, soldado! — uma voz gritou e eu me assustei. Uma mulher vinha em nossa direção, sustentando uma carranca que a deixava feia. Seu cabelo castanho estava preso em um penteado arranjado um pouco bizarro e seu vestido vermelho combinava com o carpete do chão. — Qual é o seu nome?

— Ean Listern, senhora — ele respondeu, fazendo uma breve mesura. Fiz o mesmo. Logo em seguida assumiu uma posição dura e ergueu o queixo, como se estivesse pronto para combate.

—O que está fazendo aqui? Você deveria estar fazendo o seu trabalho e ajudando o príncipe com suas tarefas! — a mulher disse, basicamente cuspindo as palavras, como se Ean fosse um incompetente. *Já não gostei dela*...

—Eu fui encarregado pelo próprio príncipe de escoltar essa jovem até aqui, senhora. Ela é uma candidata à competição —

o guarda disse secamente e olhou para mim. Dei um sorriso forçado. — Seu nome é Catherine Fairway.

A mulher checou algo na prancheta e dirigiu-se para mim, parecendo me examinar. Deu uma bela olhada em meu vestido e franziu o cenho, aparentemente desaprovando a maneira que me vestia. Esforcei-me para não revirar os olhos com sua atitude, mas suspirei e forcei outro sorriso. Ela dispensou Ean com um gesto e saiu andando ignorando-nos completamente.

— Você tem que segui-la — ele me explicou, quando eu não soube o que fazer. — A propósito, eu sei que ela pode ser um pouco irritante, tenha cuidado.

Ela é a condessa, o braço direito do rei, e pode ser bem perigosa quando quer.

Anotei o aviso em minha mente e corri para alcançar a tal condessa. Ela me levou até um canto do salão e parou uma criada que corria para a direção oposta. A menina, que tinha cabelos pretos e beirava os vinte anos, segurava uma bandeja que sustentava uma pilha enorme de pratos e quase derrubou tudo quando a condessa a segurou pelo braço para chamar sua atenção. Chamou outra criada para terminar de levar a louça para a cozinha e se virou para a garota morena.

— Senhorita, Listern — começou lendo o nome no crachá da mocinha. Eu me surpreendi com o sobrenome —, leve a senhorita Fairway até seu quarto, no terceiro andar. Ah, e dê a ela um vestido novo... Este aí está um pouco *fora de moda*.

— Sim, senhora — a criada disse e se voltou para mim. Eu sorri, e ela suspirou, parecendo fazer um grande esforço para manter a calma.

— Como ela se chama? — perguntei, observando a condessa se afastar de nós. — Não gosto dela.

— Franccesca. Ela é uma megera, mas temos que fazer o que ela manda. A propósito, meu nome é Íris. Muito prazer, senhorita. Venha comigo, vou levá-la ao seu quarto.

Íris se pôs a andar e saiu do salão, nem me dando tempo de observá-lo apropriadamente. Nós demos alguns passos na

direção oposta, e eu avistei uma escadaria de marfim em forma de espiral, reluzindo a luz de um lustre que estava pendurado bem no meio do caminho, entre a porta e a escada. A criada desatou a subir, e eu suspirei, já ficando cansada apenas por ver a quantidade enorme de degraus que enfrentaria. Reuni coragem e segui a garota.

— Você chegou bem a tempo do jantar, senhorita, embora tenha se atrasado um pouco mais do que as outras — ela disse.

— Peço perdão. Nossa carruagem fez uma parada na estrada. O cavalo precisava de um descanso.

— Você veio com o oficial Ean?

— Sim. Como a senhorita adivinhou?

— Ele me contou que iria buscá-la.

— Vocês são irmãos, certo?

Íris me olhou e sorriu, o que fez com que seus olhos azuis brilhassem. O gesto disse tudo: suas feições e seu cabelo eram uma cópia dos de seu irmão, e concluí que eles eram gêmeos. Ambos eram mais altos que eu, mas ela parecia ser mais baixa que Ean.

— Há quanto tempo trabalha no castelo, Íris? — perguntei-lhe, parando por um segundo para descansar. Era o terceiro lance de escada, e eu já não aguentava mais. Havia pelo menos quinze degraus em cada um e eles terminavam em uma bifurcação de duas portas, uma em cada lado da escadaria. Estava prestes a subir o quarto lance quando a criada parou e se virou para mim.

— Desde que fiz quinze anos, senhorita, moro aqui a minha vida toda. Meu pai era um guarda do Exército Real, e minha mãe era uma criada também.

— Eles ainda estão aqui?

A garota abaixou a cabeça, e eu percebi que não devia ter perguntado. Apesar de aparentar estar desconfortável, ela disse mesmo assim:

— Há sete anos, meu pai faleceu em uma missão. Ean e eu tínhamos quinze. Minha mãe morreu poucos meses depois, de

tristeza. Desde então, trabalhamos aqui, pois fomos acolhidos como funcionários pelo rei e pela rainha, com direito a manter a moradia. O príncipe é quase da nossa idade e sempre fomos amigos, e ele convenceu os pais a nos deixar viver em sua propriedade.

Íris fez uma pausa, e eu fiquei curiosa. Ela parecia decidir se iria me contar o resto da história ou não. Por fim, voltou a andar e dirigiu-se à porta esquerda do terceiro lance de escadas. Era o terceiro andar, onde ficava meu quarto. Enquanto procurava por uma porta específica no vasto corredor, ela complementou:

— Viver à custa da família real tinha seu preço: devíamos trabalhar quando tivéssemos idade. Era para termos começado quando fizemos dezesseis anos, pois é o que consta na lei, mas, quando fizemos quinze e na mesma época da morte de meu pai, o conde Augusto, que morava no lado Norte do reino, faleceu. A condessa veio para cá. Desde esse momento, ela inferniza a vida de todos os funcionários do castelo, principalmente de Ean, e nos obrigou a começar a trabalhar um ano antes.

— Isso é horrível! — exclamei, sentindo mais raiva de Franccesca do que antes. — Ela não tem coração? Vocês perderam os pais, ela devia sentir vergonha por agir dessa maneira.

— Bom, sete anos foram suficientes para que eu me acostumasse, mas Ean ainda guarda rancor dela. Colocar-nos para trabalhar mais cedo não foi nem de longe a pior coisa que ela fez, e faz, com ele.

Eu me perguntei o que mais rolava entre o guarda e a condessa. Minha curiosidade falava alto, e duvidei que Íris me contasse. Não sabia nem porque ela havia me dito tudo isso, toda essa parte de sua história. Estava pronta para perguntar, quando ela pareceu ler a dúvida em meu rosto e disse:

— Todos no castelo sabem essa história, apesar de Ean e eu termos tentado manter segredo. Não gostamos de sair espalhando sobre nossa vida por aí, mas a condessa faz de tudo para nos envergonhar. Ela só mantém algo em segredo quando ameaça estragar sua *bela imagem* — a criada disse, fazendo uma voz fina nas últimas palavras. Eu ri. Ela era parecida comigo.

— Bom, eu já tive que lidar com muitas pessoas parecidas em minha vida. Meu pai trabalha com comércio de uvas e

vinhos, e nós temos alguns clientes um tanto quanto arrogantes. Sabe, a melhor coisa que você pode fazer é ignorar. Se você mostrar à condessa que o que ela fala e faz não te atinge mais, ela vai parar de tentar. O silêncio é uma arma eficaz e muito poderosa. Mostre-se superior, e tudo o que ela vai ter ao tentar mexer com sua vida é frustração, e então vai mudar de alvo.

Íris sorriu genuinamente e agradeceu pelo conselho. Não notei que havíamos parado há alguns minutos até ela dizer:

— Este é o seu quarto, senhorita.

Eu encarei a porta sem graça, de madeira branca, e esperei a garota abri-la. Tirou do bolso do avental um molho de chaves e examinou cada uma. Quando encontrou a certa, destrancou a fechadura, rodou a maçaneta e me deu passagem. Novamente, minha reação foi perder o fôlego.

Uma cama de casal de dossel estava encostada à parede direita e tomava a atenção de quem quer que adentrasse o cômodo. Ela sustentava uma grande cortina franzida que, quando fechada, impedia que a luz do sol iluminasse o colchão. Os travesseiros tinham fronhas trabalhadas e bordadas de seda, assim como o cobertor.

Ao pé da cama, encontrava-se um baú que, descobri, guardava dezenas de sapatos do meu tamanho. Em frente a ele, estava uma penteadeira alta e um banquinho; o espelho era emoldurado de ouro e, em cima do apoio do móvel, encontravam-se diversos pentes e acessórios para cabelo, bem como gavetas cheias de joias e maquiagem.

Escondido no canto do quarto, na mesma parede da porta, estava um grande e alto guarda-roupa, que mais se parecia com um *closet*. Quando o abri, vi tantas roupas que foi difícil distingui-las umas das outras. Na parede oposta, encontravam-se um banheiro e o que eu pensei ser uma janela, mas na verdade era uma sacada coberta por pesadas cortinas de seda azul.

Eu me virei para Íris e disse:

— Este quarto é maravilhoso!

—E enorme! — ela exclamou, e eu ri. — Venha, vou te mostrar o banheiro e preparar seu banho.

Eu a segui enquanto ela andava até a porta ao lado da sacada, e eu tentava segurar meu queixo para impedi-lo de cair no chão.

Capítulo 6

Afundei na banheira para enxaguar o rosto. A água estava morna, e Íris havia colocado espuma e pétalas de rosa em meu banho. Eu fiquei impressionada, mas percebi que provavelmente era algo comum para quem morava em um castelo. Estava com a leve impressão de que sentiria falta das coisas simples que tinha em casa. A vida da realeza poderia ser maravilhosa, entretanto, certamente não era perfeita. Pelo menos, não para mim. Tantas coisas com as quais lidar... O reino, o povo, as guerras e invasões, os impostos, as responsabilidades... Era preciso ser muito cautelosa e minuciosa. Uma decisão tomada errada quanto a que fazer num campo de batalha ou quanto a tentar satisfazer as necessidades de seu povo, poderia colocar tudo a perder.

Saí de meus devaneios quando percebi que ainda estava com a trança de hoje de manhã. A água não havia desfeito o penteado. Passei os dedos no cabelo e, conforme eu desemaranhava os fios, eles ondulavam-se. Lavei-o com um shampoo cheiroso que eu achei ao lado da banheira e enxaguei. Quando terminei o banho, levantei-me e enrolei-me na toalha. Abri a porta e quase trombei com Íris, que se preparava para bater.

— Ah, senhorita! — ela exclamou, recuando. — Desculpe, não sabia que havia terminado.

— Tudo bem, Íris. Você precisa de algo no banheiro? — perguntei e saí de seu caminho. Ela se virou de costas para mim e andou até a penteadeira.

— Na verdade, queria avisá-la que o príncipe veio entregar-lhe uma carta. Aqui.

A criada estendeu um pequeno envelope com o meu nome escrito em uma caligrafia redonda. Curiosa, abri a carta e encontrei um pequeno pedaço de papel, onde estava escrito:

Bem vinda ao castelo, senhorita. Ansiosa para me conhecer?
Ass.: J. W. B. Heronwood.

Eu franzi o cenho e olhei para Íris. Por que eu estaria ansiosa para conhecê-lo? E por que seus primeiros nomes estavam abreviados? De repente, algo me ocorreu.

— Íris, você sabe quem é o príncipe, certo? — perguntei, tecendo meu raciocínio.

— É claro, senhorita. Eu cresci com ele.

— E as outras garotas da competição também sabem?

— Eu creio que sim, senhorita. Ele foi convidá-las pessoalmente ontem — Íris disse, olhando-me como se eu fosse louca ou algo do tipo. A criada se dirigiu ao guarda-roupa e pegou alguma coisa preta que estava ali dentro.

— Bom, eu não sei. O homem que foi me convidar na verdade era um guarda. Acho que seu nome era Jonathan.

A garota virou-se para mim, arqueando as sobrancelhas, e abafou uma risada. Percebi que a coisa preta enorme que ela segurava era, na verdade, uma capa para um vestido. Provavelmente era novo e precisava de proteção especial. Com ela, tudo o que eu conseguia ver era a barra de uma saia roxa escura. Desviei os olhos da roupa e me concentrei em Íris, que esfregava a testa com uma mão.

— O que foi? — eu perguntei, estranhando seu comportamento. — Isso aconteceu apenas comigo?

Íris me olhou e estreitou os olhos, como que tentando decidir se me contaria ou não o que eu queria saber. Por fim, começou a desembrulhar o vestido e o colocou na cama, dizendo sem me olhar nos olhos:

— Eu não tenho permissão para lhe dar esta informação, senhorita, mas você descobrirá dentro de algumas horas, no jantar.

Eu fiquei confusa e estava pronta para perguntar por que ela agia assim, quando algo me tirou o fôlego: a roupa que ela segurava.

Íris ergueu-a em frente a mim, e eu me aproximei. Era o vestido mais lindo que já vira em toda a minha vida, absolutamente

digno de uma princesa. Uma fazendeira como eu nunca chegaria perto de algo assim em condições normais. E, bem, eu estava no castelo, e coisas caras e bonitas era o que mais se encontravam por aqui.

O vestido era roxo, de renda, e possuía um forro que era de um tecido liso e infinitamente confortável. As mangas longas eram feitas apenas pelo bordado, de modo que parte da pele ficava exposta ao tecido meio transparente. Quando o vesti, ele caiu como uma luva, servindo perfeitamente. Coloquei uma sapatilha, o colar de rubi e virei-me para Íris.

— Como sabia meu tamanho? — perguntei, admirada.

— Peguei as medidas com a roupa que usava antes — disse e apontou para o meu vestido azul, que estava pendurado na porta do guarda-roupa, solitário. Ela sorriu. — Vamos, não fique aí me encarando. Vá admirar-se.

Fiz o que mandou e andei até a penteadeira, parando em frente ao grande espelho. Fiquei surpresa com o que vi. Realmente havia sido feito para mim, e era tão incrível que me deixava hipnotizada. Eu nunca fui vaidosa e nunca me importei com aparências, mas este vestido me deixava linda. Ele marcava minhas curvas de modo elegante e perceptível apenas ao ponto de ser bonito, e sem chamar a atenção.

Quando finalmente parei de me olhar, Íris pediu-me para sentar no banquinho, e assim eu fiz. Ela começou a pentear meu cabelo, e eu disse que, por hoje, poderia deixá-lo solto. Concordando, a criada apenas o desembaraçou e deixou-o cair em meus ombros, formando uma cortina ondulada que rodeava meu rosto.

— Que tipo de batom você gosta? — perguntou e abriu uma gaveta para olhar o que havia dentro. Inclinei-me e espiei.

— Nenhum? — arrisquei e dei um sorriso forçado. Ela me olhou como se visse uma assombração.

— Desculpe... Eu não gosto muito de me encher de... coisas. Não é muito a minha cara.

— Você não gosta porque nunca tentou. Certo? Não faz muito sentido se maquiar para trabalhar.

—Na verdade, quando eu era menor, meu pai comprava-me alguns estojos e eu vivia me pintando e fazendo experiências com as cores. Quando cresci, deixei de gostar disso, e parei de ver graça em me arrumar com o propósito de impressionar alguém.

— Bom... Se você não gosta, podemos pelo menos começar com um desses? — ela propôs e sorriu, estendendo-me um vidro transparente contendo um líquido rosa-claro, pegajoso e brilhante.

— Isso é um batom? — perguntei, examinando a coisa.

— Bem... Não exatamente. Chama-se gloss, e você usa na boca, e é líquido. E brilhante. Esse é transparente e bem discreto. Quer testar?

Aceitei e peguei o vidrinho. Abri-o e passei no lábio, olhando no espelho. Minha boca destacou-se com o brilho, mas continuava em sua cor natural. Eu sorri e olhei para Íris, agradecendo. Ela estava pronta para me apresentar mais coisas quando um som veio do corredor, parecido com um grito.

A criada e eu fomos para fora ver o que estava acontecendo. Quando abrimos a porta, nos deparamos com duas meninas brigando em frente a um quarto que possuía sua porta aberta. Elas gritavam uma com a outra e estavam puxando um salto, provavelmente disputando por ele. Pareciam ser garotas da competição e, no meio da discussão, o cabelo de uma delas, que estava preso em um perfeito coque ornamentado, se desfez. Isso contribuiu para que a raiva entre as duas aumentasse, e elas começaram a se estapear.

Eu aproveitei a chance de escapar e me despedi de Íris, que disse que o jantar seria no salão. Lentamente me afastei da cena, indo em direção à escada. Refiz o caminho que havia me levado até os quartos e consegui, depois de algumas tentativas falhas, encontrar o salão principal. As portas estavam fechadas e os guardas ainda estavam em seus postos. Uma multidão de garotas estava à espera da hora em que finalmente os portões se abririam, nós nos banquetearíamos e conheceríamos o príncipe. Parei ao lado de uma menina loira, de olhos negros, e perguntei-lhe:

— Você sabe por que temos que esperar?

— Acho que estão esperando todas as competidoras chegarem — ela disse após me olhar por alguns segundos.

Havia algo de familiar em seus olhos pretos e sem brilho, mas deixei isso para lá quando ela sorriu e virou-se novamente para frente, pondo-se nas pontas dos pés para tentar observar através da multidão de mulheres.

— Qual seu nome? — perguntei, tentando ser gentil. — Eu sou Catherine.

— Meu nome é Marian — a loira respondeu e abriu outro sorriso, dessa vez me encarando por mais tempo. Eu estranhei seu olhar e estava pronta para perguntar o que a interessava, mas algo me interrompeu: as portas do salão estavam se abrindo. As garotas começaram a se empurrar para entrarem e, com isso, acabei ficando para trás, separando-me de Marian.

Sem toda a bagunça que havia presenciado antes, pude observar o lugar de modo muito mais claro. O salão tinha um teto alto e abobadado, onde um lustre grande e brilhante se pendurava, formando uma pirâmide de velas e cristais conforme descia, que iluminava todo o ambiente. No centro do local, estava uma mesa longa e larga, coberta de comidas e bebidas, assim como pratos, talheres e lindas taças de vidro. Fiz uma nota mental: ficar bem longe das coisas quebráveis daquele lugar. Mais à frente, em um palanque, encontravam-se os tronos reais e mais uma mesa, também cheia de comidas e bebidas. Era um verdadeiro banquete.

Havia cinco tronos, todos pareciam ser feitos de ouro, cobertos com almofadas vermelhas de veludo. O do meio era o maior, e era onde um homem loiro, de aparentemente quarenta anos, estava sentado. Apesar de não usar coroa em seus cabelos grisalhos, era perceptível que se tratava do rei, pois sua postura dura, séria e fechada denunciava aquilo. Do seu lado esquerdo, estava a condessa Franccesca, que conversava com um garoto um pouco mais velho que eu, o qual possuía cabelos mais escuros que os dela. Apesar disso, deduzi que fosse seu filho. Na direita do rei Stephen, estava o resto da família Heronwood: a rainha — uma mulher da idade de seu esposo, de aparência elegante e gentil, muito diferente do homem com quem casara — e... o príncipe.

O herdeiro do trono estava sorrindo enquanto observava suas possíveis pretendentes disputando lugares para sentarem-se de frente para ele. Seu cabelo loiro rodeava seu rosto, chegando ao pescoço e contrastando com sua pele clara. Ele era parecido com o pai e, por um momento, achei que minha mente estivesse me pregando peças. Assim que ele levantou os olhos para mim e abriu seu sorriso, não tive dúvidas. Reconheceria aqueles olhos dourados em qualquer lugar, mesmo que só os tivesse visto uma vez.

De repente, senti uma imensa vontade de rir de mim mesma por não ter percebido antes. A carta, a assinatura abreviada, a recusa de Íris de me explicar o assunto, o choque de meu pai ao ver o suposto guarda que viera me convidar para a competição, a estranha sensação que tive de que eles já se conheciam... Estava tão nítido que não percebi.

O príncipe era Jonathan.

Capítulo 7

Enquanto comia lentamente um delicioso pudim, eu tentava controlar minha raiva do príncipe por ter me enganado e questionava a mim mesma por que ele havia feito isso. Ele convencera Íris a mentir para mim! O que havia de errado com esse sujeito? As perguntas rondavam minha mente, e imaginei se os guardas me prenderiam caso eu gritasse com o único herdeiro do trono. Deduzi que sim, então tentei achar um jeito de controlar meus sentimentos. Apesar de não ser nada demais, não gostava de ser enganada. Acho que ninguém gostaria, na verdade, até porque aquilo não fazia sentido nenhum!

Estive tão perdida em pensamentos que não percebi que as garotas haviam se levantado. Um guarda estava em cima do palanque e ele tinha dito algo ao qual não dei a mínima atenção, mas aparentemente seu aviso era a razão pela qual as competidoras pararam de comer imediatamente e dirigiram-se até uma porta interna do salão. O príncipe passou pela mesa em que eu estava e foi até o canto do salão, onde uma fila de garotas formava-se, desaparecendo dentro do que parecia ser uma pequena salinha de boas-vindas.

Dei uma última garfada em meu pudim — comida não se desperdiça! — e me levantei, indo para o final da fila. Encarei as quatorze garotas que antecediam a minha vez de falar com o príncipe e suspirei, sendo subitamente invadida pelo cansaço. *Ah, Deus, isso vai demorar*, pensei, lamentando não poder estar na minha cama neste momento. Imaginei como aqueles lençóis de seda deveriam ser confortáveis e como aqueles travesseiros pareciam muito convidativos agora... Apoiei-me na parede e fechei os olhos, esperando o tempo passar.

Uma a uma, vi as garotas saírem da salinha com sorrisos no rosto e deduzi que provavelmente o príncipe estava sendo gentil e galã com todas elas. Rolei os olhos. O típico cavalheiro agradando a todas as suas pretendentes. Quando a última competidora saiu da sala, notei que seu batom rosa estava um pouco borrado e ela arrumava seu vestido, abaixando a saia colada. Ergui as sobrancelhas e me perguntei o que havia rolado ali dentro, mas não tive tempo para pensar sobre isso, pois o guarda me chamou.

Suspirando, entrei na pequena salinha e olhei ao redor. Era mal iluminada, possuía apenas um sofá grande de couro branco e uma mesinha de centro de madeira, onde estavam postas três pequenas velas — a única luz do ambiente. Tive vontade de rir, e consegui conter-me ao morder o lábio e fazer uma pequena reverência.

— Boa noite, senhorita — Jonathan disse, levantando-se do sofá onde estava sentado.

— Boa noite, Alteza.

Tentei manter a educação e não demonstrar o pouco da raiva que ainda sentia por não saber desde o início sua verdadeira identidade. Pensando bem, poderia ser por uma questão de segurança... Sendo assim, por que Íris havia achado tão engraçado quando comentei que não sabia quem era o príncipe? E por que eu era a única a não saber? Se fosse realmente uma questão de prevenção, não haveria razões para que ela risse, e todas as competidoras estariam na mesma situação que eu.

— Estou muito feliz que tenha aceitado o convite, senhorita Fairway — ele falou e sorriu. Apontou para o sofá e lançou-me um olhar gentil. — Sente-se, por favor.

— Eu estou bem aqui, obrigada.

Dei um sorriso falso, que contribuiu para desmanchar o seu e fez com que se aproximasse cautelosamente, dizendo:

— Você deve estar se perguntando por que me passei por um guarda quando fui à sua casa. Eu peço desculpas por isso, mas foi necessário. Fazia parte de um... experimento.

— Experimento? Que tipo de experimento? — perguntei, sem conseguir conter a curiosidade. Jonathan abaixou a

cabeça, parecendo constrangido, e vi suas bochechas corarem.

— Eu não queria que vocês se interessassem pelo meu cargo ou pelo meu dinheiro. Eu queria alguém que me amasse por ser quem sou.

Eu ergui as sobrancelhas, surpresa. O príncipe não era nada como eu pensei que fosse. Inclinei a cabeça para o lado e aproximei-me um passo, curiosa. Eu era uma mera estranha, e ele estava dividindo segredos comigo, como se me conhecesse há muito tempo.

— Por que está me contando isso, Alteza? — Jonathan franziu o cenho.

— Como assim?

— Você poderia ter dado uma desculpa ou simplesmente não dito nada, mas escolheu me contar algo pessoal que nem todos entenderiam, e muitos achariam ridículo. Por quê?

—A confiança tem que começar de algum lado, senhorita Fairway. Além disso, eu sabia que você me entenderia.

— Como?

— Eu vi quando você recusou o convite. Você não se importa com o fato de que eu seja o príncipe, e eu sei que não gosta da competição por parecer desumana. Então, concluí que, se soubesse meu plano, você o aprovaria.

Estava pronta para concordar quando algo que ele disse me chamou a atenção.

— Como sabe que não gosto da competição, Alteza? — perguntei, erguendo uma sobrancelha e cruzando os braços. Jonathan me lançou um sorriso de canto de boca.

— Um passarinho me contou.

—Ean... — murmurei, balançando a cabeça. — Sabia que não podia confiar nele!

— Muito pelo contrário, senhorita. Você *pode* confiar nele. O oficial Listern nunca me contaria nada que prejudicaria sua privacidade.

— Você poderia ter apenas falado comigo.

—Poderia mesmo? — Arqueou as sobrancelhas com ironia, referindo-se à minha relutância inicial em relacionar-me com

ele.

—Está falando agora, não está? — retruquei e semicerrei os olhos.

— Fale a verdade: se pudesse escolher entre estar aqui e em qualquer outro lugar, não estaríamos conversando agora. Estou certo?

— Não exatamente... Se o lugar for mesmo *muito* ruim, talvez eu prefira estar aqui — brinquei e arranquei uma risada do príncipe, mas depois percebi que era realmente verdade. Suspirei, temendo que fosse quebrar a promessa que fizera ao meu pai e a Ean. — Olha, não é que não goste de você... Eu nem te conheço! E, pra falar a verdade, eu não sei muito sobre o amor, porém acredito que ele seja algo automático, sabe? Não pode ser controlado ou mudado de acordo com a vontade de alguém. Nesse caso, não me leve a mal, você parece mesmo ser uma pessoa maravilhosa: gentil, bonito, romântico... Porém, não acho que eu vá te amar. Entende? Nós daríamos belos amigos, mas não sei se funcionaríamos como casal.

Por alguns segundos, Jonathan apenas me encarou, seus olhos fixos nos meus. Se ele se sentiu ofendido ou chateado, não demonstrou. Todavia, algo brotou em suas íris douradas, um sentimento de desafio. Franzi o cenho quando ele se aproximou com o fantasma de um sorriso nos lábios. Eu havia acabado de dizer que não queria casar-me com ele e muito menos competir por sua mão. O príncipe deveria ao menos estar bravo ou então deveria estar me dispensando do castelo. Fiquei ainda mais confusa quando ele disse:

— Eu gostaria de uma chance de mudar a imagem aparentemente horrível que a senhorita possui de mim. Mesmo que não queira estar aqui, você está e, se for embora um dia, não quero que vá com pensamentos errados e ruins sobre mim. Por isso te peço mais algumas semanas e, se ainda for sua decisão retornar para casa, assim será.

—E eu tenho alguma escolha que não envolva aceitar essa proposta? — questionei, sentindo-me uma prisioneira sendo convidada para permanecer em sua cela. Ainda que estivesse aqui

por vontade própria, eu não queria permanecer, mas Jonathan desejava, a todo custo, manter-me consigo.

—É claro que tem. A senhorita pode recusar, se quiser, no entanto, peço que pense bem em sua resposta. Por favor.

Os olhos dourados e suplicantes do príncipe cravaram-se nos meus e o sorriso nervoso que ele me dava freava minha vontade de dizer não imediatamente.

Eu suspirei, encarando-o. Ele era bonito e estava determinado a me conhecer e abrir-se para mim. Senti um pouco de pena. Afinal, o que eu tinha a perder? Umas semaninhas não eram nada e, com sorte, ele se cansaria de mim mais cedo do que isso. Rezei para que realmente acontecesse desse modo e disse:

— Está bem, aceito.

Jonathan colocou as mãos no bolso e seu sorriso abriu-se ainda mais, tornando-se tímido.

— Bom, então não vou tomar mais de seu tempo. E, por falar em tempo, penso que não há nada mais justo do que começarmos nosso acordo amanhã, já que a senhorita deseja ir embora quanto antes. O que acha?

— Amanhã, combinado? — disse, apreciando seu modo de pensar. Quanto mais rápido ele desistisse de mim, melhor. — Após o almoço?

— Perfeito. Eu encontro a senhorita em seus aposentos. Esteja pronta.

Assenti e fiz uma pequena reverência, despedindo-me do príncipe. Finalmente saí da salinha e encontrei-me novamente no salão principal. Tentei recordar-me do caminho até meu quarto, mas acabei me perdendo algumas vezes. Quando consegui encontrar as escadas e subir até o quarto andar, havia se passado mais de meia hora.

Cansada e com muito sono, entrei em meu quarto, joguei os saltos em um canto e atirei-me na cama, sem me importar com o vestido que usava. Imediatamente, meus olhos se fecharam e o sono me engoliu, trazendo com ele mais um pesadelo.

Mais uma vez, eu corria pela trilha da floresta, brincando com o vento. Achava estranho sonhar com o meu eu de anos atrás, mas havia me acostumado após tanto tempo vendo a mesma imagem repetir-se diversas vezes em minha mente. E, dessa vez, o pesadelo mudou, assim como quando dormi na carruagem. Naquela tarde, além de ter chegado à clareira com a toalha de piquenique, a Catherine de nove anos encontrara-se com duas pessoas no sonho.

Nesta noite, não foi diferente. Quando saí da floresta, o homem e a mulher estavam à minha espera e sorriam para mim. Eles me chamavam com gestos e novamente suas vozes podiam ser ouvidas, mas as palavras não eram distinguidas. Eu me aproximei correndo e sentei-me no meio do casal. Apesar de suas feições estarem um pouco anuviadas, ainda tinha o pressentimento de que os conhecia. Estava pronta para tentar me comunicar quando algo me interrompeu.

Uma batida soou na porta, forte e alta. Por alguns segundos, meu cérebro ficou confuso. Não havia nada no sonho que pudesse causar tal barulho. De onde vinha aquilo? Mais uma batida, dessa vez acompanhada de uma voz dizendo meu nome. Eu percebi, então, que não se tratava de um barulho na minha mente, e sim no mundo real. Aos poucos, acordei.

O barulho de mão contra madeira tornou-se incessante e extremamente irritante, e só parou quando abri a porta. Um homem estava em minha frente, alto, moreno, com olhos verdes e feições asiáticas. Esfreguei os olhos. Quem era aquele cara?

—Nós precisamos conversar — o desconhecido disse.

Capítulo 8

O homem entrou às pressas no quarto, andando de um lado para o outro. Ele aparentava ter acordado há pouco, assim como eu, pois suas roupas estavam amassadas e seu cabelo negro estava bagunçado. Sua pele levemente bronzeada e seus olhos verdes meio amarelados faziam dele uma pessoa atraente, e eu levei algum tempo para reconhecê-lo, devido ao sono. Era o filho da condessa. Eu não tinha ideia de qual era seu nome, tudo o que sabia sobre ele era que seria o conde do reino em alguns anos, mas, por agora, era chamado de príncipe. O que é que ele estava fazendo em meu quarto?

—Nós precisamos conversar — repetiu. — Meu nome é Matthew. Desculpe vir tão cedo, mas eu queria encontrar você sozinha, e esta foi a única solução que consegui pensar.

— Falar comigo? No meio da noite? *Sozinho*? — enfatizei para que entendesse o quão estranho aquilo era. Cruzei os braços e mantive-me afastada. — O que um príncipe poderia querer comigo?

— Eu sei que isso é estranho, mas, por favor, preciso que me escute. Logo vai amanhecer, não temos muito tempo.

Olhei para a janela e percebi que ele estava certo. O sol despontava no horizonte, iluminando o céu com seus primeiros raios alaranjados. Matthew virou-se e andou até o banheiro, para voltar em seguida segurando em suas mãos um jarro de vidro com pétalas de rosa.

— O que está fazendo? Isso é usado no banho.

—Eu sei. Olhe, isso vai ser incomum para você, mas, não importa o que pense, não fuja. Por favor.

Meu medo da situação cresceu quando o príncipe disse aquilo e dei um passo para trás. Estávamos a um metro de distância quando ele, sem razão aparente, despejou o conteúdo do jarro no chão e deixou-o na cama. Deu um passo para o lado e a luz do nascer do sol iluminou a mancha vermelha no carpete.

De repente, uma a uma, as pétalas deixaram o chão e começaram a flutuar até formarem uma fila no ar e começarem a rodopiar ao redor de si mesmas. Eu arfei e tropecei em meus próprios pés ao tentar recuar. Um redemoinho vermelho formava-se em meu quarto e subia mais a cada instante. Eu estava hipnotizada, não conseguia parar de encarar aquilo. Era incrível. Com certeza, era fruto de alguma magia. Voltei meu olhar para Matthew. As pétalas caíram no chão.

— Você tem poderes — afirmei. Eu estava em choque. Em toda a minha vida, nunca havia encontrado ninguém como eu.

— Sim — respondeu, apesar de não ter sido uma pergunta.

— Por que está me mostrando isso?

Ele deu um passo em minha direção e sorriu.

— Porque você também tem.

—Não sei do que você está falando — defendi-me, mentindo descaradamente. Não importava se ele poderia ser parecido comigo, ainda era um desconhecido. Eu não sabia quais eram suas intenções.

— Vamos, Catherine... Eu conheço seu pai. Somos amigos e parceiros comerciais de longa data. Ele vende vinhos para o castelo, você sabe disso. Sou eu quem os compra — o príncipe disse. Era verdade. Parte da fama e sucesso de meu pai devia-se ao fato de que a família real e ele tinham uma parceria comercial inabalável, que perdurava por anos. — Eu a vi crescer naquela fazenda, Catherine.

— Por que eu deveria confiar em você? — perguntei e cruzei os braços. Por anos, fui ensinada a proteger minha verdadeira identidade e meus poderes a todo custo, principalmente de pessoas curiosas.

— Você não deveria. Na verdade, a senhorita não deveria confiar em ninguém. Mas te conheço e sei que irá. Uma

hora ou outra, você vai acreditar em mim e então eu poderei te ajudar. Porque, com os sonhos que está tendo ultimamente, é evidente que precisará de ajuda. E muita.

Eu estreitei os olhos. Sonhos. Como ele sabia? Aquilo ficava mais estranho a cada minuto, e meu instinto de sobrevivência gritava para mandá-lo embora dali. No entanto, havia algo nele que me impedia de fazer isso, algo que me incomodava e intrigava ao mesmo tempo. Aproximei-me e encarei-o. Seus olhos amarelados eram estranhos, parecidos com olhos de gato: no lugar da pupila, encontrava-se uma fenda muito fina, e a cor de sua íris era tão vibrante que quase cegava. Aquilo não estava assim antes.

—Meus olhos mudam quando uso magia — admitiu, parecendo ler meus pensamentos. — Os seus também. E, caso esteja se perguntando, não. Nossos poderes não são iguais. Eu não posso controlar a natureza, mas posso controlar as pessoas, através de suas mentes.

— E quanto às rosas? — perguntei, amaldiçoando a mim mesma por deixar a curiosidade falar mais alto que a desconfiança. — Elas não têm cérebro. Como consegue movê-las?

—O poder da mente humana vai muito além do que você pode imaginar, Catherine. A magia psíquica não se limita apenas a controlar pessoas, mas objetos também. Aquele truque foi apenas uma pequena amostra do quão longe vão minhas habilidades.

Cruzei os braços e ergui uma sobrancelha. Aquele cara não era nada humilde. Se Matthew fosse tão poderoso como dizia, logo seria fácil para ele entrar em minhas memórias e descobrir quem eu sou. Portanto, ele saberia de meus poderes. E dos sonhos. Querendo ou não, aquilo fazia sentido. Eu sabia, não era impossível. *Afinal, magia existe*, pensei.

— O que você quis dizer quando afirmou que eu vou precisar de ajuda? — indaguei, curiosa, mas ainda cautelosa. Apenas seus poderes não fariam dele uma pessoa confiável.

— Você não se lembra, mas sabe quem são aquelas pessoas — disse, referindo-se ao sonho. Matthew parecia conhecer cada canto de minha mente, e eu não estava gostando daquilo. — No fundo, você sabe. As memórias de uma pessoa só podem ser apagadas superficialmente, Catherine. Não acha estranho que

nunca tenha questionado quem eram seus pais ou por que não se lembra de sua infância?

—Luke sempre me disse que quando tivesse de saber, eu saberia. Não me preocupo com isso.

— Mas chegou a hora de se preocupar. Você está começando a recordar-se do que aconteceu, e não é por coincidência que isso esteja acontecendo agora. Tem algo nesse castelo que desperta suas memórias, Catherine. Algo perigoso.

Um arrepio percorreu meu corpo. Eu respirei fundo. O príncipe parecia um louco falando aquelas coisas, seus olhos moviam-se rapidamente, analisando cada traço de minha expressão. O medo brotou em mim e eu me senti uma tola por acreditar nele. Mas aquilo fazia sentido. Por dez anos, cresci sem saber quem eu era e vivi tendo sonhos daquela clareira na floresta. De algum modo, sabia que não eram apenas imagens aleatórias criadas por meu subconsciente. Há algum tempo eu desconfiava que pudessem ser algo a mais, mas ouvir Matthew confirmando aquilo me assustou. De repente, tive medo do passado.

— Okay... — falei finalmente, entregando-me àquela loucura. O arrependimento já começava a tomar conta de mim. Eu o ignorei e aproximei-me do príncipe.

— O que tenho que fazer?

—Por agora, nada. O sol está nascendo, e você tem um compromisso com Jonathan hoje. Tente descansar mais um pouco, você vai precisar. O príncipe adora dar longas caminhadas pela propriedade.

Eu murchei. Havia me esquecido daquele encontro. Parecia algo fútil agora, diante do que estava acontecendo. Subitamente, o sentimento de euforia me invadiu. Existia alguém igual a mim. Uma pessoa real, e não mulheres que se passavam por videntes e portadoras da verdade. Eu não era a única pessoa com poderes. Olhei para Matthew, que sorriu para mim e colocou a mão no bolso da calça de pijama.

— Eu também me sinto empolgado com essa revelação, senhorita Fairway — ele disse, e eu sabia que havia lido meus pensamentos. O príncipe foi em direção à porta, preparando-

se para sair. — Nós teremos mais tempo para conversar sobre isso, eu espero.

Eu assenti. Queria saber o que ele conseguia fazer e desejei poder mostrar-lhe do que era capaz. De repente, ficar no castelo poderia não ser tão ruim quanto imaginara. Sorrindo, Matthew rodou a maçaneta e saiu do quarto, deixando-me sozinha novamente.

Sentei-me na cama. Não conseguiria dormir, e ainda estava com o vestido da noite passada. Devido ao meu cansaço, não o havia tirado. Inquieta, levantei-me mais uma vez e enrolei-me no roupão de banho. O tecido fofo e grosso me esquentou e eu saí do quarto para dar uma volta. Não podia acreditar que, depois de todo esse tempo sentindo-me estranhamente única, descobrira que, na verdade, havia outros como eu. Eu não estava sozinha.

Eu me perdi em pensamentos enquanto andava pelo corredor e acabei esbarrando em algo. Ou melhor, *alguém*. Um vulto amarelo passou por mim, e eu me assustei. Era uma das competidoras. Acabei tropeçando na barra de seu vestido e derrubei nós duas no chão.

— Vê se olha por onde anda, garota! — ela disse ao se recompor.

Era uma menina loira de olhos azuis que usava uma camisola longa de seda dourada. Seu cabelo estava estranhamente arrumado para essa hora da madrugada e ela usava saltos bem altos. Reconheci-a como sendo a garota que saíra com o batom borrado da pequena audiência com o príncipe na noite passada. Acho que seu nome era Charlotte.

—Desculpe, eu não te vi — admiti, levantando- me. Estendi-lhe um braço, mas ela recusou com um gesto de indiferença.

—Tanto faz. Da próxima vez, preste atenção no seu caminho e pare de delirar por aí! — gritou.

Eu me espantei. Que garota mais rude!

—E por acaso você sabe o que eu estava fazendo? — rebati, defendendo-me.

— Escute aqui, garota — começou despejando grosseria gratuitamente. Ergui uma sobrancelha —, não me importo com o que estava fazendo, você me derrubou no chão!

Eu contive uma risada, e ela me olhou com horror, como se fosse alguma rainha e eu tivesse feito algo muito grave para ofendê-la. Tentei voltar a andar e ignorá-la, mas Charlotte segurou meu braço e aproximou nossos rostos, dizendo por entre os dentes:

— Você sabe quem eu sou, garota? Meu pai é Dakota Lewis, o homem mais rico desse reino, então é melhor que você tome muito cuidado com o jeito que fala comigo. Não quero vê-la perambulando por aí novamente, ouviu-me?

Eu estreitei os olhos e soltei-me de seu aperto. Lewis era um sobrenome familiar. Pelo que me lembrava, Dakota Lewis era um antigo cliente de meu pai, que havia arruinado sua carreira antes de eu sequer ter sido adotada por ele. Acho que não faria mal descontar em sua filha, certo?

Encarei seu cabelo e alguns fios loiros começaram a transformar-se em galhos cheios de folhas, fazendo parecer que ela tinha esfregado a cabeça em uma árvore. Abafei o riso e voltei-me novamente para ela.

— Eu não me importo com o seu dinheiro, senhorita Lewis. E você não é minha mãe para me dar ordens, e muito menos a rainha. Agora, se me der licença, eu tenho mais o que fazer — falei, e me virei. — Ah, e se eu fosse você, me olharia no espelho antes de aparecer em público.

Dei alguns passos e já estava do outro lado do corredor quando ouvi seu grito estridente atravessar o castelo. Voltei para meu quarto rapidamente para despistá-la e fechei a porta calmamente quando entrei no cômodo, com medo de provocar algum barulho que denunciasse minha localização e despertasse em Charlotte uma súbita vontade de se vingar.

Capítulo 9

Depois do meu incidente com Charlotte, fiquei a manhã toda no quarto. Íris, que passara pelo corredor alguns minutos depois do acontecido, se assustara com a garota cheia de galhos na cabeça e resolvera ajudar. Aparentemente, eles haviam se enroscado em seu cabelo, mas não era nada impossível de resolver, e não fora necessário cortar ou fazer coisas absurdas. Quando Íris me disse aquilo, soltei uma gargalhada alta. Todo aquele escândalo por nada. Seria possível que um pedacinho de planta assustasse tanto assim uma pessoa?

—Alguma ideia do que aconteceu? — a criada perguntou-me enquanto preparava minha banheira. Ela havia me trazido o café da manhã quando eu dissera que não me sentia bem para descer. — Ela estava realmente desesperada.

—Eu não sei — menti. — Nós discutimos um pouco antes de você chegar, no meio do corredor, mas já estava assim quando a vi.

— Discutiram por quê? — Íris indagou, olhando-me com desconfiança.

—Eu estava andando, nos esbarramos, e ela se ofendeu pelo incidente. Nada de mais. No entanto, descobri que ela é filha de um ex-cliente de meu pai. Dakota Lewis, o cara que o criticou em praça pública e conseguiu arruinar seu comércio por anos. O que um pouco de poder e dinheiro não fazem com uma pessoa insatisfeita, certo? — relembrei com um pouco de raiva. Aquilo não tinha nada a ver comigo, e papai mesmo já o havia perdoado, mas eu não podia deixar de sentir que era uma situação injusta.

—Sendo assim, acho que ela teve o que merece, por si mesma e pelo pai — disse Íris e se virou para mim. — Seu banho

está pronto, senhorita.

Eu agradeci à Íris e entrei no banheiro, fechando a porta logo em seguida. Encarei-me no espelho antes de tirar a camisola que havia posto depois de comer. Eu era baixa e meu cabelo alaranjado batia em minha cintura, realçando meus olhos verdes. Levantei uma mão e deixei a palma para cima, concentrando-me. Em segundos, uma pequena bola de fogo passou a dançar em meus dedos, e eu olhei novamente para minha imagem no espelho.

Conforme Matthew dissera, meus olhos começaram a mudar e tornaram-se mais vibrantes, brilhantes como esmeraldas. Eu me aproximei e encarei meu reflexo. A chama em minha mão se apagou. Por alguns segundos, continuei olhando e nada aconteceu. E, aos poucos, minhas íris começaram a voltar ao normal e tornaram-se jades escuros novamente. Interessante.

Eu me afastei e entrei na banheira, mergulhando para molhar o corpo todo. Tomei um banho rápido, pois estava atrasada para o almoço. A conversa com Íris havia rendido muitas fofocas, e nós estávamos nos aproximando como amigas. Pensava que, afinal, poderia tirar algo de bom dessa pequena visita ao castelo.

Quando terminei o banho, sequei-me e voltei para o quarto. Íris me esperava com um vestido protegido por uma de suas famosas capas pretas na cama.

—Você fez outro vestido? — perguntei, exasperada. — O que aconteceu com o que usei ontem? Eu gostava dele!

—Está no guarda-roupa. Uma dama não pode usar a mesma roupa duas vezes, senhorita. São bons modos.

— Eu chamo isso de futilidade — exclamei, colocando as mãos na cintura. Íris me lançou um olhar torto e me arrastou até a penteadeira pelo braço.

—Diga isso na frente da rainha e sua execução será marcada para a manhã seguinte — ela repreendeu, deixando claro que seguia ordens para sua própria sobrevivência e que eu não deveria questioná-las. Íris começou a desembaraçar meu cabelo. — Entre os nobres, as pessoas não podem dizer o que pensam, senhorita. Por mais que muitos discordem de algumas regras, o

poder da realeza é muito grande para ser questionado. É mais fácil ficar quieta e viver sua vida calada, ou não terá vida para viver.

—Eu não gosto desse tipo de repressão, Íris — admiti, encarando meus pés, enquanto ela fazia um belo penteado em minhas mechas ruivas. — Acho que é por isso que sempre procurei viver longe de toda essa vida. O poder é capaz de fazer coisas insanas com a cabeça de uma pessoa. Charlotte e Franccesca são apenas pequenos exemplos de quão maldoso o ser humano pode ser. Se eu fosse rainha, a primeira coisa que faria seria tentar melhorar as coisas por aqui.

A criada parou seu trabalho com o pente e me encarou através do espelho. Levantei o olhar e encontrei um sorriso afetado e emocionado em seu rosto. O azul em seus olhos brilhava um pouco, deixando-a ainda mais bonita.

— O que foi? — perguntei, devolvendo um sorriso constrangido.

— Eu sei que ainda estamos nos conhecendo, mas tenho a impressão de que você seria a melhor rainha que Cannehor jamais teve o prazer de conhecer.

—Não fale bobagens — retruquei e balancei a cabeça. — Eu nunca serei rainha, Íris. Disse aquilo da boca para fora.

Ela não respondeu. Apenas voltou a trabalhar em meu cabelo, mas o sorriso nunca deixou seu rosto. Peguei-me pensando se a criada estaria certa e se talvez um dia eu pudesse governar o reino. Isso requereria que eu me casasse com Jonathan, então era pouco provável que acontecesse. Chacoalhei a cabeça para dispersar aqueles pensamentos e voltei a conversar com Íris, que havia acabado de finalizar o penteado.

— Qual a cor do vestido que você fez? — perguntei e me olhei no espelho.

A criada havia feito um coque arranjado e finalizado com uma trança que partia da lateral de minha cabeça e enrolava-se no bolo fofo de cabelo vermelho, formando uma coroa natural.

— Veja você mesma — respondeu Íris, que pegou a capa em cima da cama e a removeu, revelando um lindo vestido.

A roupa era de um tom escuro, um azul quase preto, completamente liso, sem bordados ou pedras. Era simples, tomara que caia, com o corpete colado e a saia um pouco volumosa mais longa atrás do que na frente.

— É lindo! — falei, levantando e indo até ela.

Íris me ajudou a colocá-lo e me deu um salto da mesma cor da roupa para usar. Eu procurei me vestir rapidamente, pois o almoço já havia começado e, quando conseguimos colocar aquilo, impedi que ela me sentasse de volta na penteadeira para me maquiar.

Saí correndo do quarto o mais rápido que pude estando com aquele sapato fino e refiz o caminho até o salão, que havia procurado memorizar das outras vezes em que passei por ali. Quando cheguei, as portas estavam quase se fechando, e eu gritei para os guardas:

— Esperem, por favor!

Imediatamente, os soldados estacaram e voltaram-se para mim. Eu parei de correr e apoiei as mãos no joelho, ofegando. Encarei os homens à minha frente e vi um rosto familiar: Ean.

— Soldado Listern! — exclamei, surpresa. Coloquei a mão no peito e procurei controlar a respiração antes de voltar a falar. — Não sabia que trabalhava por aqui.

—Senhorita Fairway — ele me cumprimentou, acenando a cabeça. — Sim, trabalho. É o meu turno, juntamente com o soldado Prior.

Olhei para o lado, para o homem que Ean indicava. Ele me lançou um sorriso e uma pequena reverência e apresentou-se como Andrew Prior. Seu nome era familiar, assim como sua fisionomia. Tentei recordar-me de algum lugar em que pudesse tê-lo visto, mas seu cabelo castanho-claro e seus olhos negros não me lembravam de ninguém que já pudesse ter conhecido. Era apenas um sentimento estranho, aparentemente infundamentado.

— Prazer em conhecê-lo — disse finalmente, devolvendo-lhe o sorriso. — Bom, preciso entrar. Obrigada por terem segurado a porta por mim. Tenham um bom dia.

Voltei a andar e dirigi-me até meu lugar na mesa do almoço, amaldiçoando Íris mentalmente por me dar um sapato tão desconfortável. *Pelo menos é bonito*, pensei.

"Condessa chegando. Cuidado, senhorita, ela está nervosa", alguém disse assim que me sentei na cadeira. Não. Não *disse*. Pensou. A voz não estava alta, e ninguém parecia ter escutado, a não ser eu. Eu procurei em volta e encontrei os olhos do príncipe Matthew, que me encaravam com um sorriso curto. "Bom dia, Catherine", as palavras ecoaram em minha mente. Mas não tive tempo para reagir, pois, alguns milésimos de segundos depois, as portas do salão abriram-se violentamente, calando a todos, e uma figura tempestuosa vestida de verde estava em pé na minha frente. O olhar de Franccesca varreu o salão rapidamente e, quando pousou em mim, eu sabia o que estava por vir.

Apertei os olhos e me levantei quando ela gritou meu nome, mas não fui a única. Os príncipes também deixaram suas cadeiras para ver o que estava havendo, e me surpreendi com tal ação. Porém, não tive tempo para admirar a coragem dos *cavalheiros*.

—Como a senhorita ousa cometer tal infortúnio dentro do *meu* castelo? — a condessa bradou, aproximando-se de mim. Ela apontou um dedo para meu rosto. — Eu deveria expulsá-la agora mesmo!

—Perdoe-me, senhora, mas não sei do que você está falando — respondi, tentando manter a calma. Apoiei as mãos no colo do vestido e ergui a cabeça, tentando passar um ar de inocência. Naquele momento, todos assistiam à cena assustados e confusos. A única pessoa que parecia saber o que estava acontecendo era Matthew.

—Não banque a sonsa comigo! Eu sei o que a senhorita fez com Charlotte Lewis, e pagará muito caro por isso!

— A senhora está se referindo ao pequeno incidente de quando nos esbarramos?

—Idiota! Eu estou falando do *cabelo* dela, que *você* arruinou ao bagunçar com todos aqueles galhos!

— Ah! A senhora terá que me desculpar, condessa Franccesca, mas é um pouco impossível que eu tenha cometido tal infortúnio contra a senhorita Lewis. A não ser que eu tivesse estado na floresta ou no jardim minutos antes de ter me encontrado com Charlotte, não haveria como ter colocado aqueles galhos em seu cabelo. E todos sabem que eu não estava, mas, se duvida de mim, os guardas que fizeram a ronda na floresta essa manhã podem confirmar isso para a senhora. Além disso, não acha que teria ocorrido uma briga se eu tivesse tentado algo contra ela? — defendi-me, apontando todos os argumentos que tinha a meu favor. Para finalizar, estendi os braços e dei uma volta, permitindo que ela tivesse uma boa visão da pouca pele exposta pelo vestido. — Eu pareço machucada, senhora?

A condessa respirou fundo e estava pronta para atirar em mim mais acusações e ameaças quando o príncipe Jonathan deu um passo à frente e a calou.

— Basta! Condessa, com todo o respeito, a senhorita Fairway já se isentou da culpa e está mais que claro que a senhora está perturbando o almoço de todos por motivos irracionais.

— Vossa Alteza, ela...

— Eu preciso lembrá-la que esse não é o seu castelo, Franccesca? — ele interrompeu-a, postando-se ao meu lado, e sua ação provocou murmurinhos de inveja entre as competidoras. O príncipe defendendo uma de nós contra alguém da corte era algo polêmico. A tensão pesou na sala. — Por favor, não torne isso mais cansativo do que já está sendo.

A condessa ergueu o queixo, fez uma pequena reverência e foi embora, murmurando um “perdão, Alteza” tão baixo que mal ouvi. Eu estava pronta para agradecer a Jonathan e sair correndo dali quando ele estendeu seu braço para mim e disse:

— Perdoe-me por tamanho incômodo, senhorita. Como compensação, por favor, aceite dar uma volta comigo. É o mínimo que posso fazer.

Eu queria recusar. Queria gritar que sabia me defender e que não precisava de sua ajuda. Mais do que tudo, queria sair dali

esconder-me e nunca mais voltar a aparecer na frente de todas aquelas pessoas.

Os murmurinhos aumentaram. Eu respirei fundo e fechei os olhos por um instante, procurando manter a calma. Eu queria *muito* dizer não e voltar para casa, para meu pai, para minha vida. Aquele lugar estava me esgotando, e as pessoas dali envenenavam o ambiente, deixando-o cada vez mais pesado. Tudo o que eu desejava era poder desaparecer. Ao invés disso, controlei-me, forcei um sorriso e disse:

— Claro.

Capítulo 10

Jonathan me conduzia pelo castelo, sempre segurando minha mão. Ele havia se desculpado em nome da condessa, e depois o silêncio entre nós pesara, aumentando minha tensão. Contudo, ele sorria, aparentando bom humor, e vez ou outra me olhava, como que esperando por algo. O príncipe andava por um caminho que eu desconhecia e do qual provavelmente jamais me recordaria, e eu estava começando a ficar impaciente quando ele parou no meio de um corredor e virou-se para me encarar. O sorriso usual de seu rosto tornava-se falso aos meus olhos.

— Então, onde a senhorita deseja ir?

—Você andou todo esse tempo pelo castelo e agora vem me dizer que não tínhamos um destino? — indaguei, exasperada. Quando John assentiu, eu joguei as mãos para o alto e pensei seriamente em desistir dele, e acabei verbalizando meus pensamentos. — Eu me pergunto por que vim para Damelok, em primeiro lugar.

—Perdoe-me se eu a aborreci de alguma forma, senhorita. Eu realmente estou tentando. É difícil saber o que lhe agrada quando não tenho conhecimento sobre seus gostos. Se a senhorita me disser onde deseja ir, eu a acompanharei sem pestanejar.

Eu suspirei e minha impaciência esvaiu-se um pouco, apenas para dar lugar à frequente pena que me atingia quando Jonathan me pedia algo e eu sentia vontade de recusar. Algo dentro de mim mudava quando olhava para seu rosto e via seus olhos dourados brilhando suplicantemente para mim. Ele estava praticamente implorando por minha aprovação. Analisei a situação e vi que era injusto de minha parte condená-lo por estar tentando me agradar. Ele era o príncipe, afinal de contas, e eu devia-lhe certo respeito. Desviei os olhos e falei sem muito entusiasmo:

— Qualquer lugar perto da natureza me agrada.

—Que maravilha! A senhorita adorará o jardim, tenho certeza. É um espaço muito amplo que dá abertura para a floresta do castelo. É lindo!

De repente, me empolguei. A ideia de ficar ao redor de um ambiente natural, ainda que desconhecido, deixava-me mais feliz. Era parecido com minha casa, de certa forma, e eu me sentia confortável.

— Vamos para o jardim, então.

Jonathan também pareceu iluminar-se, e nós continuamos a andar, e dessa vez não segurei sua mão. Não demorou muito e nós viramos em um corredor que saía em uma porta dupla de madeira, a qual estava aberta e guardada por dois soldados reais. Eu os cumprimentei, mas o príncipe apenas me observou enquanto eu caminhava ao seu lado.

O jardim no qual entramos era completamente lindo. O chão era coberto de flores e arbustos, e possuía uma pequena trilha que ia para algumas áreas arborizadas com bancos de pedra. Bem no centro do local, havia um gazebo de madeira branco, que estava todo coberto por trepadeiras das quais brotavam flores vermelhas e azuis. Eu inspirei fundo e me deliciei com o perfume das plantas. Como sempre acontecia quando estava perto da natureza, a magia dentro de mim pareceu despertar e renovar minhas energias. Eu resolvi tirar os saltos e os coloquei em um canto, anotando um lembrete mental de voltar para pegá-los no fim do passeio.

— Por que não me conta um pouco de você, senhorita? — perguntou, tirando-me de meus pensamentos, e continuou a me observar. Nós andávamos pela trilha de pedregulhos.

—Bom... Não há muito para saber — menti. — Eu sou adotada e gosto da natureza, como pode perceber. Você já sabe que trabalho na fazenda e que não gosto muito de Damelok.

— Posso perguntar-lhe por quê?

—As pessoas. Eu não sei, mas... tem algo nas pessoas desse lugar. Algo ruim. Principalmente a condessa e algumas das garotas. É como uma energia que as faz serem...

— Más — John completou, encarando o chão onde pisava. Ele parou debaixo de uma árvore e apanhou do chão uma rosa-branca, cortando-se com os espinhos no processo. John a fitou e sorriu levemente. — Espero que isso não seja o que a senhorita pensa de mim.

— Não, não é — confessei. O príncipe empenhava-se em limpar o caule da rosa e remover todos os seus espinhos. Ele não me olhava, mas seu sorriso abriu-se ao ouvir minha resposta. — E, por favor, chame-me de Catherine. É estranho ser chamada o tempo todo de “senhorita”.

— Tudo bem, Catherine — ele respondeu e finalmente dirigiu seu olhar para mim. Suas mãos, que estavam um pouco machucadas, subiram em minha direção e ajeitaram a rosa-branca em meu cabelo. Eu congelei com seu toque. Seus olhos encontraram os meus e, por um segundo, eu prendi a respiração. John colocou uma mecha de minha franja atrás da orelha para segurar a flor e deixou os braços penderem ao lado do corpo. — Se me permite dizer... Você por acaso se dá conta do quão bonita é, Catherine?

—Não... — respondi, erguendo as sobrancelhas. Percebi que não havia nenhuma segunda intenção em seu comentário e sorri educadamente. Ele estava apenas sendo gentil. — Mas obrigada. Você também não é nada mal, para um príncipe.

Minha piada o divertiu. Jonathan riu e agradeceu, voltando a andar. Nós fomos em direção ao gazebo, mas eu tinha outros planos.

—Nós podemos ir até a floresta? — perguntei, olhando para a imensidão de árvores que estava alguns metros à minha frente. Tinha algo naquele lugar que me atraía. — Eu realmente gostaria de andar um pouco por lá.

— Claro. Por que não? — perguntou retoricamente, estampando uma expressão um pouco forçada de felicidade. Franzi o cenho.

—Está tudo bem? Tem certeza de que podemos ir lá?

— Sim, é claro que sim. Não é nada — respondeu, sem me olhar. Eu continuei encarando-o e finalmente, quando seus olhos

se dirigiram aos meus, ele se rendeu. — Bom, já que é para ser sincero... Há uma clareira no meio da floresta da qual não gosto muito. Eu não sei ao certo porque, mas ela me parece estranha. Tem uma energia um tanto... sombria.

Eu franzi as sobrancelhas, hesitando. Seu comentário me deixou com um pouco de medo, mas aumentou também a curiosidade, e a *coisa* que me atraía para aquele lugar tornou-se mais intensa. Dei alguns passos vacilantes na direção das árvores e encarei um ponto específico. Não havia nada ali, porém quanto mais eu olhava, mais a sensação de que algo estava prestes a acontecer me invadia.

— Catherine? — Jonathan me chamou, colocando-se ao meu lado. — Você está bem?

— Sim — respondi, sem encará-lo. Continuei andando em direção à floresta.

— Onde está indo? — o príncipe perguntou, tentando me parar, e eu não o ouvia. Era como se uma força externa estivesse me controlando, e agora eu ia apressadamente até o fim da trilha, que se dava no limite entre o jardim real e a grande floresta de Damelok.

— Catherine, o que está fazendo?

Eu não parei. Continuei andando. As árvores agora cobriam o céu, deixando no ambiente escuro um estranho ar de mistério. A força que me puxava para o coração da mata tornava-se mais forte e intensa a cada passo que eu dava, e agora Jonathan apressava-se para me acompanhar. Entretanto, eu não prestava atenção nele. Não mais. Eu corria por entre os galhos e folhas e, de repente, um déjà vu me atingiu.

Mais uma vez, eu via meu eu correndo por entre as árvores, na trilha que me levava àquela clareira. Contudo, não estava sonhando. Eu não era mais uma criança. Era a vida real, e se passava no presente. Aquilo realmente estava acontecendo, mas era exatamente como em meus pesadelos, e eu sabia onde a corrida pararia.

Porém, por mais que eu tenha revivido a mesma cena várias e várias vezes em minha mente, vivê-la em carne e osso era diferente. E, quando eu cheguei ao local que fazia meus sonhos

serem interrompidos, não havia toalha de piquenique ou cesta de comidas. Não havia grama verde e árvores cheias de frutas.

Eu parei de correr abruptamente, e Jonathan chocou-se comigo; ele me acompanhara e não me deixara sozinha enquanto a floresta me puxava para si.

Eu olhei ao redor. A paisagem era morta. A clareira vívida e colorida de minhas lembranças parecia como um fantasma que habitava minha mente, pois agora estava cinza, pisoteada e sombria. As folhas das árvores caíam pouco a pouco e algumas delas estavam cobertas com neve. O inverno deixara tudo mais feio e irreconhecível, mas não havia dúvidas: era a clareira dos meus sonhos. De repente, o choque me atingiu, e algumas lágrimas brotaram de meus olhos.

— Catherine, o que está acontecendo? — Jonathan disse, segurando meus ombros. Não conseguia encará-lo, portanto, contentei-me em encarar sua camisa.

— Eu estou gritando seu nome desde que saímos do jardim. Por que você nos trouxe aqui? Como sabia esse caminho?

— Eu não sei... — murmurei e balancei a cabeça. Criei coragem e finalmente voltei meus olhos para o príncipe. Vi sua expressão de confusão acentuar-se quando ele percebeu as lágrimas em meu rosto. Não me contive em explicar quando ele me encarou por alguns segundos, esperando por uma resposta. — Eu já estive aqui.

— Quando? — perguntou. O olhar suplicante estava novamente presente em sua expressão, em meio à confusão, mas dessa vez John não queria me convencer de algo. Ele apenas queria respostas. Eu não podia dá-las, eu não podia revelar meu segredo, mas não consegui me controlar.

— Eu não me lembro — confessei e voltei a olhar ao meu redor, soltando-me de seu aperto no ombro.

As lágrimas retornaram quando eu avistei o exato pedaço de terra onde, em meus sonhos, ficava a toalha de piquenique e a cesta de comidas. Era tão familiar... Aproximei-me e encarei. Não sabia por que chorava; não fazia sentido. Mas aquele lugar

despertava em mim uma tristeza avassaladora, algo que eu nunca havia sentido antes. E, junto da angústia, vinha o medo.

O pavor cresceu lentamente dentro de mim conforme eu notava cada detalhe daquela clareira, girando calmamente no lugar para poder observar tudo. Voltei a fitar o ponto onde aquele casal, que eu havia visto uma única ocasião em meus sonhos, estivera sentado e fantasiei-o ali mais uma vez. O terror atingiu seu ápice quando, de repente, algumas imagens passaram rapidamente e sem permissão por minha mente, ilustrando uma cena de morte e sangue, da qual não me recordava por completo, mas sabia que havia presenciado.

Eu cambaleei para trás e acabei tropeçando em uma pedra. Jonathan, que estava atrás de mim e olhava assustado para tudo, antecipou a minha queda e me segurou. Segurei-me em seus braços e afundei o rosto em seu pescoço, improvisando um abraço desajeitado.

— Por favor, tire-me daqui — sussurrei e continuei a chorar em seu ombro.

Apesar da imensa confusão que obviamente sentia, o príncipe não me perguntou nada, não pediu explicação e não hesitou ao rodear minha cintura e minhas pernas e me pegar no colo, levando-me para fora da clareira.

Capítulo 11

Um vento frio e cortante nos atingia fortemente, fazendo o cabelo dourado de John voar para seu rosto. Eu ainda estava em seu colo, e ele parecia procurar um lugar no chão para me deitar. Fechei os olhos quando percebi o que tudo aquilo significava. Era esse lugar que havia despertado minhas memórias quando cheguei ao castelo. Era a esse lugar que o príncipe Matthew havia se referido como perigoso quando dissera que eu precisava lembrar-me do meu passado. Apesar de ter tido aqueles flashes de memórias, ainda não me recordava do que havia acontecido — pelo menos não completamente e com detalhes —, mas não estava certa de que queria mesmo saber.

Embora a situação ainda estivesse bem presente em minha mente, o choque e a adrenalina estavam se esvaindo, e o constrangimento começava a tomar conta de mim. Afinal, um príncipe estava me carregando nos braços pela floresta, e estávamos sozinhos.

— Jonathan... Pode me colocar no chão, por favor? — pedi. Ele me olhou e parou de andar, dirigindo-se até uma árvore larga. John me colocou com cuidado na grama, apoiando minhas costas no tronco e ajoelhando-se ao meu lado. Por um segundo, o príncipe me encarou sem saber o que fazer, e foi quando eu falei.

— Eu sinto muito por tudo isso. Eu realmente não sei o que deu em mim quando saí correndo daquele jeito, mas aprecio o fato de que você esteja lidando tão pacientemente com tudo isso. Desculpe... pela confusão.

John deu uma risada tímida e sentou-se ao meu lado, apoiando a cabeça na árvore. Ele encarou o céu por alguns segundos, respirou fundo e voltou seu olhar para mim.

—Eu honestamente não sei como reagir ao que acabou de acontecer, porque *eu não sei* o que acabou de acontecer — disse de uma maneira um pouco desesperada, o que tirou de mim uma risada. — Eu realmente gostaria de saber o que houve, mas sei que você provavelmente não me contaria. Somos estranhos um para o outro, afinal. Eu só espero que a senhorita esteja bem. Sua expressão não estava muito boa lá, na clareira.

— Eu estou bem... Acho. — falei e sorri. Ele não era tão mal quanto eu pensara. John era um pouco parecido comigo, e isso me intrigava. — O problema é que eu também não sei ao certo o que aconteceu, portanto, não tenho como explicar. No entanto, prometo que, se soubesse um jeito de apenas começar a te contar algumas coisas, eu tentaria — falei. Era verdade. Eu realmente não sabia um jeito de explicar ao príncipe que uma de suas supostas pretendentes possuía poderes mágicos.

Para minha surpresa, John não deu uma de suas usuais e impessoais respostas, que sugeriam que ele não iria se prolongar no assunto. Do contrário, ele aprumou seu corpo e aproximou seu rosto do meu, inclinando a cabeça para o lado. Olhou por alguns segundos em meus olhos, fazendo-me prender a respiração, e soltou um sorriso curioso.

— Quem é você, Catherine Fairway? — sussurrou.

O tom baixo de sua voz me fez arrepiar, assim como seu olhar penetrante. Jonathan parecia querer ver dentro de minha alma, descobrir meus mais profundos segredos. Eu não podia deixar aquilo acontecer. Desviei os olhos.

— Você não vai querer saber — respondi vagamente.

—Eu quero. Você é diferente. Tem algo dentro de você... Quando te encaro, eu não consigo ver nada. Absolutamente nada. Nem um indício sequer de quem quer que você seja. As pessoas não são assim, mas...

Ele se interrompeu. Eu voltei novamente a encará-lo, com raiva, porém seus olhos não estavam mais em mim. Jonathan fixou sua atenção no céu, e, alguns segundos depois, um trovão

soou acima de nós. Ele praguejou baixo e levantou rapidamente, estendendo-me a mão para me ajudar a levantar.

—Nós temos que ir. Você consegue andar? — perguntou, oferecendo apoio.

Eu assenti e nós começamos a correr. Eu percebi que, apesar de a floresta ser naturalmente escura, o ambiente estava menos iluminado do que o usual. O sol estava se pondo. Assustada, me dei conta de que havíamos estado fora do castelo por horas e que provavelmente todos estariam procurando por nós. Ou melhor, *pelo príncipe*.

A chuva começou a cair. As gotas geladas nos atingiam incessantemente e em poucos minutos me vi encharcada e tremendo de frio. Olhei à minha frente e não pude ver nada. Não sabia que caminho estávamos tomando. Parei abruptamente e segurei o braço de Jonathan, puxando-o para debaixo de um galho grande que poderia nos cobrir.

—Nós não vamos conseguir — falei um pouco alto por conta do barulho dos trovões. Um raio iluminou o céu e caiu a poucos metros de nós. — É uma tempestade, Jonathan.

— Nós não podemos ficar aqui! — gritou, tentando limpar os olhos da água da chuva.

— O que nós vamos fazer, então? Sair correndo? Eu não consigo ver nada a mais de um metro de distância! Nós vamos nos perder!

— Precisamos voltar ao castelo, Catherine!

— Jonathan, se nós ficarmos debaixo dessa chuva, corremos o risco de ficarmos hipotérmicos e ainda sermos atingidos por um raio!

O príncipe olhou em volta, respirando pesadamente, e depois voltou a me encarar. Sem dizer nada, ele pegou minha mão e me arrastou para debaixo de uma árvore exageradamente alta. John quebrou alguns galhos que eram maiores que meu braço e colocou-os fincados no chão, formando um círculo. Depois, pegou outros e fez uma espécie de cobertura, amarrando a madeira com um cipó que encontrou.

Quando eu entendi o que Jonathan estava fazendo, aprontei-me em ajudar e recolhi algumas pedras, folhas e gravetos pequenos. Em poucos minutos, nós fizemos uma pequena cabana, dentro da qual ambos sentamos e eu armei uma fogueira improvisada. O espaço era pequeno e apertado, mas o “telhado” que John havia construído mal deixava que a chuva entrasse e, se eu conseguisse acender o fogo, nós poderíamos nos esquentar.

— O que você vai fazer? — ele perguntou, franzindo o cenho ao ver o amontoado de folhas e madeira. — Você nunca vai conseguir acender uma fogueira aqui, Catherine. Está tudo molhado.

Mais um trovão ressoou no céu. Eu o ignorei e peguei duas pedras, batendo-as uma contra a outra. Obviamente, ele estava certo, uma pessoa comum nunca conseguiria acender uma fogueira naquela situação. No entanto, eu não era uma pessoa comum. Concentrando-me, focalizei minha magia naquelas pedras e, depois de certa insistência, uma faísca brotou. Imediatamente, ela atingiu a folha mais próxima e o fogo se acendeu, alastrando-se pelo monte de galhos no chão.

—O fogo vai se apagar se não tiver mais nada além da madeira úmida para queimar — falei, ecoando em voz alta os meus pensamentos. Puxei uma parte da saia de meu vestido e a rasguei, lamentando mentalmente. *Íris vai me matar quando vir isso*, pensei. Coloquei o tecido no meio da chama e logo ele foi engolido, alimentando a labareda vermelha.

— Como fez isso? — Jonathan perguntou, encarando boquiaberto nossa única fonte de calor.

—Prática — respondi simplesmente, dando de ombros. Procurei não olhar diretamente para John para que ele não visse a mudança em meus olhos que resultava do uso dos meus poderes.

Ele me encarou por longos segundos e, quando percebeu que eu não diria mais nada, John apenas balançou a cabeça e puxou para mais perto de si o paletó encharcado que o cobria. Eu envolvi meu próprio corpo com os braços, tentando me esquentar. Meu vestido era tomara que caia e estava encharcado, portanto, eu estava tremendo de frio.

O príncipe percebeu meu desconforto e rapidamente desabotoou seu casaco, ficando apenas com a camisa que estava totalmente molhada. Quando entendi o que ele estava fazendo, me apressei em dizer:

— Não precisa se preocupar comigo, estou bem. Fique com seu paletó, você precisa mais do que eu.

— Não seja teimosa, Catherine. Você está tremendo de frio — ele falou, colocando sobre meus ombros a pesada roupa. Eu lhe lancei um olhar agradecido e recebi em troca um sorriso. — Assim está melhor.

—E quanto a você? Você é o príncipe. Se descobrirem que eu roubei toda a sua fonte de calor enquanto enfrentávamos uma tempestade na floresta, serei executada.

— Eu vou ficar bem, não se preocupe. Além disso, foi você quem acendeu o fogo no meio de toda essa chuva. Você merece os créditos de nossa sobrevivência nessa selva perigosíssima.

Eu ri. Aparentemente, não era a única que tentava melhorar as situações difíceis com piadas sem graça. Balancei a cabeça e encarei a fogueira. Puxei para mais perto de mim o paletó de Jonathan, e um fraco e discreto perfume subiu para meu nariz. *O perfume dele*. Era um cheiro amadeirado maravilhoso, que me fazia imaginar como seria abraçá-lo novamente e me aconchegar no meio daqueles braços...

Eu chacoalhei a cabeça. No que eu estava pensando? Eu não o conhecia. Não sabia nada sobre ele. Seu abraço poderia ser aconchegante, mas não aconteceria de novo. Nunca mais. Dentro de uma semana eu estaria indo embora e me despediria dele e de todas aquelas pessoas. Eu não podia me apegar a ninguém, muito menos ao *príncipe*. Respirei fundo e concentrei-me em não pensar em nada, mas quanto mais eu tentava, pior ficava. Então, me aprumei e tentei puxar algum assunto.

— Você acha que estão procurando por você? — perguntei. Jonathan, que estava encarando um ponto específico do

chão, passou a focar sua atenção em mim e sorriu.

— Não se preocupe, Catherine. Nós vamos retornar, de um jeito ou de outro.

— Eu sei disso. Não estou preocupada com a nossa volta. Estou preocupada com o que farão *depois* que retornarmos. Quero dizer, os guardas viram quando nós saímos correndo do jardim. Eles pensarão que a culpa é minha, que eu te sequestrei ou algo assim.

—Eu não vou deixar isso acontecer — ele disse, de forma séria. John se arrastou um pouco mais para perto de mim e da fogueira. — Ninguém vai conseguir te ameaçar, Catherine.

— Por que você me protege? — disparei, lembrando-me de seu pequeno ato heroico quando me defendeu da condessa. — Eu posso me cuidar sozinha, sabia?

—Quais chances você teria se o rei a acusasse de sequestro, Catherine? — perguntou. Desviei de seu olhar fixo em mim e respirei fundo. Por mais que não gostasse da ideia de alguém me “salvando do perigo”, sabia que ele estava certo. O príncipe suspirou e passou a mão pelo cabelo, demonstrando um claro sinal de frustração.

— Eu só gostaria de saber a razão do seu orgulho e relutância em relação a receber minha ajuda.

—Como você disse, não sou como as outras pessoas — soltei, virando-me para encará-lo. — Ao contrário daquelas garotas que você chama de competidoras, não gosto de ser tratada como uma donzela em apuros, porque eu não sou uma. Eu sei me defender das ameaças daquele castelo. E, só para constar, se você não tivesse me defendido da condessa em primeiro lugar, não estaríamos aqui, presos no meio da floresta e sendo ameaçados por uma tempestade.

— Se você não tivesse saído correndo sem rumo e nos levado até o pior lugar do reino, nós também não estaríamos aqui — ele disparou e se levantou, tirando o nosso telhado do lugar.

A água rapidamente preencheu a cabana e apagou o fogo, molhando o paletó de Jonathan em meu corpo e todo o resto das minhas roupas. No segundo em que o príncipe começou a andar pela floresta, afastando- se de mim, a realidade me atingiu e me arrependi de ter iniciado aquela briga. Qual era o meu problema? Eu estava brigando com um estranho da realeza apenas porque ele queria me ajudar e eu era teimosa demais para aceitar qualquer coisa vinda de alguém que não fosse meu pai — ou eu mesma.

A culpa era minha, eu sabia. Jonathan estava certo. Nós termos nos perdido na floresta era minha responsabilidade, ainda que não houvesse sido uma escolha voluntária. Eu levantei e me aprontei a correr para alcançá-lo, mas John não havia ido muito longe, apenas alguns metros de onde tínhamos nos acomodado. Eu o encontrei parado atrás de uma árvore, aparentemente se escondendo.

— O que está fazendo? — perguntei ao me aproximar.

Ele puxou-me pelo braço para ficar ao seu lado e me encarou de forma séria, sussurrando:

— Não estamos sozinhos.

Capítulo 12

Meu sangue gelou quando ouvi galhos se quebrarem. Eu olhei para Jonathan, mas ele estava ocupado procurando a fonte do som. A floresta era cheia de animais selvagens e perigosos, e muitos deles saíam para caçar à noite. E, pior que isso, havia bárbaros que aproveitavam a falta de segurança do castelo para se esconder entre as árvores e tentar saquear o lugar. Eu não duvidaria se um homem surgisse dos arbustos com uma espada na mão e tentasse nos matar, porque ele certamente reconheceria Jonathan como o príncipe herdeiro. O pior de tudo era que, se algo acontecesse conosco, a culpa seria toda minha.

Instintivamente, toquei o colar em meu pescoço, o rubi em forma de coração que meu pai me dera como lembrança de casa. Semicerrei os olhos para enxergar através da pesada névoa que se formava com o frio da tempestade e a umidade da floresta. Uma sombra se mexeu atrás das árvores, e eu abri a mão ao lado do corpo, sem conseguir impedir as faíscas que saltavam de meus dedos.

A silhueta se tornou cada vez mais definida conforme se aproximava, quebrando mais galhos no chão, e nem eu e nem Jonathan arriscamos correr para nos salvarmos. Não ainda. Era claramente uma pessoa e, se fosse um bárbaro, ele poderia facilmente nos alcançar. Portanto, a fuga estava mais para um plano B.

O príncipe dirigiu sua mão até o cinto como se procurasse, por instinto, a espada. Mas ela não estava lá, obviamente. Ninguém levaria uma arma para a mesa do almoço, principalmente com toda a proteção do castelo. Meu coração acelerou quando finalmente a sombra alcançou meu campo de

visão e eu comecei a pensar que poderia virar parte da árvore em que me segurava quando reconheci o rosto à nossa frente. Controlei-me para não chorar de alívio e soltei a respiração que não percebi que havia prendido.

— Alteza? Senhorita Fairway? — Ean disse vindo até nós. Ele estava com a espada desembainhada e sua armadura estava impecavelmente reluzente, apesar de encharcada. Seu cabelo caía nos olhos dotados de preocupação, que se dissipou assim que ele nos viu, sendo substituída pelo alívio. — Graças a Deus, encontrei vocês! Vocês estão bem?

O guarda nos examinou com os olhos e, por um segundo, pensei que fosse nos abraçar, entretanto, apenas manteve a distância e guardou a espada de volta na bainha. Suas mãos tentavam insistentemente limpar os olhos da água da chuva, sem sucesso.

— Estamos bem, Ean, mas não por muito tempo. A chuva está aumentando a cada segundo. Você consegue se lembrar do caminho de volta ao castelo? — Jonathan perguntou, e eu reparei que ele não usara o título para se referir ao soldado Listern. — Precisamos sair daqui. Catherine está tremendo.

— É claro, Alteza. Venham comigo.

Começamos a andar pela floresta com Ean liderando o caminho. Enquanto tentava desviar dos galhos baixos que arranhavam meu rosto, percebi que o príncipe estava certo: a chuva só aumentava, e eu estava congelando. O paletó que ele me dera estava ensopado, tornando-se quase inútil em seu papel de me esquentar. E ele bloqueava o vento gelado e cortante, e aquele era um ponto forte, considerando que eu estava sem proteção alguma nos ombros devido ao vestido tomara que caia.

Depois de quase dez minutos andando em silêncio, Ean finalmente cedeu à curiosidade e disse:

—O que vocês vieram fazer aqui? Digo, se me permite perguntar, Alteza.

— Foi minha ideia — apressei-me em dizer, interrompendo qualquer desculpa que Jonathan estava planejando

dar. Ele me olhou com raiva. — Eu quis me aproximar um pouco mais da natureza para me sentir em casa.

—Catherine, pare com isso — o príncipe disse, parando de andar abruptamente e se virando para mim. Quase esbarrei nele. — Ninguém vai acreditar nessa história. Você chegou aqui há menos de uma semana, não tem como ter saudades de casa. Não tão cedo assim.

— O que você sugere que eu faça, então? Diga a verdade? — retruquei rispidamente, cruzando os braços.

— Deixe-me lidar com isso, por favor. Senão por si mesma ou por mim, o faça por seu pai. O que acha que as pessoas pensariam ao saber que você foi expulsa do castelo pelo rei em pessoa? E se você for culpada de sequestro, o que seu pai faria? A vida dele estaria arruinada, e a sua também. Não seja orgulhosa, Catherine Fairway. Deixe-me ajudá-la.

Eu desviei os olhos para uma árvore atrás do príncipe. Não queria encará-lo. Ele estava certo, minha situação era bastante delicada, mas eu não iria admitir. Suspirei e olhei rapidamente em seus olhos, dizendo antes de voltar a andar:

— Está bem. É a última vez, entendido?

— Sim, senhorita. Obrigado.

Um sorriso surgiu em seus lábios, mas não fiquei para ver. Recomecei a caminhada, passando por ele e por Ean. O guarda teve que correr para me alcançar, voltando a liderar a fila. Ele não perguntou mais nada, e eu sabia que devia estar corroendo-se de curiosidade para saber o que havia nos levado a esta pequena e desastrosa aventura. Tentei não pensar no verdadeiro motivo enquanto construía alguma mentira em minha mente para ajudar Jonathan, caso ele travasse.

Após mais alguns minutos andando debaixo da chuva, pude avistar as torres do castelo ao longe e soube que estávamos seguros. Respirei aliviada. As bandeiras tremulavam acima dos postos onde guardas vigiavam pacientemente o limite da floresta, atentos a qualquer indício de movimento na propriedade real. Quando nos viram, imediatamente voltaram para dentro, provavelmente para comunicar ao rei de nosso retorno.

Eu suspirei, temendo o que estava por vir. Jonathan colocou a mão no meu ombro e o apertou em um gesto que dizia “fique calma, nada vai acontecer”. Dei um sorriso curto e tentei encarar sua ajuda como algo bom, porque realmente era, embora minha teimosia insistisse em me dizer que eu deveria cuidar disso por mim mesma. Perguntei-me se seria mesmo teimosia... ou instinto.

—Jonathan Wallace Baron Heronwood! — Ouvi a voz da rainha antes de vê-la e tive vontade de rir ao descobrir o nome do meio do príncipe. Ele me olhou, com o constrangimento estampado nos olhos.

— Jonathan Wallace? Mesmo? — falei baixo, segurando uma risada.

— Eu também não gosto — sussurrou em resposta. Suas bochechas estavam levemente vermelhas.

— Culpe minha mãe.

—O que pensou que estava fazendo? — A voz da rainha tirou de mim toda a diversão. Ela gritava para se fazer ouvir acima do barulho da chuva e não parecia se importar com o fato de estar molhando seu vestido absurdamente caro na chuva. Foquei-me no problema que estava por vir, e nós finalmente paramos de andar quando chegamos ao meio do jardim, onde Angelic Baron havia nos alcançado. Assim que se certificou de que o filho estava fisicamente bem, voltou ao seu sermão, falando com ele como se fosse apenas uma criança mal criada. — Seu pai não vai gostar nada disso, mocinho.

—Mãe, por favor... Vamos entrar, aqui está chovendo e nós estamos congelando.

Por um segundo, pensei que ela fosse discutir conosco no meio do jardim, debaixo da tempestade. Mas a razão pareceu voltar a ela e sua raiva dissipou minimamente, dando lugar à preocupação. Angelic concordou e nos levou para dentro, falando com Jonathan e ignorando completamente a minha presença e a de Ean. Achei melhor assim. Se não nos vissem, não estaríamos aqui. Era essa nossa importância nesse lugar.

Deram-nos toalhas secas e roupas quentes, e não permitiram que tomássemos banho antes que fôssemos falar com o rei. Ele realmente estava apressado para brigar. Com a improvisação das vestimentas, acabei aceitando uma camisa branca que era o triplo do meu tamanho e uma calça preta, um pouco maior que meu quadril. O cheiro presente nas roupas era familiar e reconheci-o como sendo o perfume de Jonathan. Provavelmente, aquelas eram as roupas dele.

Depois que me troquei em uma sala fechada no meio do corredor do castelo, um guarda me escoltou até o salão, que havia acabado de receber as competidoras para o jantar e, portanto, estava em processo de limpeza. No entanto, o rei esperava pacientemente no trono, como se não se importasse com os inúmeros criados que passavam apressadamente pelo lugar com pilhas de pratos, taças e talheres equilibrados nas mãos.

Quando nos viu, Stephen Heronwood levantou-se rapidamente e, com um gesto, dispensou todos os empregados, que foram embora e fecharam a porta atrás de si. A rainha não estava, seu discurso havia terminado e ela não tinha mais nada para dizer. Eu e John estávamos parados em frente à porta, e o rei nos encarava. Agora éramos somente nós três, e eu tinha a leve impressão de que não ficaria invisível por muito tempo.

—Jonathan Heronwood, primogênito da realeza — começou o rei, descendo lentamente do palanque onde ficavam os tronos e a mesa da família real —, príncipe herdeiro do trono de Cannehor, filho de Stephen Heronwood. Com tanta responsabilidade nos ombros e ainda assim... uma decepção para o reino. — Eu franzi a testa. Por que diabos o rei falava daquele modo com seu próprio filho? O que é que havia de tão ruim em ter se perdido na floresta? Foi um acidente! Olhei para John, mas sua expressão estava impassível, seu maxilar contraído. Tive a impressão de que não era a primeira vez que ele escutava algo daquele tipo. — Você tem alguma noção da quantidade de problemas que me causou, Jonathan? Fugir com uma garota, assim, no início da competição? Eu pensei que fosse melhor que isso, menino.

Eu engasguei. *Fugir com uma garota?* O que ele pensava que eu era? O que ele pensava que *John* era?

O olhar que Stephen dirigiu a mim respondeu à minha pergunta. Ele pareceu notar-me pela primeira vez e continuou a se aproximar lentamente de nós com as mãos atrás das costas, como se fosse uma cobra prestes a dar o bote. E ele atacaria a nós dois.

—E você, senhorita *Fairway* — continuou e o modo como disse meu nome me fez estremecer. Finalmente, ele parou diante de nós e o dourado pálido e frio de seus olhos me causou pânico —, em que mundo a senhorita pensou que pudesse fugir com um *príncipe*? Certamente, muitas camponesas como você iriam querer. Mas tentar? Não são tantas que o fazem. Portanto, diga-me, pois estou curioso. O que passou por sua cabeça no momento em que teve tal ideia?

— Com todo o respeito, Majestade, eu não sei do que o senhor está falando — eu disse, engolindo o medo e mantendo-me na mesma postura que ele: queixo erguido e mãos atrás das costas, a marca registrada da arrogância.

Fagulhas brilharam em seus olhos, indícios do único sentimento que imaginei que ele possuísse: raiva. Podia dizer que por essa o rei não esperava. Jonathan deu um passo à frente e colocou-se em seu campo de visão, tirando a atenção de mim. Respirei por um segundo, mas não ousei decompor a postura.

—Majestade, por favor. O senhor sabe bem que nada disso aconteceu, são apenas rumores — o príncipe disse. Não me surpreendi por ter usado o título real com seu próprio pai. Àquela altura, nada mais vindo do rei poderia me surpreender. — Foi um acidente, culpa minha. Estávamos andando, nos distraímos e acabamos nos perdendo no meio das árvores. Enquanto tentávamos voltar, começou a chover e decidimos permanecer debaixo de uma árvore usada como abrigo até que pudéssemos achar um meio de retornar. Foi quando o soldado Listern nos encontrou.

Não era inteiramente verdade, e também não era inteiramente mentira. John apenas havia ocultado a parte que eu corri como uma louca até uma clareira no meio da floresta que

nunca havia visto antes — ou, pelo menos, não fora dos sonhos —, mas que, misteriosamente, eu havia encontrado o caminho sem hesitar. *Supernormal*.

— Você não deveria ter permitido que algo assim acontecesse, Jonathan. Você tem responsabilidades dentro desse castelo, tem uma reputação a zelar. Não pode simplesmente se jogar de cabeça em qualquer brincadeira estúpida que pareça divertida. Você tem dezenove anos, e não treze. Não é mais uma criança; é um adulto, um príncipe e, em breve, será um rei. O que o povo pensará se alguém como você subir ao trono? Já parou para pensar que o seu futuro está em jogo aqui? Você precisa mudar, Jonathan, e crescer de uma vez por todas. Sem mais jogos. Está ouvindo?

Eu estava estupefata; meu queixo quase chegava ao chão. E novamente Jonathan permanecia com o maxilar trincado e a indiferença estampada em cada centímetro de seu rosto. Aquilo era um absurdo!

—Sim, senhor. Farei isso — ele respondeu com um aceno, como se Stephen estivesse pedindo-lhe para arrumar o nó da gravata.

— Não me desaponte — concluiu, encarando por mais alguns segundos o rosto do filho para depois voltar-se para mim. — E não quero que volte a ver essa menina. Tenho certeza de que ela lhe botou ideias erradas na cabeça. Não viu o que aconteceu hoje de manhã? Ela atormentou profundamente a pobre senhorita Lewis. Mantenha distância, está ouvindo? — disse, como se eu não estivesse parada bem na sua frente. Pareceu pensar por um segundo e depois acrescentou mais um pensamento à sua ideia genial. — É melhor que você a coloque na *lista*. Fique tranquilo, é apenas uma camponesa. Existem outras por aí.

Eu me ofendi profundamente, apesar de não saber exatamente à qual lista ele se referia. Meus olhos deveriam estar do tamanho de laranjas devido ao espanto, e o que Jonathan havia temido pareceu estar tornando-se realidade: eu sendo expulsa do castelo e arruinando a reputação de meu pai. E a minha.

—Majestade... — John tentou argumentar, mas eu o impedi. Coloquei-me ao seu lado e encarei o rei, dessa vez erguendo a cabeça ainda mais para olhá-lo nos olhos. Ele era tão alto quanto o príncipe.

— Perdoe-me, Majestade, se o senhor pensa que *eu* sou a pessoa com ideias erradas por aqui, está muito enganado. Eu o aconselharia a conhecer as outras competidoras antes de me julgar erroneamente e verá que estou certa. E, quanto à Charlotte, o príncipe e eu já deixamos bem claro que não tive nada a ver com o incidente. Portanto, se me permite dizer, eu acho absurdamente injusto que o senhor me puna por algo que não cometi. Não é assim que um rei deveria agir, é? — perguntei, semicerrando os olhos. Sim, eu fiz aquilo. Sem pensar. E sim, me arrependi.

Profundamente.

Capítulo 13

O ar da sala pareceu ficar estático enquanto o rei me encarava por longos segundos, parecendo fazer um imenso esforço para controlar a raiva. Eu tentei manter a compostura e não fraquejar, embora fosse imensamente impossível. Quando ele finalmente desviou os olhos dos meus, foi para fixar em um ponto abaixo de meu pescoço. Eu suspirei levemente, aliviada, mas depois percebi que não havia me livrado da situação. Apenas entrado em outra ainda pior.

Os olhos dourados do rei lentamente cresceram até ficarem de um tamanho humanamente impossível, preenchidos de horror. Reconhecimento passou por seu rosto, e pude jurar que ele perdeu o fôlego por um segundo.

— Onde conseguiu isso? — perguntou em um sussurro, com a voz trêmula. Segui seu olhar e avistei meu colar, o que Luke havia me dado. A pedra cor de sangue brilhava timidamente sob a luz das velas do lustre acima de nós. — Quem te deu esse medalhão?

— Por que o senhor quer saber? — indaguei, recuando um pequeno passo quando ele se aproximou. Tinha plena consciência de que não era a resposta que eu deveria ter dado, mas não pude me controlar. Aquilo estava ficando esquisito demais, até para mim.

Minhas palavras pareceram despertá-lo de um transe hipnótico causado pela joia e o rei voltou a me olhar nos olhos. Tão rápido quanto havia chegado, o medo sumiu de sua expressão e foi substituído por uma raiva inumana. Eu recuei mais um passo, batendo as costas contra a porta. Jonathan se colocou na frente do pai, impedindo que ele avançasse até mim.

— Tire essa garota daqui! Eu não quero uma delinquente em minha casa! — ele gritou, tentando aproximar-se, mas o príncipe continuava a contê-lo. — Ela é uma bruxa! Tire-a daqui!

— Pai, pare com isso. Pai! — John disse por cima dos gritos de Stephen, tentando acalmá-lo. — Pai, se acalme. Ela é só uma garota!

Eu saí de onde estava quando ele investiu mais uma vez em minha direção, e agora pai e filho disputavam entre si. Eu me choquei com a cena e percebi, com assombro, que sim, havia coisas sobre o rei que poderiam me surpreender. E aquela era uma dessas.

— Stephen Heronwood, pare com isso! — o príncipe tentou mais uma vez. E, quando o pai continuou tentando passar por cima dele aos berros, só pude ver o punho fechado de Jonathan atravessar o ar e atingir a lateral da cabeça do rei.

Eu cobri a boca com as mãos e me encolhi na parede, encarando. O rei estava desmaiado no chão, e Jonathan o olhava com decepção e cansaço. A porta se abriu violentamente e um amontoado de guardas entrou e registrou a cena. Depois, eles dirigiram o olhar ao príncipe, que balançou a cabeça, e alguns dos soldados suspiraram. Aparentemente, aquele não era um acontecimento muito incomum no cotidiano do castelo. Eu me perguntei o quão louco um ser humano poderia ser, mas, ao ver tudo aquilo, concluí que nunca conseguiria chegar a uma resposta. Não sem antes viver anos naquele lugar, junto daquele homem.

O príncipe, com a expressão profundamente perturbada, virou-se para mim. Rapidamente certificou- se de que eu estava bem e então disse:

—Você deveria ir. Não deveria ter presenciado isso.

Eu não esperei por mais nada. Apenas assenti e me virei, dando as costas ao rei insano e seu filho acostumado a uma vida de insanidades. Senti pena de Jonathan e tive vontade de ajudar, mas não olhei para trás quando saí do salão. Ele estava certo. Eu não deveria ter visto aquele episódio.

Quando cheguei ao meu quarto, encontrei uma completamente desesperada e ansiosa Íris, andando de um lado

para o outro. Ean estava perto dela, tentando acalmá-la sem sucesso algum. Assim que ouviu o barulho da porta se abrindo, a garota virou-se para mim e pulou em meus braços, tirando meu fôlego.

— Minha nossa senhora! — exclamei, lutando por oxigênio. — Estou feliz em vê-la também, Íris.

A criada pareceu perceber que me apertava de um modo exagerado e se afastou abruptamente. Ela ficou desconcertada pelo abraço repentino, o que me fez rir, mas também parecia aliviada e contente em saber que eu estava bem.

— Desculpe-me, senhorita, fiquei tão preocupada quando você e o príncipe não apareceram depois do passeio... Eu até fui ao jardim procurar vocês, mas só encontrei seus sapatos. Olhe!

Ela correu até o canto do quarto e pegou o salto que eu usava antes, agora completamente molhado e estragado. Eu mordi o lábio e olhei nervosamente para ela, lembrando-me do vestido rasgado.

—Tem algo que eu preciso dizer... — comecei. Os irmãos se entreolharam, preocupados. — Fiquem calmos, não é nada “vida ou morte”. Mas... bom, como vocês sabem, eu me perdi na floresta com o príncipe e começou a chover. Nós precisávamos de algo para nos esquentar, portanto, decidi fazer uma fogueira. Só que... o fogo iria apagar se eu o alimentasse apenas com a madeira úmida, então eu tive que usar um pedaço da saia do vestido para que ele não se apagasse. Eu espero que não se importe, Íris, sinto muito. Era um ótimo vestido, prometo tentar recompensá-la.

Eu falei tão rápido que Ean e Íris ficaram alguns segundos em silêncio quando eu terminei, tentando assimilar a história toda. Quando finalmente entenderam, uma gargalhada preencheu o quarto, e eu fiquei confusa. A criada ria e se inclinava para frente, apoiando a mão na barriga.

— Desculpe-me, senhorita... — falou quando conseguiu se controlar e recuperar o fôlego. Um sorriso surgiu em meus lábios. Aquela não era a reação que eu estava esperando, mas com certeza era a melhor. — Não há problema algum em ter rasgado,

senhorita Catherine. Eu só fico feliz de que vocês tenham podido se esquentar e que estejam bem. Diga-me algo... Como conseguiu acender uma fogueira no meio da chuva?

Eu estava prestes a inventar uma ótima mentira quando uma batida soou na porta. Salva pelo gongo! Apressei-me em abrir e dei de cara com Matthew, que sorriu ao me ver. Seu olhar se dirigiu até um ponto acima da minha cabeça.

—Posso roubar a senhorita Fairway por alguns minutos? — perguntou, voltando seu olhar para mim.

— É claro, Alteza! — a criada se apressou em dizer e começou a empurrar o irmão até o corredor. — Ean e eu já estávamos de saída.

— Obrigado, Íris. Ean — ele cumprimentou com um aceno, que foi devolvido acompanhado de um sorriso. — Tenham uma boa noite.

A porta se fechou atrás do príncipe e ele me encarou, semicerrando os olhos. As fendas no meio das íris verdes se intensificaram, como olhos de gato. Ou de cobra.

— Como você está? — perguntou de forma séria, e eu soube que não se referia ao fato de eu ter ficado debaixo da chuva por horas.

— Eu não sei, honestamente. — Suspirei e sentei-me na cama. Matthew me acompanhou. — Eu estou tentando lidar com tudo isso ainda. É muito para processar em apenas um dia. Você certamente ouviu sobre o surto do rei...

— Sim. O colar. — Matt suspirou e baixou os olhos até a joia. Ele parecia ansioso. — Acho que está na hora de você saber.

— Saber o quê? — Franzi a testa. Eu pensava que o rei estava louco, mas, aparentemente, ele não era o único. Aquilo era só um colar... não era?

—Não, Catherine. Não é apenas um colar — o príncipe respondeu ao ouvir minha pergunta expressa mentalmente. — É um medalhão e pertenceu à sua mãe biológica.

— Minha mãe? Não, não pode ser. Eu não a conheci, Matthew, e foi meu pai quem me deu. Ela certamente não o

conhecia.

—Você a conheceu, sim, querida. Você apenas não se lembra. Pense em seus sonhos, nos flashes que teve na clareira. Havia uma mulher em suas visões. *Ela* era sua mãe. E o homem era seu pai.

Minha cabeça girou. Tentei processar o fato de que eu sonhava — ou melhor, tinha *visões* — com meus pais biológicos, dos quais não me recordava.

— Isso não faz sentido. Eu me lembraria deles, eu tenho certeza. Era minha família!

— Você não pode se lembrar. Suas memórias foram apagadas, Catherine.

—Por quem? — De repente, algo me ocorreu. Estreitei os olhos. — Você?

Ele me olhou de um jeito estranho, como se estivesse ponderando se me contaria ou não. Por fim, decidiu dizer, vagamente:

— Vamos apenas nos concentrar na joia. — E com isso minha desconfiança quanto às lembranças foram embora, magicamente. De súbito, só me importava com o rubi que rodeava meu pescoço. Os dedos longos e frios de Matthew tocaram meu colar e seus olhos examinaram com cuidado o medalhão. — Você deve saber que a magia é algo hereditário, certo? Pelo menos, a magia branca.

— Não sabia, na verdade. O que isso quer dizer?

—Significa que, se você nasceu com poderes no sangue, com certeza um de seus parentes também tinha esse dom. No seu caso, era sua mãe. — Matt dirigiu seu olhar para mim, com a expressão cuidadosa. Ele estava indo aos poucos, com medo de que eu surtasse por ter de absorver tanta informação de uma só vez. — É por isso que ela tinha esse medalhão. Ele é mágico, e, se usado corretamente, pode aumentar os poderes de alguém em proporções inimagináveis. Felizmente, só funciona com magia da luz.

Processei rápido o fato de que minha mãe biológica tinha poderes. Na verdade, já havia ponderado esse fato muitas vezes antes.

Foi sua última frase que realmente me intrigou.

— Existe outro... *tipo* de magia?

Matt levantou-se e começou a andar pelo quarto lentamente, parando de tempos em tempos para examinar algo nas paredes, na penteadeira, na janela, no guarda-roupa. Enquanto perambulava, dizia:

—Sim. Como tudo no mundo, até a magia tem dois lados. O oposto da luz são as trevas, e é chamada de magia negra. Pessoas que a possuem não nasceram com ela, mas adquiriram ao longo de sua vida através de feitiços, chamados de maldições. Quando uma pessoa faz seu primeiro encanto das trevas, algo dentro dela muda. Seus sentimentos se distorcem e todo o amor se transforma em ódio. Um bruxo ou feiticeiro, como são chamados, não é capaz de sentir afeto por nada ou ninguém, e isso escurece sua alma. O reflexo disso é notado em seus olhos, que perdem a cor e a vida e se tornam totalmente pretos.

— Isso é horrível. — Arfei, perdendo o fôlego. Eu encarei o príncipe à minha frente, que tinha parado de andar assim que concluiu sua explicação, num *timing* perfeito. — O que levaria uma pessoa a fazer uma coisa assim? Perder todo o amor pelas coisas por causa de... o quê? Um pouco de poder?

— Sim, poder. Não apenas um pouco. Na verdade, alguns bruxos são muito mais fortes do que a maioria de nós, portadores da luz, simplesmente por terem facilidade em matar e destruir. Os magos, que é o que somos, controlam e dominam a natureza em todos os seus diferentes aspectos, só podendo criar e mudar. A maioria controla, em partes, um ou dois elementos. Nunca podemos dominar a natureza completamente, sempre há poderes que simplesmente não existirão em nós, mas nos outros sim. Você é uma rara exceção, e eu ousaria dizer que é a mais poderosa dentre todos simplesmente pelo fato de ter o dom de controlar quatro dos cinco elementos da natureza. Você pode fazer o que quiser, desde uma pequena rajada de vento até um grande incêndio causado por um raio de uma tempestade.

—Eu não tenho certeza de que iria querer fazer algo assim — murmurei, encarando o chão. Matt sentou-se novamente ao meu lado e pareceu agitado. Falar daquilo aparentemente despertava nele certo sentimento de urgência, por algum motivo. Não me importei. Queria saber mais. Voltei a olhá-lo. — Qual seria o quinto elemento?

— O meu. — Sorriu. — O elemento dos sentimentos, dos seres humanos. Espírito. Em termos técnicos, o mago que o possui em si pode controlar desde objetos até pessoas e suas mentes. Há também um rumor que diz que nós podemos possuir o dom da cura, mas nunca vi alguém capaz de fazer isso em larga escala. Seria maravilhoso. Se bem desenvolvido, este poder afetaria imensamente o universo mágico. Pessoas em seu leito de morte poderiam ser salvas com apenas um toque. Ou, pelo menos, são estes os rumores quanto a isso.

Eu arregalei os olhos, ponderando a ideia. Nunca imaginei que um dia estaria tendo uma conversa desse tipo, com magos, feiticeiros, magia negra e branca... Era bom não estar e não me sentir mais sozinha, como se não fosse mais a única pessoa diferente que existisse. Perguntei-me se havia tantos de nós no mundo como aparentava haver, pelo jeito que Matt falava. Quando olhei para o príncipe novamente, ele me respondeu:

—Eu conheci apenas alguns. Posso contar nos dedos. — Fez uma pausa e sorriu tristemente. — Sua mãe estava entre eles.

Eu franzi a testa, de repente recordando-me do que havia acontecido há apenas algumas horas. Suspirei. A empolgação esvaiu-se pouco a pouco, conforme a imagem de meus supostos pais biológicos sentados em uma toalha de piquenique passava por minha mente novamente, trazendo junto a lembrança da clareira escura e sombria.

— Você sabe o que... — hesitei. Limpei a garganta. Não estava certa se queria mesmo saber o que estava prestes a perguntar. — Você sabe o que aconteceu a eles?

Você já sabe a resposta para essa pergunta, querida — Sua voz ressoou em minha mente, suave e gentil como um sussurro, como se fosse algo ruim demais para ser dito em voz alta.

Eu suspirei. É, eu sabia. Tinha sentido a tristeza e visto nos flashes de visões o sangue derramado pela grama. Um tremor passou por minha espinha, mas foi só isso. Sem lágrimas ou gritos ou sofrimento. Eu não conseguia me ressentir, pois não me lembrava de nada. Não me lembrava deles, nem de seu amor por mim.

— Você vai se recordar. Eu prometo — Matthew disse, inclinando a cabeça para o lado e pegando minha mão. Forcei um sorriso. — Em breve, você verá.

****

Naquela noite, dormi por menos tempo que o usual. Uma visão veio perturbar meu sono, e esta era quase igual à anterior. Quase.

O homem e a mulher sorriam para mim e me chamavam para que eu me juntasse a eles, como eu havia visto antes. Seus rostos ainda estavam desfocados, porém felizes, e a toalha ainda estava cheia de comidas. Só que desta vez um colar brilhava intensamente no pescoço da mulher.

Reconheci o cordão de ouro e a joia vermelha em formato de coração que supostamente formavam um medalhão mágico.

Era o *meu* medalhão.

Capítulo 14

Cinco dias passaram e, durante todos eles, não parei de me fazer perguntas um único segundo. Como Matthew sabia de tudo o que havia me contado? Quem apagou minhas memórias? Por que o rei me chamara de bruxa e como ele e meu pai se encaixavam em tudo isso? E, o mais importante, quem matou meus pais biológicos?

Obviamente, quando perguntei estas coisas para Matthew, ele não respondeu. Nenhuma delas. "*Quando chegar a hora certa, você saberá, querida*", dizia com seu tom vago, que já se tornava familiar. Logo, eu desisti de tentar saber. Ele não iria me contar, não enquanto *a hora certa* não chegasse. E eu não estava mais tão determinada a procurar as respostas. As possibilidades que se formavam em minha cabeça eram assustadoras o suficiente para me fazer hesitar.

Também, nesses cinco dias, não vi o rei. Nem um mínimo indício da existência dele, a não ser a crescente curiosidade das competidoras, que era alimentada sempre que ele não aparecia nas refeições no salão principal. Mas eu sabia o que havia acontecido. John me evitara a semana inteira, porém eu havia conseguido arrancar respostas de Ean. Ele me disse que o rei sempre se isolava e ficava dias, até semanas, sem aparecer quando tinha uma de suas crises de loucura. Por algum motivo, não me surpreendi.

Quando eu estava começando a encarar a esquiva de Jonathan como algo pessoal, sua ausência se mostrou, na verdade, bastante conveniente, pois, com ela, veio a presença de outras pessoas. A menina estranha dos olhos negros, Marian, aproximou-se de mim na manhã seguinte ao surto do rei e ao acidente na floresta. Eu não sabia se ela estava sendo legal comigo por

educação ou apenas porque não tinha mais ninguém para conversar, assim como eu, contudo, ela era uma pessoa interessante.

Nós passamos a ficar várias horas conversando depois das refeições, no jardim ou em nossos quartos. Nossas criadas nos faziam companhia, mas sempre tinham seus próprios assuntos. Repentinamente tornou-se rotina o momento em que nos encontrávamos para contar as fofocas e matar o tempo. Os assuntos eram sempre comuns, sobre nossas vidas, nossas famílias, nossos interesses. Nada fora do normal. Porém, em um dia, estávamos sentadas na mesa de minha sacada quando Marian simplesmente parou de rir de uma piada que havia feito e ficou me encarando.

— O que foi? — perguntei, franzindo as sobrancelhas. Pousei a xícara do chá que bebia no colo, abaixando também o pires, e inclinei a cabeça para o lado. A garota me dirigiu um olhar de pena e a imensidão negra de suas íris me fez arrepiar, como sempre. Todas as vezes que olhava para ela lembrava-me do que Matt havia dito sobre feiticeiros que não tinham sentimentos e seus olhos escureciam por isso. Chacoalhei aquele sentimento para fora da cabeça e me concentrei no presente. Ela era uma pessoa normal.

— Quase sinto pena quando olho para você, Catherine Fairway... — murmurou, balançando a cabeça. Fiquei confusa. De repente, levantou-se e deixou a bebida na mesa, dirigindo-se até a porta da sacada enquanto voltava a falar. — Eu preciso ir. Nós nos vemos por aí.

— Espere, Marian... — comecei a dizer, levantando-me também. Contudo a garota já estava atravessando o quarto e, antes que eu pudesse dizer qualquer outra coisa, a porta bateu e eu me vi sozinha.

Olhei em volta tentando entender o que havia acontecido. Por que é que ela iria dizer que sentia pena de mim? Talvez pensasse que eu fosse ser expulsa da competição por estar sendo

evitada pelo príncipe. Fazia sentido, mas, durante essa semana que passara, eu me aproximara dela o bastante para perceber que se importava com a competição tanto quanto eu. Era uma coisa trivial para ambas, embora estivéssemos aqui, no castelo, participando de algo do qual nenhuma de nós concordou voluntariamente em fazer parte.

Okay, talvez ela não fosse tão normal assim... Mas ainda era minha amiga, de uma forma diferente das antigas amizades que havia sustentado ao longo dos anos, com filhos de clientes do meu pai que quase nunca via. Ela, Ean e Íris tinham se tornado especiais rapidamente, porque eram as únicas pessoas que conseguiam fazer com que me sentisse normal... ou quase. Era engraçado o fato de que eu havia me aberto tanto para conhecer essas pessoas, embora, no começo, eu tenha relutado tanto.

Por isso, saí do quarto e fui atrás de Marian. E, quando cheguei ao corredor, ela havia sumido. Andei até a porta das escadas e desci um lance, tentando imaginar para onde ela havia ido. Dobrei a esquina de um corredor rapidamente, quase correndo, e acabei trombando com algo. Ou melhor, *alguém*.

Mãos frias e fortes me seguraram antes que eu fosse para o chão, e eu me agarrei à camisa preta do homem à minha frente. Eu conhecia aquelas mãos. Olhei para cima e sorri, soltando-me do príncipe.

—Tenha cuidado, querida. Você pode acabar se machucando se ficar correndo por aí.

—Que bom que eu tenho você para me salvar, então. Meu belo príncipe encantado — brinquei, fazendo os olhos amarelados rolarem. Matthew sorriu, mesmo com a piada ruim. Endireitei-me e abri a boca, mas o que ia falar foi interrompido por uma voz.

— Matt, nós precisamos conversar sobre isso, quer você queira ou não. Não vou deixar... — Jonathan dizia. Ele parou de falar quando saiu de trás do amigo e me viu. Sua expressão se

tornou séria. Por um segundo, não soube o que dizer. Assim, apenas fiz uma pequena reverência.

— Vossa Alteza — disse, um pouco desconcertada.

— O que está fazendo aqui? — perguntou, colocando-se ao lado de Matthew.

— Eu estava procurando uma amiga.

— Não sabia que tinha feito amigos.

— Você saberia se estivesse falando comigo.

Matt assobiou baixo e deu um pequeno passo para o lado, tentando sair disfarçadamente antes que uma discussão começasse. Porém, John segurou seu braço e o encarou.

—Nós precisamos conversar, Matthew Wayne. Não tente fugir dessa vez.

— Não estou fugindo. Apenas não estou interessado em ficar no meio de uma briga de casal.

— Não somos um casal — o príncipe e eu falamos em uníssono enquanto nos entreolhávamos. No momento, eu mal podia nos chamar de amigos, muito menos de casal.

—Certo. Ainda assim, não gosto de brigas. Sou um homem da paz, vocês sabem.

—Claro. Tão pacífico que não consegue discutir nem o futuro do próprio reino. — De forma disfarçada, Matt rolou os olhos. Mas John percebeu, porque não parava de encará-lo um segundo. Ele estava evitando me olhar. Fiquei com raiva.

—Não seja tão melodramático, querido — Matt disse, e eu percebi que ele adorava chamar a todos assim. — Não estamos falando do futuro do reino aqui, e sim de uma pessoa.

— Sim, a pessoa que manda em todos nós.

—Fale por si só. Ninguém me controla, muito menos aquele seu pai louco. Sem ofensas.

— Vocês estão falando do rei? — falei, dando um passo à frente. Ambos se viraram para mim, e Matthew pareceu aliviado, ao passo que a raiva de Jonathan apenas aumentou. — O que houve com ele?

— Ah, nada demais, minha querida. Pelo menos, nada que nunca tenha acontecido. Um pequeno surto aqui, outro ali. Apenas um pouco mais forte dessa vez — disse, e soube que estava mentindo. Ele podia ser incrivelmente poderoso e capaz de manipular a mente das pessoas, mas era um péssimo mentiroso.

Pensei em como Stephen havia ficado quando viu o colar e em como foi necessário que o próprio filho o apagasse para fazer com que se acalmasse. Eu não sabia como as coisas eram normalmente por aqui, mas podia perceber que o que havia acontecido estava bem longe de ser “nada demais”.

Olhei para Jonathan. O príncipe herdeiro, crescido no castelo, com comida na mesa, roupas no corpo e uma cama confortável por toda sua vida. Mas fadado a viver com um pai enlouquecido e instável. Algumas coisas materiais, por melhores que pudessem parecer, não importavam quando você não tinha aquilo que era mais importante para uma pessoa: amor.

Os olhos dourados de John encontraram os meus por um breve segundo antes de se voltaram para o chão, e eu soube que havia muito mais para entender naquela história do que aparentava haver. Balancei a cabeça e me voltei para Matt.

— Você e eu sabemos que está mentindo, Matthew. Por que não me conta a verdade? — Cruzei os braços. Ele fungou e encarou Jonathan, que devolveu o olhar raivoso.

—Bem, acho que vou deixar esta tarefa para o príncipe galã aqui. Tenho muito a fazer, e vocês precisam mesmo conversar.

— Não ouse fugir e me deixar sozinho aqui novamente, Matthew — John ameaçou, segurando o ombro do amigo.

—É essa sua maneira de dizer que não me quer por perto? — soltei.

Encarei Jonathan e sustentei o olhar impaciente que ele me dirigiu por longos segundos. Sua expressão dura pareceu quebrar-se por um momento e ele soltou o aperto em Matt, que saiu andando rapidamente na primeira chance que viu. John se virou para mim e suspirou, balançando a cabeça.

— Você é tão teimosa.

Sorri.

— Você não faz ideia.

— Vamos para outro lugar. Não é bom conversarmos sobre isso aqui.

O príncipe e eu começamos a andar em direção à escada e subimos alguns lances em silêncio. Ele não me ofereceu seu braço, e eu não reclamei, muito menos pedi por aquilo. Tinha a impressão de que seria assim por algum tempo.

Nós apenas paramos de caminhar quando as escadas acabaram e demos de cara com uma porta de madeira. John a abriu e a luz do sol me fez piscar, conforme meus olhos ajustavam-se à claridade. Tínhamos chegado até uma das torres do castelo e estávamos no lugar onde um guarda deveria estar.

— Este posto fica geralmente desocupado durante o dia — John me explicou, indo até o parapeito de pedra. Inclinou-se e apoiou o cotovelo na superfície dura e fria.

Segui-o e fiquei ao seu lado. Ele me olhou por um segundo e endireitou-se, inquieto, colocando as mãos no bolso enquanto fitava a paisagem à nossa frente.

— Acho que lhe devo uma explicação — começou.

— Seria algo bom de ouvir.

— Eu peço perdão pelo que houve com o rei, a alguns dias atrás. Foi algo inesperado, e eu não sabia que aquilo iria

acontecer. Se soubesse, não a teria levado para vê-lo.

— Não é sua culpa — falei rapidamente, balançando a cabeça.

— Ainda assim, ele é o meu pai. Eu sou responsável por ele quando esse tipo de coisa ocorre. É só que eu nunca o vi assim. A minha vida toda eu convivi com seus acessos de raiva e até alguns de insanidade, mas nada tão intenso assim. — John ficou pensativo e virou-se para me olhar. Seus olhos dourados estavam acinzentados, tristes, transbordando preocupação. O rei podia ser maluco, mas ainda era seu pai. — Quando ele acordou, não parou de repetir que você era uma bruxa e que devia matá-la. Tiveram de sedá-lo para que se acalmasse. Ficou alguns dias oscilando entre adormecer e alucinar, e, antes disso, ele me deu uma ordem restrita para ficar longe de você. Eu pensei que ele havia enlouquecido, mas não tive coragem o suficiente para desafiá-lo, mesmo que ele não fosse ver. Você não tem ideia do que ele poderia fazer à sua vida, Catherine.

Um arrepio percorreu minha espinha e eu tremi. Envolvi meu próprio corpo com meus braços e suspirei, registrando tudo o que John havia dito. Por alguma razão, o rei me queria morta. Ele tinha me chamado de bruxa. Será que sabia sobre meus poderes? Será que havia tido experiência com mais alguém como eu? O que tudo isso tinha a ver com meu medalhão mágico, que, na verdade, era da minha mãe biológica?

Lembrei-me do que Marian havia dito. *Quase sinto pena de você, Catherine Fairway*. Seria por isso? Será que ela sabia o que estava acontecendo? Se não, qual era sua conexão com o resto das coisas?

Minha cabeça girava e eu pensei que fosse desmaiar. Apoiei-me no parapeito frio e cinza de pedra, piscando violentamente para afastar a vertigem. Por alguns segundos, tentei me acalmar e parar o redemoinho de pensamentos que habitava minha cabeça. John me observava.

Eu o fitei de volta. Sabia que deveria ser difícil estar em seu lugar, ver o pai sofrer e se afundar lentamente. Eu não o conhecia e não sabia como era sua vida, mas conseguia me colocar

naquela posição apenas para imaginar as atrocidades que provavelmente aturou durante a vida toda.

Aproximei-me um passo, e John prendeu a respiração, um gesto quase imperceptível. Dei um sorriso de lado, embora não houvesse nada remotamente engraçado ou feliz naquele momento. Permiti-me olhar para ele. Realmente *olhar*. Ver além das aparências, da fachada, da armadura que vestia sempre que não estava sozinho.

Eu entendia. Entendia o que ele passava e o que tinha de fazer para se manter firme e forte. Entendia que ele nunca se permitia fraquejar e afundar, porque, se o fizesse, não conseguiria voltar à superfície. Entendia que, durante muito tempo, fora ele que fizera papel de pai e se responsabilizara por tudo quando, na verdade, deveria ser o contrário.

E, acima de tudo, eu entendia o porquê de sua procura por alguém que o visse como realmente é. Era exaustivo sempre estar fingindo, e eu desconfiava que Jonathan não soubesse fazer outra coisa senão se passar por um bom e exemplar filho.

Joguei meus braços ao seu redor sem dizer nada. John ficou tenso por alguns segundos, mas então cedeu e apertou minha cintura, puxando-me para si. Seu cheiro invadiu o ar ao meu redor, uma mistura amadeirada de limão e sabonete. Inspirei e fechei os olhos, afundando a cabeça em seus ombros.

Sorri. Ele captara a mensagem. Não estava sozinho.

Capítulo 15

Jonathan e eu não conversamos sobre o que houve na torre, mas ambos sabíamos que algo mudou lá. Ele ainda estava proibido de me ver, porém isso não impediu que continuasse me fazendo visitas e me levando para conhecer o imenso castelo. Em segredo, é claro. Pouco a pouco, voltamos a nos falar, e o príncipe parecia mais aberto e feliz do que já o tinha visto. Acho que amigos fazem isso com você. Durante alguns dias, tudo pareceu voltar a como era quando cheguei.

Ou quase tudo.

Eu encontrei Marian quando subi para meu quarto depois do café da manhã, no dia seguinte, e ela parecia estar esperando por algo — ou *alguém* — na porta da escada. Eu não a tinha visto desde que sumira depois de conversarmos a última vez. Suas palavras ainda rondavam minha mente e sempre que eu tentava entendê-las, chegava a outro grande monte de nada.

Quando a vi parada na minha frente, corri em sua direção e a abracei. Ela retribuiu o gesto.

—Marian! Por onde esteve? Fiquei preocupada — disse, assim que a soltei. Recebi um sorriso em troca.

— Desculpe-me, Cath. Eu não me lembro de muita coisa, só me recordo de sair de seu quarto e depois acordar no meu. Não sei o que houve, mas acho que foi o excesso de cansaço. Sabe, esses dias não tenho dormido muito bem... Não consegui me adaptar ao novo ambiente ainda.

Eu achei sua justificativa um tanto estranha e senti que ela mentia, contudo não contestei. Se ela não quisesse me contar a verdade, não iria pressioná-la. Ainda assim, havia algo me incomodando.

—Marian, você se lembra do que disse antes de sair do quarto?

— Você está falando do tomate? — Ela sorriu. Estava se referindo à piada que havia contado.

—Não... Quero dizer sobre você sentir pena de mim.

Seu rosto se contraiu em uma careta engraçada e confusa. Marian realmente parecia não se recordar de nada. Franzi o cenho. Aquilo era muito estranho.

— Por que sentiria pena de você?

— Eu não sei... Marian, tem certeza de que não se lembra de nada?

— Sim, Cath. Por que eu mentiria? — perguntou em um tom ofendido.

— Não mentiria — respondi, depois de algum tempo encarando-a. Algo me dizia que o que ela estava me afirmando era algo muito longe da verdade. *O quão esquisito alguém pode ser?* Forcei um sorriso. — Só queria ter certeza de que não bateu a cabeça ou algo do tipo.

— Eu estou bem, de verdade. — Marian sorriu e olhou por cima de meu ombro. Sua expressão rapidamente se fechou. — Mas... eu preciso ir. Você não se importa, certo? — Ela não me esperou responder. Abraçou-me e voltou a andar, dando-me as costas. — Nós nos falamos depois!

— Espere, Marian... — tentei dizer, mas ela havia sumido de meu campo de vista antes que pudesse terminar a frase.

Suspirei. Eu não a conhecia muito bem, aquilo era peculiar demais — para dizer o mínimo — até para alguém totalmente estranho. Contudo, não a segui. Deixei que partisse, descendo as escadas rapidamente até o térreo. Eu tinha outras coisas com as quais me preocupar.

No fundo, sabia que Marian não era a única que estava à beira da insanidade, e decidi fingir por alguns dias. Tentava me ocupar e tirar da minha mente as constantes e inúmeras perguntas que se formavam involuntariamente, mas, no primeiro segundo em

que me encontrava sozinha, tudo voltava como se ligasse um interruptor.

Respirei fundo e abri a porta à minha frente. Fui até meu quarto e, no meio do caminho, encontrei Íris. Ou melhor, ela me encontrou enquanto corria pelo corredor. Nós nos chocamos, e eu a segurei para que não caísse.

—Meu Deus! — A criada se sobressaltou ao vir para cima de mim. — Mil perdões, senhorita. Sinto muito mesmo, não quis assustá-la!

—Está tudo bem, eu estou bem. Quanto a você, não tenho tanta certeza... Por que estava correndo, Íris? Atrasada para ir a algum lugar?

— Não, senhorita... Na verdade, eu estou fugindo.

— De quê? — Franzi a testa.

— Ah... uma longa história. — A criada abaixou a cabeça. Seus cabelos negros caíram em volta de seu rosto, formando uma cortina que realçava a cor de seus olhos azuis. — O nome dele é Andrew. Ele é um soldado.

—Por que está fugindo dele? Ele te machucou? — O horror tomou conta de mim antes que eu pudesse impedir. Segurei seus ombros. — Íris... O que ele fez?

— Ah, não, não! Senhorita, não é nada disso. Ele não me fez nada de mal! Na verdade... — ela corou e desviou os olhos. Respirei aliviada por um momento —, ele está interessado em mim, senhorita.

Eu soltei uma gargalhada.

— Desculpe-me, em que planeta isso é motivo para fugir? Íris, por acaso, ele é um perseguidor psicopata? Ou alguém muito feio e muito chato? Ou, espere... você o considera apenas um amigo?

—Nada disso. — Íris balançou a cabeça. — Eu apenas não tenho certeza do que quero. Não sei se quero um relacionamento... Sabe, o último não deu nada certo.

— O que houve da última vez?

A criada olhou em volta e passou o braço pelo meu.

—Aqui não. Vamos para um lugar reservado e eu lhe explico. As paredes têm ouvidos, senhorita.

Com isso, fomos até meu quarto e sentamos na cama. Íris começou a falar:

“Quase um ano antes de meu pai vir a falecer, Jaime, um belo rapaz de quem eu gostava imensamente pediu a ele que pudesse se casar comigo. Éramos jovens, mas estávamos muito apaixonados, e eu tinha certeza do que queria, assim como ele. Meu pai aceitou, pois era um homem de boa família, também um guarda, morava na vila da capital, Darkot Village, e sempre me tratara muito bem. E assim marcamos nosso casamento para o ano seguinte. Estava quase tudo pronto quando, dois meses antes da cerimônia, meu pai foi mandado em uma missão”.

“Foi uma das únicas missões que o Exército Real realizou fora de um contexto de guerra, mas pode-se dizer que foi a pior. Dezenas de soldados morreram, inclusive... meu pai. Ean insistira que ele fosse, porque os ataques bárbaros estavam acontecendo com muita frequência no Norte do reino e a população precisava de ajuda. Então você entende *por que* a culpa o corroeu por meses. Nós demoramos a aceitar a morte deles. E isso não foi o pior. Como se não bastasse o fato de termos ficados órfãos, pois nossa mãe morreu logo depois, Jamie se enfureceu quando sugeri adiarmos o matrimônio em mais um ano. Ele queria se casar logo, estava ansioso, mas eu não podia, não conseguia. Não estava pronta”.

“Jamie não entendeu meu lado e pensou que eu tivesse perdido o amor que sentia por ele. Não era o caso, é claro, mas não importava o quanto eu dizia isso. Ele simplesmente não acreditava. Logo, semanas depois da missão, ele me deixou e, desde esse dia, somos apenas Ean e eu. Nós superamos tudo, juntos, e continuamos cuidando um do outro como sempre fizemos”.

Eu limpei uma lágrima intrusa que escorria por minha bochecha. Abracei Íris o mais forte que consegui e murmurei:

— Eu sinto muito... de verdade. O que Jamie fez foi horrível, e eu a entendo completamente. Íris, você e seu irmão foram muito fortes enfrentando tudo isso. Não sei o que faria se

perdesse meu pai, e com certeza não conseguiria lidar do mesmo jeito que você.

—Está tudo bem, senhorita. Ean e eu estamos bem agora. Não se preocupe. Jamie realmente errou, mas eu não guardo ressentimentos. Decidi perdoá-lo, é melhor para mim.

Eu sorri.

— Você é um anjo, Íris. E isso me lembra... Andrew. Olhe, sei que você tem medo de que a história possa se repetir, contudo não é como funciona. Uma decepção, por maior que seja, não pode afetar os próximos amores. É necessário deixar o coração aberto para quem quer que deseje entrar, porque, se o fecharmos, é capaz de o mantermos assim pelo resto da vida. Contudo, eu entendo o seu lado e sei que deve ser difícil com tudo o que aconteceu, não será fácil estar pronta para algo novo. Portanto, não importa sua decisão, estarei aqui para te ajudar com o que precisar.

Íris me abraçou novamente e não disse nada, apenas deu um sorriso largo, sincero e doce. Eu beijei o topo de sua cabeça. Por mais que fosse mais de um ano mais velha, ela estava se tornando rapidamente uma pessoa com a qual eu me importava tanto que podia chamar de irmã mais nova.

—Eu sinto falta deles, sabe... dos meus pais — sussurrou ainda em meus braços. Afastou-se um pouco e arrumou os cabelos, se levantando da cama. Sorriu para mim. — Eu acho que sei o que quero e acho que é o que papai iria querer também.

— O que está esperando, então?

Eu ri quando ela saiu correndo em disparada pela porta, com certeza rumo à ala dos guardas do castelo. Eu torci para que, dessa vez, as coisas dessem certo para Íris.

Pensei em suas palavras. Eu não podia imaginar como era sentir falta de alguém que nunca mais retornará para te abraçar ou dizer que te ama. Quero dizer... meus pais morreram também, mas não me lembro deles. Não posso. Minhas memórias foram tiradas de mim e tudo o que eu tinha eram sonhos me relembrando o quanto ainda precisava descobrir sobre mim mesma.

Eu só tinha meu pai e, por mais estranho que possa parecer, ele sempre foi o suficiente para mim. Nunca tive vontade de

saber a identidade de meus pais biológicos, nem quando Luke me disse a primeira vez que eu era adotada.

Pensar nele me fazia sorrir. Toquei o pingente de rubi em meu pescoço, que nunca tirava, não importava a situação. “Mas esse colar não combina com seu vestido, senhorita”, Íris dizia enquanto tentava me oferecer novas joias. Eu recusei tantas vezes que ela acabou desistindo.

Assim que meus dedos encostaram na pedra, senti um calor incomum. Olhei para baixo e tive um sobressalto. O medalhão mágico irradiava um brilho fraco, da cor de sangue, e estava quente como fogo. Tocar em sua superfície fazia meus dedos ficarem chamuscados, como se o pingente tivesse sido tirado da forja naquele instante.

Aquilo nunca havia acontecido antes. Eu me levantei e fui lentamente até a porta, sem tirar os olhos do brilho escarlate, que se intensificava a cada passo que eu dava. Quando cheguei ao corredor, a luz quase me cegava. Voltei a andar para trás, e ela voltou a diminuir.

— Estranho... — murmurei. Olhei em volta. O corredor estava deserto. Todas as garotas já tinham terminado de tomar café havia muito tempo e provavelmente estavam em seus quartos esperando a visita do príncipe ou fazendo uma reunião das garotas para a qual não fui convidada.

Recomecei a andar e segui o caminho pelo qual a luz me guiava. Depois de longos minutos subindo escadas, virando em corredores e quase me perdendo em direções aleatórias, ouvi vozes. Distantes e irreconhecíveis, mas altas o bastante para que eu pudesse escutar.

Parei de prestar atenção no medalhão. A curiosidade tomou conta de mim e eu segui o som. Eu estava no quinto andar agora e não podia imaginar o que havia nesse lugar. Mais quartos? Esconderijos para ataques bárbaros? Armamentos? Salas secretas?

Aproximei-me mais de um corredor largo, que terminava em uma encruzilhada com espaço amplo e redondo. Imediatamente a luz se apagou. O som aumentou, e eu pude ouvir as vozes claramente. Avistei duas pessoas no centro e me escondi atrás de

um vaso largo de um metro e meio de altura que estava no começo do corredor.

De onde estava, não podia vê-los sem que fosse descoberta, então foquei no que diziam, embora ainda estivesse um pouco longe:

—...estava errado! Eu não vejo poder nenhum nela. Você é um imprestável!

Era uma mulher falando. Cruel, impaciente e vagamente familiar. Busquei no fundo da mente. De quem era aquela voz?

—Eu juro que é ela. É ela, é a garota! Ela tem o colar!

Dessa vez, foi um homem que respondeu. Eu congelei e meus olhos cresceram. Jamais passaria despercebida aquela voz com tom de desprezo, fria como uma lâmina de gelo. A mesma voz que me chamara de bruxa alguns dias antes e que agora estava preenchida de desespero — e talvez um pouco de medo. Quem quer que fosse aquela mulher, ela o assustava tanto quanto *ele* me assustava.

— É só um colar estúpido, pare de ser tolo!

—Você não entende... Não há outro como este, eu o fiz especialmente para Samantha!

Eles estavam falando sobre meu colar... Um arrepio percorreu minha espinha. Quem era Samantha? Se o homem estava tão certo de que a joia era única, então qual era a ligação dele com essa mulher? E como meu pai havia conseguido esse medalhão?

Minha cabeça começou a girar e eu fechei os olhos por um segundo para me acalmar, mas acabei me desequilibrando e tive que me apoiar no vaso para que não caísse. Felizmente, ele permaneceu no lugar, de tão pesado que era, porém sua superfície era lisa demais e minhas mãos escorregaram por ela como sabão. Acabei tombando para o lado.

Consegui cair de forma silenciosa e disfarçar a queda enquanto levantava rapidamente. Todavia, com a comoção, a atenção do homem e da mulher foi atraída diretamente para mim. Eles se viraram, e eu perdi o fôlego quando a vi.

O cabelo loiro, os olhos negros, as bochechas angulosas... Eu *conhecia* aquela mulher. Ela me encarava de forma ameaçadora, em nada lembrando a pessoa com quem eu havia conversado há apenas uma hora. Engoli em seco e recuei um passo.

— O que está fazendo aqui? — vociferou o homem. Seus olhos dourados estavam fixos em mim.

— E-eu... Hã... Nada, eu só... — *Vamos, Catherine... Pense!* — Nada, Majestade. Peço perdão pela interrupção. Eu estava... andando. Eu me perdi. Mas já estou de saída, não quero atrapalhar. Com licença...

—Não — disse ela. Devido ao silêncio, sua voz ecoou pelo lugar como se tivesse sido ampliada algumas centenas de vezes. Eu encontrei seus olhos, que antes eram tão calorosos e agora estavam frios como um *iceberg*. Eles me mantiveram no lugar, congelando cada osso de meu corpo e enviando um arrepio pela minha espinha. Aproximou-se lentamente enquanto voltava a falar: — Você não vai a lugar nenhum. Mágica ou não, você já ouviu demais. Não posso arriscar.

Eu pisquei. Marian disse... *mágica*? Como ela poderia saber? Franzi a testa e tentei me mexer, mas era impossível. Alguma coisa estava me segurando no lugar e era algo maior que meu medo. Ela deu um sorriso nada amigável e andou um passo em minha direção.

— O que você vai fazer? — o rei perguntou.

Marian não respondeu. Apenas levantou um braço lentamente com a mão dobrada em um semicírculo na minha direção. Senti minha garganta se fechar e o ar parar de entrar em meus pulmões. Arregalei os olhos em choque e levei as mãos ao pescoço. Então eu entendi.

Marian estava me sufocando com... *magia*.

Lembrei-me do pressentimento que tinha sempre que olhava em seus olhos, sobre desconfiar do fato de ela ser uma feiticeira. As palavras de Matthew ecoaram em minha cabeça. *Um bruxo ou feiticeiro, como são chamados, não é capaz de sentir afeto por nada ou ninguém, e isso escurece sua alma. O reflexo disso é*

notado em seus olhos, que perdem a cor e a vida e se tornam totalmente pretos.

— Você é uma feiticeira — tentei dizer, mas minha voz saiu em um sussurro engasgado.

O sorriso da bruxa se ampliou e ela levantou mais o braço, o que fez com que meus pés saíssem do chão e eu pairasse no ar.

—Pare com isso! Você não pode matá-la. Se ela for a garota certa, de nada vai adiantar estar morta. Jordan te transformaria em cinzas! — o rei disse.

— Cale a boca — ela gritou. Continuou me subindo no ar enquanto ria de minha cara de espanto.

— Por que está fazendo isso? — arranjei fôlego para dizer. — Pensei que fôssemos amigas!

— Ah, pare de choramingar como a princesa mimada que é! Já foi ruim o bastante ter que fingir que gostava de você.

Eu fui impedida de responder quando sua mão se apertou e minha garganta se fechou ainda mais. Algo em mim despertou quando encontrei seus olhos negros novamente. Ela iria me matar, sem piedade. Não importava o que tenha dito sobre ser minha amiga. Não era a mesma pessoa agora, e minha vida estava em suas mãos.

O instinto tomou conta de meu corpo. Levei o braço na direção de uma janela atrás de Marian e concentrei toda a minha força e poder nela. Minhas veias pulsaram com a magia e, no mesmo momento, o vidro se quebrou.

Uma rajada forte de vento invadiu o local e trouxe com ela galhos, folhas e poeira. Rapidamente, uma corrente de ar que ia da janela até mim se formou, passando por Marian e o rei. Os gravetos eram afiados e atingiam a todos nós, enquanto a terra entrava em nossos olhos. Lutei para que meus próprios poderes não me atingissem ao mesmo tempo em que a feiticeira tinha dificuldades para se manter de pé e concentrada em mim.

Em poucos segundos, o rei estava no chão e gritava para que eu parasse; Marian cobria os olhos com a mão livre. Sua resistência não durou muito. A velocidade do vento aumentou e a

arrastou para o lado, o que quebrou o encanto entre nós. Caí no chão e imediatamente busquei por fôlego, engasgando pela falta de ar.

A ventania cessou. O rei ainda tentava se proteger dos galhos e da poeira, e Marian estava encolhida no chão com um corte no braço e outro na testa. Ainda deitada, não consegui me conter e me arrastei até ela para sentir seu pulso. Ela havia batido a cabeça e o ferimento estava sangrando, mas estava viva. Ficaria bem.

Antes que pudesse me afastar, ela abriu os olhos e me olhou enquanto colocava a mão em cima de meu coração. Imediatamente, senti meu peito queimar e meu sangue aparentou parar de circular pelo meu corpo. Minha vista ficou turva.

— Pare... — murmurei, perdendo as forças. — Por favor.

— Você vai pagar pelos erros de sua mãe, *princesa* — disse, enfatizando a última palavra para parecer uma maldição.

Sua mão deixou meu peito um segundo antes de eu desabar. Tudo o que me lembrava era de vozes familiares se aproximando e rostos entrando em meu campo de visão embaçado. Senti alguém me erguer do chão e carregar meu corpo antes de apagar completamente.

Capítulo 16

Tudo em meu corpo doía. Da cabeça aos pés, cada osso, cada músculo e cada nervo pareciam estar em fogo, e a dor lancinante me deixava paralisada. Tive forças para abrir os olhos e piscar algumas vezes, ajustando minha visão aos poucos. Encarei algo vermelho à minha frente e demorei alguns segundos para perceber que era a parte da cortina da minha cama de dossel que escondia o teto.

Eu estava em meu quarto. Como havia chegado ali? Ou será que nunca havia saído? Tentei mexer a cabeça, mas só o que consegui fazer foi movê-la para o lado alguns centímetros antes que uma pontada em meu pescoço me fizesse parar. Abri a boca e respirei fundo, ignorando a sensação de queimação em meus pulmões.

Forcei-me a olhar para frente e encontrei um amontoado de seda amassada e cabelo preto bagunçado na poltrona ao lado da minha cama. *Matthew*. Ele dormia tranquilamente, a cabeça apoiada nas costas da cadeira e as pernas dobradas embaixo do corpo. Suas mãos seguravam um livro aberto, e notei que havia muitos outros espalhados ao redor.

— Matt? — sussurrei. Minha garganta era a única coisa que não doía, embora estivesse seca. Tentei novamente, falando mais alto. — Matthew, acorde.

Com um salto, o príncipe se desencolheu e botou-se de pé, o livro caindo de seu colo com um baque no chão polido. Seus olhos verdes meio amarelados estavam rodeados por olheiras, e tive a leve sensação de que era a primeira vez que ele dormia em muito tempo. Senti-me culpada por tê-lo acordado, mas o sorriso que deu ao me ver de olhos abertos apagou o sentimento.

— Até que enfim! Já estava achando que teria que chamar uma funerária para você. — Sua felicidade diminuiu um pouco quando se sentou ao meu lado na cama e me olhou atentamente. — Você está pálida. Aqui, tome um pouco de água. Precisa se hidratar.

O príncipe pegou um copo e gentilmente ergueu minha cabeça para que eu pudesse tomar a bebida. Engoli um grande gole.

— Obrigada.

Ele devolveu o copo ao chão.

— Como se sente?

Voltei a encarar a cortina vermelha e franzi o rosto em uma careta.

— Como se tivesse sido atropelada por dez cavalos de uma vez. O... o que aconteceu?

— Bom, você apagou. Do que se lembra?

Procurei fundo nas lembranças, mas tudo parecia embaçado, enevoado. Alguns vislumbres de memória passaram por minha mente, como um filme mudo, desfocado e rápido demais para que pudesse acompanhar.

— Eu me lembro de Íris... Meu colar... ele brilhava. E... Marian e o rei. — De repente, tudo pareceu voltar. Arregalei os olhos. Eu ignorei toda a dor insuportável e me apoiei nos cotovelos, encarando Matthew.

— Ei, vá com calma... Ainda está muito fraca. Espere, seu colar estava brilhando?

Eu o ignorei e um suspiro assustado saiu de mim quando me dei conta do que havia acontecido no dia anterior. Espere... *dia anterior?*

— Por quanto tempo eu apaguei?

Matt hesitou.

— Três dias.

— Três dias?! — exclamei. Deixei-me cair novamente na cama e fitei-o fixamente. — Por que diabos eu dormiria por tanto tempo?

O olhar do príncipe desviou-se do meu e ele mordeu o lábio. Estreitei os olhos e, lenta, dolorosa e desajeitadamente, consegui me sentar com sua ajuda. Sendo assim, pude me concentrar em encará-lo acusadoramente.

— Você sabe de algo — afirmei. — Conte-me.

Ele deu de ombros.

— Eu só sei do que vi, Catherine. Marian desacelerou seus batimentos cardíacos, e eu cheguei a tempo de impedir que ela parasse seu coração, mas a magia negra infiltrou-se em seu sangue e custou muito para sair completamente.

Magia negra. Então era verdade. Marian realmente era uma feiticeira. E, pior de tudo, ela havia tentado me matar. Fechei os olhos por um segundo e respirei fundo, depois me obriguei a voltar para o príncipe à minha frente novamente.

E assim percebi que ele não estava surpreso. Apenas profundamente preocupado comigo.

—Você *sabia* disso. Você sabia *dela* — acusei, e ele olhou para baixo. — *Por que* não me contou? Você poderia ter evitado tudo o que aconteceu, Matthew.

— Você não estava pronta para saber...

—Como você sabe? — disparei. — O que você sabe sobre mim, *príncipe*? Que direito você tem de esconder as coisas e manipulá-las do jeito que bem entende?

—Eu sei pelo modo como você está reagindo a tudo isso. Eu te conheço melhor do que pensa, querida.

— Só porque você se apossou de minhas lembranças, não é? Minta para mim agora, Matthew. Olhe-me nos olhos e diga que não foi você quem apagou minhas memórias.

Ele me encarou por longos segundos, uma expressão de culpa em seu rosto bonito e cansado.

—É verdade — falou por fim com um suspiro.

— Fui eu quem roubou suas lembranças, mas não tenho acesso a elas, Catherine. Sei o que elas escondem tanto quanto você. Até os meus poderes têm limites. E não é por isso que a conheço. Eu a vi crescer, querida. Eu a vi desenvolver sua magia naquela fazenda, observando-a de longe por muitos anos.

Desviei os olhos. A ideia de que Matthew vinha me assistindo durante minha vida com Luke me assustou, como se ele fosse algum tipo maluco de perseguidor. Contudo, lembrei-me de como senti que podia confiar nele com o passar dos dias no castelo, mesmo que o conhecesse por tão pouco tempo. Seria por que nós já nos conhecíamos antes e eu apenas era muito nova para me recordar de sua presença?

—Você podia ter me contado — falei, ainda ressentida com ele.

— Marian vem te procurando há muito tempo — o príncipe disse após uma longa pausa. — Você sabe por que ela nunca a encontrou, Catherine?

—Não. — Franzi a testa. O que Marian poderia querer comigo?

— Porque, quando peguei suas memórias, elas não foram a única coisa que se perdeu de você. Uma parte sua — a sua infância, o início da sua vida, a base de sua existência — foi levada junto a essas lembranças, Catherine, e com isso a grande maioria de sua capacidade mágica veio junto. Você tem acesso a menos da metade de seus poderes simplesmente porque não tem conhecimento nenhum do lugar de onde veio, das pessoas que a criaram e de sua primeira experiência com magia. E foi *isso* o que a manteve protegida por tanto tempo.

— Eu não entendo...

— Quanto menos uma pessoa sabe, mais invisível ela é. Conhecimento é poder, minha querida, e o seu está oculto. Assim que suas lembranças retornarem, sua magia virá junto, e então você será um farol mágico que atrairá feiticeiros de todos os cantos. Um poder como o seu pode dificilmente ser escondido e é por isso que fiz o que fiz. Sendo assim, ficaria agradecido se não se ressentisse comigo.

Uma onda de alívio passou por mim. Finalmente ele estava falando a verdade e, pela primeira vez, o ouvi tocar no assunto sobre devolver minhas memórias. Eu sorri. Então me dei conta da segunda parte de sua frase e me lembrei do porquê de estarmos tendo esta conversa. A alegria sumiu tão rápido quanto veio.

— Matt... Marian e o rei estão conspirando juntos.

— Eu sei — ele admitiu com a expressão perturbada. — Eu não sei nada sobre isso, se é o que está se perguntando. Muito menos sei por que diabos ela se tornou uma feiticeira ou por que iria querer matá-la.

Um arrepio me percorreu e eu me lembrei das últimas palavras da bruxa.

— Ela disse que eu pagaria pelos erros de minha mãe. E... ela me chamou de *princesa*. Mas não sou casada com Jonathan. E eu não me lembro de minha mãe. Além disso, mesmo se me recordasse, como poderia saber quais erros ela cometeu? Eu era apenas uma criança quando... — As palavras morreram na garganta. Ainda que não soubesse nada sobre meus pais, era difícil falar sobre o fato de que eles foram assassinados. — Bem, você sabe.

— Isso é outra peça do quebra-cabeça sobre a qual eu ainda não posso contar-lhe — ele disse, suspirando. Matt pegou minha mão quando fechei o rosto em uma careta aborrecida. Seus dedos longos e frios apertaram os meus, ásperos pelos anos de trabalho rural. — Acredite em mim, querida, eu queria poder te dizer tudo o que sei, mas não posso. Não ainda. Quando chegar a hora, está bem?

Eu assenti, relutante. De repente, lembrei-me de algo mais que o rei havia dito. Remexi-me no lugar, fazendo mais partes de meu corpo doerem.

—Matthew, Stephen disse dois nomes enquanto conversava com Marian. Samantha e Jordan. Eu não faço ideia de quem seja Samantha, porém conheci um Jordan uma vez. Meu ex-namorado chamava-se assim. Todavia ele não sabia de nada disso. Quero dizer, uma vez ele me viu usando os poderes, e mesmo assim... Poderia ser só uma coincidência. Esse cara que o rei mencionou pareceu ser o chefe deles, ou algo do tipo.

Por um segundo, o príncipe ficou paralisado e pensei que pudesse ter me ignorado completamente, porque não me respondeu. Então ele fechou os olhos e respirou tão fundo que seu peito inflou.

—Cannehor é um reino grande, mas não acho que seja coincidência. Fique atenta, porque, se não for, esse homem pode conhecê-la melhor do que pensa. Isso pode ser sua fraqueza — falou finalmente, e um arrepio percorreu meu corpo. Eu estremeci. — Devemos manter nossos olhos abertos a qualquer indício de que possam ser a mesma pessoa. E, Catherine... eu preciso te contar. — Encarou-me por longos minutos, aparentemente criando coragem, antes de realmente dizer o que tinha para dizer. Isso me deixou ainda mais nervosa. — Samantha era o nome de sua mãe.

— Minha *mãe*? Biológica? Espere... O que o rei e minha mãe poderiam estar fazendo juntos? Por que ele daria a ela um colar? Como eles se conheciam? O que...

— Catherine — A voz de Matt se tornou um aviso e ele fitou o chão. E logo eu entendi. Ele não me contaria mais nada.

— Ótimo. Você não pode me dizer. Conhecimento é poder, certo? — imitei o que ele havia dito, revirando os olhos.

— Eu realmente sinto muitíssimo por isso, querida. Dói em mim tanto quanto em você. Não demorará muito para que você descubra tudo o que quer saber. Até lá, aproveite a ignorância, porque ela é uma das maiores dádivas do universo. Quanto menos uma pessoa sabe...

— Mais invisível ela é — completei, balançando a cabeça. Não tinha certeza de que queria continuar sendo *invisível* por muito mais tempo.

— Isso mesmo. Agora me conte um pouco sobre o que disse... Seu colar. Ele estava mesmo brilhando?

Ah. *Isso*. Com a grande confusão que se desenrolou, eu quase havia me esquecido do fato de que, na verdade, isso tudo começou quando eu resolvi seguir meu medalhão mágico pelos corredores do castelo. Narrei brevemente para Matthew os fatos daquela manhã, e ele suspirou quando terminei.

— Eu acho incrível o fato de que, a cada dia, você me surpreende mais e mais com essas coisas que ficam sendo desenterradas do seu passado.

— Nem me fale...

— Bom, não faço ideia do que isso possa significar, mas podemos descobrir juntos. Talvez seja algum tipo de aviso...

Eu assenti, desconfortável com a ideia de que um colar mágico pudesse estar tentando me avisar de algo, e ficamos em silêncio por um momento. De repente, Matthew riu nervosamente.

— Qual a graça?

—Nada. Eu estava apenas analisando o que me contou. Quando chegou aqui, eu pensei que você poderia finalmente ter aprendido a conter sua curiosidade. Sempre foi uma criança um tanto... enxerida. Porém, vejo que estou errado.

—Ei! Eu tentei, está bem? — defendi-me com raiva de sua expressão engraçada e de sua acusação.

— Da próxima, tente um pouco mais e chegará lá. Eu falo sério! Tive que ler mais de dez livros de magia diferentes para achar uma cura para o feitiço daquela traidora.

Ergui as sobrancelhas. *Livros de magia*. Aquilo existia?

De repente, senti-me ridícula ao fazer aquela pergunta. É claro que existia. *Por que não?*

— Você leu dez livros... *sozinho*? — O príncipe sorriu majestosamente.

— É claro que não! Jonathan me ajudou.

Eu engasguei com meu próprio ar.

— Jonathan? Ele sabe? Ele viu? O que você contou a ele, Matthew? — Minha voz adquiriu um tom ameaçador um pouco medonho, até para mim.

— Ei, se acalme. Eu não contei nada a ele. Ele viu com os próprios olhos você usar os poderes para se defender de Marian quando fomos socorrê-la. E... eu queria conversar com você sobre isso. — Toda a diversão sumiu do rosto de Matt quando ele olhou para as próprias mãos. — John nunca soube de nada do universo mágico, e está sendo difícil para ele compreender tudo. Embora tenha me ajudado a curá-la, ele o fez por pura preocupação e continua muito assustado com tudo. Eu tentei explicar a ele algumas coisas, mas o coitado simplesmente pareceu não absorver nada.

Eu suspirei e me apoiei na cabeceira da cama, encarando o teto coberto pela cortina. O que aquilo significava? Ele tinha medo de mim ou estava apenas assustado com o que havia descoberto? Será que se afastaria se eu tentasse explicar a ele o que havia acontecido? Tentei colocar-me em seu lugar e cheguei à conclusão de que, se eu fosse o príncipe, manteria distância de mim mesma.

Contudo... lembrei-me de quando, na torre, nós criamos um laço, o início de uma amizade; algo simples, mas de muito significado. Eu havia mostrado que o compreendia, que estaria junto dele se precisasse de mim, e ele me aceitara de braços abertos. Desde então, a fina conexão entre nós estava esperando para ser alimentada para crescer e se tornar algo mais.

E aqui estava nossa chance. Seria ele capaz de desperdiçá-la? Ou Jonathan poderia estar apto a fazer por mim o que fiz por ele? Será que me entenderia, aceitaria ou ajudaria? Essa era uma situação infinitamente mais complicada, e sabia que seria injusto cobrar dele algo assim.

Contudo, eu queria que ele ficasse. Queria que tentasse, que se mantivesse por perto para compreender o que se passava em meu mundo. Eu não queria perdê-lo antes mesmo de tê-lo conquistado.

Lágrimas pinicaram meus olhos quando encarei o quarto à minha frente e me dei conta de que aquele poderia ser o fim. O príncipe poderia simplesmente recusar-se a me manter aqui, poderia fazer o que Jordan, meu ex-namorado, fizera e apenas me deixar ir. As gotas salgadas escorreram por minha bochecha quando percebi que estava realmente com medo de que isso acontecesse.

—Sabe... eu posso manipular um pouco de sua memória, se quiser. Ele só se lembraria do essencial.

—Não — eu disse abruptamente. — Sei que o que você fez foi para me proteger, Matt, mas conheço a sensação de querer se recordar de algo sobre o qual é impossível se lembrar. É horrível. Gostaria que não fizesse isso com Jonathan.

— Está bem. E como planeja lidar com isso?

Eu hesitei, endireitando as costas na cama. Meu corpo parara de doer um pouco.

— Bem, acho que preciso conversar com ele.

Capítulo 17

Eu permaneci na frente do quarto de Jonathan durante mais de dez minutos. Não conseguia criar coragem o suficiente para bater na porta, por isso apenas a encarava. *Isso é ridículo*, disse para mim mesma. *Você tem mais coragem do que isso, Catherine Fairway. E, se tiver que ir embora, então irá sem reclamar. Acontecerá o que for melhor para ambos.* Ainda assim, continuei parada.

— O que está procurando? — uma voz disse, fazendo-me virar com um sobressalto. Olhos dourados me encararam com um brilho divertido. — Se está planejando uma invasão, posso garantir que não é assim que se faz, a não ser que espere que a porta se abra magicamente. Você não pode fazer isso, pode?

Senti o alívio cair sobre mim. Jonathan estava brincando com a situação, o que só podia ser um bom sinal. Certo?

— Não — Eu ri. E logo lembrei-me do que Matthew dissera sobre o príncipe não ter compreendido totalmente a situação e a tensão retornou. Ainda não estava tudo resolvido. — Eu... eu preciso conversar com você, Jonathan. Sobre o outro dia...

— Aqui não — ele interrompeu. Aproximou-se com passadas largas e estendeu a mão para mim. Um sorriso pequeno ainda brincava em seus lábios.

Seus dedos apertaram os meus quando eu aceitei o gesto. Suspeitei que tivesse sido proposital, pois John sabia que eu não exatamente *amava* a ideia de andar agarrada a ele. Ainda assim, permiti que me conduzisse pelos corredores desconhecidos e novos para mim.

— Esse castelo parece ser infinito. Como você consegue não se perder aqui? — indaguei, ainda ciente do calor de sua pele

contra a minha no único lugar em que se tocavam. Um pouco da tensão havia se dissipado quando percebi que não estava correndo o risco de ser abandonada no meio do corredor.

— Eu vivi por vinte anos aqui, Catherine.

— Dezenove — corrigi. John ergueu a sobrancelha.

— É praticamente vinte.

— O seu aniversário ainda não aconteceu. Será no dia de sua coroação, quando a competição acabar. Daqui dois meses e meio.

— O que você é, uma enciclopédia real? — O príncipe balançou a cabeça e riu.

— Só quero dizer que está mais perto do *meu* aniversário do que do *seu*.

Nós paramos de andar e ficamos diante de uma porta dupla de madeira escura, entalhada minuciosamente com detalhes delicados e retorcidos.

— Eu torço para que não esteja esperando um presente.

— Claro que estou. Como um príncipe poderia se recusar a presentear uma donzela? Isso é um absurdo. E trate de arranjá-lo rápido, porque é daqui três dias!

Jonathan gargalhou, mas não respondeu, pois não teve a chance. Eu me desvencilhei de seus dedos quando a porta se abriu, revelando o cômodo mais bonito de toda aquela fortaleza. Arfei enquanto girava no lugar para olhar em volta.

Era uma biblioteca quase tão grande quanto o próprio castelo. Suas paredes eram feitas de prateleiras altas e largas infinitamente preenchidas por livros de todas as cores e tamanhos, os quais eram acessíveis apenas por uma grande escada de ferro que se erguia do chão ao teto e movia-se com rodinhas.

Duas escadarias gêmeas de pedra tomavam o fundo do recinto; cada uma delas começava no centro e se erguia em espiral até a beirada das paredes, levando a uma grande e ampla galeria superior, onde mais prateleiras de madeira preenchidas com livros se encontravam.

No andar de baixo, onde estávamos, havia mesas, cadeiras, poltronas e sofás, que estavam arrebatados de velas

acesas e alguns cobertores. Andei até uma mesa no centro que estava coberta de livros abertos e esparramados, com dizeres em línguas desconhecidas e aparentemente muito antigas.

— Bem-vinda ao lugar onde passei os últimos dias.

A lembrança de Matthew me dizendo que ele e o príncipe haviam procurado por todo esse tempo uma cura para o que quer que Marian tivesse feito comigo retornou à minha mente. John se aproximou e apoiou-se no tampo, de frente para mim.

— Você o ajudou — disse. Inclinei-me para ele e o encarei. — Por quê? Você não sabia o que estava acontecendo, não sabia o que eu tinha feito ou poderia fazer.

Um momento de silêncio se seguiu enquanto o príncipe mordia o lábio e ponderava.

— Você está certa — disse, finalmente. Endireitou- se e deu de ombros. — Ainda não entendi o que aconteceu e, apesar de Matthew ter tentado me explicar, ainda é demais para que eu compreenda rapidamente. E não, não sei o que você é capaz de fazer, mas eu realmente espero que não envolva me colocar em um espeto e me assar com sua fogueira mágica. — Eu ri, apesar da cautela em sua voz. — E é exatamente por isso que o ajudei a te curar.

— Como assim? — Franzi a testa. John deu um sorriso de lado e contornou a mesa larga a passos lentos enquanto falava.

— Eu não sei nada sobre você. Antes pensei que soubesse, mas estava errado. Você parece ser a única capaz de ler o interior das pessoas, porque eu não faço ideia do tipo de vida que você leva, Catherine. E eu quero descobrir. — O príncipe parou de frente para mim e sua mão encontrou a minha. O toque era leve e quente, quase hesitante. — Você, de algum modo, arranjou um jeito de entender a coisa distorcida que eu chamo de vida, e eu quero fazer o mesmo. Quero conseguir compreender o que você sente e estar ao seu lado para compartilhar isso.

— Como pode querer tantas coisas? — perguntei. Eu sorria e meu tom era descontraído, mas ainda podia sentir a tensão e medo em meu corpo. — Você me conhece há duas semanas,

Jonathan... Pense bem antes de entrar em algo de onde não pode sair. O que aconteceu naquela manhã foi só o começo. As coisas podem ficar realmente perigosas.

Jonathan balançou a cabeça e deu um passo em minha direção.

— Eu já estou nisso, Catherine. Desde o momento em que você me abraçou naquela torre, fiquei preso a você, e não posso sair. Não *vou* sair. Não quero, e você não pode me pedir isso.

Eu me permiti sorrir e ter esperança de que tudo se resolveria. Dei um passo para frente.

— Então... está tudo bem quanto aos meus poderes? — indaguei com medo da resposta.

Ele deu de ombros.

— Eu posso lidar com um pouco de magia. Tive tempo e li livros o bastante para me acostumar a este fato. Além disso, acho algo bem legal.

— E não há riscos de você sair correndo a qualquer momento com medo de mim?

—Não.

— Mesmo se eu for uma feiticeira muito má e destruir tudo à sua frente?

— Sim — ele riu. — Mesmo que você consiga verrugas e um nariz torto.

— Uau, você é mesmo um cavalheiro. Que ótimo amigo.

O sorriso do príncipe vacilou, e eu me arrependi de minhas palavras assim que as disse. John rapidamente se recompôs, mas pude ver uma pontada de tristeza em sua expressão, que se foi tão rápido quanto apareceu. Sua mão se desvencilhou da minha, e eu balancei a cabeça.

— Não foi o que eu quis dizer — me apressei em explicar. — John...

—O quê? Que eu sou ótimo? Assim você machuca meu ego — ele brincou, disfarçando, mas eu podia ver o desapontamento em seus olhos dourados. Mordi o lábio e agarrei sua mão novamente.

—Me desculpe. Eu não quis...

— Está tudo bem, Catherine. Você e eu sabemos a verdade — ele falou, e eu franzi a testa. Não, ele não sabia. — Você veio a pedido de seu pai, certo?

— Sim, mas...

— Somos amigos. Desde o começo, até o final. Eu fui um tolo de não acreditar em suas palavras.

Uma onda de dor passou por mim quando ele se afastou lentamente com uma expressão ferida. Eu tentei falar, abrindo e fechando a boca diversas vezes, mas nenhum som saiu. O que eu poderia dizer? Que ele estava errado? Que, em algum ponto, eu começara a sentir algo além da amizade? Algo pequeno, o começo de uma fagulha, e, ainda assim, significativo. Eu havia tentado repreender este sentimento, tentado focar no que realmente importava: meu passado.

Diante do desespero de ver John partir e da sensação de perda, algo dentro de mim despertou, como se uma parte minha acordasse após ter estado por muito tempo adormecida. *Confiança*.

Confiança de amar e me deixar ser amada, de viver algo novo, de me arriscar. A confiança que não percebi que havia perdido há muito tempo, naquele dia em que tudo desmoronou e meu coração se partiu pela primeira vez. E agora estava claro como o sol que eu precisava disso. Precisava sentir, tocar, *amar*.

Eu me apressei quando o príncipe se virou para a porta e segurei seu braço, virando-o de frente para mim. Sem pensar, puxei seu rosto em minha direção com a mão livre e fechei os olhos quando seus lábios tocaram os meus.

Por um segundo, senti Jonathan ficar rígido sob meu toque, mas então ele relaxou e devolveu o beijo. Uma de suas mãos foi para minha cintura e me puxou, enquanto a outra mergulhava em meu cabelo, puxando- o levemente. Agarrei seu pescoço e o trouxe para mais perto de mim, aprofundando o beijo, e fiquei na ponta dos pés quando John me abraçou ainda mais forte.

O contato das nossas peles deixava um rastro quente e elétrico, que percorria todo o meu corpo em ondas, fazendo-me ofegar. Seu toque era firme, instintivo, enlouquecedor de um jeito que fazia minha mente dar voltas ao mesmo tempo que eu tentava

me manter sã — o que, um segundo depois, tomei como uma missão impossível.

Rápido demais, o beijo se quebrou, mas o abraço permaneceu. John colou nossas testas e sorriu. Encarei a imensidão dourada e brilhante em seus olhos e mordi o lábio, passando os dedos lentamente por sua bochecha e nuca em um movimento constante. Seu cabelo loiro e ondulado era macio, parecendo seda ao meu toque.

—Você estava errado — sussurrei.

— Sobre o quê? — o príncipe murmurou e seus lábios roçaram os meus. Eu estremeci.

—Você nunca foi apenas meu amigo.

O sorriso que recebi foi estonteante e me tirou o chão.

—Jamais pensei que fosse gostar tanto de estar errado.

Eu ri e o beijei novamente, de forma calma. O pequeno caos em minha mente pareceu se desfazer lentamente, e a paz tomou conta de mim. Suspirei e nos separei novamente olhando em seus olhos. Dourado tinha adquirido um novo significado para mim.

— O que foi? — Jonathan perguntou.

— Pela primeira vez, sinto algo além de medo tomar conta de mim.

Era verdade. Eu não havia reparado, mas, desde que comecei a ter as visões de meu sonho, o medo começara a se infiltrar sorrateiramente e ultimamente só vinha aumentando. O episódio com Marian e o rei ainda se repetia em minha mente.

John pareceu ver a preocupação em minha expressão e levou a mão até meu queixo, erguendo-o para que pudesse olhar em meus olhos.

— Nós vamos enfrentar o que quer que aconteça, Catherine. Juntos.

Eu sorri e o abracei com mais força, afundando minha cabeça em seu pescoço. Fechei os olhos e inspirei, sentindo novamente aquele aroma amadeirado maravilhoso de sabonete e limão, que se tornava familiar ao meu olfato.

— Você é cheiroso — deixei escapar e corei quando o príncipe riu.

— Obrigado — ele disse.

Eu abri os olhos e apoiei o rosto em seu peito. Meus dedos passaram a traçar círculos ao redor de seus lábios enquanto eu falava:

— John, sobre seu pai... eu não sabia que aquilo ia acontecer. Eu sinto muito. Se servir de consolo, ele me defendeu de Marian, ainda que não tenha feito muito esforço.

— Está tudo bem — falou, sorrindo fracamente, mas eu sabia a verdade. Ele estava machucado. Eu me afastei e o encarei seriamente. Era hora de fazer exatamente o que tinha ido fazer quando o procurei.

— Não está. Marian é uma feiticeira, e algo me diz que não foi a última tentativa dela de me machucar. Eu tenho algo que ela, seu pai e o *chefe* deles querem. E sei que você quer estar ao meu lado para o que eu precisar, mas as coisas estão perigosas e ficarão ainda mais quando eu descobrir o que realmente está acontecendo. John, seu pai já está se arriscando ao se aliar com essas pessoas, e eu não sei do que ele pode ser capaz. Você precisa estar ciente de que lutará contra seu próprio sangue se entrar nessa batalha. Além disso, se algo acontecer a Stephen, o reino estará desprotegido, e você é a única esperança de seu povo.

O maxilar do príncipe se contraiu e ele olhou fixamente para um ponto aleatório atrás de mim.

— Você não pode me pedir para simplesmente virar as costas para tudo isso.

— Eu não estou pedindo, porque não quero isso — falei. Era verdade. Eu o queria ao meu lado, mas este desejo já era egoísta o suficiente, e eu não podia deixar de alertá-lo. — No entanto... você precisa ter certeza do que quer. Eu sei que doeria se afastar, principalmente depois de... bem, depois de hoje. — Um pequeno sorriso malicioso dançou em seus lábios. Eu o ignorei. — E há muita coisa em jogo. Não podemos pensar em apenas um lado da situação. Além disso... — corei e desviei os olhos. Minhas mãos, que estavam apoiadas em seu peito, começaram a suar. Enxuguei-as na saia do vestido — tem a competição. Eu não sou a única com segundas intenções a seu respeito e muito menos a única cujo sentimento é correspondido.

Jonathan franziu o rosto em uma careta. Ambos sabíamos que eu estava certa. A competição foi a maneira pela qual eu havia chegado até ali, afinal, eu com certeza não era a garota exclusivamente cortejada pelo príncipe. Pensar aquilo era burrice.

Novamente, aquela competição me deixou com raiva, mas, dessa vez, por um motivo completamente diferente do original.

—Eu não tinha pensado nisso.

— Pois devia. Daqui alguns dias, vai se esfregar nas outras garotas por aí — brinquei, dolorosamente ciente da verdade.

— Por favor, pare com isso — John pediu. — Não quero ouvir sobre outras garotas. Quero focar em você.

—Mas é verdade. Elas...

Eu fui interrompida quando os lábios de Jonathan encontraram os meus novamente, beijando-me de forma rápida.

— Não pense nisso — pediu. Beijou minha bochecha. — Não estou com elas agora. — O beijo desceu para o meu pescoço e se demorou lá. Eu suspirei. — Estou?

— Não — disse em um sussurro entrecortado.

Ele não respondeu. Pelo menos, não com palavras. Sua boca encontrou a minha mais uma vez, e eu o puxei para mais perto enquanto as mãos do príncipe me erguiam do chão, cessando nossa conversa completamente.

Capítulo 18

— Você está brilhando — Matthew disse assim que eu entrei em meu quarto após o jantar, algumas horas depois do acontecido na biblioteca. Eu me assustei. Não havia notado sua presença, um corpo esguio deitado na cama, a luz fraca da lua refletindo em seu cabelo negro e deixando-o azul. Seus olhos o faziam parecer um gato, as fendas finas rodeadas por uma íris amarelo-esverdeada brilhante.

—Você usou seus poderes — constatei. Deitei-me ao seu lado e notei que lágrimas marcavam suas bochechas. Suas roupas estavam amassadas e a manga estava um pouco molhada, provavelmente de enxugar o rosto. — E também não foi ao jantar. O que aconteceu?

Seus olhos desviaram-se dos meus. Ele hesitou por um momento e disse de forma vaga:

— Eu briguei com uma pessoa. Nada demais. — Então voltou a me encarar e franziu a testa. — Por que você está brilhando?

— Eu não estou brilhando. Pare de fugir do assunto.

—Claro que está. A luz está ao seu redor, em todo lugar. — Suas pupilas se estreitaram mais, seus olhos adquiriram um tom ainda mais intenso. Senti uma pinicação no fundo da mente. De repente, ele sorriu. — Você estava com Jonathan!

Eu corei. Bati levemente em seu braço, e ele sentou-se abruptamente, soltando uma gargalhada.

— Pare com isso!

—Eu sabia. Eu sabiaaaa! — exclamou gritando.
— Você está apaixonada!

Eu me sentei também, ficando de frente para o príncipe. Cruzei os braços e estreitei os olhos.

— Matthew Wayne, feche essa boca e caia fora do meu quarto se não for contar o porquê de estar chorando.

Toda a diversão sumiu de repente de sua face e ele respirou fundo, olhando para um ponto qualquer na parede. Seu rosto estava tomado de tristeza, e eu podia ver que Matthew estava tentando se manter forte para não desabar na minha frente. Peguei sua mão, preocupada, e ele a apertou.

— Tem... uma pessoa de quem eu gosto — falou, após um longo tempo em silêncio. Esperei pacientemente, enquanto ele buscava pelas palavras certas. — A coisa entre nós é... complicada, por assim dizer. Há muito mais envolvido na situação do que apenas nossos sentimentos, e estes já são confusos por si só. Minha mãe... ela faz de tudo para infernizar nossas vidas e impedir que fiquemos juntos. Foi esse o motivo da briga... ou pelo menos de uma delas. Eu estava cansado de apenas obedecê-la e fazer o que me é mandado. Eu a enfrentei, e a condessa respondeu meu pequeno ato rebelde com uma humilhação pública que atingiu a nós dois.

Eu fechei os olhos e controlei a imensa raiva que ameaçava invadir e tomar conta de mim. Quando os abri novamente, vi as lágrimas escorrendo pelo belo rosto do príncipe, que tentava controlar a respiração enquanto soluços silenciosos o sacudiam levemente. Eu o abracei com força, passando a mão por seu cabelo e sussurrando palavras de conforto.

De repente, me revoltei internamente e senti a fúria me dominar. Quem aquela mulher pensava que era? Que direito ela tinha de interferir no amor de duas pessoas? Qual era seu prazer

em ver o filho sofrer? Ela já havia feito tanto mal à Íris e Ean. Será que nunca se cansaria de arruinar a vida das pessoas?

Percebi o quanto estava preocupada, irritada e com medo pelo príncipe e tentei recobrar a razão. Não adiantaria nada me descontrolar agora. Ele precisava de um ombro amigo, de alguém forte em quem se apoiar. Suspirei e acalmei a respiração, puxando-o mais para mim. Seus soluços continuaram por algum tempo até ele conseguir respirar normalmente e seu peito voltar a subir e descer de forma regular.

— Foi horrível — Matthew sussurrou. Eu mal conseguia ouvi-lo, porque sua cabeça estava mergulhada em meu pescoço, sua voz abafada pelo meu cabelo. — Nós nunca conseguiremos ficar juntos.

— Não diga isso, Matt — falei, afastando-me um pouco para olhar em seus olhos. Segurei seus ombros e sorri tristemente. — Nós vamos dar um jeito nisso. Podemos falar com Jonathan. Ele é o príncipe herdeiro, e sua mãe é apenas a condessa. Ele com certeza conseguirá ajudar e assim Franccesca deixará vocês em paz.

Matt balançou a cabeça e quebrou o abraço, parecendo derrotado. Ele usou a manga da camisa branca para limpar as lágrimas e olhou para baixo enquanto falava:

— Você não entende... Nós já tentamos de tudo. Ela simplesmente não desiste. Eu estou há quase quatro anos tentando. A condessa parece sempre esperar pelo dia em que eu direi: “eu desisto, você venceu; tome aqui a minha vida e minha felicidade, faça com elas o que quiser”, ou algo do tipo. — Sua expressão se tornou amarga, o príncipe pareceu perder-se em lembranças aparentemente dolorosas. — Talvez seja isso mesmo que eu deva fazer.

— Não! Matthew, você não pode deixar de...

Eu fui interrompida quando a porta se abriu abruptamente com um estrondo. Em um salto, levantei da cama.

Matt me seguiu e nós nos viramos para a entrada do quarto, onde Ean Listern estava parado, em pé, com sua irmã nos braços.

Íris estava à beira da inconsciência. Seu rosto tinha dois arranhões profundos e seu uniforme estava coberto de sangue. Havia um rasgo no meio do vestido, na altura da barriga e, por ele, eu podia ver um grande corte, provavelmente a fonte de todo aquele pesadelo. Ela gaguejava palavras sem sentido, as pálpebras tremendo enquanto fechavam e abriam constantemente.

— Ela está apagando. Por favor, ajudem-me — o guarda disse, sendo tomado pelo desespero. Eu podia ver o medo e a preocupação em seus olhos azuis arregalados. Havia outra coisa também, algo que era maior e mais intenso do que raiva.

— Deite-a na cama. Não a deixe dormir, não importa o que aconteça — Matt falou, apressando-se para atravessar o cômodo e ir até a poltrona ao lado da porta da sacada, onde, reparei, os livros de magia ainda estavam jogados.

Eu tirei os cobertores do colchão e ajudei Ean a deitar a criada com a cabeça e o corpo retos. Eu fui tomada pelo choque quando examinei mais de perto o corte em seu dorso e percebi que estava mais sério do que havia reparado inicialmente.

—Temos que fazer algo! Ela não vai sobreviver se ficarmos aqui, devíamos levá-la até a enfermaria.

Ninguém respondeu. Ean e Matthew se entreolharam, enquanto o príncipe folheava um livro com uma capa roxa-escura de couro que não tinha título, apenas uma estrela prateada em alto relevo com o número três no meio. *Um livro de magia*.

Eu estava pronta para argumentar que os poderes dele podiam não funcionar agora quando algo agarrou meu punho. Olhei para baixo e vi minha amiga segurando meu braço firmemente, manchando de sangue a pele pálida.

—A-Andrew... — ela gaguejou, tossindo ao engasgar com seu próprio sangue.

— O quê? O que tem ele? — perguntei freneticamente enquanto via a vida de Íris se esvair de seu corpo.

— Ele... ele fez isso.

Meu sangue gelou e eu arregalei os olhos, engolindo em seco. Ean pareceu que ia vomitar, e eu vi aquela emoção indistinta crescer em suas feições. Novamente a raiva que eu sentia antes retornou com ainda mais força e eu não soube como me controlar dessa vez. Cerrei os punhos e senti minhas unhas perfurarem a pele.

— Quem é Andrew? — Matthew perguntou enquanto lia rapidamente alguns textos do livro antigo escritos em línguas desconhecidas.

— É o guarda de quem ela gostava — Ean respondeu. Sua mandíbula endureceu e seus punhos se fecharam. Seus olhos azuis estavam tempestuosos e ele parecia estar usando toda a sua força para não sair através daquela porta e caçar Andrew por cada canto do castelo. — Ele era meu amigo.

De repente, a cabeça do príncipe se ergueu, sua expressão tomada por tristeza, culpa, dor e arrependimento ao encarar o guarda. Além da raiva, tudo o que eu podia sentir era confusão. Por que diabos Andrew faria aquilo com Íris?!

— Eu sinto muito, Ean — falou, franzindo o cenho. Tive a pequena impressão de que não se referia apenas à situação atual. Mas o que quer que estivesse querendo dizer foi posto de lado porque, no segundo seguinte, ele estava olhando de volta para o livro. — Eu acho que encontrei.

Com passadas largas, Matthew contornou a cama e se posicionou ao nosso lado, de frente para Íris. Colocou a mão em cima do corte dela e fechou os olhos, murmurando palavras que eu não reconheci. Uma luz roxa fraca e bruxuleante saía do livro enquanto, lentamente, o sangue nas roupas da criada sumia como se evaporasse no ar. Eu vi as feridas se fecharem e o rosto pálido dela assumir mais cor ao mesmo tempo em que os olhos se fechavam. O brilho se apagou gradativamente.

Eu encarei, boquiaberta. Matthew havia usado seus poderes para curá-la. O príncipe oscilou e quase desabou, levando o livro roxo consigo, mas Ean segurou-o com firmeza. Vi admiração nos olhos do guarda, além de um pouco de medo também*. Ele não sabia*, constatei.

Eles se olharam de forma intensa por um segundo antes de focarem na criada novamente. Então liguei os pontos.

Ean e Íris eram sempre alvos das maldades da condessa porque Ean era a pessoa de quem Matthew gostava. Por isso os irmãos nunca foram embora e procuraram um emprego em algum vilarejo da capital. Por isso eles sempre toleraram a humilhação e maldade da corte. *Por amor*.

Encarei-os novamente. Suas mãos ainda se tocavam enquanto olhavam com expectativa para a garota deitada na cama. Eu não precisava de magia para ver que algo enormemente intenso pairava entre eles. Apesar de eu não ter percebido antes, apenas um tolo não notaria. Estava tão óbvio que eu me peguei sorrindo.

Novamente me perguntei como a condessa havia sequer pensado em tentar separar algo tão lindo e puro quanto aquele amor. A resposta não me agradou nem um pouco, e eu fiz uma anotação mental de que, quando Íris estivesse bem, Franccesca e eu iríamos ter uma palavrinha.

Como se estivesse esperando uma deixa, a criada acordou, abrindo os olhos de repente e inspirando uma grande lufada de ar. Ela sentou-se abruptamente e colocou a mão na barriga, onde se via apenas o rasgo do vestido. Quando percebeu que não estava morta, machucada e nem nada do tipo, Íris olhou para cima e se jogou em nós três com um salto. Ean a agarrou e levantou-a do chão, lutando para controlar as lágrimas.

— Eu fiquei com tanto medo de te perder — murmurou, afundando os dedos no cabelo negro da irmã. — Nunca mais faça isso, está ouvindo? Eu a proíbo de morrer.

— Ah, maninho, você sabe que sou mais forte do que isso — ela falou sorrindo, e eu soube que havia voltado ao normal. Então ela se afastou do guarda e abraçou Matt, sussurrando “obrigada” emotivo e cheio de lágrimas.

Logo, foi minha vez. Ela riu quando me apertou com força demais, o que me lembrou do dia em que me perdi na floresta com Jonathan e apareci do nada em meu quarto.

— Estou feliz que esteja bem, Íris. Você nos preocupou.

Subitamente, lembrei-me do que ela disse antes de se curar. *Andrew. Ele fez isso.* Afastei-me do abraço e encarei-a seriamente.

— Você tem algumas coisas para explicar, mocinha — declarei, segurando-a pelos ombros. Olhei para os outros dois e levantei uma sobrancelha. — Mas vocês, cavalheiros, vão ter que esperar para ouvir.

— O que quer dizer? — Matthew perguntou, franzindo a testa.

— Nós também queremos saber o que aconteceu — protestou Ean.

— Não, não. Vocês dois têm muito que conversar, e nenhum de nós vai explicá-los nada enquanto eu não os vir bem e em paz. Vão, vão!

Comecei a empurrá-los para fora do quarto, mas Matthew balançou a cabeça.

— Catherine...

—Matt, posso atualizá-lo depois. Vá. Vocês precisam se resolver.

Relutantemente e por ordens minhas, eles foram. No entanto, não sem antes me fazerem prometer que os contaria exatamente todas as palavras que Íris dissesse a mim.

—Agora me explique isso — falei assim que a porta bateu atrás do casal. — O que Andrew teve a ver com tudo isso?

A criada suspirou tremulamente e começou uma história curta que envolvia ela e o guarda tendo diversos encontros, depois que ela criou coragem para finalmente convidá-lo para um passeio até o vilarejo próximo ao castelo. Por alguns dias, eles apenas saíram para se conhecer, mas foi hoje, na hora do jantar, que estavam conversando nos estábulos após cavalgarem juntos e Íris decidiu contar a ele como se sentia, na esperança de que fosse retribuída.

— Mas... ele não era quem eu pensava que fosse — ela falou, desviando o olhar. — Sei que você não vai gostar de ouvir isso, Cath, então acho melhor que você se sente.

Eu fiz o que ela pediu, receosa quanto ao que esperar. Se a história acabava em uma tentativa de assassinato, nada de bom poderia vir disso tudo.

— O que aconteceu, Íris? — apressei-a.

— Depois de debochar de meus sentimentos, Andrew tirou do cinto uma adaga e... bem, você viu o que aconteceu. Mas, enquanto partia para cima de mim, o perguntei por que estava fazendo aquilo. Ele apenas disse que aquilo era um aviso.

— Aviso? Que tipo de aviso?

— Do tipo que diz “isso é só o começo”.

— O que é só o começo? Para quem era esse aviso, Íris? — perguntei, tentando não ficar zonza com a confusão de pensamentos que minha mente tinha se tornado.

A criada hesitou um longo momento, mas, quando viu que não podia adiar mais aquele momento, disse:

— Para você, Catherine.

O desespero tomou conta de mim. Eu estremeci violentamente e abracei a mim mesma, em um gesto inútil de proteção. Tentei digerir o que aquilo significava, mas não conseguia. Era simplesmente demais, muitas coisas acontecendo ao mesmo tempo, sem nenhum intervalo para que eu pudesse pensar sobre elas.

Todos aqueles acontecimentos estavam se tornando uma bola de neve. Eu sentia vontade de vomitar só de pensar que, alguns dias atrás, eu estava sã e salva na minha casa e de repente me encontrava com duas ameaças de morte nos ombros.

Fiquei enjoada quando percebi que Andrew só podia estar, no mínimo, envolvido com Marian e seus planos distorcidos de justiça. Era a única explicação para o “isso” ao qual seu aviso se referia. E este fato apontava que ele também poderia ser um feiticeiro, ou uma cobaia humana, como o rei.

Minha respiração se tornou descompassada e um ataque de pânico tomou conta de mim. Eu não sabia lidar com aquilo, não conseguia. Era demais. Durante a minha vida toda, fui apenas uma camponesa normal que trabalhava em uma vinícola e ajudava o pai no comércio.

Mas, eu deveria saber que o destino guardava muito mais do que isso para mim. Eu não era uma camponesa normal. Nunca fui. Eu não tinha pais biológicos. Eu podia controlar a natureza com nada mais nada menos que minha própria mente. Eu tinha visões sobre meu passado, que foi levado de mim por um mago psíquico.

Nada em mim era normal, e jamais seria. Andrew estava certo.

Aquilo era só o começo.

Capítulo 19

— Tem certeza de que quer fazer isso? — Jonathan perguntou, segurando meu braço quando paramos em frente ao quarto da condessa. Depois do que Íris me contou, eu a confortei quanto à decepção amorosa e pedi milhares de desculpas por ter se posto em risco em meu nome. A criada, como sempre, riu de meu desespero e disse que ficaria bem. Eu acreditei, porque nunca tinha conhecido alguém tão forte quanto aquela garota e estava admirada com sua capacidade de superar as dificuldades. “Eu não estava tão apaixonada, na verdade”, dissera ela.

Assim também descobri que Íris já sabia de meus poderes havia muito tempo — desde que nos conhecemos. Ela sempre se manteve quieta e entrou na atuação de falso desentendimento a pedido de Matt, que tentava ser cauteloso comigo desde o começo. Os únicos que não sabiam sobre a existência da magia eram John e Ean. Eu ri com o fato de que eles tiveram que descobrir da pior forma.

Depois disso, achei melhor tentar distrair minha mente antes que cedesse à insanidade, sendo assim, chamei o príncipe para me ajudar a cumprir a promessa que havia feito a mim mesma.

—É claro. Matthew e Ean são meus amigos. Íris quase morreu por mim. Eu devo isso a eles.

—Está bem, então. Esteja preparada para uma bela discussão. Isso não será fácil.

— Eu sei que não.

John apertou minha mão rapidamente e a soltou para bater na porta. Um gemido vacilante saiu de dentro do cômodo, e eu imaginei que a condessa já estivesse dormindo. Estava tarde, e eu precisei implorar para que Jonathan fosse comigo para arranjar

aquela briga. Depois de muitos *por favor* e um beijo de suborno, o príncipe ignorou seu sono e cedeu ao meu pedido.

Com um clique, a porta abriu, revelando um cenário medonho. Franccesca estava descabelada, com a maquiagem borrada, vestindo uma camisola de seda que mais parecia uma burca e segurando uma garrafa do que imaginei ser rum, a bebida dos piratas. Seu quarto estava bagunçado em um nível extremo, com travesseiros e roupas jogados por todo lado.

—O que você quer? — a condessa perguntou, cambaleando e se segurando no batente, porém com a voz firme. Imaginei que não estivesse tão embriagada... *ainda*.

— Precisamos conversar, senhora — eu disse, cruzando as mãos atrás das costas.

— Não está vendo que estou ocupada? Vá embora.

Franccesca tentou fechar a porta, mas Jonathan a segurou e deu um sorriso forçado. A mulher pareceu notá-lo pela primeira vez e estreitou os olhos.

—Por favor, senhora. É um assunto importante. Tenho certeza de que compreende, certo?

Com um resmungo, ela abriu passagem e nós entramos. Um baque soou atrás de nós quando ela fechou a porta e deixou a garrafa de rum numa penteadeira próxima. Seu quarto era três vezes maior que o meu, porém seu interior era tão lotado de coisas jogadas e espalhadas aleatoriamente que aparentava ser muito menor do que realmente era.

— A que devo o desprazer dessa visita? — indagou, sorrindo falsamente e se jogando em uma poltrona à nossa frente. Pegou um copo com líquido transparente na mesa de centro e tragou um grande gole.

John e eu nos entreolhamos, e eu suspirei internamente. Aquilo seria mais difícil do que o esperado.

— Estamos aqui para falar sobre seu filho, senhora.

— O que ele fez dessa vez? — a condessa perguntou e bebeu o resto da bebida de seu copo. Eu não gostei nem um pouco

do tom de desprezo presente em sua voz.

— O príncipe não fez nada. Nosso assunto é sobre algo que a senhora deveria *deixar* de fazer. — Por um segundo, Franccesca apenas nos encarou, impaciente. Então John continuou falando. — Sabemos do relacionamento de Matthew com Ean Listern, um dos melhores soldados de nossa Guarda Real, e também temos conhecimento das tentativas da senhora de separar o casal. Queremos que você pare. Imediatamente.

O pequeno discurso apaziguador do príncipe falhou. Franccesca caiu na gargalhada e levantou-se. Dirigiu-se novamente até a escrivaninha e se serviu de mais uma dose de seu líquido transparente, que imaginei, provavelmente, não ser água.

— Que provas vocês têm contra mim? Está claro que eu nunca faria nada que prejudicasse meu filho — ela falou, virando-se para nós novamente e apoiando-se no móvel atrás de si.

—Não precisamos de provas, Franccesca. O seu próprio filho e os irmãos Listern nos contaram das ameaças horríveis que você faz a eles — Jonathan disparou, e eu pude perceber que a respeitosa “senhora” havia parado de se aplicar à situação.

— Fácil. Eles mentem — disse simplesmente, dando de ombros e nos oferecendo um sorriso cruel. — Vocês dois acham mesmo que alguém acreditaria nessa história? É a palavra de um guarda maltrapilho contra a de uma *condessa*. Percebe a diferença na hierarquia?

—Talvez você tenha se esquecido de com quem está falando. Eu sou o filho do rei, e você é apenas uma condessa. Percebe a diferença na hierarquia? — o príncipe disse com suas palavras afiadas ecoando as da mulher. A conversa havia falhado, e assim ele estava partindo para as ameaças.

— Ora, por favor. Seu pai está comendo em minhas mãos, querido. Não há nada que você diga que eu não possa rebater, e Stephen, com certeza, acreditaria mais em mim do que no filho que só sabe desapontá-lo — Franccesca disse, e eu entendi o porquê de Matt ter falhado tantas vezes ao enfrentar sua mãe. Aquela mulher era próxima do rei de uma maneira que transpassava o limite da aliança política. Uma onda de repulsa passou por mim.

Com um surto de raiva e por instinto, dei um passo à frente. Jonathan mal pôde tentar me impedir antes que eu começasse a falar.

— Bom, já que a senhora é tão íntima do rei, tenho certeza de que compartilha alguns de seus segredos. Como talvez... certa inimizade com uma maga poderosa?

Pela primeira vez, ela vacilou. Seu sorriso deu lugar a uma careta de desgosto ao ouvir a palavra *maga*, e eu bolei um plano rápido em minha mente. Ela sabia sobre a existência de magia, era claro, mas eu precisava fazê-la ver que a inimiga era *eu*.

— Do que você está falando? — perguntou, cautelosa, e tomou um gole da bebida que ainda segurava.

— Ora, você não sabe? Bom, ao que parece, você não é tão confiável assim aos olhos de Vossa Majestade.

Eu sorri e me aproximei mais um passo quando o desgosto em sua expressão foi substituído pela raiva. Seguindo meu plano mental e torcendo para que nada desse errado, deixei meus poderes fluírem através de minhas veias e concentrarem-se em minhas mãos, formando bolas de fogo. Um pequeno suspiro ofegante saiu da mulher à minha frente, seus olhos brilharam de reconhecimento.

— É você — arfou.

—Olha, você é esperta — elogiei falsamente. O nervosismo tomava conta de mim, mas não demonstrei. Até onde eu sabia, ela também poderia ter poderes e contra-atacar minha pequena ameaça. Então, eu me segurei e calculei minhas ações com cautela. — Mas será que é esperta o suficiente para saber seu lugar? Veja, se até mesmo seu querido rei tem medo de mim, você não acha que também deveria ter?

A mulher engoliu em seco disfarçadamente quando dei mais um passo em sua direção. A fagulha de medo em seus olhos era pequena e estava disfarçada por indiferença e desprezo, mas pude notar o que queria saber: ela não possuía poderes. Estava indefesa.

— Está bem — falou, finalmente. — Está bem. Eu faço o que vocês me pedem.

— Matthew, Ean e Íris serão deixados em paz — afirmei ainda mantendo a voz firme e o fogo aceso. — Você se desculpará publicamente e retirará tudo de ruim que já disse sobre eles — *todos* eles.

— Sim, sim — Franccesca concordou após um momento de hesitação, revirando os olhos. Ela podia estar em perigo, mas ainda era uma megera e obviamente não deixaria de tentar sair por cima.

—Ótimo. Viu? Não foi tão difícil! — exclamei. Minha voz estava suave como se eu falasse com uma criança que precisava aprender a não ser malcriada. Deixei o fogo em minhas mãos se apagar, e a expressão de impaciência retornou ao rosto da condessa. — Bom, agora, se nos dá licença... temos mais algumas coisas para resolver. No entanto, viremos mais tarde para conferir se a senhora realmente cumpriu sua promessa.

Eu me virei, ignorando o pouco de pânico que surgiu em seu rosto, e sinalizei para Jonathan sair. Ele foi à frente, e eu o segui, batendo a porta atrás de mim. Sua expressão era de surpresa e admiração.

— Você daria uma boa líder — o príncipe observou assim que nos afastamos o suficiente do quarto da condessa para que ela não nos ouvisse. Eu corei quando percebi o que aquela frase significava e balancei a cabeça.

— Obrigada, mas... não tenho certeza disso. Acho que apenas consegui convencê-la com a ameaça de meus poderes. Não tenho vocação para fazer acordos e negociações como você.

— Um líder faz muito mais do que apenas acordos, Catherine. Eu me refiro ao modo rápido e eficiente com que você lida com as coisas. E não pense que não sei de seu pequeno sonho de transformar esse lugar em algo melhor. Íris me conta uma coisinha ou outra.

O príncipe deu uma piscadela, e eu senti minhas bochechas queimarem novamente. Por alguma razão, era desconfortável saber que ele tinha conhecimento da minha não-tão-grande-assim vontade de me tornar rainha e de meu não-tão-bem-arranjado plano de melhorar a vida na corte.

— Não sei do que está falando — esquivei-me de seu comentário, descaradamente me fazendo de desentendida.

Um sorriso brotou em seus lábios, mas desapareceu rapidamente quando ele me encarou por alguns instantes, inquieto. Jonathan queria saber algo, contudo, continuou hesitando e me olhando por vários segundos antes de perguntar, sua voz cheia de cuidado e receio:

— Cath... você iria mesmo atacá-la?

Ponderei por um instante. Dei de ombros.

—Bom... sinceramente, não. Aquilo foi apenas um truque, algo que eu praticava na fazenda, no inverno. Eu nunca machuquei alguém com minha magia, o máximo que fiz foi me defender de Marian naquele dia que ela parou meu coração. Ainda assim, foi por puro instinto e reação à uma situação de perigo. Não fui treinada para fazer o mal.

Um pouco de meu contentamento sumiu, dando lugar a uma horrível sensação de insegurança. E se eu fraquejasse quando o pior precisasse ser feito?

— Mesmo assim, foi algo bem legal. Apenas lembre-me de nunca a irritar — John disse, apertando minha mão e lançando-me um sorriso divertido. Afastei meus pensamentos e devolvi o gesto, novamente me sentindo vitoriosa.

— Pode deixar.

MATTHEW

Ean e eu saímos do quarto de Catherine e ficamos parados no corredor por alguns segundos, mergulhados em um silêncio tenso e desconfortável. O guarda não me encarava, apesar de ainda segurar minha mão.

— Eu deveria voltar ao trabalho — disse repentinamente, desvencilhando seus dedos dos meus com um suspiro. — Há muito que fazer na patrulha da fronteira, e eu tenho alguém para demitir.

— Está bem. Vamos, eu te acompanho.

Nós fomos até o andar térreo em que ficava o quarto de Ean e a ala dos guardas. Paramos em frente à sua porta. O corredor estava vazio, já que a maioria dos soldados fora de plantão estava dormindo.

— Acho que lhe devo no mínimo um agradecimento — Ean disse, se virando para mim. — Íris não teria sobrevivido sem você.

—Não é necessário, querido. Eu fiz o que achei certo, não necessariamente apenas por sua causa.

Ele assentiu, distraído. Depois de vários segundos de silêncio, murmurou, inseguro:

— Matthew... nós precisamos conversar.

— Eu sei. — Suspirei e balancei a cabeça, fitando o chão. — Olhe... quero que me perdoe por tudo o que aconteceu hoje mais cedo com a condessa e os guardas. Ela não deveria ter feito o que fez, e eu realmente sinto muito.

— Eu sei que sente, Matt, mas a culpa não foi sua. Franccesca faz o que quer fazer. Você sabe melhor do que ninguém que ela não tem limites. E... é por isso que... — sua voz vacilou. Ele mordeu o lábio inferior, desviando os olhos dos meus —... é por isso que acho que devíamos escutá-la.

— O que quer dizer? — Franzi o cenho.

Eu me senti confuso, mas consegui perceber que aquela conversa não tomaria um rumo bom. Após um longo momento de hesitação, Ean disse de uma vez:

— Nós devíamos nos separar.

Um riso nervoso e incrédulo escapou de minha garganta. Aquilo só podia ser brincadeira, certo? Porque era o que parecia. Contudo, a expressão de dor do guarda me disse o que eu precisava saber: ele falava sério.

Meu sorriso irônico sumiu e eu o encarei por um longo minuto com olhos arregalados. Não sabia como reagir. Jamais poderia imaginar que Ean iria querer algo assim.

— Por favor, diga algo — pediu em um sussurro quando eu não respondi. Dei de ombros e balancei a cabeça.

—Eu não sei o que dizer. Eu só... por que isso passou por sua cabeça, Ean?

Ele desviou os olhos.

— Eu só estou tentando protegê-lo... As coisas só vão piorar, Matthew. Tudo vai ficar mais difícil. Sua mãe jamais vai desistir de nos importunar, não importa o que façamos. É melhor assim.

— Não. Você não vai fazer isso. Não vai bancar o herói e sacrificar a própria felicidade em prol de... O quê? Um pouco de paz por alguns dias? Você sabe bem que a condessa não vai parar por aí. No segundo em que dermos o que ela quer, é apenas uma questão de tempo até que arranje outro empecilho para implicar. Você mesmo disse: ela *jamais* vai desistir.

— Matthew, escute-me...

— Não, *você* me escute — eu disparei, aproximando-me. Estávamos a um palmo de distância agora. — Eu te amo, Ean, e não vou deixar você desistir de nós. Está ouvindo? Você não vai fazer isso.

O guarda desviou os olhos e balançou a cabeça.

— Por favor, não torne isso mais difícil...

—Se é difícil, *por que* você está tentando? *Por que* está fazendo isso? — Quando ele não respondeu e nem olhou para mim, eu segurei seu rosto com uma mão e prossegui: — Você não quer isso, Ean...

— É necessário — sussurrou, tirando gentilmente meus dedos de sua bochecha.

— Então olhe nos meus olhos e diga que é o que você quer, que é o que você precisa, que é o que vai lhe fazer melhor. Olhe nos meus olhos e diga que não me ama.

Ean permaneceu imóvel por muitos segundos, fitando fixamente um ponto na parede. Impaciente, levei novamente minha mão ao seu rosto, dessa vez forçando-o a me encarar. Trouxe-o para mais perto ao puxá-lo pela cintura e enxuguei as poucas lágrimas que ameaçaram descer por suas bochechas finas e pálidas.

— Você não precisa fazer isso — sussurrei. — Você não precisa tentar sempre salvar a todos. Isso não é uma coisa

possível, Ean... Você só sairia machucado. Eu sei que as coisas não são fáceis para nós, mas também sei que tudo se tornaria ainda pior se nos separássemos. Você é a única coisa que consegue me manter de pé em dias como esses, por isso, por favor, não me deixe.

O guarda fechou os olhos e um leve sorriso brotou em seus lábios. Beijei-o levemente e o puxei para mim em um abraço quente e confortável. Alívio percorreu todo o meu corpo. Ele estava de volta.

Separei-me de Ean quando ouvi uma risadinha atrás de nós e me virei. Jonathan e Catherine estavam sorrindo em aprovação. Revirei os olhos e comecei a bolar uma piada espertinha para aquele momento, mas parei quando vi suas mãos entrelaçadas.

Eu me permiti deslizar para suas mentes e a sensação familiar de poder tomou conta de mim enquanto investigava suas emoções. Como esperado, ali estava, presente em ambos, o pequeno, porém, verdadeiro e já muito intenso sentimento que, eu soube naquele momento, seria responsável por dar fim àquela competição.

Nenhum dos dois parecia ao menos se dar conta da dimensão de sua proximidade. Eu sorri. Seria divertido assisti-los desenvolverem aquela pequena e poderosa faísca de amor.

Capítulo 20

A condessa cumpriu sua promessa.

Minutos depois de Jonathan e eu termos presenciado o casal mais lindo do reino fazer as pazes, Franccesca apareceu na ala dos guardas e convocou a todos no recinto — e, para tal, acordou os pobres soldados que dormiam depois de um dia árduo de trabalho — para ouvirmos um discurso público de perdão e arrependimento pelas suas "falsas declarações e tentativas de humilhação contra o amado filho".

Obviamente, pude notar que em sua fala havia mais fingimento e atuação do que, de fato, os sentimentos que pregava, mas não fazia mal; contanto que ela deixasse meus amigos em paz, eu não me importava com o que aquela mulher pensava ou deixava de pensar.

Ela pareceu perceber isso quando sustentou meu olhar furioso por longos segundos após terminar de discursar, desviando os olhos logo em seguida para fixá-los em seu filho, abrindo um sorriso forçado. A condessa abraçou Matthew desajeitadamente, o que me rendeu uma expressão de espanto, confusão e gratidão por parte do príncipe.

Mal tive tempo de explicar-lhe o que havia feito quando Franccesca decidiu prolongar seu pronunciamento:

— Já que estamos todos reunidos aqui, não vejo melhor hora ou lugar para fazer o seguinte comunicado: meu bondoso filho e príncipe, Matthew Wayne já completou vinte e cinco anos há alguns meses e está mais do que na hora de dar a ele a recompensa merecida por tantos anos passados ao meu lado,

apoiando-me em assuntos e decisões da corte. Por isso, é com imensa alegria que anuncio que, em uma semana e meia, será realizado um baile real, organizado por ele, que celebrará sua nomeação a conde de Cannehor. Meus parabéns, filho!

Eu ergui as sobrancelhas, pega completamente desprevenida. Aquela era, sem dúvidas, uma novidade inesperada para todos. Por alguns segundos, a multidão de soldados — incluindo Ean — não soube como reagir. Eu não estava muito diferente. No entanto, logo após, todos se entreolharam sorrindo e começaram a aplaudir. O som de vivas e comemorações tomou conta do ambiente, e todos foram cumprimentar Matthew, saudando-o com abraços e apertos de mão. Estava óbvio que não era todo dia que um novo membro real era nomeado, ainda mais alguém tão jovem. O único cargo da corte que eu sabia ser ocupado por homens abaixo de trinta anos era o lugar de rei, mas era algo puramente opcional, embora seguisse severamente uma tradição que perdurava, ainda que oscilante, por séculos: a competição.

Eu esperei até que todos os guardas tivessem parabenizado o nosso novo conde para me aproximar dele. Dei-lhe um forte abraço e beijei sua bochecha, murmurando uma pequena frase de congratulação. E, quando me separei de meu amigo, olhei para cima, de onde a condessa nos encarava parada como uma águia esperando para dar o rasante, e de repente algo me ocorreu.

Por que alguém como Franccesca abriria mão de sua posição de poder, ainda mais em um momento tão precoce? Quando Matthew fosse nomeado, por lei, a condessa voltaria a ser apenas uma mulher, deixando para trás seu cargo tão bem exercido de braço direito do rei. Então, por que adiantar esse momento? Como alguém ambicioso, mesquinho e calculista como ela abriria mão, por vontade própria, de um título tão importante e influente?

Franzi o cenho. Aquilo não fazia sentido algum para mim, e logo duvidei das intenções da mulher. Ela me encarou com escárnio, e minhas suspeitas se acentuaram. Gradativamente, as pessoas começaram a se dispersar e voltaram aos seus afazeres.

Aproveitei a oportunidade. Voltei meu olhar ao rosto de Matthew e puxei-o para um canto, longe dos ouvidos da condessa. Estava pronta para começar a falar sobre a estranheza dessa repentina decisão, mas parei quando vi o sorriso eufórico no rosto do príncipe. Ele ansiava por aquele momento havia muito tempo, estava óbvio.

Hesitante quanto ao que fazer e com medo de estragar sua felicidade, decidi começar com cautela:

—Matt... acho maravilhoso que você vá ser nomeado conde, mas... isso não tiraria o cargo de sua mãe?

— Sim. É a lei — afirmou, assentindo. Olhei-o com expectativa, esperando que entendesse meu ponto, mas ele apenas franziu a testa e continuou a me encarar. Pigarreei.

— Você não acha um pouco suspeito que ela esteja abrindo mão do poder tão cedo assim? Quero dizer, você supostamente deveria assumira a posição daqui, no mínimo, cinco anos. É o que a maioria dos nobres faz. Não é?

— Sim, isso é verdade. — Matthew franziu a testa e seu olhar ficou distante. Eu podia ver as engrenagens de sua mente girando e encaixando-se para formar um pensamento lógico e coerente, ligando todos os pontos. Subitamente ele fechou os olhos, jogou a cabeça para trás e riu com incredulidade. — Estava bom demais para ser verdade...

— O que foi?

O príncipe cobriu o rosto com as mãos e esfregou-as nos olhos, parecendo repentinamente muito cansado.

— Ela está fazendo isso para me afastar de Ean.

— De novo? Essa mulher não se cansa nunca?! — exclamei, exasperada. Soltei o ar com força pela boca. — Como ela faria isso?

— O baile é em uma semana. Eu tenho uma semana para convidar todos os nobres e pessoas importantes do reino para a cerimônia; uma semana para preparar tudo: comida, bebida e entretenimento; uma semana para planejar todos os discursos e procedimentos burocráticos da mudança de cargo... Sem contar

que, assim que for nomeado conde, com certeza o rei fará chover tarefas para mim.

— Você consegue lidar com isso, certo? — perguntei com receio. Aquela era uma jogada que eu não previra. Mesmo eu não conseguiria desarmá-la, nem se pudesse provar que fora tudo planejado. — Digo, podemos arranjar um pouco de tempo para você e Ean se encontrarem, pelo menos até o baile. Depois disso, você estará no comando. Ela te deverá respeito e obediência.

— O problema não é só o tempo... — Matt respondeu, hesitante. Ele esperou um momento para concluir a explicação, como se estivesse procurando as palavras certas. Por fim, suspirou e balançou a cabeça. — Todos os membros da corte, eventualmente, devem ter uma companheira, mesmo que em um casamento de fachada, para gerar herdeiros do título e das riquezas. Eu nunca tinha pensado nisso como um problema, pois fui criado com esse pensamento e aprendi rapidamente a aceitar. Mas então Ean apareceu e... — o príncipe deu de ombros, desviando os olhos dos meus — digamos que alguns de seus princípios mudam quando você descobre que o que realmente importa é o amor.

Eu sorri tristemente. Matthew havia descoberto da maneira mais difícil que a obrigação nem sempre é tão fácil quanto todos fazem parecer. Eu o puxei para um abraço e sussurrei:

—Nós vamos acabar com essas regras, Matt. Eu prometo.

— Queria poder dizer que está certa, minha querida, queria mesmo. Você não sabe o quanto.

Pela segunda vez, desejei poder realmente ter alguma influência naquele lugar. Desejei poder ser a pessoa que realizaria mudanças significativas, que levaria ao castelo mais compreensão, amor, igualdade e justiça. Desejei poder ser a rainha que Íris, há tanto tempo, garantiu que eu seria.

Suspirei, dolorosamente ciente da realidade. Nada daquilo aconteceria.

— Eu sei, meu amigo. Eu sei.

****

A semana se arrastou.

Matthew e eu não conversamos depois da notícia de sua nomeação, como eu imaginei que aconteceria. Eu estava ansiosa para vê-lo, precisava contar a ele tudo o que Íris havia me dito sobre Andrew, queria gabar-me sobre meu sucesso com a condessa e perguntar-lhe sobre os poderes de cura que havia usado na irmã de Ean. E, infelizmente, Franccesca havia feito um belo trabalho ocupando-o, de modo que Matt não apenas se afastou do namorado, mas também de todos os seus amigos. Inclusive eu.

Tentei não levar para o lado pessoal, pois obviamente não era sua culpa. A nítida felicidade dele com seu novo título era o suficiente para me confortar quanto à situação e eu consegui manter a ansiedade.

Distraiu-me o fato de que Ean havia começado a me visitar depois que contei sobre o meu pequeno envolvimento com a atitude da condessa. O guarda me agradecera tanto que eu não sabia mais de onde ele tirava forças para dizer “obrigado”. A partir de então, ele, Íris e eu ficávamos horas conversando e fazendo jogos de tabuleiro em meu quarto — isso, claro, quando nenhum dos dois estava em serviço.

Na noite de véspera do baile, eu estava sentada na cama enquanto conversava com os dois irmãos quando uma batida soou na porta.

— Só um minuto — Íris disse, atravessando o quarto. Girou a maçaneta e fez uma mesura, abrindo passagem ao visitante. — Boa noite, Alteza.

— Boa noite, Íris — Jonathan respondeu com um sorriso. — Catherine está?

Eu me levantei, sendo acompanhada por Ean.

—Estou bem aqui. O que deseja, excelentíssimo senhor? — perguntei, mantendo o tom cordial por diversão. Fui até a porta e sorri.

— Gostaria de conversar com a senhorita. Temos alguns assuntos importantes do reino a tratar.

Recebi uma piscadela e caí na gargalhada. Íris e Ean se entreolharam e balançaram a cabeça com desaprovação. Jonathan e eu havíamos criado essa mania de fazer piada com a maneira

formal e monótona com que todos na corte se tratavam. Era um jeito de tornar tudo melhor.

— Acho que já vou. Preciso montar o cronograma dos guardas para a noite de amanhã — o guarda disse, lançando um olhar significativo à criada.

— Eu o acompanho, irmão. O vestido da senhorita Catherine não se costurará sozinho. — Ela me lançou um sorriso cúmplice que dizia que dessa vez eu não escaparia de seu fraco pela extravagância.

—Por favor, madame Listern, faça seu melhor trabalho com a senhorita Fairway. Não que ela precise, mas estou ansioso para vê-la trajando o mais bonito dos vestidos.

Corei com o elogio.

— Absolutamente. Com licença, Alteza. Senhorita.

Os dois se curvaram e saíram, deixando-me a sós com o príncipe. Ele dirigiu-se até mim e puxou-me para a sacada.

— O que o trouxe aqui? — perguntei, ficando séria de repente devido ao seu silêncio.

— Só queria te ver. Senti saudade.

Jonathan virou-se para mim. Seu cabelo brilhava à luz da lua, fazendo parecer que era feito de ouro. Ele apoiou as costas no parapeito e puxou-me para perto.

— Nós nos vimos anteontem!

— Então acho que estou mal acostumado.

— E está mesmo. O que você fará se eu for embora? Vai viajar até minha casa todos os dias? — brinquei.

—Você não vai embora — ele murmurou, seu tom sugerindo que não queria entrar naquele assunto. Ignorei tal aviso.

— Você não sabe disso. Já te disse que outras pessoas podem encantá-lo ainda mais do que eu.

— Eu duvido muito disso — teimou.

— Eu não. A propósito, como vai a competição?

Jonathan soltou umsuspiro exasperado e balançou a cabeça.

— Por que você sempre tem que perguntar isso?

Dei de ombros.

— Eu só quero saber quais são as minhas chances.

O príncipe me puxou para mais perto, deslizando os dedos pela minha bochecha. A mão que estava em minha cintura subiu para rodear meu rosto e me obrigar a olhá-lo nos olhos.

— Você tem todas as chances do mundo, Catherine. Só precisa aceitar.

Balancei a cabeça, sorrindo tristemente. O príncipe havia feito uma declaração parecida alguns dias atrás, mas não acreditei. Em nenhuma das vezes. Algo em mim não permitia que eu confiasse em suas palavras, talvez fosse medo da decepção ou apenas insegurança.

— Como você sabe que é o que quer? — sussurrei. Segurei seus braços e levei suas mãos para baixo, mas Jonathan não permitiu que me afastasse.

— A competição ainda durará por mais de dois meses, e até lá muita coisa pode acontecer.

— Eu não sei como — cochichou de volta, inclinando-se em minha direção —, mas eu quero.

Seu olhar se dirigiu até minha boca. Mordi os lábios provocativamente, o que arrancou dele um sorriso, mas me afastei quando Jonathan tentou me beijar. Dei um passo para trás.

— Eu já lhe disse que você não me conhece o suficiente para afirmar isso — falei. O olhar irritado e impaciente que ele me lançou quase me fez cair na risada, mas não tive tempo para reagir porque o príncipe me puxou bruscamente pela cintura, colando seu corpo no meu.

— E *eu* já lhe disse que não me importo com isso. Ele me beijou, mas eu não iria me render tão fácil.

— Pois deveria — murmurei, a voz abafada pelo contato de nossos lábios. — Você sabe que foi por esse motivo que aceitou dar início à competição.

Jonathan jogou a cabeça para trás, respirando com raiva, e eu mordi o lábio para conter uma risada. Consegui desvencilhar-

me de seus braços e corri para dentro do quarto. O príncipe me seguiu.

— Você está errada. Eu aceitei realizar a competição porque queria me casar por amor! — gritou, tentando me alcançar. Eu corri em direção à cama, colocando uma poltrona entre nós.

— E como você pode amar alguém que nem conhece?

— Eu te conheço, Catherine.

— Ah, é mesmo? Então qual é a coisa da qual eu mais gosto? Quais são as minhas maiores qualidades? E meus defeitos?

Jonathan investiu em minha direção, e eu não fui rápida o bastante dessa vez. Ele pulou em cima de mim e estávamos próximos o suficiente da cama para que aterrissássemos nela. O corpo dele protegeu o meu da queda, mas assim que nos vimos deitados, John inverteu as posições, usando seu peso para me prender entre ele e o colchão.

Encarei seu rosto, rindo da situação. Nós parecíamos duas crianças brincando de pique-pega. Seu sorriso fazia seus olhos brilharem, e eu vi que a raiva da provocação havia ido embora, restando apenas diversão.

— Eu posso responder essas perguntas — afirmou com orgulho. Sua respiração descompassada acompanhava a minha, e eu me senti corar sob seu olhar intenso. — Eu sei que o que você mais gosta é usar seus poderes e estar perto da natureza, que quem você mais ama nesse mundo é o seu pai. Sei que você é a pessoa com o coração mais puro que já conheci, que é tão corajosa e incrível quanto qualquer pessoa poderia ser, que seu sorriso é capaz de iluminar o meu dia, que sua risada é tão contagiante que é impossível alguém não se sentir feliz quando a ouve, que seu beijo é tão envolvente que me faz esquecer o mundo. Sei que você é teimosa e orgulhosa, que só faz o que quer, mas se esforça para agradar quem ama, que odeia seguir ordens, mas adora impô-las. Sei que você fala demais e adora isso, tanto que às vezes tudo o que eu quero é beijá-la, mas não posso interrompê-la no meio de alguma frase, porque você se irritaria. Sei que você pensa que eu não a conheço, mas está errada. Eu te conheço, Catherine Fairway, mas isso não é nem de longe tudo o que eu gostaria de saber sobre você.

O maior e mais verdadeiro sorriso abriu-se em meu rosto. Eu senti minhas bochechas queimarem de felicidade e balancei a cabeça, incrédula. O olhar do príncipe novamente se dirigiu à minha boca e a realidade de nossa situação me atingiu. De repente, a temperatura do quarto se tornou mais quente, fazendo-me ofegar.

— Bom... — comecei com a voz rouca. Pigarreei e continuei —, já que é assim, acho que você pode me beijar, então.

Jonathan não perdeu mais nem um segundo. Seus lábios encontraram os meus com urgência e rapidamente o beijo se aprofundou. Eu o empurrei, invertendo nossas posições, e sentei-me, puxando-o para mim. Com um joelho de cada lado de seu corpo, abracei seu pescoço e enterrei meus dedos em seu cabelo.

Sua boca traçou uma trilha de beijos até meu pescoço, onde se demorou por muitos segundos. O príncipe levou os lábios ao meu ouvido e o mordiscou, sussurrando entrecortadamente:

— Eu ainda quero saber. Isso é um sim?

Afastei-me apenas o suficiente para olhá-lo nos olhos, que tinham escurecido e carregavam um sentimento que eu não soube identificar. Minha respiração estava sincronizada à dele, embora ambas estivessem rápidas e irregulares.

Abri a boca para responder, mas nunca tive a chance, pois uma batida soou na porta. Com um pulo, saí de cima de Jonathan e me levantei. Minhas bochechas queimavam e eu segurei uma risada ao ver que o príncipe também estava corado. Clareei a garganta e disse:

— Só um momento, por favor.

Ajeitei o cabelo e a roupa, tentando me manter apresentável. Quando abri a porta, deparei-me com um homem baixinho e musculoso trajando um terno verde-musgo muito bem costurado.

— Boa noite, senhorita. Desculpe-me o incômodo. Vossa Majestade Real solicita a presença do príncipe herdeiro, e uma criada me informou que ele estaria aqui.

— Adolf — Jonathan cumprimentou se aproximando. O homem se curvou profundamente. — O que meu pai deseja?

— O rei ordenou-me que o levasse até os convidados, Vossa Alteza. O marquês e sua família estão aqui para o baile real do nosso novo conde.

— Já chegaram? Pensei que só viessem amanhã.

—Não, Vossa Alteza. O visconde, o barão e os outros lordes é que virão amanhã.

— Tem razão. Obrigado, Adolf. Eu já vou.

John fechou a porta antes que o homem pudesse protestar e se virou para mim com preocupação no olhar.

— Desculpe-me por isso, Cath. Eu preciso ir.

— Está tudo bem, nós podemos terminar a conversa depois. O dever o chama.

— Eu vou cobrar essa promessa — garantiu, dando-me um beijo rápido e saindo do quarto.

—Eu sei que vai — sussurrei, mas ele já tinha ido.

Capítulo 21

O dia do grande baile chegou com uma *ótima* notícia: eu me vestiria de Árvore de Natal. Ok, talvez dizer “Árvore de Natal” fosse um exagero, mas não estava muito longe da verdade. Íris havia feito um vestido tão brilhante e vermelho que me perguntei se aquele não seria *meu* próprio baile. A pior parte era: ela me convenceu a usá-lo. Como? Chantagem emocional, *é claro*.

O fato foi que, depois que Jonathan saiu para seguir Adolf até o andar principal para receber seus convidados, decidi tentar pegar no sono e me surpreendi com uma noite tranquila e sem pesadelos, o que era raro para mim desde que havia chegado ao castelo. Quase todas as noites os *flashes* de memória sobre a clareira e o dia do assassinato de meus pais vinham me assombrar e cada vez se tornavam ainda mais assustador.

Esse fato foi somado a todos os acontecimentos das últimas semanas acumulando-se em minha mente e resultando em um terrível e constante mau humor ao acordar. Por este motivo, a criada se surpreendeu quando veio preparar meu banho para o café da manhã e me viu com um sorriso no rosto.

— Sem pesadelos esta noite? — perguntou enquanto pendurava no guarda-roupa a capa preta que protegia sua obra-prima para a noite.

— Exatamente! — confirmei, contente. No entanto, havia algo a mais levantando meu astral. — Isso, e... bom, digamos que eu esteja ansiosa para o baile.

— Sendo assim, é o momento perfeito para lhe mostrar algo.

Íris tirou o vestido embrulhado do guarda-roupa e o trouxe até mim com um sorriso enorme estampado no rosto. Abrindo

alguns botões, ela deixou o tecido preto cair e revelou a coisa mais brilhante que eu já vi em toda a minha vida. O vestido de cetim vermelho era todo costurado no modelo sereia: justo até o joelho, mas com uma saia um pouco mais solta e volumosa até chegar aos pés. Da barra até o meio da coxa, era liso e macio, mas então pequenos pontos cintilantes começavam a surgir gradativamente, de modo que, chegando ao corpete, *glitter* era tudo o que se via. Até aí tudo bem. *Um pouco de brilho, ok, consigo lidar com isso*, pensei. Então eu vi o decote. Como línguas de fogo coladas na pele, colunas irregulares de tecido subiam alguns centímetros até meu pescoço, formando o acabamento mais peculiar que eu já havia visto.

— Eu sei, eu sei — Íris suspirou. Ela provavelmente havia detectado a confusão e incredulidade em meu olhar. — Você deve estar se perguntando: "por que diabos ela iria fazer um vestido tão estranho e chamativo?" Bom, a resposta é simples. Quando Matthew anunciou que faria o baile e que as competidoras compareceriam, fui obrigada a pensar na roupa mais genial que poderia fazer, porque, afinal, essa é sua grande chance de finalmente laçar o seu príncipe. Porém, eu não fazia ideia de como conseguir isso. Primeiro pensei em algo com uma fenda, mas você acharia muito ousado — e eu também, se quer saber. Depois, imaginei um vestido inteiramente colado, mas teria o mesmo problema. Então decidi fazer esse modelo. Porém, ainda estava muito pouco. Eu queria algo mais. Decidi colocar um pouco de glitter e foi quando eu tive a brilhante ideia: fogo. Porque não há nada mais original e mais "Catherine Fairway" do que fogo.

—Bom... — comecei, sem saber ao certo o que dizer. A roupa era linda e criativa, e a criada tinha razão: era minha marca registrada. Porém... tinha um problema. — Eu amei, de verdade, mas você não acha chamativo *demais*?

— Claro que não. Se você visse o vestido das outras competidoras... — Ela fez uma careta de nojo e balançou a cabeça. — Bom, digamos que você me deve um grande "obrigada" por ter colocado apenas brilho aqui.

— Mesmo assim, eu...

—Ora, vamos! — Íris disse, interrompendo-me. — Eu quase dei a vida para fazer esse vestido! Sem contar quando realmente *dei* minha vida por você.

A criada estava se referindo à quando Andrew a atacou para me mandar um “aviso”. Cruzei os braços e a encarei, exasperada.

— Ei, isso é golpe baixo! Você sabe que ainda me sinto culpada por isso e faria qualquer coisa para recompensá-la. Não use esse fato contra mim!

Ela estendeu o vestido na minha direção, desafiadora.

— Sendo assim, use-o!

Respirei profundamente e balancei a cabeça. Eu não teria outra escolha, e era muito mais fácil aceitar seu pedido. Portanto, falei:

—Está bem... — E foi então que tive uma ideia genial. — Com uma condição.

— Qual?

— Nada de salto!

O sorriso que tomou conta de sua expressão foi grande o suficiente para mostrar todos os seus dentes.

— Fechado!

****

O dia passou rápido. Durante a manhã, fui até a biblioteca real e comecei um livro interessante, encontrado em alguns minutos de procura. Falava sobre um homem e uma mulher que não podiam ficar juntos porque ela era rica e ele não, e a família dela não aprovava o matrimônio. Assim, eles decidiram fugir. Fiquei curiosa para saber o final, mas Íris foi me buscar para começar a me arrumar e não tive tempo de terminá-lo.

—Nós ainda nem almoçamos... — protestei enquanto era arrastada biblioteca afora por uma criada nervosa. — O baile não é só de noite?

— *Você* não almoçou, querida. Faz duas horas que estou te procurando para levá-la ao salão para comer, mas só

consegui encontrá-la agora. Todos provavelmente já até tiveram suas comidas digeridas enquanto você lia!

— Desculpe-me... Perdi a noção do tempo.

— Você tem sorte que eu a amo muito e guardei um generoso pedaço de carneiro com molho de hortelã — gabou-se ainda raivosa e me empurrando escada acima.

—Parece delicioso. Muito obrigada. — Beijei-a na bochecha e tentei fazer de tudo para acalmá-la, mas era praticamente impossível. Íris estava simplesmente agitada e ansiosa demais, não só com o fato de que estávamos “atrasadas” para começar toda a produção, mas também para me ver usando seu magnífico vestido.

Eu comi o maravilhoso carneiro com molho de hortelã rapidamente e sob pressão. Depois, escovei os dentes e tomei um banho que foi bastante demorado, porque a criada decidiu usar um produto diferente que “deixaria meu cabelo macio e brilhante”, garantiu.

Obedeci a tudo o que me foi imposto, porque sabia que ela tinha apenas boas intenções. Íris conhecia meu gosto e tudo o que fez era exatamente o que eu gostava, mesmo que ela não tivesse me consultado antes — maquiagem simples, porém sofisticada; sapatos confortáveis, mas bonitos; penteado pouco elaborado, contudo, elegante.

No fim, o que realmente mais nos tomou tempo foi colocar o vestido com todo o cuidado para não deixar cair *glitter* para todos os lados, porque ele não era exatamente colado ao tecido. Quando terminei de me arrumar, o relógio marcava a exata hora do início do baile.

—Perfeito! — sussurrou Íris consigo mesma. — Bem na hora. Você terá uma maravilhosa entrada triunfal!

Eu não respondi. Olhava-me no espelho distraída e admirava a minha própria figura. O vestido havia servido perfeitamente e, apesar da cintilância e do formato do decote, o que realmente mais chamava atenção era a cor, que contrastava com meu cabelo e meu medalhão, e o modo com que marcava as

minhas poucas curvas. Eu tinha que admitir, tinha ficado realmente lindo.

O penteado se resumia em um coque arranjado, feito com presilhas douradas, deixando alguns fios soltos caindo ao redor de meu rosto. Para combinar com meu pingente, ela havia surpreendentemente encontrado um par de brincos com o mesmo acabamento em rubi e ouro.

— Bom... apresentável, certo? — perguntei, buscando aprovação. Eu era toda vermelho naquela noite.

— Apresentável?! — repetiu, incrédula, e colocou as mãos na cintura. — Você é a garota mais linda desse castelo, meu bem! De nada, viu?

— Obrigada — Ri. Dei-lhe um beijo na testa e fui até a porta, finalmente pronta para sair. — Deseje-me sorte.

— Você não precisa, amiga. Já tem o príncipe em suas mãos! — exclamou, sorrindo. Revirei os olhos e com isso deixei meu quarto ao bater a porta atrás de mim.

Eu mal dei dois passos para fora do andar das competidoras e meu colar começou a brilhar intensamente, aparentemente sem motivo, como anteriormente. Eu estremeci ao lembrar-me da última vez que aquilo aconteceu e decidi não o seguir novamente. Ignorei-o e, depois de alguns passos, ele voltou ao normal.

Mesmo que tivesse permanecido com a intenção de chegar ao salão, acabei me distraindo com a luz repentina e virando em um corredor errado. Quando me dei conta, estava em um lugar totalmente desconhecido. *Ótimo, estou perdida*, pensei. *É claro*. Porque não podia continuar tudo simplesmente perfeito, as coisas *tinham* que dar errado!

Até que eu conseguisse retomar o caminho e chegar aos grandes portões do baile, muitos minutos se passaram e eu os encontrei fechados para mim. Porém, havia dois soldados que eu não reconheci de prontidão guardando a entrada e protegendo quem quer que estivesse lá dentro.

— Boa noite — cumprimentei, um pouco ofegante devido à leve corrida que havia feito para chegar a tempo. —Vocês podem me deixar entrar? Por favor, sou uma das competidoras do príncipe...

— Claro, senhorita — disse um deles. Eles puxaram as maçanetas com um estrondo, atraindo diversos olhares, e o que eu vi me chocou.

O salão principal, que já era naturalmente grande, fora aparentemente ampliado e transformado em um verdadeiro salão de baile, enfeitado com flores, mesas de comidas e bebidas, imensos candelabros e faixas de tecido semitransparentes penduradas horizontalmente no teto, que imitavam cortinas e compunham uma decoração dourada e verde — as cores da família Wayne. Em um dos cantos, pude ver que uma orquestra de cordas, composta por mais ou menos uma dezena de instrumentos, se preparava para tocar. Em frente a ela, um pequeno espaço era usado como pista improvisada para dança.

As únicas mesas no aposento estavam abarrotadas de comida. Não se via cadeiras e nem nada que pudesse ser usado como apoio ou descanso. As dezenas de pessoas trajando roupas chiques, elegantes e caras estavam em pé, conversando umas com as outras com sorrisos educados e forçados em seus rostos. Olhei em volta, procurando ver o anfitrião da festa, mas não o encontrei. *Provavelmente fará uma entrada triunfal e digna de um conde*, pensei comigo mesma. *Típico de Matthew*.

Na verdade, ao procurar por rostos conhecidos, acabei encontrando o do príncipe, que havia me notado devido ao barulho das portas se abrindo com minha entrada. Jonathan me encarava fixamente com os olhos um tanto arregalados e vidrados, enquanto eu andava lentamente e sem rumo.

Ele conversava com um homem baixinho e barbudo, que usava trajes tão finos que imaginei ser um dos nobres mais ricos daquele lugar. Suas feições eram um tanto familiares, e eu imaginei de onde podia conhecê-lo. Desejei me aproximar para ver melhor seu rosto, mas me impedi quando John olhou-o por um instante após balançar a cabeça, parecendo sair de uma espécie de transe, e disse-lhe algo rápido que não pude ouvir.

Ambos olharam na minha direção, e o príncipe começou a andar. Congelei. Ele havia deixado aquele homem sozinho, nervoso, frustrado e abandonado no meio de uma conversa para vir falar comigo. Balancei a cabeça, mas era tarde demais. Jonathan já estava no meio do caminho. De repente, a ansiedade ameaçou tomar conta de mim e minhas mãos começaram a suar. Enxuguei-as no cetim da saia discretamente.

Ele parou na minha frente, levantando uma das sobrancelhas e me olhando de cima a baixo ao examinar meu vestido. Seus lábios se entreabriram alguns poucos centímetros quando eu sorri e coloquei uma mecha da franja para trás da orelha.

— Cuidado, Alteza. Vai acabar engolindo uma mosca — provoquei. Jonathan fechou a boca e balançou a cabeça tão incrédulo quanto eu havia ficado. Havia admiração e um pouco de malícia em seus olhos, o que me deixou envergonhada e me fez desviar para fitar um ponto atrás dele. — Aquele homem não gostou nadinha do fato de ser dispensado por você a fim de Vossa Alteza vir falar com uma garota qualquer.

— Acredite, você não é uma *qualquer* — respondeu, recuperando-se do choque inicial e dando um sorriso mortalmente lindo. — Na verdade, senhorita, se me permite dizer, o adjetivo que melhor a descreve nesse momento é *quente*.

Eu não me permiti corar. Apenas levantei uma das sobrancelhas e cruzei os braços.

— Uau, que piada original! — falei, revirando os olhos.

—Eu faço o que posso — Riu, pegando minha mão em um gesto involuntário. O gesto não passou despercebido para mim, e muito menos para algumas competidoras que estavam perto de nós. Elas começaram a cochichar umas com as outras, lançando olhares odiosos para meu vestido. Sorri nervosamente. Aquela era uma demonstração pública um tanto ousada. — Eu falo sério. Você realmente está linda. Vermelho é *mesmo* a sua cor.

— Obrigada. Íris fez um bom trabalho comigo.

O príncipe apertou minha mão e ficou sério de repente. Olhou fundo nos meus olhos como se o que tivesse para dizer fosse muito importante.

— Eu a acharia linda mesmo se estivesse descabelada e vestindo um saco de batatas. O efeito seria o mesmo. Estou elogiando você, não o vestido.

Mordi o lábio, sem graça.

— Você não pode simplesmente olhar uma garota que demorou horas para se arrumar e dizer que a roupa dela não importa. Vai contra todas as regras do universo feminino, Alteza — brinquei, tentando não aparentar estar tão envergonhada quanto me sentia. Não estava acostumada a tantos elogios.

Felizmente, ele encarou com bom humor e riu, mas não teve a chance de responder, pois foi nesse momento que um guarda anunciou que a orquestra de cordas começaria a tocar. Uma música lenta e melodiosa fez os burburinhos do lugar suavizarem, levando muitos casais à pequena pista improvisada no meio do salão.

John se virou para mim e estendeu uma mão.

— Concede-me a honra dessa dança, senhorita Fairway?

O nervosismo tomou conta de mim. Se apenas o toque das nossas mãos causara certo rebuliço, o que uma valsa faria?

—E-eu acho melhor não, Jonathan. Eu não sei dançar...

Ele me puxou para si e me conduziu até a pista, contra minha vontade. Quando estávamos no centro, onde todos podiam nos ver, ele aproximou a boca de meu ouvido e sussurrou:

— Vou te contar um segredo: eu também não.

—Isso é mentira! — exclamei baixo, afastando-me dele. Começamos a balançar ao ritmo da música, o que atraiu alguns olhares curiosos. Ignorei-os. — Um príncipe jamais sobreviveria se não soubesse valsar.

— Está certo... eu sei dançar — admitiu, fazendo uma careta engraçada. Sua mão foi até minha cintura e puxou-me para si. — Você realmente é uma enciclopédia real, hum?

— Eu sei uma coisa ou outra — respondi. Apoiei as mãos em seu peito, coberto pelo terno azul-marinho e pela camisa branca. A roupa fina o deixava ainda mais bonito e contrastava com o dourado em seus olhos. — Não me pergunte como. Talvez tenha algo a ver com o fato de que eu provavelmente já estive aqui antes.

Você sabe, quando meus pais morreram. Não que eu possa confirmar algo. Matthew ainda não devolveu minhas memórias.

Meu tom sugeria que eu estava com raiva, mas, na verdade, estava um pouco grata. A cada dia que passava, uma nova minúscula parte da noite do assassinato de meus pais retornava a mim como se fosse uma caixa de água estourando com a pressão e fazendo vazar gotas de memórias. Eu não sabia se estava pronta para saber a história inteira. Além disso, depois do ataque de Andrew, não tinha visto nem ele e nem Marian, e sabia que parte disso era porque eu ainda não possuía toda a minha capacidade de realizar mágica.

— Você realmente é peculiar, Catherine — murmurou, tirando-me de meu devaneio e fitando-me de um jeito intenso e curioso. Sua testa aproximou-se da minha, mas me afastei.

— Não me olhe assim — repreendi ainda mantendo a voz baixa.

— Como?

— Como se eu fosse importante.

— Você é — falou, franzindo a testa.

— Não, não sou. Não enquanto a competição não estiver acabada e nosso casamento não estiver marcado. As pessoas estão nos vendo, Jonathan. Todos os nobres do reino estão nesse mesmo lugar, assistindo ao príncipe herdeiro dançar com uma camponesa sem dotes, sem pais biológicos e sem sequer um sobrenome. Você não pode colocar seu futuro em jogo dessa maneira.

Ele se afastou com uma expressão ferida, interrompendo a dança. Então soube que havia dito a maior besteira da minha vida e o arrependimento tomou conta de mim.

—Eu não posso acreditar que *você* está falando isso, de todas as pessoas. — Balançou a cabeça, parecendo profundamente machucado. — Pensei que me entendesse, Catherine.

— John...

Dei um passo em sua direção, mas ele apenas fez uma mesura rápida e formal, afastando-se ainda mais. Não o impedi. Se

nós iríamos ter uma briga, certamente não seria ali. Aquilo teria que esperar.

— Obrigado pela dança, senhorita Fairway.

Andou para fora da pista, logo sendo barrado por algum outro político nobre ou lorde altamente poderoso. Suspirei quando o vi dar seu melhor sorriso e percebi que era puramente forçado. Ao olhar em volta, notei que algumas pessoas me encaravam, umas com confusão, outras com contentamento. *Com certeza viram o pequeno show*, pensei.

— Parabéns, Catherine. Você acabou de conseguir a grande conquista de ser abandonada por um príncipe no meio de uma dança. Está feliz? — murmurei para mim mesma. Corri para fora dali, indo até uma parte mais distante do salão e tentando me misturar na multidão.

Não foi necessário caminhar muito. O lugar estava lotado de pessoas importantes conversando entre si e com as outras garotas da competição, portanto, facilmente me tornei invisível. Fui até uma mesa onde estavam sendo servidos inúmeros pratos chiques e requintados, juntamente com algumas bebidas, algumas alcoólicas e outras não.

Peguei uma taça e me servi de vinho, imaginando se teria sido fabricado por meu pai. Quando o levei à boca, senti o gosto familiar da bebida doce e inebriante. Fechei os olhos por um segundo, relembrando de casa, e sorri. A saudade me invadiu e eu dei mais um gole, fazendo uma anotação mental de escrever uma carta para meu pai no dia seguinte.

— Atenção, senhoras e senhores — uma voz grossa disse atrás de mim. Quando me virei, um homem alto havia aberto caminho na multidão e estava em frente às portas do salão. Dois guardas estavam atrás dele, segurando as pesadas maçanetas e aguardando um sinal. — Recebam o mais novo conde de Cannehor: Matthew Laurent Wayne!

Capítulo 22

O novo conde entrou no salão com um sorriso radiante estampado no rosto. Eu fiquei boquiaberta com o quanto ele estava bonito e elegante, em nada lembrando o jovial e despojado príncipe que eu havia conhecido. Matthew vestia uma camisa branca lisa, coberta por um colete de botões dourados que era minuciosamente bordado com o que pareciam ser fios de ouro puro, brilhando à luz das velas. Por cima, um terno escuro verde-esmeralda dava o toque final em tudo, combinando com sua calça social de mesma cor.

Sorri quando todos o aplaudiram e se curvaram brevemente enquanto ele passava. Observei-o andar até o final do salão, onde ainda se encontrava o palanque no qual a família real costumava se sentar, mas que agora estava sem a mesa e os tronos.

— Boa noite a todos, senhoras e senhores. Muito obrigado por terem vindo e espero de coração que estejam apreciando este belo baile. Como vocês sabem, estamos nessa humilde reunião para celebrar minha nomeação como novo conde de Cannehor e gostaria de agradecer a todos que contribuíram dando seu voto a favor de tal mudança no Conselho Real. Hoje é meu primeiro dia como braço direito do rei e garanto-lhes que não os desapontarei.

— Um brinde a Matthew Wayne! — alguém gritou da multidão, erguendo uma taça. Salvas animadas de comemoração tomaram conta do lugar, e Matt desceu do palanque para receber abraços e apertos de mão que o parabenizavam pela conquista.

Andando em meio às pessoas, ele demorou cinco minutos até chegar onde eu me encontrava. Enquanto isso, continuava a me servir de vinho. Quando seu olhar finalmente

cruzou o meu, um sorriso o iluminou e ele veio até mim de braços abertos. Recebi-o com o melhor e mais apertado dos abraços, bagunçando seu cabelo no processo, como uma irmã mais nova faria.

—Eu senti sua falta. O castelo não é o mesmo sem você — murmurei assim que nos separamos. — E parabéns pelo título, aliás. Você o merece. Sabe disso, não sabe?

— É claro que sei! — exclamou, rindo. Ele ajeitou seu cabelo mais uma vez, olhando-me com uma raiva fingida. — Eu também senti sua falta, querida, mas acho que apenas de *algumas* coisas.

Mostrei-lhe a língua e segurei uma gargalhada, balançando a cabeça.

— Ora, vamos. Você sabe que não são esses pequenos fiozinhos despenteados que vão fazer de você uma pessoa feia. Na verdade, estou impressionada com tanta beleza. Ean realmente tem sorte! — brinquei, piscando um olho. Suas bochechas cor de mel adquiriram um leve tom rosado e ele olhou em volta.

—Bem, eu já sabia disso, mas obrigado. E, por falar em Ean... onde será que se meteu este homem? — O conde parecia ansioso, olhando para todos os cantos, de rosto em rosto, à procura do guarda.

—Eu não o vejo desde ontem quando saiu do meu quarto para fazer os planejamentos da ronda de proteção de hoje.

—Eu não acredito. Eu vou matá-lo! — Matthew disse, esfregando a têmpora e balançando a cabeça. Franzi o cenho.

— O que houve? — perguntei.

— Ele me prometeu que não iria trabalhar hoje!

— Bem... ele pode ter cumprido a promessa. Que eu saiba, o serviço que estava fazendo foi iniciado e encerrado ontem mesmo.

— Você não o conhece — falou, balançando a cabeça com um desapontamento repentino. — Ean é simplesmente teimoso e dedicado demais. Uma vez que ele inicia um trabalho, ninguém consegue pará-lo. Hoje era para ser uma noite nossa, mas ele...

— Matthew Wayne! Que grande júbilo o encontrar desocupado! — alguém exclamou atrás de mim, interrompendo Matt. Um homem grisalho apareceu em meu campo de visão, e vi que era o mesmo que conversava com Jonathan antes de eu interrompê-los com minha chegada. Novamente, não pude não notar como ele parecia familiar aos meus olhos, mas também não fui capaz de dizer o porquê.

— Boa noite, lorde Lewis — o conde cumprimentou, parecendo um tanto desconfortável. Apontou para mim como se dissesse: “não estou desocupado, senhor, e você acabou de atrapalhar nossa conversa”. — Por favor, conheça minha amiga, Catherine Fairway.

— É um prazer, senhor — falei, estendendo a mão. O homem me olhou com escárnio mal disfarçado e ignorou prontamente meu gesto.

— Fairway, hum? Eu infelizmente conheci seu pai, garotinha. É um grande infortúnio que você tenha cruzado meu caminho. Como está Luke, afinal? Ainda morando naquele pedaço de lixo ou já foi jogado na sarjeta pelos oficiais da Guarda Real?

Meus olhos se arregalaram. Lorde Dakota Lewis. Então minha sensação de familiaridade não era um engano. Ele era o pai de Charlotte! Examinando com mais atenção, pude perceber a semelhança: os bonitos traços da bochecha angulosa, o nariz fino e empinado, as sobrancelhas arqueadas. Era com certeza o retrato da pura arrogância.

—Senhor marquês, por favor, olhe o linguajar! Eu não tolerarei que fale assim com minhas convidadas! — Matthew exclamou, lançando um olhar odioso para Dakota.

— Está tudo bem, Matt. Ele estava só brincando. Com certeza ele deve saber que todo o vinho servido nessa festa provém da fazenda de meu pai. Certo, lorde? — Dei um passo em sua direção, inclinando a cabeça para o lado e lançando a ele um olhar ameaçador. — E *eu* conheci sua filha. Ela certamente deve tê-lo contado do pequeno penteado que a ajudei a fazer. Foi algo bem complicado de se fazer, um tanto selvagem também, com todos

aqueles galhos, mas valeu a pena. O senhor deveria ter estado aqui para ver o puro contentamento em seu rosto!

Senti o veneno escorrendo de minhas palavras assim que as disse. Sorri de forma inocente, deleitando-me internamente com a incredulidade do marquês. Seu rosto rapidamente ficou roxo de raiva, e Matthew abafou uma risada, tossindo para disfarçar.

— Você... foi você que... o cabelo dela... sua... foi você! — Lewis gaguejava, apontando um dedo para meu rosto. Abaixei-o gentilmente, fingindo desentendimento.

— Ora, senhor. Por que o nervosismo? Acabei de lhe dizer que sim, fui eu quem ajudou sua filha. Olhe, não precisa agradecer. Foi um imenso prazer prestar tal serviço! — exclamei com ironia demais até para mim. — Agora, senhores, se me derem licença, tenho alguns assuntos a tratar. Divirtam-se, e, por favor, provem do vinho de meu pai. Está magnífico!

Com uma piscadela para Matthew, saí andando em direção à multidão, novamente me misturando. Olhando por cima do ombro, pude perceber que o conde tentava acalmar Dakota, distraindo-o com conversas banais. Contive uma risada.

Fui novamente até a pista de dança, observando os violinos, violoncelos, violas e contrabaixos sendo tocados com maestria por homens vestidos de preto. A orquestra de cordas era um som lindo de se ouvir, mas que infelizmente fazia com que eu me recordasse da pequena briga com Jonathan. De repente, o ânimo dissipou-se de meu corpo, dando lugar a uma sensação de tristeza e mal-estar.

Dei alguns passos para longe dali quando meu estômago protestou pelo vinho ingerido sem nenhuma comida sólida para acompanhar. Amaldiçoando minha própria tolice, corri até as portas do salão e as abri, saindo do aposento para procurar ar fresco.

Assim que me vi no corredor escuro, inspirei fundo e fechei os olhos, apoiando-me na parede. O som abafado dos violinos continuava a vir aos meus ouvidos, ajudando-me a manter a calma.

—A senhorita está bem? — perguntou um dos guardas que haviam me deixado entrar no baile. Ele e seu colega ainda estavam de prontidão na frente do salão.

— Estou — falei, forçando um sorriso e levando a mão à barriga. — Eu só me esqueci de comer antes de beber o vinho.

O outro guarda sorriu empática e gentilmente para mim, oferecendo-se para me trazer um prato de canapés. Recusei, dizendo que seria melhor voltar para meus aposentos.

— A senhorita tem certeza? A festa mal começou. O conde preparou um grande número para a orquestra de hoje.

— Eu tenho certeza de que seria realmente adorável vê-los tocarem até o fim, mas lamentavelmente não me sinto muito bem.

Era verdade. Não só pelo enjoo repentino que sentia, mas também pela recordação de minha discussão com Jonathan. Eu havia cometido um tremendo erro esta noite, e não sabia como consertá-lo.

— Tudo bem, então. Precisa que um de nós a acompanhe? — o guarda questionou, mostrando-se ser imensamente prestativo e educado.

— Não será necessário, senhores, muitíssimo obrigada. Tenham uma boa noite e um bom trabalho.

Sorri para eles, sentindo-me um pouco melhor. Sua gentileza era comovente, e eu quase restaurei a vontade de voltar para a festa. Contudo, todo esse avanço em meu humor se despedaçou quando dobrei os próximos dois corredores.

Ouvi risadas baixas vindas do escuro. Pensei em voltar pelo caminho que viera e ir em outra direção, recordando-me da catástrofe da última vez que seguira minha curiosidade, mas parei quando ouvi uma voz familiar: Jonathan.

Mil e uma perguntas passaram por minha mente, incluindo a principal e mais gritante delas: o que ele estava fazendo no escuro, a essa hora, com uma festa acontecendo a poucos passos dali? Por um segundo, hesitei. Então decidi que queria saber a resposta e tolamente segui em frente.

Virei o próximo corredor, que era um pouco mais iluminado que o anterior, dando-me a chance de distinguir qualquer coisa que fosse em meio às sombras. O príncipe estava sendo prensado na parede por uma garota trajando um vestido azul-marinho, quem prontamente reconheci como sendo Charlotte Lewis.

Cerrei os punhos ao ver que eles estavam se beijando e percebi que a fonte do som eram as risadas e sussurros de ambos. Amaldiçoei a minha curiosidade, arrependendo de procurar algo que não queria encontrar e tentando ignorar a profunda raiva e tristeza que cresceram dentro de mim.

Cambaleando para trás, incapaz de desviar os olhos da cena, tateei a parede em busca de apoio. Por um breve momento, os olhos de Jonathan se abriram e sua cabeça se ergueu, como se ele sentisse minha presença. Ele me encarou incrédulo por um segundo, enquanto Charlotte continuava a beijar-lhe a bochecha.

Então sua expressão mudou para arrependimento e pesar, e ele tentou afastar a garota que o agarrava para vir até mim. Balancei a cabeça, distanciando-me ainda mais, antes de virar-me e correr na direção oposta.

— Não. Catherine! Espere! — John gritou, mas não parei.

Ouvi seus passos atrás de mim e tentei correr mais rápido, sem vontade nenhuma de escutar o que ele tinha para dizer. Agradeci mentalmente o fato de que não estava usando saltos, e ainda assim sentia que o vestido me atrasava.

— Por favor, Cath... Deixe-me explicar! — insistiu ele, e eu pude senti-lo se aproximar. O príncipe estava em meu encalço, e eu não era rápida o bastante.

— Eu sei o que vi, Jonathan. Não preciso de explicações — gritei em resposta por cima do ombro.

Finalmente, ele conseguiu me alcançar e segurou meu braço, cravando seus olhos nos meus.

—Por favor — murmurou, sendo tomado pelo desespero. — Dê-me uma chance. Eu posso...

— Você não me deve satisfações — disparei, interrompendo-o. Ergui o queixo e puxei meu braço de seu aperto. — Só estava provando o que eu disse, certo? Sobre encantar-se por outra pessoa.

Charlotte apareceu atrás dele, ofegante por conta da corrida, e lançou-me um olhar desdenhoso. O ódio fez meu sangue borbulhar, e eu senti meu rosto queimando de raiva. Aquela garota era um ser humano horrível!

— Cath... — ele tentou novamente, dando um passo em minha direção.

— Tenham uma boa noite.

Virei-me e, sem olhar para trás, corri até as escadas. Subi dois degraus de cada vez, ansiando por chegar ao meu quarto e afundar-me na cama. Dessa vez Jonathan não me seguiu, e tentei não pensar no que aquilo significava.

Contendo um soluço, abri a porta e imediatamente me joguei no colchão, abafando um grito com o travesseiro. Eu me sentia traída e ferida, embora soubesse que era estúpido de minha parte, afinal, aquela era uma competição pela mão de Jonathan, e eu claramente não tinha nenhum privilégio.

Depois de alguns minutos chorando por tristeza, a raiva foi a única que sobrou. Sentei-me e limpei os olhos, sentindo-me uma tola por chorar por algo tão idiota. Estava claro que ele beijava outras garotas. De que outro modo ele poderia conhecê-las e decidir quem seria sua futura rainha?

Além disso, eu mesma havia insinuado que ele deveria se relacionar com mais garotas. E se eu fosse embora? Com quem ele se casaria? Seria Charlotte a melhor candidata para tomar meu lugar? *Será que eu sequer* tinha *um lugar*, pensei, sentindo as lágrimas retornando aos meus olhos.

Uma batida leve na porta impediu, por alguns segundos, que eu começasse a chorar novamente. Ignorei-a, deitando a cabeça no travesseiro que havia sido o responsável por abafar meu grito e meus soluços. Minha respiração estava lenta e silenciosa conforme as gotas salgadas desciam por minha bochecha.

Ouvi o clique da maçaneta sendo girada e passos leves se aproximando. Estava pronta para arremessar um travesseiro na figura à minha frente, imaginando que fosse Jonathan, mas meus planos foram interrompidos quando duas sombras altas e esguias tamparam meu campo de visão.

—Desculpe-nos por entrar assim — disse a voz familiar de Ean Listern. — A porta estava aberta, e você não respondia.

— Tudo bem — respondi, falando baixo. — Como sabiam que eu estaria aqui?

—Eu a vi sair e depois notei o alvoroço com John e Charlotte — Matthew respondeu. — Teríamos vindo antes, mas quase não consegui despistar os insuportáveis nobres e lordes que tentavam a todo custo forjarem alianças políticas entre mim e as filhas deles.

— Hey, você não me contou isso — Ean protestou sussurrando, e cruzou os braços em um gesto de ciúmes. Sorri fracamente. Aqueles dois eram engraçados.

—Depois conversamos sobre isso, meu amor — ele disse, pegando sua mão, e então se voltou para mim.

— Você está bem, querida? — o conde perguntou de forma doce. Balancei a cabeça em negação, incapaz de falar sem soluçar. — O que houve?

O casal sentou-se do meu lado, e Matt apoiou minha cabeça em sua perna. Inspirei fundo e contei-lhes toda a história: desde nossa briga durante a dança até o momento atual. Ean apenas suspirou e disse que iria falar com Jonathan, preferindo que apenas Matt lidasse comigo. Dando-me um sorriso gentil, ele saiu e fechou a porta atrás de si.

— Eu sei que não deveria me importar com isso, e muito menos chorar — sussurrei, ainda apoiada em meu amigo —, mas não posso evitar, Matt. Eu mesma lhe disse que ele deveria conhecer as outras garotas também, contudo... imaginar algo acontecendo e de fato *vê-lo* acontecer são duas coisas completamente diferentes.

— É claro que você deve se importar com isso. Só porque você sabia que iria acontecer não significa que estaria pronta quando realmente acontecesse. Além disso, você gosta dele, querida, e é inevitável que sinta dor em uma situação como esta. Nós somos humanos. Sentimentos nos moldam e fazem parte de nós. Você precisa liberar sua tristeza e raiva e tentar superar isso da melhor forma: falando com ele. Sei que não parece algo muito convidativo agora, mas espere a poeira baixar; você verá que é o mais sábio a se fazer.

Sorrindo levemente, me sentei e o abracei de forma desajeitada, porém confortável. Matt era o melhor amigo que eu poderia sequer imaginar para mim.

— Obrigada — sussurrei, fechando os olhos. Por alguns minutos, ficamos assim. Então algo passou por minha mente. Separei-me dele e o encarei, segurando seus ombros com firmeza. — Agora nós precisamos conversar. Você tem algumas coisas para me explicar, mocinho.

Capítulo 23

Foi feita uma lista de coisas que eu e Matt deveríamos contar um para o outro, incluindo fofocas e atualizações sobre nossa situação com os feiticeiros. Era bom finalmente voltar a conversar com ele. Depois de muito implorar, ele aceitou ser o primeiro a começar a falar, então eu fui muito direta em minhas perguntas, indo prontamente ao assunto.

Fiquei sabendo que a ex-condessa não obtivera sucesso algum em suas tentativas de ocupá-lo e que ele e Ean estavam mais felizes do que nunca. Também perguntei onde ela havia decidido morar agora que não mais possuía um título e a resposta não me surpreendeu:

— Franccesca diz que vai ficar por aqui pelo tempo que for necessário para que eu consiga “me acostumar com todas as mudanças”. Eu acho que, na verdade, ela está procurando um jeito de me controlar para manipular minhas decisões e voltar ao poder, mesmo que de forma indireta.

—Mal sabe ela que é mais fácil *você* controlá-la — respondi, sorrindo.

— É verdade. Creio que assim que perceber que não há mais nada para ela aqui, a ex-condessa retornará à nossa casa, no lado Norte do reino. Isso não deve demorar muito. As pessoas que a temiam agora simplesmente a veem com desdém, já que sou o conde e Franccesca me deve obediência, mesmo sendo minha mãe. Talvez isso seja um pouco cruel, mas não posso fazer nada por ela. Nessa vida, você apenas colhe aquilo que planta, e se algo tão ruim está acontecendo, a culpa é de ninguém além dela mesma.

—Bem... Você está certo. E eu não posso dizer que sentirei falta da presença de Franccesca no castelo. Ela realmente

me tirava as energias!

— Eu devo concordar — falou Matt, rindo. — Ela ainda é minha mãe, mas... quem eu quero enganar? Aquela mulher tornava minha vida um inferno! Por anos, desejei que ela fosse embora. Agora só quero poder desfrutar disso ao máximo, antes de ela retornar para as coroações. Isso *se* ela partir antes do fim da competição.

— Vamos nos manter positivos e torcer para que, até o fim da semana, nossos pedidos sejam atendidos — eu falei, sorrindo. Nada me deixava mais feliz do que ver meu amigo esbanjando alegria. — Agora vamos para a próxima pergunta.

— Desembuche!

—Matthew, como foi que você conseguiu curar Íris? Você me disse que esse era um poder que não dominava e que a maioria dos magos de espírito simplesmente desconhecia!

— E é verdade. Eu não teria feito o encanto sem a ajuda do livro de magia e mesmo assim me senti exausto, quase como se tivesse acabado de carregar o vagão inteiro de um trem nas costas.

— Mesmo assim. É uma habilidade incrível, poderia salvar muitas vidas!

O conde desviou os olhos para suas mãos, que brincavam com um fio que se soltara da costura de um travesseiro. De repente tornou-se cabisbaixo.

— Eu não sei... Curar as pessoas tem um grande preço, até mesmo os pequenos ferimentos. Quando usei esse poder, senti uma parte de mim indo embora para que a vida da outra pessoa pudesse ser restaurada. Eu só usei esse tipo de magia uma vez e estou certo de que jamais conseguirei fazê-lo novamente. Sinto muito...

— Ora, está tudo bem, Matt. Pelo menos você conseguiu salvar a irmã de Ean. Foi um grande ato de coragem o que você fez.

Sorrindo, ele agradeceu, deitando-se na cama e apoiando a cabeça em meu colo.

— Então suas perguntas já acabaram? Por que eu estou me corroendo de curiosidade!

— Sim — Ri. — Pode começar, é a sua vez.

Eu tive de averiguar todas as suas teorias e suspeitas sobre meu relacionamento com Jonathan, que era complicado até para mim. Nós não estávamos juntos, mas também não éramos amigos. Isso fazia de nós... o quê?

— Eu acho que você poderia chamá-lo de dinossauro — Matthew brincou quando eu revelei minhas dúvidas. Eu dei um leve tapa em seu braço, repreendendo-o, e acabei arrancando dele uma risada. — Eu falo sério! Você já viu o jeito que ele come?!

— Não há *nada* errado com o jeito que ele come, Matt.

—Isso você diz porque apenas o viu comendo em público, que é o momento em que ele consegue se controlar. Mas deixe-o em frente a um prato de frango assado e batatas e veja o resultado. Pobre galinha, não sobraria nada!

—Pare com isso! — ralhei, cruzando os braços, porém não pude deixar de rir. — Vamos mudar de assunto. Não há mais nada que você queira perguntar?

— É claro! — disse quando conseguiu acalmar a respiração e parar de rir. — Eu preciso que você me conte o que Íris disse sobre Andrew.

Assim que comecei a falar, a atmosfera mudou completamente, sendo preenchida pela tensão crescente do assunto. Sentando-se novamente, ele ficou de frente para mim.

— Você acha que eles vão realmente manter essa promessa e voltar para nos atacar? — perguntou.

—Eu não sei, honestamente. Por tudo o que é mais sagrado, espero que não, mas com certeza não devemos deixar de nos preparar. — Balancei a cabeça, ficando algum tempo em silêncio ao fitar o teto e me perder em pensamentos. Seria possível que algo tão ruim realmente estivesse à espreita, apenas esperando para dar o bote?

— O que está pensando? — Matt questionou, estudando meu rosto.

Por alguns segundos, permaneci quieta, organizando as palavras em minha mente. Então finalmente dei voz ao medo que crescia em meu coração cada vez mais, desde que chegara ao castelo:

— Tem algo sobre esse lugar, Matthew. Algo perigoso, horrível e doloroso. Algo maior do que as intrigas da corte e até do que o assassinato de meus pais. Algo que ainda não aconteceu e que não entendo completamente, mas que posso sentir se aproximando.

Eu esperava que o conde ficasse confuso, mas o olhar que ele me lançou era pura compreensão. Por alguns segundos, ficou em silêncio, parecendo travar uma batalha interna consigo mesmo. E logo suspirou, parecendo repentinamente muito cansado, e disse:

— Isso, querida, se chama futuro. E, para entender seu futuro, é preciso conhecer seu passado. Está na hora, Catherine. Não podemos adiar mais. Suas memórias precisam voltar, assim como seus poderes.

Eu hesitei. Alguns dias antes, eu teria me animado com a ideia de receber minhas lembranças e minha magia de volta. Mas depois de todos os acontecimentos daquele mês — as traições, ameaças, tentativas de assassinato... *Tudo* em nome desse passado desconhecido —, eu não conseguia ver como recuperar as memórias poderia simbolizar algo positivo.

Ele percebeu meu receio e sorriu fracamente em uma tentativa falha de conforto.

— Está tudo bem ter medo, Catherine. É humano. Todavia, você não pode deixá-lo tomar conta, precisa enfrentá-lo. Eu sei que o passado pode ser assustador, minha querida, mas nada me dá mais medo do que o futuro que você está prestes a enfrentar. Você *precisa* recuperar suas lembranças. — Eu desviei os olhos e os fixei em um ponto aleatório da parede. O conde apertou minha mão levemente e segurou meu queixo, forçando-me a encará-lo. — Você não está sozinha nisso. Ouviu?

Ainda hesitante, assenti, e Matt sorriu, mais por solidariedade do que por alegria. Ele levantou-se da cama e indicou para que me deitasse, relaxasse e preparasse.

— Vai doer, em todos os sentidos — alertou, entrando no modo *negócios* —, mas vai passar. As lembranças voltarão rapidamente, por isso você precisa se concentrar apenas em absorver tudo o que vir. Está entendendo? Nada pode escapar. E

não importa o que aconteça, não importa o que veja, não importa o que sinta, apenas *não quebre o vínculo.*

— Vínculo? Do que está falando? — indaguei, sentindo-me confusa ao tentar absorver todas as recomendações. Apoiei a cabeça no travesseiro de plumas e encarei o teto. Eu iria mesmo fazer aquilo; finalmente recuperaria minhas lembranças. A realidade da situação me atingiu com força e eu pensei em protestar. Porém, era tarde demais. Não tinha como voltar atrás agora.

— Entre você e seu passado. Agora sem mais perguntas — disse, encerrando nossa conversa e me calando antes mesmo que pudesse abrir a boca. — Feche os olhos e limpe sua mente.

Eu obedeci. Senti Matthew curvar-se sobre mim e segurar meu rosto com ambas as mãos. Por um segundo, nada aconteceu. Então subitamente uma dor esmagadora veio juntamente com um clarão cegante, e eu finalmente entendi o que o príncipe quis dizer.

A sensação era de que alguma força invisível estivesse tentando esmagar meu crânio — ou então explodi-lo. Segundos se arrastaram assim e minha maior vontade era de acabar com aquilo, levantar-me e sair correndo para parar a dor excruciante que me atingia.

As palavras de Matt ecoaram ao meu redor como tambores ribombando em minha mente. *Não importa o que aconteça, não importa o que você veja, não importa o que você sinta, apenas* não quebre o vínculo. Obedeci e apertei mais os olhos, tentando suportar aquilo.

Gradativamente, o clarão de luz se apagou e deu lugar a um caleidoscópio terrível de memórias da infância de uma garotinha ruiva e cheia de sardas — *eu*.

As cenas passavam à minha frente como um filme, rápido demais para que eu o acompanhasse. *As lembranças voltarão rapidamente, por isso você precisa se concentrar apenas em absorver tudo o que vir.* Tentei recuperar o foco e aguçar os sentidos, mas não sabia se estava fazendo a coisa certa. Era simplesmente muita coisa que eu precisava ver e ouvir, e parecia impossível me concentrar em apenas uma delas.

A sensação era de que eu estava literalmente revivendo os anos de minha infância, passados surpreendentemente em uma casa grande e chique. Eu reconhecia agora o rosto de meus pais e me lembrava de seus nomes — Samantha e Simon Beaumont. Havia também meus avós, que faleceram quando eu tinha ainda cinco anos. Eram pessoas boas, e eu desejei poder ter mais tempo com elas.

Depois de anos de memórias deslizarem diante de meus olhos, o caleidoscópio parou subitamente e eu me encontrei em uma clareira. Inspirei fundo, reconhecendo ser o lugar em que meus pais foram assassinados.

Novamente, a visão de meus sonhos se repetiu, mostrando ser o início da lembrança. E assim, o que era apenas um piquenique em família se tornou a cena mais horripilante da minha vida. Em minha mente, tudo passou tão rápido e intensamente que mal tive tempo para processar, mas o sentimento que me invadiu foi puro e verdadeiro, como se eu ainda fosse uma criança que acabara de ver os pais serem mortos.

Contudo, o que imaginei ser a última peça que faltava do quebra-cabeça do meu passado não parou por aí. Eu mergulhei em mais uma memória, uma que eu conhecia, mas estava completamente mudada:

— Socorro! Socorro! — eu gritava enquanto corria por entre a plantação. — Alguém me ajude!

Um homem que trabalhava nos vinhedos me ouviu e correu em minha direção, deixando para trás sua enxada e luvas. Eu tropecei em um galho grande enquanto tentava chegar à casa, e o fazendeiro chegou a tempo de me segurar, impedindo que eu caísse no chão e me machucasse.

—O que aconteceu, menina? Quem é você? — ele perguntou, examinando e procurando por ferimentos. Sua expressão me dizia que estava assustado, provavelmente pelo carmesim presente em minhas roupas. No entanto, aquele sangue

não era meu. Uma vez que confirmou isso, o homem retornou a fazer perguntas. — De onde você veio?

— Por favor... você tem que me ajudar. Meus pais foram atacados... — eu dissera, tentando controlar as lágrimas.

— Esse sangue é deles? — o fazendeiro questionou, claramente chocado com o que eu dizia e a quantidade de escarlate que manchava meu vestido.

Eu assenti, incapaz de confirmar com palavras aquele pesadelo.

—Por favor, moço... tem um homem mau atrás de mim. Ele tem uma arma! O senhor tem que me ajudar! — eu soluçava.

Por um segundo, Luke apenas olhou na direção de onde eu viera, pensando. Então, ele voltou-se para mim novamente e disse com medo presente em toda sua expressão:

— Qual é o seu nome, criança?

—Catherine Beaumont — murmurei, tremendo. Enxuguei uma gota salgada que caíra no canto de minha boca.

— Ah, não... Samantha... — ele sussurrou, arregalando os olhos e encarando a floresta com claro desespero.

Sem me dar tempo para responder, Luke puxou-me pela mão e me levou até sua casa. Dirigiu-se até o grande armário no fundo da cozinha e procurou algo lá dentro, jogando panelas e talheres para o chão por conta da pressa de encontrar o que desejava. Quando finalmente se virou, segurava um rifle grande de cano duplo.

— Escute-me com atenção — falou ao se aproximar e segurar meus ombros, apoiando a arma no chão. Olhou fundo em meus olhos antes de continuar sinalizando que o que dizia era de extrema importância. — Sei que não me conhece, mas confie em mim. Eu preciso que você fique aqui. Esconda-se no quarto de cima, fique longe das janelas, tranque a porta e, aconteça o que

acontecer, não saia daqui. Em hipótese alguma. Você me ouviu, Catherine?

Eu assenti, e ele saiu em disparada pela porta, prometendo voltar dentro de pouco tempo. Obedecendo ao que o fazendeiro havia dito, girei a chave em todas as portas da casa e fechei as janelas. Subi as escadas e entrei no quarto que ele indicara, escondendo-me debaixo da cama.

Nunca soube ao certo quanto tempo ficara ali, entretanto, em algum momento, ouvi a voz de Luke na frente da casa, pedindo que eu a abrisse para ele. Saí de meu esconderijo, desci a escadaria e o deixei entrar. Mas meu novo pai não estava sozinho.

Matthew Wayne estava ao seu lado, sorrindo para mim com compaixão. Ele se aproximou apresentando-se e disse que precisávamos conversar, pois ele tinha de fazer algo que iria me proteger do homem mau que matara meus pais. Eu concordei, sem saber ao certo o que fazer, e foi quando aconteceu: segurando as laterais de minha cabeça, o mago fechou os olhos e apagou minhas memórias.

Eu me sentei abruptamente, inspirando fundo para levar o ar que faltava aos meus pulmões. Minha respiração estava descontrolada conforme eu tentava conter os soluços que tomavam conta, fazendo irromper um pranto desesperado.

Matthew me abraçou e passou a mão lentamente por meus cabelos, enquanto eu molhava seu terno com as lágrimas salgadas que escorriam sem parar por meu rosto.

—Eu sei, eu sei... Eu sinto muito, Catherine, eu realmente sinto. Vai ficar tudo bem, confie em mim. Você sobreviveu a isso, querida...

—Eu só sobrevivi porque não me lembrava de nada — falei, mantendo a voz baixa. Eu nunca tive tempo de ficar em luto pela morte de meus pais, e estava tendo de lidar com aquilo anos depois. — Eu tinha uma família, Matthew. Eles me amavam, e era uma boa vida.

Ele não respondeu. Após alguns segundos pensando em silêncio, arrependi-me do que havia dito. Eu ainda tinha uma família,

e ainda era amada. Não tinha mais um pai biológico, mas com certeza o sentimento era o mesmo de que se eu ainda o tivesse. A saudade que eu sentia de Samantha e Simon iria permanecer por muito tempo, no entanto, sabia que o conde estava certo: eu iria sobreviver.

Ainda chorando, afastei-me dele e imediatamente as perguntas começaram a bombardear minha mente. Quem era aquele homem com a arma? Será que ele tinha alguma conexão com Marian, Andrew e o tal Jordan? Como Luke conhecia minha mãe? Por que eu estava no castelo com minha família? Por que eu vivia em uma casa tão grande e tão rica? E a mais importante:

— Quem sou eu? — sussurrei.

— Como assim? — Matt perguntou, franzindo as sobrancelhas. Ele me observou atentamente.

—Eu me lembro de minha infância. Mas não há nada que explique todas as perguntas que meu cérebro inevitavelmente faz. Matthew, eu era para supostamente estar hospedada no castelo no dia que eles foram assassinados. Por quê? Quem eu sou, e quem eles eram? Por que ninguém nunca me contou isso?

— Eu *sei* que tudo é muito confuso agora, minha querida, mas preciso que você se acalme. *Por favor* — pediu, segurando minha mão. — Todas as perguntas serão respondidas, você só precisa ter paciência.

Eu respirei fundo. Meus nervos estavam à flor da pele, e a raiva começava a tomar conta de mim. Eu queria gritar, espernear e dizer ao mundo o quanto era injusto tudo o que ele estava me fazendo passar; todas aquelas mortes e ameaças, todo aquele perigo, todos aqueles segredos. Era imensamente insuportável.

Porém, antes que eu pudesse sequer pensar em abrir a boca, uma voz falou por mim:

—Ora, pare de amolar a menina. Conte a ela logo ou *eu* conto!

Capítulo 24

As portas da sacada abriram com um estrondo, revelando a origem da voz: Marian. A feiticeira estava envolta em névoa cinza que se concentrava em seus pés e alastrava-se pelo quarto, trazendo consigo uma forte corrente de vento. Embora a leve neblina fosse de origem mágica, eu sabia que a ventania e as nuvens escuras que se agrupavam no céu não eram. Uma tempestade se formava no horizonte, construindo um cenário assustador ao se combinar com o sorriso cruel de Marian.

—O que você quer, *bruxa*? — Matthew rosnou, levantando-se lentamente e dirigindo-se até ela com passos curtos. Eu limpei as lágrimas e o segui, parando ao seu lado.

—Awn, mas que apelido mais carinhoso! — ela falou, fazendo biquinho. Cruzou os braços e nos encarou, voltando à expressão séria e desdenhosa. — Eu já disse. Estou aqui para contar a verdade a ela, a menos que você queira nos conceder essa honra...

Olhei para Matt com expectativa, mas ele apenas endureceu o maxilar e cerrou os punhos, sem tirar os olhos da feiticeira.

— Você não contará nada a ela. Não deixarei que a memória de Samantha seja manchada por suas palavras distorcidas e venenosas.

— Ah, querido... Você sabe bem que eu sempre digo a verdade. Além disso, há tantas coisas que você não sabe sobre essa mulher e seu passado... — falou tão casualmente, como se pedisse por um bolinho na padaria. Examinou as unhas e então ergueu os olhos negros para mim, cravando-os nos meus. A

escuridão presente ali me fez estremecer. — Docinho, você com certeza quer saber tudo sobre sua mãe, certo?

— Não, ela não quer — Matt disparou antes que eu pudesse sequer pensar sobre a proposta da feiticeira. —Vá embora, Marian, seu lugar não é aqui.

— Como quiser, querido. Mas fique sabendo que informações valiosas estão sendo perdidas — disse, já se virando para voltar para a névoa e desaparecer.

Dúvidas encheram minha mente. E se ela estivesse dizendo a verdade? E se eu precisasse ouvir o que ela tinha para dizer? E se ela soubesse de algo importante que me ajudaria a entender tudo? *Algo que o conde não sabe*...

—Espere — falei sem pensar, dando um passo hesitante em sua direção. Ela parou e olhou por cima do ombro, aumentando seu sorriso como se já esperasse por tal reação. Matt me encarou com incredulidade, mas o ignorei. — O que você quer dizer com isso?

— Ah, docinho, adoraria dizer. Mas vou deixar esta tarefa para nosso querido rei — falou ao se virar novamente para nós. Com rapidez, estralou os dedos e, no segundo seguinte, estávamos todos no salão principal.

O salão estava diferente da última vez que o visitei, no baile. As faixas decorativas, as mesas de comida e bebida, a orquestra de cordas e os candelabros tinham desaparecido. Agora os tronos estavam novamente posicionados no palanque e a mesa das competidoras havia voltado, fazendo o local retornar à sua composição original. A única diferença era que havia menos velas nos lustres acima de nós, o que lançava sombras pelos cantos do aposento.

O rei Stephen estava sentado na almofada aveludada de seu belo trono real, ostentando a coroa dourada no topo da cabeça. Eu notei que nós quatro éramos os únicos no lugar, e aquilo não me pareceu algo bom. Uma pequena pontada de arrependimento quanto à minha decisão ameaçou surgir, mas prontamente a coloquei de lado. Era tarde demais para lamentar.

— Ora, ora... Vejo que a bruxinha decidiu obedecer dessa vez, não é mesmo? — falou com surpresa fingida ao me ver

parada no meio do salão.

—Eu não sou uma bruxa — rosnei, lançando lhe um olhar ameaçador. Ele se encolheu levemente, mas logo se recompôs e voltou a exibir seu sorriso presunçoso.

— Está bem, está bem. Chame do que quiser, são apenas rótulos estúpidos. — Abanou a mão, dispensando minha raiva como se fosse uma mosca que o incomodava. — No fim do dia, vocês todos são apenas egoístas que usam seus poderes para manipular o mundo e realizar suas vontades... Assim como sua *mãe* fazia. Bem, isso não deu muito certo para ela, não é mesmo?

O sorriso de escárnio no rosto de Stephen me deu nojo. Cerrei os punhos e dei um passo à frente, pronta para jogar-lhe uma bola de fogo se fosse preciso.

— *Não* fale sobre minha mãe. Você não a conhece e não tem direito algum de falar sobre egoísmo.

— Ah, querida, eu a conheci melhor do que você pode sequer imaginar. Nós tivemos muitas noites para desvendarmos os *segredos* um do outro. Seu colar é a prova disso — falou, apontando com o queixo para o rubi em meu peito. Sua expressão de júbilo era horrenda.

A bile subiu em minha garganta quando imaginei o rei e minha mãe tendo um caso. Respirei fundo e me controlei para não despejar no chão todo o vinho que tomei no baile.

— Você está mentindo — disse assim que consegui me recompor. — Minha mãe jamais faria uma coisa dessas, ela amava meu pai e nunca o trairia. Eu...

Parei imediatamente de falar quando uma forte luz vermelha entrou em meu campo de visão, cegando-me. Levei alguns segundos para perceber que vinha de mim mesma, mais especificamente de meu medalhão. Olhei para baixo e vi o brilho escarlate cintilando mais forte do que nunca em meu peito.

O rubi em formato de coração tornou-se disforme sob a intensidade do carmesim e parecia mais uma bola flamejante pronta para explodir. Recuei um passo, surpresa demais para dizer qualquer coisa, e foi quando vi uma figura saindo das sombras de um dos cantos do salão, ao lado do trono do rei.

—Não precisam brigar, meninos, guardem suas facas para mais tarde. Eu garanto, terão muitas chances para usá-las — disse o vulto.

Eu arfei ao erguer o olhar e encontrar a fonte da voz. Olhos negros, que antes eram de um azul tão claro e profundo, encaravam-me, acompanhados de um sorriso maldoso e cruel que dizia: *eu sou seu pior pesadelo*. Não era mentira.

— Você... — sussurrei, incapaz de dizer qualquer outra coisa. Eu estava em choque. Minha mente julgava impossível que eu estivesse realmente vendo o homem à minha frente, então me recusei a acreditar. Porque, se fosse real, isso queria dizer que aquela era a pessoa que queria me matar e, por mais que já suspeitasse, jamais pude me preparar para esse momento.

— Isso mesmo, querida. Sentiu a minha falta? — perguntou, abrindo os braços e dando passos lentos em minha direção como se esperando por um abraço. Eu recuei até estar novamente ao lado de Matthew, que estava tão confuso quanto eu estava surpresa. Olhei para trás e não pude encontrar Marian, o que fez meus nervos se alertarem. *Onde está aquela feiticeira?*

— O que você está fazendo aqui? — falei, tentando e falhando em esconder o medo presente em minha voz.

— Ah, pensei que você soubesse! — disse o homem com uma alegria casual fingida que fazia parecer que ele estava me oferecendo biscoitos e chá. — Eu estou aqui para destruir a sua vida!

Lentamente, o falso sorriso bondoso encheu-se de desdém, o que fez sua expressão se distorcer de forma grotesca. Encarei-o procurando por qualquer traço que indicasse que seu antigo eu ainda estava presente ali, mas tudo estava mudado. Tudo nele exalava escuridão. Ele era o retrato da própria crueldade, em nada parecido com o menino que conheci anos atrás.

— O que aconteceu com seus olhos? — sussurrei. Foi a única coisa que consegui formular para perguntar, embora já soubesse a resposta.

—Ora, eu tinha que me armar de algum jeito se quisesse ter qualquer chance de sucesso ao realizar meu plano de te destruir. — Ele levantou ambas as mãos na altura da cintura e pequenos pontos pretos dançaram em seus dedos, logo se tornando grandes esferas negras que flutuavam sobre sua palma. — Gostou? É apenas uma pequena demonstração, mas, você sabe... teremos muitas oportunidades de nos exibirmos de verdade.

O homem piscou para mim, deixando as bolas sumirem, e imaginei que as tais oportunidades não seriam reuniões amigáveis em que nós trocávamos uma apresentação de nossos poderes, como fiz com Matthew.

—Quem é esse cara? — o conde sussurrou para mim, tão baixo que mal o ouvi. Nós não nos olhamos, mas eu soube que ele falava comigo. — Ele é o que manda nos bruxos, certo? Mas você parece conhecê-lo...

— É porque eu realmente o conheço. Matt, esse é Jordan, meu ex-namorado —falei sem deixar os olhos do feiticeiro à minha frente.

— Seu... ex? — ele engasgou, finalmente dirigindo seu olhar indignado a mim. — Aquele que você me contou que... Você sabe... Chamou-a de...

— Sim — confirmei, contraindo o maxilar.

Jordan dispensou nossa surpresa com um gesto de mão, o que me fez começar a desconfiar se não havia alguma mosca por aqui que estava incomodando tanto a ele quanto ao rei.

Estava pronta para perguntar o que ele queria conosco quando, à minha direita, névoa começou a surgir, dissipando-se pelo chão do aposento como as nuvens de tempestade que se formavam lá fora. Marian surgiu no meio da neblina, trazendo consigo as pessoas que eu menos esperava ver envolvidas naquela situação: Jonathan e Angelic.

— Ah! Vocês chegaram, que bom! Eu estava esperando por vocês — o feiticeiro exclamou, dando passos entusiasmados na direção do príncipe, da rainha e de sua ajudante. — Bom, vamos começar nossos assuntos, então. Veja, Catherine, você acha que o rei estava mentindo. No entanto, na verdade, ele está mais do que

certo, e nós temos como comprovar. Eis aqui a prova viva de que as palavras de Stephen são verdadeiras!

Como se estivéssemos em uma venda de cavalos, o homem apontou para John com as duas mãos e sorriu como que dizendo: “Leve o príncipe para casa e ganhe de brinde uma garrafa de vinho. A promoção é válida apenas por hoje, aproveite!”

Por alguns segundos, não entendi o que ele quis dizer. Então, quando meu cérebro conseguiu processar a mensagem, cobri a boca com as mãos para abafar uma gargalhada, sentindo vergonha por Jordan.

— Espere... Você acha que... — ofeguei, falhando em controlar minha risada. Ninguém mais parecia estar vendo humor na situação, pelo contrário, eu podia sentir a tensão no ar, ainda que estivesse me divertindo com o delírio do feiticeiro. Respirei fundo uma última vez para me recompor e continuei a falar: —... você realmente acha que a minha mãe teve um caso com o rei e deu à luz a Jonathan? Mesmo? Um bastardo? Você é hilário, Jordan!

Estava pronta para voltar a rir quando ele deu um passo à frente e conjurou novamente aquelas esferas negras, cujo poder eu não tinha a mínima ideia de qual era, mas também não estava nem um pouco inclinada a descobrir. Engoli em seco e não me mexi, tentando parecer corajosa. Imaginei que não tenha dado muito certo.

— Isso não é uma piada, Catherine Beaumont. — A diversão e alegria forçadas haviam desaparecido, em vez disso, sua voz estava coberta de ameaça, fazendo-me estremecer levemente. Seus olhos pareciam dois buracos negros, prontos para engolir-me inteira e despedaçar-me caso eu fraquejasse um segundo sequer. Por um instante, ele se tornou um tanto doentio e psicótico à luz fraca das velas, encarando-me com um olhar perverso de gelar a alma. De repente, Jordan conseguiu se controlar e deixou seus orbes pretos sumirem novamente, abaixando as mãos. O sorriso de escárnio voltou à sua expressão. — Se não acredita em mim, pergunte à sua querida rainha.

Fez um gesto amplo na direção de Angelic, que engoliu em seco e dirigiu um rápido olhar de dúvida para seu filho, torcendo as mãos nervosamente.

— Eu... eu não sei se devo... ele... eu... — gaguejou, procurando as palavras certas.

—Fale! Agora! — gritou. O feiticeiro estendeu a mão na direção do pescoço da rainha, mas não a tocou. Ao contrário, agarrou o ar, direcionando a mão em formato de concha para a garganta de Angelic. Embora ele não estivesse nem perto de encostá-la, ela foi erguida do chão alguns centímetros, levando os próprios dedos ao pescoço enquanto sufocava.

— Pare! — Jonathan e eu dissemos em uníssono, dirigindo-nos até a mulher que balançava os pés para alcançar o chão. Um olhar de aviso vindo de Marian nos fez parar no meio do caminho.

— Jordan, por favor, pare! Deixe-a em paz! — implorei ao ver que o rosto da rainha já adquiria um tom azulado, proveniente da falta de oxigênio.

—Não até ela falar! — O feiticeiro apertou mais os dedos, aumentando tanto a pressão na garganta de Angelic quanto seu sorriso cruel. *Ele gosta de ver o sofrimento*, pensei. *Ele está tão perdido nas trevas quanto parece*.

— Ele... ele está certo — engasgou a mulher ainda procurando pelo ar que lhe faltava. Seus olhos começaram a revirar e Jordan afrouxou seu aperto, parecendo perceber que não arrancaria nada de uma mulher morta. — O feiticeiro... diz... a verdade. Você não é meu filho. Eu... sinto... muito. Eu nunca pude ter... um filho.

Cambaleei para trás, sentindo o impacto das palavras da rainha. Ela era estéril.

Jonathan *era* um bastardo.

Então, queria dizer que ele... *Não*. Eu *não* iria acreditar naquilo. Era mentira pura, criada por Jordan para me atingir. Não era verdade. *Não pode ser*.

— Isso não significa nada — disparei, cerrando os punhos e dando um passo à frente. — Jonathan pode não ser filho

legítimo de Angelic, mas isso não quer dizer que minha mãe tenha tido um caso, ainda mais com o rei. Ela amava meu pai e amava a mim. Ela nunca faria isso. Ela...

Eu me interrompi quando uma mão tocou suavemente meu ombro, transmitindo um pouco de calma por meu corpo. Eu me virei e vi Matt me olhando com uma expressão solidária e triste que me alertava do que estava por vir antes mesmo de ele dizer:

— Cath... sinto muito, mas é verdade. Pelo menos uma parte. Sua mãe... ela... — Matthew desviou o olhar, aparentemente incapaz de me encarar enquanto soltava aquela bomba em minha cabeça. — Luke acidentalmente deixou escapar uma vez que, muito antes de você nascer, Samantha teve outro filho com um homem cuja identidade eu não consegui descobrir. Mas, se o que Jordan diz é verdade... bom... não sei, mas... as coisas parecem se encaixar...

Ele deu de ombros, parecendo se sentir muito culpado por dar a péssima notícia, e eu balancei a cabeça. Aquilo era loucura. Era impossível. Eu não podia acreditar. Jonathan não podia ser meu... *irmão*.

A palavra me fez estremecer e eu me virei novamente, procurando desesperadamente o olhar do príncipe. Vi minha dor, confusão e dúvida refletidas naquele dourado profundo, que antes tinha sido tão reconfortante. Agora, conforme as peças iam se ligando em minha mente, tornava-se lentamente um lembrete do que havíamos tido e do que jamais poderíamos ter.

Um lembrete do que éramos.

Irmãos.

Senti lágrimas formando-se em meus olhos e não fui capaz de pará-las. As gotas salgadas escorreram pelo meu rosto silenciosamente ao mesmo tempo em que eu encarava seu belo e triste rosto, procurando um traço que fosse de semelhança entre nós.

Pare com isso, repreendi a mim mesma. *Você não pode se sabotar dessa maneira, não é justo.*

Fechei os olhos com força e segurei a cabeça com as mãos, incapaz de lidar com aquilo. A sensação de desesperança era horrível, como se tudo com que eu havia sonhado nessas

últimas semanas estivesse desmoronando bem na minha frente e se transformando em pó.

Um lampejo de memória invadiu minha mente sem permissão: a imagem de John e Charlotte se beijando naquele corredor escuro. Eu havia presenciado a cena apenas algumas horas antes, mas parecia ter se passado uma eternidade desde então. *Bem, pelo menos ele poderá ser feliz com ela*, pensei amargamente, ainda afetada pelo flagra do beijo.

Uma bola de neve de repente se formou quando me dei conta de todos os fatos, fazendo meu coração se afundar e murchar. O príncipe que eu amava se divertia com outras garotas em suas horas vagas. Agora, eu havia descoberto que ele era meu irmão. O que mais o universo teria a oferecer para provar que nós não podíamos ficar juntos?

Voltei a abrir os olhos quando ouvi a risada de satisfação de Jordan. Ele realmente gostava de ver as pessoas sofrerem... O que teria causado aquilo? Por qual razão ele estava tão determinado a me atingir?

—Por quê? — perguntei ameaçadoramente, endireitando-me. Dei um passo à frente, dirigindo-me tanto ao rei quanto à dupla de feiticeiros. — Por que vocês estão fazendo isso?

Lentamente, Stephen se levantou do trono e deu alguns passos para frente, encurtando nossa distância. Permaneci onde estava e cerrei os punhos, encarando-o com a mesma dureza com que ele marchava até mim. Eu não iria fraquejar diante de alguém tão baixo.

— Eu amava sua mãe — falou com a voz perigosamente calma. — Eu a amava e fazia tudo por ela. No entanto, ela me deixou para ficar com aquele idiota que você chama de *pai*. Simon Beaumont destruiu a minha vida e deixou para trás a pirralhinha dele, que me lembra a todo momento o quanto fui fraco por permitir que Samantha fosse embora.

— Então por isso que você me odeia? Por isso decidiu que eu não merecia viver? — disparei, aproximando-me dele. Minha voz tremia de raiva e dor e eu não conseguia me controlar o bastante para deixá-lo viver por mais um dia. — Porque você teve uma paixão não correspondida? Escute só, *Majestade*, não sei se

você sabe, mas ninguém é obrigado a te amar. Contudo, quem sabe se talvez você fosse menos egocêntrico e desprezível, poderia até conseguir o amor do próprio filho.

As palavras duras atingiram o rei com tanta intensidade quanto eu planejara. Seus olhos se arregalaram, claramente mostrando o choque ao ouvir tamanha ofensa. *Acho que ele não está acostumado a ser desrespeitado*, pensei.

Porém, um momento depois, ele já havia se recuperado e estava vindo novamente em minha direção, tremendo de raiva.

—Você vai pagar pelo que disse, mocinha! Vou arrancar a sua língua e fazer com que...

—Ora, por favor, parem com isso, crianças — Jordan interrompeu o discurso de ódio, erguendo o braço na direção do rei furioso. Ele parou de andar no mesmo instante, sendo dominado pela magia negra e obrigado a se manter no lugar. — Querido Stephen, não é necessária tanta barbaridade. Você já conseguiu o que queria. Catherine aprendeu a lição, não é mesmo? Ela sabe que não tem chances contra nós, assim como não tem chances com seu amado príncipe. Afinal, uma bruxa *nunca* será digna de receber amor.

Sua última frase foi dita acompanhada de um olhar tão intenso e significativo que eu estremeci. Reconheci suas palavras cruéis, já as ouvira, anos atrás, quando ele descobriu meus poderes e destruiu a confiança que eu tinha em mim mesma. Quando ele abalou minha vida pela primeira vez — aparentemente, a primeira de muitas.

—Bem, acho que já acabamos por hoje — falou Jordan, tirando-me de meu devaneio. Sua satisfação doentia estava de volta. Ele se virou para Marian. — Vamos, querida. Nossos companheiros estão nos esperando.

Antes que eu pudesse sequer pensar em me mexer, ele estralou os dedos e sumiu, levando a feiticeira e o rei consigo.

— Catherine... eu sinto muito — Matt falou assim que nos vimos sem a companhia deles. — Eu não queria...

—Não, por favor — eu o interrompi, saindo de seu alcance.

Voltei meu olhar para Jonathan, que segurava as lágrimas que eu já havia deixado cair. *Será que ele acreditou no que Jordan nos disse?* ponderei, sem saber ao certo o que pensar. Eu não tinha ideia de como lidar com aquela informação: se devia aceitá-la e me render ao óbvio ou seguir meu instinto e esquecer tudo o que acontecera ali.

Olhei em volta, sentindo a pressão da expectativa presente na expressão tanto do príncipe quanto do conde. *Eles estão esperando uma reação*, dei-me conta.

—Eu não posso fazer isso. Eu... não consigo — falei finalmente, cambaleando para trás e balançando a cabeça. — Eu sinto muito.

Dividida entre a razão e a emoção, fiz a única coisa que fui capaz de pensar no momento: corri.

Capítulo 25

JONATHAN

Eu estava perdido em pensamentos enquanto Catherine discutia com meu pai e um homem que eu não conhecia, mas que, pelo que entendi da conversa estranha que acontecia, era um feiticeiro e se chamava Jordan. Apenas notei o fim de tudo quando Marian desapareceu do meu lado ao ser envolta em névoa, levando consigo o homem e o rei.

— Catherine... sinto muito — Matt tentou ajudar, mas eu sabia que não iria adiantar. Se era muita informação até para que *eu* pudesse processar, não podia nem imaginar como as coisas estavam sendo para Cath. Mesmo que ainda estivesse me acostumando com tudo, ela parecia estar no olho de todo aquele furacão. — Eu não queria...

— Não, por favor — ela interrompeu como pensei que faria.

Seus olhos voltaram-se para mim e, ao mesmo tempo em que tentavam focar em alguma coisa, pareciam perdidos ao fitarem meu rosto. Senti as lágrimas pinicarem meu rosto ao vê-la tão frágil e ferida e lutei para não chorar conforme meu cérebro processava, de forma muito lenta, tudo que me fora dito e tudo o que aquele encontro representara.

Esperei por uma resposta, mas ela não veio. Ao invés disso, Catherine cambaleou para trás e disse, balançando a cabeça em negação:

— Eu não posso fazer isso. Eu... não consigo. Eu sinto muito.

E saiu em disparada pelas grandes portas, sumindo no corredor depois de alguns passos.

—Catherine, espere, nós... — tentei dizer, mas Matt gentilmente me segurou pelo braço, impedindo que eu corresse atrás dela.

— Deixe-a ir. Pelo menos por agora. Cath precisa esfriar a cabeça. Tudo o que aconteceu hoje e nos últimos dias... Ela está sobrecarregada. — Então baixou a voz como se o que fosse dizer não pudesse ser ouvido por mais ninguém. — Eu devolvi suas memórias. O que ela viu e ouviu... é o suficiente para fazer qualquer um perder a cabeça. Acredite em mim quando digo que devemos esperar.

—O conde está certo — disse uma voz atrás de nós. Angelic. Ambos viramos com clara surpresa estampada no rosto e, com uma pontada de culpa, percebi que havia esquecido que ela estava ali. — Deixe a menina fazer as coisas no tempo dela. Você precisará de um tempo também, filho.

Não respondi.

Eu olhei novamente em direção ao corredor escuro, apreensivo. Sabia que eu deveria ouvi-los, que deveria deixar Catherine sozinha para pensar e absorver tudo com calma, porque eram muitas informações de apenas uma vez. Se era verdade e as lembranças dela estavam de volta, então os nove anos de sua infância, que antes estiveram escondidos, deviam estar assombrando seus pensamentos e enervando-os de um jeito terrível.

Eu sabia algumas coisas sobre a situação de seu passado. Sabia que Matt a havia feito esquecê-lo para que fosse protegida de alguma forma. Sabia que aquele ato também havia levado algo mais além das lembranças: partes cruciais de sua magia que poderiam fazer dela alguém muito poderoso. Sabia, inclusive, que ela tinha visões sobre essas memórias porque elas

constantemente tentavam voltar ao seu lugar de origem: a mente de Cath.

Catherine tinha me atualizado sobre aquela parte de sua vida, ela tentou me contar tudo o que podia e considerava importante e todos os dias me mostrava um pouco de seus poderes. Mesmo depois de algum tempo, eu ainda tinha certa dificuldade em absorver *tudo* - como o fato de que coincidentemente a pessoa que desejava matá-la era também seu ex-namorado -, mas tentava ao máximo entender as coisas que pouco a pouco me eram apresentadas. Até o momento, estava dando certo e estávamos progredindo rapidamente.

Mas então aquele sujeito resolveu aparecer. Bem quando eu terminava minha conversa com Ean sobre o que aconteceu durante o baile com Charlotte e Catherine, Marian apareceu de repente em meu quarto, acompanhada de Angelic, e simplesmente estalou os dedos, fazendo com que, no segundo seguinte, eu viesse ao salão principal. Não foi uma experiência agradável.

Eu tive que lutar para entender tudo o que Jordan jogara em cima de mim e de Catherine, como a belíssima informação de que éramos *irmãos*. Como era possível, eu não sabia. No entanto, algo naquele homem me fazia desconfiar da veracidade de suas palavras, por isso não estava certo de que seguiria acreditando nele. Porém, tudo mudou quando minha mãe e Matthew confessaram que o feiticeiro não estava totalmente errado, afinal. Eu me perdi completamente conforme meu cérebro juntava todas as peças em uma tentativa frenética de encontrar algum furo que fosse.

Havia muitos, mas não o suficiente para duvidar da integridade da história. O rei, um bêbado mulherengo, casou-se com alguém que não podia ter filhos. Constantemente descontente com sua falta de herdeiros, viu em uma bela mulher que visitava seu palácio a oportunidade perfeita de viver uma paixão secreta que lhe daria o que queria. Era tentador demais para recusar. Eles tiveram um caso e, nove meses depois, nasceu o único herdeiro de Stephen

Heronwood: um bastardo que teve que se passar por príncipe durante a vida toda porque simplesmente não havia outra opção.

Esfreguei as têmporas, de repente me sentindo extremamente exausto. Como aquilo foi acontecer? Vinte e quatro horas atrás, Catherine e eu estávamos discutindo sobre nosso possível casamento. Então, de uma hora para a outra, tudo simplesmente desabou. De uma hora para a outra, adicionamos mais duas brigas à nossa história. De uma hora para a outra, ela se tornou minha irmã.

Ergui o olhar para minha mãe, incapaz de simplesmente acreditar nas palavras do bruxo. Eu precisava de provas.

— Como foi que você deixou que meu pai a traísse? — perguntei, dando um passo à frente. Percebi que a raiva estava tentando tomar conta e respirei fundo para me acalmar. Angelic abaixou a cabeça, envergonhada.

— Essa... não foi a primeira vez que seu pai cometeu adultério. Eu não podia fazer nada... Ele é o rei! É meu dever ficar ao seu lado, amando-o ou não. Ele fez isso tantas vezes que, depois de um tempo, parei de questionar a identidade das mulheres com quem dormia. Por isso, nunca soube quem era sua verdadeira mãe. Tudo o que sabia era que ela vivia em Darkot Village.

— Espere... — Pisquei, momentaneamente surpreso. — Darkot Village? Então ele não teve o caso com Samantha no castelo?

— Não! Em público, Stephen nunca me desrespeitava. Sempre foi um perfeito cavalheiro. Bem, apenas quando alguém estava olhando. Fora isso...

Ela não terminou a frase. Desviou os olhos, perdida em pensamentos amargos e lembranças dolorosas. *Mais furos*, pensei com raiva. *Essa história está ficando cada vez mais esquisita*... Olhei significativamente para Matthew, que captou meus pensamentos e franziu a testa. Porém, antes que pudesse ter a chance de perguntar mais sobre isso, Angelic continuou falando, ainda parcialmente absorta nas memórias da época:

— Além disso... não consigo controlá-lo. *Ninguém* consegue. Ele sai quando quer e volta quando quer. Imagino que, antes de você nascer, em uma de suas *viagens* à Darkot Village, ele tenha encontrado a mãe de Catherine e... — deu de ombros, parecendo impotente e raivosa. Dirigiu o olhar a mim novamente —... decidiram se divertir. Nove meses depois, Stephen apareceu com você nos braços e disse-me que precisava cuidar daquele frágil e belo bebê. Você tinha apenas um mês de vida... E eu o amei assim que botei os olhos em você. Tão fofo, tão pequeno...

Minha mãe passou a mão em meus cabelos, olhando-me da mesma forma doce que me olhava quando eu era apenas uma criança. Então, sua expressão se tornou triste e dolorosa, lágrimas se formaram no canto de seus belos olhos azuis.

—Meu menino... sinto muito por tudo. Sinto muito por ter mentido e isso ter custado sua felicidade. Eu... eu queria apenas te proteger... Queria ser uma mãe de verdade.

Ela afastou as mãos e fechou os olhos, deixando que uma lágrima escorresse pelo seu rosto. Enxuguei-a, envolvendo a rainha em meus braços. Eu podia ver o quanto era doloroso para ela falar abertamente sobre aquilo, ainda mais com sua condição permanente de infertilidade. Eu sabia que Angelic sofria nas mãos de meu pai tanto quanto eu, mas nunca imaginei que atingisse uma proporção tão grande.

— Você *é* minha mãe, muito mais do que Stephen jamais foi meu pai. O fato de que não somos ligados por sangue não muda isso. Eu devo tudo o que sou hoje a você, porque *você* foi a única que cuidou de mim, quando ninguém mais queria. Obrigado — murmurei, afundando o rosto em seus cabelos. Com o passar dos anos, eu tinha me tornado mais alto do que ela, sendo assim, era fácil agir de modo protetor.

Sua resposta foi interrompida por um guarda que abriu violentamente as portas do salão, cambaleando para dentro como se estivesse correndo e de repente parasse.

— Vossa Majestade... Alteza... — ele cumprimentou fazendo uma mesura desajeitada. Estava tão ofegante que teve que respirar fundo três vezes antes de conseguir falar. — Uma ladra fugiu do castelo.

—O quê?! — exclamei, separando-me de minha mãe e indo até ele. Meus nervos entraram em alerta, minha postura imediatamente assumiu a configuração “negócios”. — Ladra fugitiva? Quem?

—É uma das competidoras, senhor. Uma garota ruiva com um vestido rasgado.

Eu quase gargalhei. Ele só podia estar falando de Catherine. Ela era a única pessoa louca o bastante para rasgar um vestido de gala feito à mão, além disso, era a única ruiva no castelo.

Minha risada ficou presa na garganta quando me dei conta de que, na verdade, ele estava falando de uma *ladra*. Franzi a testa, confuso por um instante. Cath podia ter todos os defeitos do mundo, mas ela nunca roubaria o castelo.

— O que foi que essa garota roubou, soldado? — perguntei, sem paciência para tentar lembrar seu nome.

—Um cavalo, senhor. Nosso melhor garanhão, Maximus.

Dessa vez, eu realmente ri. Catherine e Maximus eram amigos; ela obteve a confiança do corcel durante sua viagem de vinda para o castelo e, mesmo que ele fosse um dos mais rebeldes cavalos que possuíamos, a garota conseguiu facilmente domá-lo. Dificilmente eu diria que ele fora *roubado*. Estava mais para *saiu por conta própria para ajudar uma amiga*. Provavelmente ela estava indo para casa.

Mesmo que aquela atitude tenha me preocupado um pouco, devido a tudo o que havíamos enfrentado hoje, eu sabia que Catherine Fairway era perfeitamente capaz de cuidar de si mesma sozinha. Ainda assim, perguntei-me quais seriam suas intenções.

— Hã... senhor? — o guarda hesitou sem saber o que fazer diante de minha reação. — Devemos persegui-la? Mandar prendê-la? O que...

—Não — respondi rapidamente. — Deixe-a ir. Eu a conheço, não é uma ladra. Ela vai voltar. Pode voltar ao seu trabalho, oficial. Fez um belo trabalho, mas deixe que eu assuma a situação a partir daqui. Obrigado.

Ele ficou relutante por alguns segundos, mas fez uma mesura e saiu, fechando a porta novamente com obediência.

— Bom... Isso foi inesperado — comentou Matthew, erguendo as sobrancelhas e olhando para mim. — Tem certeza de que ela vai voltar?

Fitei a janela do salão, pensativo. O céu estava escuro, sem lua ou estrela para iluminar qualquer coisa que fosse fora do castelo. Nuvens cinzas se formavam, produzindo uma tempestade que com certeza despencaria sobre todo o reino.

Uma pontada maior de preocupação e medo me atingiu, mas me obriguei a confiar em meus instintos. *Ela consegue*, pensei. *É poderosa e sabe se proteger*.

— Sim — falei, no entanto, não estava mais tão certo disso.

****

O dia seguinte se arrastou tão lentamente que pensei que alguém tivesse parado o relógio do mundo. O conde, a rainha e eu fomos dormir depois da notícia da fuga de Catherine, e não tivemos chances de conversar durante a manhã. Portanto, apenas tentei focar nos assuntos do reino, que meu pai deixou para trás ao sumir inesperadamente. Foi o suficiente para me distrair de tudo o que houve no dia anterior.

Eu disse aos funcionários e aos burocratas que trabalhavam comigo que Stephen estava trancado no quarto tendo mais uma de suas crises para que não fossem levantadas suspeitas de sequestro ou algo do tipo. Ninguém ousou perguntar por mais. Estavam todos acostumados a essas situações.

Depois do almoço, eu tinha planejado um encontro com uma das garotas da competição. Seu nome era Amberly. Ela era gentil e bonita, com grandes olhos castanhos e cabelo preto. Sua pele cor de mel fazia dela alguém exótico por estar em um reino em que a esmagadora maioria das pessoas era branca, o que lhe conferia uma beleza extra.

Porém, eu não queria ir. Estava desanimado, apesar de suspeitar levemente que aquele feiticeiro estava mentindo sobre Catherine ser minha irmã.. Contudo, embora o fato de não termos

nenhum parentesco tornasse possível que ficássemos juntos, ela ainda estava longe. Havia fugido para se distanciar de tudo, quando o que eu mais queria era abraçá-la e nunca mais soltar. Até que Catherine voltasse, eu tinha que seguir com a competição. Parecia improvável, mas ainda tinha uma pequena chance de ela não aceitar meu pedido.

Chacoalhei a cabeça para afastar os pensamentos e continuei andando pelo corredor, procurando a porta certa. Entretanto, antes que pudesse sequer alcançar o quarto de Amberly para chamá-la para um passeio, Charlotte Lewis cruzou meu caminho.

—Ah, Alteza! Que surpresa, vê-lo aqui! — falou com uma alegria um pouco exagerada demais. — Sabe... eu pensei que poderíamos andar um pouco por aí, quem sabe nos perdermos em alguns corredores...

Ela mordeu o lábio, olhando-me com uma expressão maliciosa que entregava todas as suas intenções. Eu estava pronto para recusar seu convite ousado quando uma ideia surgiu em minha mente: terminar o que havia começado ontem, antes de Catherine aparecer. Por um segundo, ponderei, pensando ser uma ideia estúpida. Então, cedi à curiosidade.

Segurei seu ombro e a beijei, trazendo-a para mais perto. Mesmo surpresa pelo ato repentino, Charlotte correspondeu instantaneamente, laçando seus braços em meu pescoço. Puxei-a pela cintura.

Esperei, mas nada aconteceu. Nenhum fogo de artifício, nenhuma borboleta no estômago, nenhuma sensação boa e quente... Nem mesmo um sorriso roubado. Assim como ontem, meu teste falhou.

Eu me afastei, olhando-a por um instante, e disse:

— Com licença.

Dei-lhe as costas, ignorando suas perguntas e tentativas de me fazer voltar. Retornei para as escadas e as subi rapidamente, correndo até o quarto mais próximo e abrindo a porta sem bater.

— Desculpe a interrupção — falei ao ver Matthew e Ean deitados lado a lado na cama do conde, conversando. *Pelo menos não estavam se beijando, como da outra vez*, pensei. Fechei a porta atrás de mim. — Eu preciso conversar com vocês.

Suspirando, ambos se sentaram, abrindo espaço para mim no colchão. Eu me aproximei, mas me mantive em pé.

— O que você fez dessa vez, Jonathan? — Matt perguntou, cruzando os braços.

— Eu beijei Charlotte.

— De novo? — Ean exclamou, arregalando os olhos. — Eu não falei pra você *não* fazer isso? Cara, qual o seu problema?

— Eu tenho uma explicação, acalmem-se, por favor. Não é como se tivesse beijado Charlotte simplesmente por querer. — O guarda ergueu uma sobrancelha e cruzou os braços, assumindo a mesma postura duvidosa de seu namorado. *Que belos amigos eu tenho*. — Ok, talvez eu *quisesse*... Ah, vamos, ela é bonita. Mas teve um propósito maior. Eu meio que... usei-a.

Envergonhado pela confissão, encolhi-me.

Matt franziu a testa, parecendo muito interessado.

— Tenho certeza de que ela não se importou. Explique-se — pediu. Eu finalmente me sentei, ficando de frente para eles. — Bem... parece tolo, mas ontem eu *estava* com vontade de beijá-la; ela estava muito bonita com aquele vestido. Mas eu não ia tentar nada. Pelo menos, não até minha briga com Catherine.

—Você quis se vingar do que ela disse — Ean concluiu, me lançando um olhar reprovador.

— Não! — falei rapidamente, sentindo-me de repente muito idiota. Esfreguei as têmporas, irritado. — Será que eu *posso* terminar?

Eles ficaram em silêncio.

—Obrigado. Como eu estava dizendo... depois de minha briga com Cath, todo o meu entusiasmo para aquele baile sumiu. Sem ofensas, Matt. Estava maravilhoso, mas, sabe como é... — O conde fez um gesto de indiferença, e tomei isso como um *está perdoado, querido amigo*. Prossegui com minha explicação. — Eu achei estranho, já que sempre adorei festas e reuniões, por mais

bagunçada que minha vida estivesse no determinado momento. Nunca deixei de aproveitar um bom baile. Portanto, quando Charlotte apareceu e me fez um convite... eu aceitei.

Dei de ombros, evitando o olhar deles. Eu sabia que eles não aprovavam o fato de que eu estava me envolvendo com Charlotte. Com outras garotas, não tinha problema. Porém, com a filha do marquês... Parecia ser horrível demais para todo mundo. Inclusive, Catherine.

— Você queria se distrair — concluiu Ean novamente, ainda com o olhar reprovador.

— Mais ou menos.

—Ainda não vejo o grande propósito aqui — o conde disse, balançando a cabeça. Suspirei.

—O fato é que enquanto eu a beijava, não senti nada. Absolutamente nada. Eu queria aquilo, e então, de repente... não queria mais. E foi aí que uma ideia surgiu na minha cabeça. — A atenção do casal ficou totalmente focada em mim, e eu cruzei as pernas, aproximando-me deles e aproveitando que eles realmente estavam decidindo acreditar no que eu dizia, ao invés de julgar sem saber os detalhes de tudo. — Eu continuei o beijo porque queria descobrir se a sensação de estar com Charlotte seria a mesma de...

—Estar com Catherine — Matthew completou, abrindo o maior sorriso que já o vi dar. — Você a ama.

Novamente desviei os olhos, corando. Pensei em como me sentira com a senhorita Lewis. *Nenhum fogo de artifício, nenhuma borboleta no estômago, nenhuma sensação boa e quente... Nem mesmo um sorriso roubado.*

Com Catherine, era totalmente o oposto. Quando a beijava, eu sentia todas essas coisas e algo mais. Eu me sentia bem, feliz, realizado. Sentia como se tivesse voltado para casa depois de um longo tempo perambulando pelo mundo, perdido. Sentia... como se a amasse.

Eu sorri. Aquela deveria ser uma conclusão óbvia, mas não era. Não para mim. Por mais que ultimamente eu estivesse considerando a real possibilidade de pedi-la em casamento, eu o

fazia pensando que Cath seria alguém que eu poderia aprender a amar com o tempo. Não percebi que aquilo já havia acontecido.

Minha expressão feliz murchou quando me dei conta de que nossa união não era mais possível. Ela havia fugido e retornado à própria casa porque havíamos descoberto que jamais poderíamos nos casar.

— Isso sequer é possível? — murmurei, fitando o chão. — Apaixonar-se pela própria irmã?

— Ah, meu querido... — começou Matt. Ele sorriu do jeito que sempre fazia quando sabia de algo do qual ninguém mais fazia ideia. — Sei que a história de Jordan foi bem convincente, e confesso que, por um momento, até eu mesmo acreditei. Mas pense bem: um feiticeiro estranho, conhecido apenas por Catherine, aparece de repente em nossas vidas, usa informações desconhecidas por *todos* para tentar arruinar nossa existência sem motivo aparente algum além do próprio ódio. Você não acha isso um pouco suspeito demais?

Ponderei. O conde estava certo. Eu mesmo havia levantado aquela suspeita, mas, de tanto pensar em teorias, havia cedido inconscientemente à paranoia e tomado aquela afirmação como verdadeira. Chacoalhei a mim mesmo mentalmente, me arrependendo de ter acreditado em uma mentira tão grande.

—Eu sei — falei por fim. — Eu também penso assim.

Matt se inclinou para mim, mantendo a voz baixa como se estivesse compartilhando um segredo:

— Eu posso não saber qual é a real história por trás dessa farsa, querido, mas de uma coisa tenho certeza: Catherine Fairway *não* é sua irmã.

Capítulo 26

Eu não sabia exatamente para onde estava indo, então apenas continuei correndo sem rumo pelos corredores do castelo. Jonathan havia tentado me alcançar, mas aparentemente Matthew o impedira de vir até mim. Eu agradeci mentalmente. Não estava pronta para encarar aquela situação como algo real e definitivamente não estava pronta para conversar sobre. Principalmente com ele.

Parei de andar quando tive certeza de que estava sozinha. Apoiei-me na parede e cobri o rosto, tentando controlar a respiração ofegante e descompassada. *Eu tenho que consertar isso*, pensei. *Não pode ser verdade. Jonathan* não pode *ser meu irmão, com certeza deve haver algum furo nessa história toda que entregue a mentira descarada de Jordan*.

Enquanto pensava em um jeito de desenterrar a verdade, tentei convencer a mim mesma de que não era apenas uma fase de negação que se seguia depois de receber uma péssima notícia. *Realmente* tem *algo estranho em tudo isso e eu* vou *descobrir*, mentalizei, torcendo para estar certa.

Subitamente, uma ideia surgiu. Ergui a cabeça e encarei o corredor à minha frente apoiando as mãos no joelho e inclinando-me para baixo levemente. Batuquei os dedos na saia do vestido, pensativa.

É loucura, meu cérebro disse.

É minha única chance, retruquei.

Não faça isso. E se estiver errada?!

Ignorei meu cérebro. Eu precisava de provas concretas. Precisava ouvir a verdade da única pessoa em quem realmente confiava e que eu tinha certeza de que nunca me decepcionaria.

Voltei a andar, mais calmamente desta vez. Segui pelo caminho de onde viera até que pude encontrar novamente o salão principal, cujas portas estavam mais uma vez fechadas. Ouvi vozes lá dentro, provavelmente de Jonathan e Matthew. Talvez até Angelic.

Sorrateiramente, passei por ali e dobrei outro corredor, feliz por eles não poderem me ver. Caminhei com cuidado, prestando atenção por onde ia para que não me perdesse novamente. Alguns minutos depois, encontrei a ala dos guardas. Que, convenientemente, também era a área em que eles guardavam as carruagens e, mais à frente e um pouco afastado, os cavalos.

Cumprimentei alguns poucos soldados que estavam ali, agindo casualmente. Eles me olharam de forma estranha, claramente surpresos por ver uma das competidoras perambulando por aquela parte do castelo, àquela hora da noite — e com um vestido de gala. Fingi que não notei a curiosidade e continuei tomando meu rumo.

Logo cheguei às portas dos estábulos, localizados um pouco afastados do portão que permitia às carruagens uma saída de fácil acesso para as estradas de Damelok, para sossego dos animais.

Os grandes corcéis do rei estavam presos em seus currais, a maioria absorta em um sono profundo. Alguns obedientemente esperavam do lado de fora enquanto o cocheiro os preparava para atar suas rédeas em uma das carruagens paradas ali perto, provavelmente para um passeio noturno. Um cuidador limpava a palha do chão e removia os dejetos dos cavalos com um grande rastelo e uma pá.

Eu tentei ficar fora de vista ao mesmo tempo em que procurava um corcel pequeno para poder montar, e foi quando vi Maximus, o garanhão branco que me levara até o castelo. Ele não era exatamente pequeno, mas imaginei que o fato de que já me conhecia facilitaria as coisas. Sorrindo, aproximei-me dele, certificando-me de que o cocheiro e o cuidador estivessem de costas para nós. Por sorte, seu corpo quase ocultava o meu, exceto pela cabeça.

— Ei, amigão — sussurrei, cautelosamente estendendo a mão em sua direção. — Lembra-se de mim?

O cavalo balançou a crina e esfregou o focinho em meus dedos como um gesto de reconhecimento. Eu sorri ainda mais e acariciei sua bela pelagem branca e brilhante. Notei que Maximus estava sem sua sela, então seria complicado cavalgar nele, mas suas rédeas estavam encaixadas, portanto, imaginei que, mesmo com dificuldade, não seria impossível.

— Posso montar em você? — perguntei com voz baixa, alisando seu flanco. — Não vou machucá-lo. Apenas preciso de ajuda...

Ele bateu uma das patas no chão duas vezes e abaixou a cabeça. Eu não falava *cavaliês*, mas tomei isso como um sim. Porém, antes de tentar subir em Maximus, ponderei como poderia montá-lo e cavalgá-lo mesmo com toda a sua altura e com a roupa nada conveniente que eu usava. E assim uma ideia me atingiu.

Mordendo o lábio inferior, tirei os sapatos silenciosamente e os deixei de lado. Fiapos de palha grudaram-se em meus dedos, mas não me importei. Segurei a barra do vestido com as duas mãos e puxei-a com força em direções divergentes. Uma fenda se formou, fazendo um leve barulho de... bem, tecido se rasgando.

Agradeci mentalmente ao fato de que os homens ali presentes estavam distantes demais para terem ouvido o mais lindo vestido de todos os tempos se desfazendo. Chorando internamente, apoiei-me no pescoço do cavalo e impulsionei meu corpo para cima, pulando do chão.

Meu plano foi difícil e nada prático de ser executado. Eu demorei muito tempo para conseguir me posicionar de forma correta em cima de Max e infelizmente estes minutos preciosos tomados de mim quase estragaram tudo.

Ao mesmo tempo em que tentava me ajeitar, Maximus relinchou alto e se remexeu, parecendo muito desconfortável com todo aquele movimento. Isso atraiu a atenção do cocheiro e do cuidador que estavam ali e eles imediatamente vieram correndo ao meu encontro para impedir que eu roubasse um cavalo. Contudo, eu

finalmente havia dado um jeito em meu vestido e conseguira alcançar as rédeas no último segundo que me restava. Balancei-as, segurando-me com força nas tiras de couro.

Maximus entendeu meu comando e saiu em disparada pela estrada de terra que ligava o castelo ao restante da capital. Os homens atrás de nós gritaram, balançando os braços e ordenando que eu parasse enquanto tentavam nos alcançar. Não lhes dei ouvidos. Continuei me segurando firmemente ao corcel, inclinando o corpo para frente para ganharmos velocidade.

Chegamos logo aos portões da capital que estavam abertos para receber uma carga grande em uma carroça puxada por um burrinho. Três guardas inspecionavam a carga coberta por uma lona, provavelmente checando se tudo estava em ordem. Aparentemente, o serviço de transporte do reino era mais intenso à noite.

Eu não diminuí o ritmo quando me aproximei deles. Pelo contrário: fui mais rápido. Gritei para os soldados se afastarem. Eles e o cocheiro pularam para o lado, desviando do corcel descontrolado que corria em sua direção.

O flanco de Maximus quase raspou na lateral de madeira da carroça, porém consegui desviar a tempo de não atropelar nada e nem ninguém. O burrinho se assustou e começou a correr também, mas na direção oposta, levando consigo a carga que estava sendo inspecionada minutos antes. Foi distração suficiente. Passei pelos portões de ferro e gargalhei enquanto processava a loucura que acabara de fazer.

Eu sabia como cavalgar. Passara anos treinando quando papai tinha dinheiro para manter um pequeno cavalo chamado Frey, que havíamos comprado alguns anos depois de eu ter sido adotada. Eu o ajudava a cuidar da pelagem, da alimentação, da higiene... E Luke me ensinava como domar e montar um corcel. Claro, meus poderes ligados à natureza facilitavam todo o processo; aparentemente, minha magia permitia que eu tivesse facilidade em lidar com animais selvagens. Era uma das vantagens que eu gostava de usar na fazenda.

Mas então, alguns anos depois, uma crise econômica atingiu todo o comércio do reino e, conforme papai tentava se

reajustar às novas mudanças e restrições, foi necessário cortar alguns gastos... Inclusive, aqueles necessários para manter as criações. Com isso, tive que dizer adeus a Frey e vendê-lo para comprar mais comida para nós.

Mesmo quando a fazenda já havia se recuperado e novamente impulsionado suas vendas, Luke e eu não tivemos a oportunidade de adquirir outro corcel como o que eu tinha. Portanto, nunca mais cavalguei em nenhum outro animal. Contudo, mesmo tendo se passado vários anos, ainda me lembrava como era correr livremente pelos campos verdes que rodeavam Lenov Village, e a sensação não era muito diferente de cruzar a capital a toda velocidade. Exceto pelo fato de que eu provavelmente estava sendo perseguida pela guarda real depois de roubar um cavalo do rei e quase atropelar três soldados, um homem humilde e seu burrinho.

O vento frio batia em meu rosto e desmanchava o coque armado que Íris havia feito em meu cabelo para o baile. O céu escuro da madrugada dificultava minha visão, fazendo um belo trabalho em me distrair da confusão que eram meus pensamentos. Mantive o ritmo da cavalgada e apenas o diminuí quando tive a certeza de que ninguém estava nos seguindo.

Quando permiti a Maximus descansar, estávamos na metade do caminho. Eu reconheci o trecho da estrada que se aproximava demais do rio e soube que minha casa não estava muito longe. Como da última vez em que estivemos ali, usei meus poderes para ajudar o garanhão a beber a água do violento riacho que cruzava todo nosso reino e o dividia em dois. E foi aí que as coisas ficaram estranhas.

Enquanto olhava para os lados e me certificava de que estávamos sozinhos, abaixei-me à margem e encostei a mão na grama, invocando minha magia de água. Esperei sentir a sensação de sempre, a confortante queimação nos ossos e nas veias, que me dizia que aquele poder era parte de mim. Mas o que senti daquela vez foi totalmente diferente.

Uma avalanche grande e poderosa tomou conta de meus sentidos, enchendo-me de energia e adrenalina e fazendo com que eu cambaleasse um pouco. A água corrente imediatamente se acalmou, diferentemente da primeira vez que tentara aquele truque.

Arfando, eu me afastei, quebrando a concentração e o vínculo com a magia. Mesmo sem meu controle, o rio permaneceu quieto como se fosse um animal que tivesse aceitado ser domado.

Lentamente, retornei à beira e ajoelhei-me na grama molhada, inclinando-me sobre a turva água cinza. Encarei meu reflexo que se projetava e se fazia visível graças à luz da lua. Meus olhos estavam mais brilhantes do que eu jamais havia visto e eu ainda sentia a onda de magia poderosa em meu corpo.

Meus poderes foram recuperados, percebi, *juntamente com minhas memórias*. A parte mágica que faltava em mim, a que Matt tanto insistia que fazia de mim uma pessoa poderosa e perigosa... Estava de volta. Aquilo significava também que eu não estava mais protegida. Eu não sabia como, mas, de alguma forma, se o conde estivesse certo, ter meus poderes completos novamente me tornaria um farol humano. Qualquer um com um pouco de magia poderia me encontrar.

Eu estremeci. Não podia ficar ali muito tempo.

Tinha que chegar logo ao meu destino.

— Vamos, amigão. Precisamos ir — falei para Maximus, montando novamente nele. Daquela vez foi mais fácil.

Eu continuei meu caminho, olhando preocupadamente para o céu. A luz da lua estava coberta por nuvens espessas que indicavam uma iminente tempestade, dificultando minha cavalgada. Tive a brilhante ideia de conjurar uma bola de fogo, o que, além de ajudar na visão, também me aqueceu, espantando o frio da madrugada de inverno.

Dentro do que pareceu ser um par de horas, avistei os vinhedos de meu pai ao longe. Os primeiros raios de sol do dia despontavam no horizonte, fazendo-me perceber que eu não havia dormido na noite anterior. Eu precisava urgentemente de um travesseiro e belas horas de sono.

Diminuí o ritmo da cavalgada conforme me aproximei do portão da casa. Avistei meu pai abrindo a cortina da janela e espiando a origem do barulho de cascos batendo no asfalto. Assim que me viu, correu para longe do vidro; segundos depois, ouvi barulho de chaves. A porta da frente se abriu e Luke correu em minha direção.

Sorrindo, desmontei de Maximus e recebi meu pai de braços abertos, deixando-o me erguer do chão e mergulhando a cabeça na curva de seu pescoço. Segurei as lágrimas e inspirei fundo, aliviada por estar novamente em casa. Nós nos separamos e ele segurou meu rosto com ambas as mãos, dando um sorriso que fez as leves rugas de seus olhos se acentuarem.

—Eu senti tanta saudade... — sussurrou. Beijou minha testa e voltou a me envolver com seus braços. Logo, sua voz se encheu de preocupação: — O que está fazendo aqui, minha querida? Você foi expulsa da competição?

— Não... — falei, de repente sentindo a felicidade se esvair. Afastei-me novamente e olhei-o nos olhos. — Eu precisava falar com você. É urgente.

O sorriso de Luke murchou. Ele me acompanhou até dentro da casa, depois de amarrarmos as rédeas de Maximus em um lugar firme e seguro da chuva que ainda estava por vir.

— Bem, então comece a falar — pediu, sentando-se de frente para mim.

Encarei-o com seriedade, inspirando o ar com força antes de dizer:

— Pai... eu tenho um irmão?

Por um segundo, ele me encarou petrificado. E depois, lentamente, soltou a respiração que havia prendido e esfregou as têmporas.

— Ah, Deus... Eles te encontraram — murmurou, fechando os olhos. Não me encarou quando voltou a falar: — Quem te disse isso, Catherine?

— Então é verdade — concluí, ignorando sua pergunta. Deixei-me cair na cadeira, murchando como uma flor morta. Eu esperava de verdade que ele soubesse algo sobre aquilo, mas não tinha me preparado para o sentimento de traição que me invadiu. Luke *mentiu* para mim por todos esses anos. Meus olhos lacrimejaram. — Por que você fez isso? Por que escondeu isso de mim, por tanto tempo?

—Eu só queria te proteger, querida... — falou, segurando minha mão. Relutei com a vontade de me afastar e correr para o quarto como uma criança birrenta.

— Acredite em mim, quis contar. Por todos esses anos, a culpa me corroeu enquanto eu mantinha segredo de seu passado. Matthew nunca me permitiu contar nada, por mais que ele mesmo não soubesse e não entendesse o que eu escondia. Ele jurava que isso ia te proteger e, considerando que nada nunca aconteceu a você até hoje... funcionou.

Ele deu de ombros, fitando o chão. Parecia envergonhado e ressentido, batucando os dedos levemente na madeira da mesa com ansiedade enquanto esperava minha resposta.

— Bem, eles me encontraram, como você disse — falei, ríspida. Ele podia ter feito aquilo para me proteger, mas uma parte irracional de mim ainda o culpava por me manter na ignorância por tanto tempo. — E Matthew devolveu minhas memórias. Ele disse que estava na hora e por isso não discuti.

Luke imediatamente me encarou, os olhos arregalados. Eu sustentei seu olhar, raivosa. Ele respirou pesadamente, e eu vi seus olhos lacrimejarem.

— Ah, Cath... — sussurrou, cobrindo o rosto com as mãos. — Eu nunca deveria ter feito isso com você. Meu amor, desculpe-me... Eu... sinto muito. Você descobriu da pior forma...

Minha raiva se quebrou e eu percebi o quanto estava sendo estúpida por me ressentir com Luke. Aquilo era difícil para ele também. Eu não era a única sofrendo com tudo.

Suspirei e sorri fracamente, segurando sua mão ao alcançá-lo. Apertei-a gentilmente e sugeri:

— Que tal você me contar como foi que soube de tudo isso? Como você descobriu sobre meu meio-irmão, sobre meus pais biológicos... — As palavras entalaram na garganta. Quando voltei a falar, minha voz estava instável e quebradiça. — Como?

Inspirando fundo mais uma vez, Luke começou a falar:

“Eu e Samantha, sua mãe biológica, éramos amigos próximos. Nós nos conhecemos quando tínhamos sua idade, e ela estava apaixonada por um camponês de Lenov Village. Na época, eu ainda não era dono da fazenda, mas morava aqui, pois ajudava os meus pais com os afazeres, assim como *você* me ajuda. Em um dia de comércio na vila, esbarrei com Sam; rapidamente, nossa

amizade cresceu, e ela passou a me visitar quase todos os dias, logo depois de se encontrar com seu amado".

Pensei em como Matt e eu havíamos nos transformado em amigos tão rapidamente quanto Luke e Samantha. Sorri com a comparação.

"Mas... o namoro de sua mãe não foi longe. Ela estava prometida em casamento a Simon Lewis, o seu pai. Ele era um príncipe, sucessor na linhagem dos duques de Cannehor, e o casamento deles era de origem puramente política".

—Espera, espera... meu pai era um *duque*? — perguntei, perplexa.

Parecia impossível que eu tivesse nascido em uma família rica depois de viver metade da vida em uma fazenda humilde no lado Sudeste do reino. Contudo, aquela revelação explicava por que minha família morava em uma casa tão grande e luxuosa e também justificava parte do motivo de eles estarem no palácio naquela noite.

Minha cabeça girou. Eu estava sedenta para saber mais da história de meus pais biológicos, mas temia que fosse ter um colapso antes daquilo terminar. Se os Beaumont eram os duques de Cannehor, então havia possibilidade de Samantha realmente ter tido um caso com o rei, já que o via constantemente?

—Você não sabia? — Luke franziu a testa. — Pensei que tivessem lhe contado a verdade, no castelo...

— Tudo o que me disseram foi que eu tenho um irmão porque minha mãe foi infiel e que *Jonathan* é essa pessoa — respondi amargamente.

Meu pai gargalhou e jogou a cabeça para trás, deixando-me ainda mais confusa.

— Jonathan? O *príncipe*? É claro que não! — Fez uma pausa para recuperar o fôlego e então continuou a falar, assumindo uma postura mais séria: — Bem... É verdade que o rei Stephen sempre teve uma paixão incontrolável por Samantha, que começou quando ela apareceu em sua frente pela primeira vez. Mas,

Catherine, sua mãe jamais trairia Simon. Aquele rei é louco de alegar uma coisa dessas; provavelmente o fez por ciúme.

Luke balançou a cabeça. Embora desconfiasse do que ele me dissera, senti o alívio me invadir e me permiti novamente cair na cadeira, respirando fundo e sentindo um peso sair de meus ombros — um que não percebia estar carregando. Ele continuou a falar, alheio aos meus pensamentos e perdido em seus próprios:

— Não... Ela não foi infiel. Sam teve seu primeiro bebê *antes* de se casar, embora já tivesse sua mão prometida.

"Veja, Samantha amava esse camponês, cujo nome, se eu não me engano, era Willian. Uma semana antes de se mudar completamente para o Norte do reino, onde os outros nobres vivem, ela decidiu se despedir do amante. Então... bem, você pode imaginar como foi a noite deles".

"O fato é que, quando começou a conviver com Simon, sua mãe obrigou-se a esquecer de Will. Com isso, novas portas se abriram para ela; dois meses depois da mudança, quando finalmente se casou e foi coroada, ela já alegava estar apaixonada por seu marido porque, em suas palavras, 'era um homem gentil, delicado e romântico'. Sam aprendeu a amá-lo de forma rápida, mas, então... ela descobriu que sua pequena noite de despedida havia tido certas *consequências*".

"A nova duquesa foi muito esperta ao tentar esconder a identidade do verdadeiro pai e a idade da criança, contudo, quando as evidências começaram a aparecer, ela entrou em desespero e pediu por minha ajuda. Eu a aconselhei a me visitar, mas Sam só pôde exercer essa vontade quando já estava no fim da gestação, devido aos afazeres políticos que tomavam muito de seu tempo. Inclusive, só conseguiu um tempo para me visitar com a desculpa de que eu estava doente".

— Quem acreditaria nisso? — perguntei, interrompendo a narrativa de meu pai.

— Certamente ninguém. Mas, bem... Simon confiava em sua esposa e pensava que, não importava o que estivesse escondendo, era por uma boa causa.

Eu balancei a cabeça, exasperada, mas Luke apenas continuou a falar:

“Por uma semana, eu a hospedei em minha casa. Bolávamos planos para encobrir tudo, embora eu sempre a dissesse que o melhor era contar a Simon a verdade. Eu acreditava que, se ele realmente a amasse, iria perdoá-la. Porém... ela não me escutou. Nunca escutava...”

Sorrindo nostalgicamente, papai balançou a cabeça, novamente perdido em memórias das quais eu era alheia. Olhou para baixo, deixando qualquer traço de felicidade sumir de suas feições. Seus olhos ficaram sombrias.

“Numa tarde em que eu estava ocupado no mercado, a duquesa fugiu dos vinhedos e foi até Lenov Village para procurar Willian, embora não o amasse mais; ela queria apenas uma oportunidade para escapar. Deixou-me somente um bilhete agradecendo, despedindo-se e pedindo perdão, junto da uma promessa de que me visitaria novamente para explicar tudo. Acabou que, enquanto estava discutindo com seu antigo amante, as contrações começaram a aumentar. O parto estava próximo e ela teria que dar à luz na própria vila; não havia tempo para voltar à minha fazenda”.

“E assim foi: o parto aconteceu em uma casa humilde de Lenov: a casa de Willian Smith. Eu pensei que tudo estaria bem se ela estivesse com o verdadeiro pai da criança, mas deveria saber que Samantha Beaumont jamais faz o que é certo. Enquanto Will dormia, ela fugiu, abandonou a criança e seu pai e voltou à mansão do duque”.

“Quando retornou sem o bebê, suspeitas foram levantadas, porém ela logo as exterminou: mentiu novamente, dizendo que a criança nascera prematura e com isso não conseguiu sobreviver. O duque ficou arrasado, mas não foi algo impossível de ser superado. Afinal, três anos depois, você apareceu”.

Luke sorriu e acariciou minha bochecha com a ponta dos dedos, como fazia quando eu tinha dez anos. Ao perceber que a história havia terminado, soltei o ar que não percebi que prendera. Samantha Beaumont era a duquesa de Cannehor e também minha mãe. Foi quem abandonou uma pobre criança e mentiu para aqueles que amava. Que tipo de legado essa mulher havia me deixado?

Apesar de todo o absurdo daquela história, consegui me concentrar em apenas uma coisa:

—E o bebê? Ninguém nunca foi procurá-lo? — perguntei, desesperada. — Você nunca procurou saber quem era? Já viu o rosto dele? Era mesmo um menino?

—Catherine, se acalme — pediu, levantando as mãos como se eu fosse um animal selvagem que precisava ser amansado. De certo modo, não estava muito longe disso. — É claro que procurei a criança. Era, sim, um garoto, mas nunca o vi. Quando fui até Lenov para saber de seu paradeiro, disseram-me que Will havia fugido com o bebê nos braços, sem dar notícias ou sequer pistas de onde poderia estar se escondendo.

— Eu não entendo. Ele...

Fui interrompida por um estrondo alto vindo do lado de fora da casa. Dei um salto, assustada, e prendi a respiração por um momento. Então acompanhei o olhar de Luke até a janela e percebi a origem do barulho: a tempestade estava nos fazendo uma visita.

O sol já estava claro no céu, embora estivesse encoberto pelas nuvens cinzas e pesadas de chuva. A água começava a despencar aos montes, trazendo consigo um vento forte e mais trovões que ribombavam, assemelhando-se a exércitos que marchavam pelos céus, prontos para uma batalha.

— Sabe... a chuva faz-me lembrar de sua mãe — Luke murmurou, mais uma vez assumindo um tom nostálgico enquanto se perdia nas lembranças do passado. — Era esse o poder de Sam. Ela conseguia criar tempestades enormes, que assolariam reinos inteiros apenas com *um* comando de sua mente.

Eu o observei mais um pouco, pensando em como ele admirava e sentia falta da melhor amiga. Eu sei que eu sentiria se estivesse em seu lugar. Matthew era muito importante para mim; ficaria arrasada se algo acontecesse com ele.

Imaginei como seria ter minha mãe biológica de volta, ensinando-me a controlar meus poderes e a expandi-los. Mas, com ela morta, aquela era uma tarefa que eu teria de executar sozinha, e rápido; o tempo voava, e eu suspeitava de que Jordan não demoraria a reaparecer para me tirar o sono novamente.

Quando voltou a me olhar, Luke deu um sorriso triste e passou a mão em meus cabelos, tirando-me de meus devaneios.

— Seu quarto ainda está intacto; você deveria dormir um pouco — sugeriu. — Teremos muito tempo para conversar quando acordar. A chuva está forte e não cessará tão cedo. Os funcionários do príncipe não virão hoje, com certeza. Então, sem trabalho para mim.

Eu o obedeci, sentindo o cansaço tomar conta de meu corpo. Levantei-me e fui até as escadas, deliciando-me com a sensação confortante de familiaridade. Antes de chegar ao topo, virei-me para meu pai e perguntei, olhando-o por cima do ombro:

— Como está indo, a propósito? Com os funcionários que a família real te enviou para ajudar...

— Surpreendentemente incrível. São boas pessoas, Cath, assim como aquele príncipe. Gostaria de agradecê-lo um dia — contou, mais uma vez dando aquele sorriso singelo que acentuava as pequenas rugas ao redor dos olhos. — Agora vá. Não quero que desmaie de sono em um canto qualquer da casa.

E eu fui.

Assim que encostei a cabeça no travesseiro macio que usei por anos, apaguei completamente. Mas, ao invés de ter a noite tranquila pela qual ansiava e da qual necessitava, tive um pesadelo.

Ou melhor: uma *visão*.

Capítulo 27

Uma taverna abarrotada de clientes estava à minha frente. As lamparinas acesas faziam um péssimo trabalho para iluminar a estrada de terra que se estendia pela vila e levava a uma rua principal. Não reconheci o lugar em que me encontrava, mas, ao olhar em volta, entendi o porquê de estar ali: aquela era uma visão do passado de Stephen Heronwood.

O rei estava a alguns metros de mim, parado na porta do estabelecimento. Ria, abraçava e brindava com alguns camponeses bêbados, derramando o que imaginei ser cerveja em toda sua roupa e no chão. Examinei suas vestes. Com certeza não eram dignas de um membro da realeza: ele tinha apenas uma bota nos pés; a camisa estava com furos no peito e nas mangas; a calça era fina e uma das pernas mal chegava ao joelho, resultado do que parecia ser um belo jantar para as traças.

Estreitei os olhos e me afastei com medo de que Stephen pudesse me ver. Ao cambalear para trás, esbarrei em alguém que acabara de chegar. Caí de costas no chão, abafando um gemido de dor. As pequenas pedras na estrada eram afiadas e machucaram meus braços que, percebi, estavam nus, pois eu vestia a mesma roupa do baile de Matthew.

Franzi o cenho. A pessoa que me derrubara me ignorou e se dirigiu diretamente ao rei com uma careta no rosto. Percebi que era uma mulher e, pelas roupas que trajava, também uma camponesa. Levantei-me, pronta para me queixar por sua grosseria, e foi quando outro sujeito passou por mim. Literalmente. Ele *passou* por mim. *Dentro* de mim. Como se eu fosse um fantasma ou uma sombra. Depois continuou andando como se não percebesse nada.

Confusa, tentei falar e gesticular para as pessoas, mas elas não me ouviam. *Ótimo*, pensei, finalmente entendendo a situação. *Sou invisível aqui*. Satisfeita, aproximei-me do rei e da mulher, procurando ouvir sua conversa. Xeretar era ruim, mas, hey, eu estava ali por uma razão, e tinha quase certeza de que não era para pegar o endereço daquela taverna.

— ...docinho, não faça isso. Vamos conversar... — Stephen dizia. Ele pegou o braço da moça e puxou-a para si.

—Conversar?! — exclamou ela, libertando-se de suas mãos. Uma careta de nojo preencheu sua expressão quando o rei tentou beijá-la. — Suma daqui! Eu estou farta de você. Por que não volta para o seu castelo e nos deixa em paz? Ninguém o quer aqui, Stephen. Você só traz desgraça à nossa vila!

O rosto do homem escureceu e ele avançou na camponesa à sua frente. Agarrou-a pelos ombros e a beijou enquanto tentava arrastá-la pela rua de terra. Ela tropeçou algumas vezes, mas o aperto em seu braço era forte o bastante para mantê-la de pé.

— Solte-me! Fique longe de mim! — gritou, esperneando para lutar contra a força do rei. Foi inútil. Então ela parou e virou-se para ele, dando um tapa forte em sua bochecha. — Seu bárbaro! Você não é um rei, é uma besta selvagem e desumana. Tire suas garras de mim!

Com a surpresa dos insultos e da leve retaliada, Stephen afrouxou o aperto, e a mulher conseguiu sair de seu alcance. Ela correu para um estabelecimento próximo, a alguns passos da taverna, remexeu em uma abertura na saia do vestido, que imaginei ser um bolso, e pegou um molho de chaves de dentro. Com as mãos tremendo, examinou rapidamente chave por chave até encontrar a certa para destrancar a porta e conquistar sua segurança.

No entanto, o rei foi mais rápido. Quando a camponesa finalmente encontrou a chave certa e inseriu-a na fechadura, o homem a alcançou. Em um rápido movimento, Stephen virou a

mulher em seus braços e prensou-a contra a parede de tijolos, trincando os dentes. Ela deu um leve grito de medo, atraindo os olhares dos homens bêbados, a alguns metros dali. Eles passaram a observar a cena, receosos, mas não fizeram nada.

Claro que não, pensei amargamente. *Nenhum desses covardes ousaria se voltar contra seu governante, mesmo que ele estivesse prestes a estuprar uma mulher*.

— Eu *sou* um rei, e você *é* uma meretriz. Não tem qualquer direito de falar assim comigo, está ouvindo? — o rei rosnou tão baixo que eu tive que me aproximar para ouvir o resto. Com um sorriso cruel, ele girou a chave e tocou a maçaneta, abrindo a porta ao seu lado com um leve rangido. — Você deveria ter pensado muito antes de se dirigir de forma tão baixa a um membro da alta corte. Vai pagar por isso, docinho, e não vou cobrar barato. *Ninguém* insulta um rei!

Seu sussurro ameaçador enviou arrepios por minha espinha, fazendo-me estremecer. Eu queria reagir. Queria gritar para que ele a soltasse; queria usar meus poderes ou ao menos a pouca força braçal que possuía. Mas não podia.

Aquilo era apenas uma visão. Já acontecera, e eu não tinha poder sobre ela. Não era possível mudar o passado.

Lamentando minha impotência, assisti enquanto Stephen arrastava a pobre moça para dentro do que imaginei ser um hotel ou mais alguma taverna. Então a cena se dissolveu como papel molhado, dando lugar a mais uma visão.

Eu ainda estava naquela mesma vila, parada em pé no meio da mesma rua de terra, mas algo estava diferente: as lamparinas estavam apagadas porque a luz do sol brilhava fracamente no horizonte, iluminando o suficiente para ver a distância de alguns metros; a taverna estava tão deserta e abandonada quanto o resto do local; o ar estava pesado, tenso, quase como se até a própria natureza não ousasse respirar tão forte, temendo que tudo fosse desmoronar se algum movimento bruto fosse feito.

Ouvi passos leves atrás de mim, que pareciam estar ampliados por um megafone enquanto ecoavam no silêncio eterno daquele lugar. Virei-me rapidamente, o coração saltando no peito e

fazendo o sangue martelar em meus ouvidos. Uma figura de túnica preta surgiu detrás de uma casa; não pude ver quem era porque seu capuz estava abaixado e o vulto olhava fixamente para o chão enquanto andava.

Ele dirigiu-se até a porta da taverna, de onde outra pessoa trajando preto saiu, segurando um pedaço de pano branco nos braços. A primeira figura hesitou ao tirar o pano da cabeça e revelar sua identidade, mas a segunda permaneceu do jeito que estava.

O rei era quem havia se mostrado. Embora as rugas de preocupação e o que imaginei ser culpa distorcessem suas feições, reconheci seus olhos e seu cabelo loiro. Os fios amarelos como ouro ainda não estavam grisalhos, o que o tornava ainda mais parecido com Jonathan, mas as íris eram mais apagadas do que as de seu filho. Enquanto o príncipe era enérgico e cheio de vida, Stephen parecia morto e vazio por dentro. Parada ali, vendo-o tão quebrado no que parecia ser o auge de seus vinte e poucos anos, eu me perguntei se sempre fora tão amargo quanto nos dias atuais.

Meus devaneios foram interrompidos quando a figura ainda não revelada falou:

— Você está atrasado.

Pelo timbre agudo de sua voz e sua estatura, imaginei que fosse uma criança ou uma mulher baixa. Sua roupa larga e escura não me permitiu ter certeza de qual dos dois, mas a dureza e amargura em seu tom mataram minhas suspeitas.

— Sinto muito. Eu queria vir antes, mas...

— Poupe-me de suas desculpas — falou, praticamente cuspindo as palavras.

Levantou o rosto, encarando Stephen severamente. Uma luz leve iluminou sob o capuz, permitindo-me constatar que a figura era, na verdade, uma velha senhora muito parecida com a mulher da antiga visão. Perguntei-me se elas podiam ter qualquer relação sanguínea.

—E trate de tirar esse remorso fingido da cara. Você fez o que fez porque quis, e agora Alyssa está morta por *sua* causa. Espero que esteja feliz.

Com um rosnado ameaçador, lançou um último olhar para o rei antes de se virar para o pedaço de pano em suas mãos. Imaginei que Alyssa fosse a mulher que Stephen violentou; horrorizada, tentei imaginar o que poderia ter acontecido com ela para provocar sua morte, e nenhum dos possíveis cenários me agradou.

— É... um menino? — o rei sussurrou, hesitante, sua voz entrecortada denunciava seu medo pela mulher. Confusa, eu me perguntei do que ele estava falando, mas então a senhora remexeu nos tecidos que segurava, e eu percebi que não era apenas pano.

Mãozinhas pequenas tatearam o ar, estendendo-se na direção do homem. Um pequeno sorriso banguela apareceu no rosto mais branco e enrugado que eu já vira na minha vida, fazendo brilhar pequenos olhinhos dourados como o sol. Eu sorri, reconhecendo o bebê fofo e angelical.

— É — murmurou a velhinha, deixando que um pouco de doçura entrasse em sua expressão enquanto olhava para a criaturinha em seus braços. E logo o sentimento foi embora e deu lugar à configuração inicial de ódio conforme continuava a falar: — E, por mim, ele ficaria comigo. Sei cuidar de uma criança melhor do que você jamais será capaz de fazer. Você é fraco, Stephen, e, se não fosse um rei com um exército na sua cola, eu o mataria aqui mesmo. Tenho pena desta criança e rezo para que fuja quando tiver a chance.

Com um último olhar para o pequeno príncipe envolto nos cobertores brancos, a velha senhora entregou-o para o rei e saiu andando sem olhar para trás. De onde estava, pude vê-la enxugar uma lágrima e tive certeza de que ela já amava Jonathan tanto quanto uma avó poderia amar seu neto.

A visão mudou novamente.

Um mundo borrado entrou em meu campo de visão assim que o anterior se dissolveu uma segunda vez. Agora eu estava em um local completamente diferente, que nunca havia visto antes.

Formas verdes indistintas estavam à minha frente e tive que piscar várias vezes para que entrassem em foco. Consegui ver

claramente, mas apenas por tempo suficiente para saber que me encontrava em uma floresta.

Eu senti algo me empurrar, mas não vi nada ao meu redor que pudesse estar fazendo isso. Então notei que eu não era bem-vinda naquela memória e que alguém estava tentando me expulsar. Perguntei-me como aquilo poderia ser possível, mas não me demorei muito tempo pensando sobre isso. Afinal, eu estava visitando o passado de outra pessoa enquanto dormia.

Concentrei-me novamente no ambiente à minha volta. Custou um pouco, mas tudo se focalizou novamente e a sensação de estar sendo empurrada se suavizou. Tomando cuidado para não perder o foco, dei alguns passos à frente.

Ouvi vozes gritando, próximas de onde eu estava. Segui o som e, depois de alguns passos, a floresta densa abriu-se gradativamente para, no fim, dar espaço a uma clareira natural. Prendi a respiração, inicialmente pensando ser o mesmo lugar em que meus pais foram assassinados, mas depois vi que uma casa estava construída bem no meio do vasto gramado. Pela cor das folhas e flores, deduzi ser o auge da primavera.

— Você é um imprestável! — alguém berrou dentro da pequena cabana.

Com um estrondo, a porta se abriu abruptamente e uma pessoa passou através dela, caindo no chão de um jeito que fez parecer que fora empurrada. Não tive tempo de tentar reconhecer quem era, porque uma segunda figura surgiu de dentro da casa, arremessando um objeto que, provavelmente, estava sendo mirado para atingir a pessoa se encolhendo no chão, mas acabou passando reto e aterrissando em meus pés.

Não deixei o choque que sentia pela situação quebrar minha concentração. Lancei um olhar rápido para baixo e vi um livro grosso e aparentemente antigo, com desenhos dourados que pareciam runas entalhados na capa de couro preto. Franzi o cenho sem reconhecê-lo.

Antes que pudesse pegá-lo para examinar mais de perto, outro grito atraiu minha atenção.

—Eu devia tê-lo abandonado quando pude. Eu tenho vergonha de chamá-lo de filho!

Olhei para as pessoas à minha frente e percebi que eram dois homens: o mais novo, encolhido na grama, cobria seu rosto com os braços para se proteger do pai; o que havia falado era o mais velho, que aparentava ter pouco mais de quarenta anos. Possuía feições estranhamente familiares e olhos negros como ônix que o denunciaram como sendo um feiticeiro. Sua altura exagerada, combinada com o ódio presente em seu rosto, despertou uma memória em minha mente.

Arregalei os olhos e cambaleei para trás quando reconheci o homem. Ele estava com um pouco mais de rugas devido ao tempo que se passara, mas era inconfundivelmente a pior pessoa que eu já havia visto na vida.

Lampejos de lembranças invadiram minha cabeça, quebrando minha concentração e fazendo o mundo ao meu redor se desfocar.

Segui os olhos para minha mãe, que estava ajoelhada de costas para um homem com uma arma de fogo pressionada em sua garganta. Cambaleei para trás, arfando, e tropecei em alguns galhos. *Aquele* era o homem. A pessoa que assombrava meus pesadelos desde que comecei a tê-los.

Eu caí, mas estranhamente meu corpo se lançou para frente ao invés de para trás. Desse modo, fiquei a centímetros do garoto que apanhava do feiticeiro à nossa frente. Então, mais uma coisa incomum aconteceu: como se pudesse *ver* que eu estava ali, o menino ergueu a cabeça e nossos olhos se encontraram, azul e verde se misturando como em uma aquarela.

Eu gritei e sentei-me na cama.

A imagem familiar e segura de meu quarto foi bem-vinda. Meu coração batia tão forte que tive medo de que quebrasse as costelas e saísse pela boca. Suor fazia grudar meu cabelo na testa e na nuca, escurecendo os fios cor de cobre.

Eu respirei fundo e me levantei, ansiando por um banho frio e revigorante que me acalmasse e fizesse-me esquecer do que acabara de ver.

Porque, certamente... *certamente* foi uma visão equivocada. *Certamente* minha mente estava me pregando peças. Era impossível que o que eu tinha visto fosse real. Porque, se fosse, isso implicaria que...

Bem, implicaria que Jordan seria filho do homem que matou os meus pais.

****

— Você tem *certeza*? — Luke perguntou pela quarta vez, esfregando a mão na testa como se tentasse clarear a mente.

— Sim, pai, eu te disse. Eu sei o que vi e, por mais que não queira admitir, sei que é verdade — falei, suspirando.

Depois do banho que tomei, desci para a cozinha e encontrei Luke acordado, lendo um jornal. Eu lhe contei tudo o que havia acontecido no castelo durante aqueles dias e também narrei as visões que havia tido. Meu pai mal se importou com o fato de que o príncipe herdeiro de Cannehor fosse fruto de um crime cometido pelo próprio criador das leis; ele só foi direto ao ponto e surtou quando soube o que eu descobri sobre o assassinato de meus pais.

— Olha... — Respirei fundo, remexendo no colar de rubi distraidamente. — *Eu sei* que é muito para digerir. Eu mesma não sei como consegui aguentar bomba atrás de bomba sem ceder à loucura. Mas, bem, nós precisamos manter o foco. Se deixarmos o excesso de informações tomar conta, não vamos ser capazes de ver o que *precisamos* ver para acabar com isso, nem mesmo se estiver bem na nossa frente.

— Você está certa — sussurrou, a voz saindo como um sopro. Luke balançou a cabeça, parecendo cansado e sobrecarregado. — Eu só queria que você não tivesse que lidar com tudo isso. Queria uma vida normal para você, com um casamento feliz e filhos e... tudo isso.

—Eu sei. Mas *não sou* normal. Nunca serei. Não é algo ruim, papai, apesar de atrair *coisas* ruins. Como eu disse, só temos que aprender a lidar com tudo. — Sorri fracamente para ele, segurando sua mão. Isso pareceu renovar um pouco de suas energias, e então continuei falando: — O que quer que eu tenha

visto na visão sobre Jordan explica por que ele nutre esse ódio irracional por mim. Seu pai... Eu tenho certeza de que o vi na clareira naquele dia, sendo assim, ele pode ter passado esse sentimento para o filho. No sonho, ele parecia ter a mesma idade de quando nos conhecemos, e isso significaria que ele já me conhecia ou estava prestes a conhecer. Agora... tem uma coisa que não se encaixa. Está claro que pai e filho se espelharam, mas... *por quê*? Por que tanto ódio? Por que matar meus pais? Por que descontar em mim?

— São muitas perguntas — meu pai observou.

— É, são. Mas estranhamente... sinto que estamos deixando algo passar. — Batuquei os dedos na mesa, mordendo o lábio. Então uma luz se acendeu na minha mente. Sentei-me de forma ereta na cadeira, assumindo uma postura alerta. — Tinha um livro na minha visão. Eu não sei sobre o que era, mas... tenho quase certeza de que as minhas respostas estão nele. Pelo menos uma delas. *Tem* que estar. Senão... por que eu teria uma visão sobre algo que não me fosse ser útil?

—Você tem um ponto aí. Mas, querida... e se estiver errada?

— Eu não estou — garanti. — *Preciso* achar esse livro, e rápido. Mas antes você vai ter que me contar algumas coisinhas...

Comecei o interrogatório.

A meu pedido, Luke explicou muitas coisas, inclusive que havia conseguido o colar que me dera, na verdade, na manhã em que Samantha e Simon morreram. Quando ele foi velar e enterrar os corpos, encontrou o medalhão no pescoço de minha mãe; por saber que era mágico, ficou com ele, prometendo a si mesmo me dar quando eu tivesse “idade o suficiente”. Eu perguntei também por que a pedra brilhava, mas ele não sabia.

Luke revelou também a verdade que eu mais queria ouvir: meus pais *eram* duques; foram nomeados mais cedo porque o pai de Simon, meu avô, estava velho demais para o cargo e, como confiava no filho e na nora, deixou que eles assumissem seu lugar. Quando foram assassinados, eles estavam no castelo para consolidar um acordo que prometia que Jonathan e eu casaríamos quando o príncipe completasse vinte anos.

Ironicamente, mesmo sabendo que aquilo ainda tinha chances de acontecer, não apreciei aquela ideia. Eu gostava de Jonathan *hoje*, exatamente do jeito que ele era porque crescera de um jeito que o moldou e esculpiu até chegar ao atual príncipe. Se o passado tivesse sido diferente, talvez o presente também fosse afetado. Era um efeito borboleta perigoso, com o qual eu não desejaria mexer.

— Preciso te mostrar algo — Luke disse, tirando-me de meus devaneios.

Ele se dirigiu até o armário da cozinha. Abriu uma porta e, de debaixo de uma xícara que nunca era usada, pegou uma chave pequena de metal. Abaixou-se e encaixou-a na fechadura de uma das gavetas, que reconheci como sendo aquela que ele remexia quando eu o flagrei acordado no dia anterior à minha ida ao castelo. Era onde ele havia guardado meu medalhão por todo esse tempo e foi de onde ele tirou um papel fino e amassado.

Enquanto se voltava novamente para mim, eu me perguntei que outras coisas Luke escondia, naquela gaveta misteriosa.

— Veja.

Sem me olhar nos olhos, entregou-me o papel, que identifiquei como sendo um pedaço de jornal. Datava de nove anos atrás, na época do outono:

> “Dois de novembro - Damelok, Cannehor.
>
> Nesta quarta-feira, a família Beaumont, que tem mantido ativo o título de duque e duquesa por séculos, foi exterminada. Simon Beaumont e sua esposa, Samantha, foram brutalmente assassinados por um homem ainda sem identidade. As autoridades afirmam que estão fazendo o possível para descobrir quem foi o responsável pelo crime que chocou todo o reino.
>
> Enquanto aguardam informações sobre o caso, a população local está à procura da princesa perdida, Catherine Beaumont, que, segundo fontes seguras, estava com os pais quando a tragédia aconteceu”.

Eu parei de ler quando a matéria começou a citar detalhes da situação dos corpos encontrados.

Princesa perdida. As palavras ecoaram na minha cabeça. Parecia que eu estava lendo sobre a vida de outra pessoa, alguém muito diferente de mim, porque não me assemelhava em nada com uma princesa. Definitivamente, também não me sentia como uma.

Mesmo assim, fiquei aliviada e satisfeita por conseguir completar mais um pequeno pedaço do quebra-cabeça bagunçado que era minha vida. Agora tinha apenas uma missão: encontrar a localização da casa de Jordan e pegar aquele livro.

Capítulo 28

Coloquei a bolsa de comidas amarrada na nova sela de Maximus, que Luke havia encontrado nos cantos da fazenda e me dera para que cavalgasse de volta ao castelo com mais praticidade. Nós tínhamos também alimentado e deixado o corcel descansar por um dia inteiro antes de ter que passar mais algumas horas andando.

Agora o sol estava tão alto quanto no momento em que chegara ali, quase vinte e quatro horas atrás. Eu tive de colocar uma calça e uma camisa que eram um pouco justas demais, porque pertenceram a Luke quando era ainda mais novo do que eu.

—Você tem certeza de que não quer ir comigo? — perguntei mais uma vez, olhando com olhos suplicantes para meu pai. — Vamos... hoje é meu aniversário! Não pode fazer isso por mim?

Ele deu uma gargalhada e me puxou para um abraço, bagunçando meu cabelo em um cafuné desajeitado. Fiz uma careta.

— Como você é teimosa! — disse ainda divertido. — Ora, Catherine, já te falei que meu lugar é aqui. Eu nunca me encaixaria lá... Além disso, não acha que levantaria suspeitas entre as competidoras o fato de que o pai camponês de uma delas foi visitar o palácio?

—Eu não ligo para o que essas garotas pensam — disparei, ríspida. — Eu nem as conheço. Elas sequer me deram uma chance quando cheguei lá. Eu estou mais preocupada com a sua segurança, papai. Sabe que as coisas estão piorando... Seria mais fácil te proteger se você estivesse mais perto de mim...

—Eu sei me proteger, ok? — garantiu. — Sua mãe me ensinou alguns truques quando ainda não estava casada. Consigo me lembrar de alguns deles.

— Não é o suficiente... — reclamei, mas ele balançou a cabeça como um aviso de que não conseguiria ser convencido. Suspirei e me afastei, voltando minha atenção a Maximus. — Está bem. Fique aqui, então, mas trate de não morrer, ouviu?

— Sim, senhora. Às suas ordens — falou, sorrindo. Revirei os olhos e puxei-o para mais um abraço.

—Eu falo sério — sussurrei. — Eu te amo, está bem? Quero que saiba que apenas estou voltando porque preciso colocar um fim nisso, e toda a minha ajuda está naquele palácio.

— Eu *sei* — murmurou, a voz abafada pelo contato de seus lábios com meu cabelo. — Eu também te amo e sei que você precisa fazer isso. É difícil vê-la partir, mas é o que Samantha iria querer que você fizesse. É o que *eu* quero que você faça.

Luke segurou meu rosto com as mãos e sorriu ao me olhar. Seus olhos estavam marejados. Era estranho ouvi-lo falar de minha mãe biológica tão abertamente depois de anos sem sequer me lembrar de sua existência; todavia, sentia-me feliz. Minhas memórias estavam de volta e, mesmo que o passado — tanto meu quanto dos meus pais — fosse uma bagunça, era melhor do que não saber de nada.

— Ela teria orgulho de você — prosseguiu, com a voz baixa. — Eu sei que *eu* tenho.

Eu sorri tristemente. Meu pai beijou o topo de minha cabeça, envolvendo-me para um último abraço apertado. Ficamos alguns segundos assim antes de nos separarmos finalmente.

Odiava despedidas; nunca conseguia me permitir ir embora. Luke teve de me arrastar até a sela e me ajudar a subir em Maximus para que eu finalmente criasse a coragem necessária para deixá-lo mais uma vez.

—Eu vou voltar — prometi, olhando para trás enquanto guiava o corcel lentamente para fora da propriedade.

—Eu sei. Boa sorte, filha — falou, abanando a mão. — E feliz aniversário!

Com isso, atravessei os portões de minha casa e corri para a rua de terra, circundando Ienov para chegar à estrada que me levaria de volta à capital.

****

— Senhorita, nós já lhe dissemos... Se não se afastar, seremos obrigados a prendê-la — ameaçou o guarda que estava de plantão no portão de Damelok, protegendo a cidade com sua vida.

Eu havia tentado persuadir ele e seu colega a me deixarem entrar porque eu conhecia Jonathan, o príncipe, e Ean, o soldado que comandava os turnos do castelo. Eu esperava que contasse, mesmo que Listern não fosse bem um chefe... Cannehor abandonara os títulos e patentes militares havia muito tempo, então eles todos se encontravam na mesma camada hierárquica, mas, ainda assim, todo mundo precisa de um líder.

Aparentemente, para aqueles homens, apenas minha palavra não bastava. Então, eu teria que dar meu próprio jeito de me infiltrar na capital e chegar ao castelo, antes que o sol se pusesse.

E foi quando eu tive a brilhante ideia de me entregar.

— Então façam isso. Meu nome é Catherine Fairway e eu sou... *era* uma participante da competição real — falei, hesitante quanto ao que pensar em relação ao que ainda acontecia no palácio. — Eu abandonei a capital quando roubei o corcel ao meu lado, que pertence ao rei, como vocês devem saber. Podem me prender, mas conheço os meus direitos. Quando o fizerem, exijo ser levada imediatamente ao príncipe para tentar propor um acordo em relação à minha sentença.

Os guardas se entreolharam desconfiados. Eles pareciam estar absortos em uma conversa silenciosa da qual eu não podia participar. Mas, por fim, o senso de dever falou mais alto e um deles acabou por pegar as correntes em seu cinto, atando-as ao meu punho.

—Catherine Fairway, você está presa por roubo e dano à propriedade de Stephen Heronwood, rei de Cannehor. — disse enquanto começava a me arrastar pelos portões da capital.

Ele continuou com o discursinho que devia fazer quando prendia alguém. Eu não prestei atenção. Tudo que conseguia pensar era que eu havia conseguido. Estava dentro.

Sorri quando o outro soldado quase caiu ao tentar domar Maximus e foi atacado no processo. Aquele cavalo sabia se defender. Deixei-me ser levada para meu destino cruel nas celas do calabouço do castelo.

No entanto, como havia imaginado, minha prisão não durou muito.

A ala dos guardas estava lotada. Era quase o horário do jantar e a maioria dos soldados fazia sua pausa para comer e descansar um pouco antes de voltar às suas incontáveis tarefas. Particularmente, eu não achava muito inteligente levar uma prisioneira para um lugar completamente lotado, mas não discuti.

Para minha sorte, dentre os guardas que descansavam, estava meu amigo, Ean Listern.

— Ean! — gritei, sorrindo assim que o vi.

Ele virou-se com um pulo. O soldado que me escoltara até ali me olhou com uma carranca emburrada, mas o ignorei.

— Senhorita Fairway, o que você... — Ean começou, mas parou quando viu as correntes em meus braços. Ele sorriu de forma travessa, aparentemente entendendo minhas intenções ao me deixar ser presa. — Fez isso de propósito?

Dei de ombros.

— Uma garota precisa ser inteligente o suficiente para saber quando roubar um cavalo e quando *admitir* que roubou um cavalo — brinquei, sorrindo de volta.

Ele balançou a cabeça, segurando um riso, e se virou para um homem ao seu lado que acabara de tirar sua armadura. Cochichou algo em seu ouvido que não pude escutar, e o soldado imediatamente saiu correndo.

— Cavalheiros, por favor, soltem a prisioneira — Ean pediu, dirigindo seu olhar para os guardas que me ladeavam.

— Mas, senhor... — um deles começou, sua expressão preenchida por confusão —, ela... nós... o cavalo...

O outro deu um passo à frente e abaixou a voz ao falar:

—Esta mulher admitiu o que fez, senhor, nós não podemos soltá-la.

Listern ergueu uma sobrancelha e cruzou os braços, empinando o queixo com autoridade e lançando um olhar severo

aos colegas de trabalho.

— É — concordou o homem que ainda se encontrava ao meu lado, sem gaguejar dessa vez. — O príncipe nos deu ordens para...

— O *príncipe* — disse uma voz do outro lado do aposento — está bem aqui.

Eu ergui meu olhar. Jonathan estava parado na entrada do amplo salão que era a ala dos guardas. Seus pés estavam descalços, seu cabelo loiro estava molhado e bagunçado e, pela forma como sua camisa grudava no corpo em certos pontos, imaginei que estivesse no banho antes de correr para cá. Desse modo, ele parecia uma pessoa comum, um camponês da vila mais próxima.

Pensei em sua mãe, Alyssa, que havia aberto mão de sua própria vida para que *John* pudesse ter uma. Sorri. Mesmo que não a tivesse conhecido, sabia que o príncipe era muito mais parecido com ela do que com o pai, com quem conviveu a vida toda.

Jonathan aproximou-se a passos largos e rápidos, parando ao lado de Ean. Algumas pessoas ao redor se curvaram, mas ele ignorou o gesto.

— Vocês ouviram o soldado Listern — disse, cravando os olhos em mim. Pela primeira vez, não pude decifrar sua expressão, mas sabia que a minha estava tão preenchida por sentimentos que era tão fácil de ler quanto um livro. — Senhores, soltem a prisioneira.

Sem discutir ou hesitar, os guardas o obedeceram e tiraram de mim as grossas correntes. Eu esfreguei os punhos, feliz pela liberdade recém-tomada e já reconquistada. Um pequeno lampejo de medo ameaçou se infiltrar em minha mente quando me dei conta do perigo que correra ao ter me entregado. Eu *realmente* poderia ter sido jogado em uma cela por roubo.

Afastei os pensamentos. Aquilo não iria acontecer. Eu sabia que meus amigos interveriam por mim.

—Venha — o príncipe pediu, virando as costas para mim e refazendo o caminho por onde havia vindo.

Eu franzi o cenho. Ele estava distante, mais até do que quando o conheci e não sabia nada sobre sua vida. Suspirando, lancei um olhar desesperado para Ean, que apenas me deu um aceno encorajador, que também podia ser um *bem-vinda de volta e, por favor, não faça mais isso*.

Sem conseguir me conter, dei-lhe um abraço rápido, que cairia bem como um pedido de desculpas, e segui Jonathan, que já estava sumindo de vista ao virar em um corredor para sair da ala dos soldados.

Um silêncio desconfortável pairou entre nós conforme andávamos, mas, antes que eu pudesse sequer pensar em formular uma frase para quebrar o gelo — como um pedido de desculpas ou algo assim —, fui atingida por algo.

—Sua idiota! — gritou o grande amontoado de seda roxa e cabelo preto que pulara em cima de mim. — Como você ousa fazer algo assim?! Você podia ter *morrido*!

—Senti sua falta também, Matt, mesmo que eu apenas tenha sumido por *um* dia — falei, rindo.

— Minha vez! — outra voz exclamou atrás de nós. Dirigi meu olhar para a origem do som e vi Íris sorrindo amplamente para mim. Puxei-a para um abraço triplo, o que quase fez nós todos cairmos enquanto ríamos.

Quando finalmente nos separamos, Matthew me olhou com o olhar mais reprovador de todo o mundo e ajeitou seu lindo blazer de cor púrpura. Sorri com a escolha original.

—Acho que você não entende as proporções do perigo que nos cerca, querida. Uma fuga inesperada assim poderia ter sido a oportunidade perfeita para Jordan atacá-la, e então nós nem ficaríamos sabendo se estivesse morta e caída em uma vala por aí — disse o conde, fazendo seu drama habitual que acompanhava minhas decisões inusitadas. — E *ser presa de propósito*? *O que* você tinha na cabeça?

— Foi um bom plano, na verdade — Íris me defendeu, dando de ombros. E logo me lançou um olhar preocupado. — Mas Matt está certo, Cath. Você não deveria ter saído do castelo.

— Não se preocupem, estou bem e sei me proteger — garanti, cruzando os braços. Apesar de parecer pouco convincente, a raiva presente em meu olhar foi o suficiente para fazer ambos se acalmarem. Eles sabiam o quanto eu odiava que duvidassem da minha capacidade de me virar sozinha. — Além disso, eu *precisava* de respostas. E... eu as encontrei.

Suspirei e olhei para John, que assistia a tudo. Um leve sorriso divertido quebrava a barreira que ele havia construído em sua expressão, e foi esse pequeno gesto que me disse o que eu precisava saber: ele não estava bravo; apenas chateado.

—Certo... Nós vamos buscar Ean e então você nos conta tudo — Íris sugeriu, já puxando Matthew pelo braço. — Vamos, querido, seu namorado o espera.

Eles saíram, *discretamente* dando a mim e Jonathan alguma privacidade. Eu o fitei novamente. Percebi que o príncipe também me estudava cauteloso, e vi um pouco de sua dureza se esvair.

— Ele estava errado — disse finalmente.

— Quem? — perguntei, pega de surpresa pela declaração repentina.

—Matthew. Ele estava errado — repetiu. Outro sorriso pequeno surgiu em seus lábios junto de uma expressão de orgulho. — Você nunca esteve em perigo.

Eu ergui as sobrancelhas, surpresa com a confiança que não percebi que John tinha em mim. Pensei em todos os momentos que tentei provar ao príncipe o que acabei de ouvir, desde que nos conhecemos e também em todas as vezes que o mostrei um pouco de meus poderes. Ele havia cultivado aquela crença de que eu seria o bastante para nos proteger, não importando o quê. Sorri e dei um passo à frente, determinada a quebrar o gelo que havia se formado dentro de si.

— Sabe... eu sei de mais alguém que estava errado — falei. Seus olhos dourados brilharam quando ficamos a um passo de distância. Quando voltei a falar, minha voz saiu como um sussurro: — Nós não somos irmãos, Jonathan.

Ele prendeu a respiração. E então expirou lentamente e balançou a cabeça positivamente, fitando o chão. Franzi o cenho.

Aquela não era a reação que eu esperava.

— Eu sei. Eu desconfiava. Não tinha certeza, mas desconfiava.

—E por que está tão distante? Não estava preocupado, nem chateado... — Balancei a cabeça, confusa. — O que houve?

— Eu *estava* preocupado. Não com o perigo, mas... — Deu de ombros e desviou os olhos, parecendo incapaz de conseguir colocar em palavras o que sentia. Depois de alguns segundos pensando, voltou a me encarar. Suas íris brilhavam tão intensamente quanto o sol do meio-dia. — Eu tenho algo para te mostrar.

—Espere, você não acabou de falar — protestei, mas John me calou ao pegar minha mão e me arrastar pelos corredores.

Nós percorremos um caminho curto que nos levou até mais um corredor deserto que, eu imaginei, ficava perto do salão principal. O príncipe parou em frente a um quadro bonito pintado a óleo de alguma mulher que, pela coroa em sua cabeça, pude deduzir que fora rainha de Cannehor.

Antes que eu pudesse examinar um pouco mais a pintura, Jonathan levou os dedos até uma saliência na moldura e a apertou. Ouvi um barulho como o de engrenagens rodando que seguiu quando o quadro se moveu para o lado e arrastou a parede consigo, formando uma pequena porta que dava para um túnel escuro.

Eu arregalei os olhos. Aquilo era...

— Uma *passagem secreta*?! — exclamei, virando-me para John.

— Entende agora por que temos tantos corredores? — disse, rindo.

— Espere, vocês... Esse lugar... O castelo é *inteiro* composto por passagens como essa? — perguntei de forma exasperada. Era impossível imaginar algo como aquilo. *Como* eu não soubera disso antes?

— Bom... Não inteiro, mas boa parte sim. As passagens foram construídas quando os ataques bárbaros começaram. A maioria delas dá para alguma parte segura da floresta, mas *essa*... — O príncipe se voltou para o túnel à nossa frente, animado. — Matt e eu costumávamos brincar por todo o palácio quando a família dele vinha nos visitar, e esse era um dos lugares em que íamos quando queríamos nos esconder de nossos pais. O túnel leva até um jardim pequeno e ao lado do muro, que ninguém mais conhece porque é muito dentro da floresta. E... eu gostaria de lhe mostrá-lo.

— Mas... — Eu hesitei um pouco temerosa quanto à escuridão de terra à minha frente. Engoli em seco. — Eu não sei...

— Vamos... por favor — pediu, apertando minha mão. — Eu lhe peço apenas alguns minutos para mostrar [MR14]o meu lugar favorito deste reino.

Eu suspirei, dividida entre o medo e a curiosidade. Por fim, o último venceu, e eu assenti, deixando que John me guiasse mais uma vez.

Assim que pisamos na passagem, o barulho de engrenagens se repetiu e a porta secreta se fechou com um baque. O príncipe apertou minha mão mais uma vez em um gesto de conforto que me impediu de hesitar.

Começamos a andar. Em poucos passos, o túnel de terra se alargou e gradativamente foi ficando maior. Depois de apenas alguns minutos, a escuridão crescente deu lugar a uma luz fraca e alaranjada, cuja fonte, percebi, era o lindo pôr do sol que surgiu à nossa frente quando chegamos ao tal jardim.

Eu perdi o fôlego e soltei a mão de John. Meu queixo caiu conforme eu examinava o lugar mais lindo que já vira em toda a minha vida.

O jardim era uma clareira enorme no meio da floresta, com muitos e muitos metros de extensão. Em seu centro, uma fonte jorrava água em uma lagoa que imaginei ser natural; ao redor, flores de todas as cores e espécies formavam perfeitos círculos que se alternavam entre pequenas mudas e arbustos já crescidos; um caminho de cascalho cortava a sequência de caracóis, levando até a fonte e mais atrás, até um pequeno gazebo que estava abarrotado

de ferramentas de jardinagem e o que pensei ser sacos de sementes.

Os pássaros cantavam nas árvores. Um pequeno coelho comia as graminhas densas que circundavam toda a área e se encontravam com as árvores. Um veado bebia água da lagoa, onde sapos pulavam e coaxavam.

—Isso é... um paraíso — suspirei, fechando os olhos e deixando os últimos raios de sol do dia penetrarem em minha pele. Respirei profundamente, sentindo o perfume das centenas de flores ao meu redor se misturar.

— Eu sabia que você ia gostar — John disse, mantendo a voz baixa. Virei-me para ele e ri maravilhada e admirada com tanta beleza.

—O que *é* esse lugar? — perguntei. O príncipe deu de ombros. Colocou as mãos no bolso da calça amarrotada e me lançou um sorriso de lado.

—Esse é o seu presente de aniversário — falou simplesmente. — É seu, para cuidar como quiser. As ferramentas no gazebo são suas também.

Meu queixo caiu.

— M-meu... presente? — indaguei, tonta. Que tipo de pessoa dava um jardim de presente de aniversário para a outra? Eu sorri. Era a ideia perfeita. Voltei a falar ainda incrédula e minha voz se tornou um murmuro nervoso e animado: — Mas, como... por que você... digo... você se *lembrou*...

— Eu estava preparando isso desde que você mencionou seu aniversário. Como poderia esquecer? — perguntou, balançando a cabeça. Deu um passo à frente, e eu vi retornar à sua expressão o sentimento que o perturbava antes. — Cath... era com isso que eu estava preocupado.

—Com esquecer meu aniversário? — brinquei e ri. Ele baixou os olhos.

—Não. Com... com o fato de que talvez você nunca fosse voltar, de que nunca fosse me dar uma chance de... — Passou a mão pelos cabelos, parecendo estar tentando colocar em ordem os pensamentos que rondavam sua mente. Olhou em volta inquieto, e

começou novamente, mantendo a voz firme: — Uma vez você me perguntou como eu tinha certeza de que queria que nos casássemos, e eu lhe respondi que não sabia. Mas... eu sei, Catherine.

Cravou os olhos nos meus novamente e eu prendi a respiração. O mundo ao nosso redor se borrou quando Jonathan começou a dar passos lentos em minha direção enquanto falava:

— Ninguém mais faz com que eu me sinta do mesmo jeito que me sinto quando estou com você. Ninguém mais consegue me manter acordado e me revirando na cama por horas a fio, além de você. Ninguém mais consegue fazer as mesmas loucuras com minha cabeça e meu coração que você faz. Ninguém mais consegue me fazer desejar desesperadamente o dia em que eu finalmente poderei acabar com essa competição e declarar que *você* é a minha esposa. *Ninguém*. — Fez uma pausa para respirar; agora ele tinha se aproximado completamente de mim. Eu sorri, o que fez minhas pálpebras se comprimirem e uma lágrima escapar de meus olhos marejados. John segurou meu rosto com ambas as mãos e enxugou gentilmente a gota salgada que escorria por minha bochecha. Nossas testas se tocaram, e eu me inclinei para ele. Quando falou uma última vez, sua voz era um sussurro rouco: — Eu te amo.

Colei nossos lábios. Abracei seu pescoço e o puxei para mim, rindo ao ser erguida do chão por um abraço apertado em minha cintura. Nossa diferença de altura era incrivelmente grande e sempre fazia com que eu tivesse de ficar suspensa no ar ou, no mínimo, na ponta dos pés. Mesmo assim, continuei o beijo que foi aprofundado quando uma de suas mãos se enterrou em meus cabelos. Os fios acobreados caíam em minha testa e por cima do meu ombro, mas John os tirou de meu rosto quando começou a distribuir pequenos beijos por toda minha face.

—Ei, isso faz cócegas — protestei, rindo. Seus lábios iam rapidamente de minhas bochechas ao meu queixo e nariz, depois à minha testa, aos meus olhos e de volta à minha boca, calando-me com mais um longo beijo.

Por fim, quando nos separamos para respirar um pouco, eu me aninhei em seus braços, afundei a cabeça na curva de seu

pescoço e inspirei profundamente, sentindo o familiar e confortante cheiro de limão e sabonete. *É bom estar em casa*, pensei.

Estava pronta para responder ao que ele havia me dito antes da sessão de beijos começar, mas fui interrompida por uma lenta salva de palmas que ecoou atrás de nós.

— Ora, ora... parece que os irmãozinhos decidiram quebrar algumas regras...

Capítulo 29

Eu me virei e meu sangue gelou. Jordan estava parado ao lado da fonte, fazendo o que parecia ser sua melhor expressão de nojo. Ou podia ser desprezo. Com ele, tudo era meio parecido. De qualquer jeito, ele nos olhava como se tivéssemos acabado de comer um prato de minhocas.

As memórias da visão que tive passaram por minha mente como um *flashback* macabro. Engoli em seco quando aqueles olhos azuis preenchidos com dor e sofrimento me encararam novamente. *Ajude-me*, eles diziam. *Tire-me daqui*.

— Eu devo dizer, Catherine... esperava muito mais de você — prosseguiu, balançando a cabeça com reprovação. — Beijando o próprio irmão? Que coisa mais feia...

Sua voz me devolveu ao presente, e eu sacudi os pensamentos para fora de minha cabeça. *Foco*, *Catherine*. *Foco*.

Eu ri com sarcasmo quando finalmente consegui reprimir as lembranças.

—É, certo. Porque *você* é o exemplo de pessoa que todos deveriam seguir, não é mesmo? — perguntei retoricamente, cruzando os braços. Eu *não* iria deixar ele me intimidar. Tinha que mostrar que não tinha medo de quem quer que Jordan tivesse se tornado. — O que está fazendo aqui, afinal? E *onde* está o rei?

—Eu pensei em fazer uma visita para ver como vocês, queridos, estavam — explicou e sorriu falsamente.

— Nós sabemos que você não se importa conosco, *feiticeiro* — John rosnou. — Não vamos perguntar de novo. O que está fazendo aqui?

— Imagine minha surpresa quando cheguei aqui e os vi *desse jeito*... — continuou a falar, ignorando Jonathan completamente. Sua expressão estava tão espantada que eu poderia tê-lo confundido com um pai que viu os filhos se atacando com machados. — Vocês *sabem* que irmãos não podem ficar juntos, certo?

—Ah... Você não sabe? — perguntei. Sorri e dei um passo à frente, cruzando os braços com satisfação. — Nós descobrimos tudo, Jordan. Sabemos que não somos irmãos e que você apenas estava nos pregando uma peça. Agora... a verdadeira questão é: por quê?

Inclinei a cabeça para o lado, curiosa. Eu sabia que o feiticeiro jamais me contaria o propósito de seus planos, mas não custava tentar. Afinal, descobrir sozinha o motivo ao qual ele se agarrava para continuar com toda aquela farsa ia além da minha capacidade mental.

—Quem? — rosnou ele. Sua face de repente se contorceu em uma expressão medonha como se fosse um lobo ameaçando engolir sua presa. Engoli em seco, anotando mentalmente que deveria pensar para falar qualquer outra coisa. — Quem te contou isso? Porque, certamente, você nunca seria inteligente o bastante para descobrir sozinha. Então, diga-me: *quem*?

Suas palavras estavam carregadas de veneno. Instintivamente, dei um passo para trás, sentindo-me fraca de repente. Meu ato apenas serviu para que um sorriso surgisse em seus lábios.

— Vamos, princesa... não tenha medo. Se você me disser quem lhe contou isso, talvez eu não a faça sofrer.

O modo como ele disse a palavra *princesa* despertou algo em minha mente: a lembrança de Marian me chamando pelo mesmo título, dias atrás, logo antes de fazer meu coração quase parar de bater.

Prendi a respiração. Aquilo não era um apelido carinhoso. E, pensando bem, ele estava certo ao me chamar

daquele modo. Jordan *sabia* sobre a identidade de meus pais biológicos.

— Eu não vou te contar, Jordan — falei, balançando a cabeça para afastar os pensamentos que enevoavam minha mente. Estreitei os olhos em sua direção, propondo um desafio. — Faça o que quiser comigo.

Foi um erro. A mão do feiticeiro se ergueu, e eu me preparei para sentir minha garganta sufocar. Mas não aconteceu nada. Pelo menos, não comigo.

Ao meu lado, Jonathan foi erguido do chão enquanto lutava para respirar. Seus pés se debatiam no ar, procurando algum lugar em que se apoiar.

— Pare! — gritei. — Jordan, deixe-o ir!

— Dê-me um nome, Catherine, ou seu namorado nunca mais voltará a respirar!

— Por favor...

—Um nome! — Sua voz foi cortante em minha direção, embora seus olhos negros e vazios estivessem pregados no príncipe.

— Foi Luke — falei sem pensar, tomada pelo desespero de perder Jonathan. — Ele... ele me contou.

Uma raiva monstruosa surgiu nas feições do feiticeiro, fazendo desaparecer qualquer vestígio de humanidade. Ele abaixou o braço abruptamente e cerrou os punhos, virando-se para mim. Cambaleei até John, que estava caído no chão e engasgava para levar ar aos pulmões.

—Você está bem? — sussurrei. Ele balançou a cabeça positivamente em resposta, erguendo os olhos com raiva para o bruxo à nossa frente. O príncipe não parecia estar com medo, mas eu sabia que não era verdade. Por dentro, ele deveria estar tão aterrorizado quanto eu.

—Aquele fazendeiro estúpido! — Jordan gritou, aproximando-se de nós a passos rápidos. — Eu vou fazê-lo pagar, você vai ver. Causarei a ele tanta dor que você vai me *implorar* para matá-lo. E então vou caçar e torturar cada pessoa com quem você se importou um dia, Catherine. *Um a um*.

Arregalei os olhos. O feiticeiro estava perto demais, e a distância entre nós se encurtava a cada palavra que saía de seus lábios. Eu sabia que não eram ameaças vazias. Sabia que, apesar de desconhecer o motivo, o ódio que ele nutria por mim era tão grande que conseguia motivá-lo a fazer tudo o que dizia.

Mas eu não podia permitir que aquilo acontecesse. Não podia deixar Jordan controlar minha vida como bem entendesse. Eu não *iria* deixar.

Andei em sua direção, finalmente fazendo com que nos encontrássemos. Ficamos a centímetros um do outro, perto o bastante para que pudéssemos nos tocar; o que não aconteceu. Ele parou de se mexer quando me postei em seu caminho, claramente surpreso pela minha reação audaciosa.

Senti o poder dentro de mim crescer mais forte do que nunca e preencher cada pedacinho de meu corpo, implorando-me para que fosse usado, como um cão de caça ansioso para se libertar da coleira e correr até seu alvo. Mas me controlei. Não sabia mais o que minha magia era capaz de fazer, e não planejava descobrir naquele momento.

Contudo, mesmo sem usá-lo, permiti que meu poder fluísse em minhas veias, fazendo soltar faíscas de meus dedos. O vento ao meu redor se tornou ligeiramente mais violento. Cerrei os punhos e vi o céu ser coberto de repente por nuvens cinzas de chuva, ofuscando o brilho fraco da lua.

— Você não vai fazer isso — falei. Não reconheci minha própria voz, que estava tão ameaçadora quanto a do bruxo. — Você não vai machucar meu pai, Jordan, porque, se o fizer, eu vou caçá-lo, torturá-lo e fazê-lo implorar pela morte. Não duvide de mim nem por um minuto, *feiticeiro*, porque sou capaz de muito mais do que você imagina.

Era um blefe perigoso, eu sabia. Não tinha ideia de quão longe meus poderes iam, mas precisava devolver na mesma moeda. Precisava ver em seus olhos o mesmo medo que eu sentia dentro de mim. Precisava fazê-lo tremer em minha presença, assim como acontecia comigo. Precisava garantir ao menos uma vitória naquela guerra, ainda que fosse uma pequena.

Funcionou. Jordan olhou em volta, analisando suas opções para revidar. Porém, quando viu que a natureza ao nosso redor lutaria ao meu favor, ele recuou. Aquele era o *meu* território, e *ele* era o intruso ali.

— Isso ainda não acabou — garantiu, cambaleando para trás.

— Sei, sei. Você disse isso antes — debochei.

Sem dizer mais nada, Jordan deixou que a névoa o envolvesse para que, no segundo seguinte, ele desaparecesse. John e eu ficamos à sós.

Virei-me para o príncipe, suspirando. Ele engoliu em seco, e pude ver o alívio preencher sua expressão. Por ora, tínhamos vencido.

—Vamos subir. Precisamos falar com Matthew, urgentemente — disse.

****

O conde nos encontrou em meu quarto no segundo seguinte em que o chamei, emitindo um alerta mental para que fosse me ver. Ele trouxe consigo Ean e Íris e, enquanto os gêmeos silenciosamente me ouviam contar tudo o que eu descobri sobre minha família nos últimos dias, Matthew apurava sua capacidade de fazer comentários inconvenientes. É claro, deixei de fora os detalhes das visões sobre a mãe de Jonathan; aquele era um assunto para outra hora.

— Espere — disse o conde quando eu finalmente terminei de falar. — Então, recapitulando... Sua mãe era uma duquesa cruel que abandonou o próprio filho em uma vila pobre, mentiu para o próprio marido e traiu o melhor amigo para que ninguém descobrisse seu segredo?

— É, Matthew — suspirei. — É a terceira vez que você me pergunta isso. Você pode, *por favor*, dar atenção ao resto da história?

—Está bem, está bem... — cedeu, mordendo o lábio ao se perder novamente em pensamentos. Quando voltou a falar, sua

voz estava mais séria do que nunca.

— Catherine, foi uma retaliação brilhante a que você deu à Jordan, mas, se ele está tão disposto a nos matar, acho que será necessário mais do que uma ameaça para pará-lo.

—Eu sei... Nós realmente estamos em perigo, e tenho quase certeza de que suas palavras vão se concretizar em breve se eu não fizer nada a respeito. — Soltei o ar com força, abafando o desespero que tentava me engolir e jogando meu corpo na cama abarrotada de pessoas. Pela falta de espaço, minha cabeça acabou apoiada no colo de Jonathan e nossos olhos se encontraram.

Enquanto encarava a linda imensidão dourada de suas íris, a visão de seu pai e sua mãe biológica juntos voltou à minha mente. Eu precisava contar a ele a verdade, não importava o quanto doesse. Mesmo que Alyssa estivesse morta, o príncipe precisava saber a verdade sobre sua origem.

Amargamente, desejei que jamais tivesse conhecido minha mãe. A vida seria simplesmente menos perigosa e complicada se Samantha tivesse apenas morrido no parto, como havia acontecido com Alyssa. Eu não teria de carregar nas costas o peso da decepção que senti ao perceber que uma das pessoas que eu mais amei durante a vida toda mentiu para mim descaradamente. A ex-duquesa não era quem pensei que fosse. Ela podia ter sido boa, mas escondia tantos segredos sujos quanto qualquer um naquela corte.

— Hey, Catherine? Você está aí? — uma voz me chamou, tirando-me de meus devaneios. — Eu te fiz uma pergunta.

Eu me levantei, esfregando as têmporas. Íris havia falado comigo e me olhava com expectativa enquanto esperava minha resposta.

—Desculpe — falei, fechando os olhos por um segundo. Quando os tornei a abrir novamente, foquei-me no assunto atual. — O que foi que você disse?

—Eu perguntei se você acha que Jordan falou sério quando ameaçou seu pai.

— Eu... honestamente não sei. Eu espero que não, Íris, mas... algo me diz que eu deveria tomar cuidado — confessei, colocando para fora de mim todos os meus medos. — Eu não quero perder Luke, no entanto, não sei mais em que acreditar. Gostaria de poder protegê-lo, todavia, não sei como. Eu simplesmente... me sinto impotente.

Pisquei os olhos para afastar as lágrimas e contive um estremecimento. Matt me puxou para um abraço e sussurrou em meu ouvido:

— Nós vamos dar um jeito, Cath. Nenhum de nós vai sair machucado, está ouvindo? — Eu sorri e fechei os olhos, agradecendo mentalmente pelos amigos maravilhosos que eu tinha. O conde se afastou um pouco e me segurou pelos ombros, olhando em meus olhos. — Vou lhe mandar uma mensagem, está bem? Pedirei que se proteja e se esconda, mas que mantenha contato. Se for necessário, iremos até lá. Não deixaremos que nada o aconteça.

— Obrigada, Matt. Vocês são incríveis.

Nós nos envolvemos em um abraço coletivo, o que fez com que todos nós quase caíssemos da cama em um bolo de roupas amassadas e cabelos desgrenhados.

Quando nos separamos, rindo, Íris se retirou para terminar um vestido — imaginei que fosse seu modo de escapar da realidade e espairecer —, e eu aproveitei a deixa.

—John, preciso conversar com você — falei. O sorriso de sua expressão sumiu quando ele notou o tom sério em minha voz. Virei-me para Matt e Ean. — Meninos, vocês nos dão licença?

—Claro. Nós vamos... — o guarda começou a dizer, já se levantando.

— Não — eu o cortei. — Podem ficar. Preciso andar um pouco.

Segurei a mão do príncipe e o puxei comigo para fora do quarto, fechando a porta atrás de nós.

— O que foi, Cath? — perguntou Jonathan, fazendo-me parar de andar. Ao ver a agitação em meu olhar, ele apertou minha mão em um gesto tranquilizante.

— Eu quero te contar algo. Mas antes... eu preciso perguntar... — Tirei do bolso da calça de montaria que ainda usava um pedaço de papel frágil e fino. Entreguei-o a John, que abriu com curiosidade. — Você sabia disso? Eu comentei ali dentro, porém... ninguém pareceu muito surpreso. Pra mim, é um choque, mas até Jordan parecia saber...

Parei de falar. Balancei a cabeça, incapaz de organizar os pensamentos em mais uma frase coerente. Quando o príncipe finalmente ergueu os olhos do pedaço de jornal, ele os cravou em mim.

— Não, eu não sabia — disse, finalmente. — Mas Stephen e Angelic provavelmente sim. Embora a rainha não tenha me dito nada, acredito que foi por falta de informações sobre sua família, e não pela intenção de esconder o fato.

Eu assenti sem saber ao certo o que responder e guardei o jornal de volta. Estava tentando descobrir mais sobre meu passado há tanto tempo que não pensei no mal horrível que a sabedoria trazia. A ignorância agora parecia uma aliada muito mais amigável.

— Ei... Eu sei que é difícil descobrir as coisas assim, de uma hora para a outra — ele sussurrou, segurando meu rosto entre suas mãos e me forçando a encará-lo. — Acredite, eu entendo como é. Mas eu estou aqui para ajudá-la, está bem? Não vou deixá-la, jamais. E, se quer saber, pouco me importa se você é uma princesa ou uma camponesa. Eu falei sério quando disse que te amava.

Jonathan me beijou suavemente, puxando-me para um abraço apertado. Então, eu lembrei que não tinha respondido sua declaração no jardim e dei um sorriso pequeno.

— Eu sei que não te agradeci pelo presente, então... Obrigada, foi lindo e incrível. *Você* é lindo e incrível. Eu te amo — murmurei. — E eu sinto muito por tê-lo arrastado para isso.

As palavras tiveram um efeito contrário ao desejado. John fechou seu sorriso e balançou a cabeça, quase como se me repreendesse.

— Você não precisa se desculpar, Catherine. Tudo isso valeu a pena, e eu não teria feito nada diferente — respondeu.

— Jonathan... você pode se machucar no meio disso tudo — falei, mais uma vez saindo do clima leve e romântico que havíamos estabelecido. — Eu não quero perder ninguém. Nem Luke, nem Matt, nem os gêmeos e nem *você*. Deus, não sei o que faria se o perdesse, Jonathan...

—Pare — pediu. Seu rosto estava triste, e eu me arrependi imediatamente de ter entrado naquele assunto. — Você não vai nos perder, Cath.

—Desculpe. — Eu suspirei, fechando os olhos e amaldiçoando a mim mesma. Aquilo ainda não estava acabado. O príncipe *precisava* saber sobre a visão. Abri os olhos e o encarei. — John... sobre sua mãe...

E assim expliquei o que tinha visto em meus sonhos sobre Stephen e Alyssa. Quando terminei, ele se apoiou na parede do corredor e bagunçou os cabelos, parecendo desolado.

—Eu sinto muito... — comecei a dizer, mas fui interrompida por um lampejo de imagem que surgiu em minha mente: Jordan parado no meio de minha cozinha, encarando meu pai e apontando em sua direção.

Eu cambaleei para trás, engasgando. *O que foi isso?* pensei desesperada, mas não parei para analisar o significado da visão. Sabia que era real. Puxei John pelo braço e o arrastei novamente até meu quarto, onde Ean e Matt ainda estavam.

—Matthew, nós temos que ir. Meu pai está em perigo — falei com a voz alta, fazendo o conde e o guarda pularem da cama.

— Como você sabe, Cath? — John perguntou atrás de mim.

— Não importa. Eu apenas sei. Por favor, precisamos ir — pedi, olhando com olhos suplicantes para Matt.

— Bom, podemos ver alguns cavalos... — ele começou a dizer.

—Não — interrompi. — Demoraria demais. Precisamos ir *agora*.

—Eu posso ajudar — disse uma voz feminina atrás de nós.

Eu me virei, sentindo meu sangue gelar. Marian estava apoiada na porta do quarto, sustentando um sorriso malicioso do

qual eu não gostei nem um pouco. O que aqueles feiticeiros estavam tramando?

Sufoquei meu medo e abri a boca para perguntar como ela poderia nos ajudar, mas, antes que eu tivesse a chance, Marian estalou os dedos e névoa nos envolveu.

De um segundo a outro, passei do meu quarto no castelo para o meu quarto na fazenda. Deixando para trás os três homens que vieram comigo, atravessei o corredor do primeiro andar e desci rapidamente as escadas até a cozinha.

Quando pisei no último degrau, a cena horripilante me fez prender a respiração: havia sangue por toda parte, desde os vidros da janela até o assoalho do piso; os móveis estavam todos quebrados e as louças estilhaçadas no chão; no centro do caos, estava o corpo inerte de Luke.

—Oh, Deus... — murmurou Ean atrás de mim. Ele e os outros dois haviam descido para me acompanhar e agora viam o mesmo cenário de terror que eu.

Cambaleei um pouco, indo até meu pai, e examinei seu rosto, esperando que ele se mexesse. Mas não aconteceu. Ele parecia estar em coma, inconsciente ou...

Morto.

Ele estava morto, percebi.

A realidade me atingiu com a força de um soco no estômago e eu perdi o ar. Caí de joelhos e um grito irrompeu de minha garganta, tão forte que foi capaz de quebrar o vidro das janelas. Cacos estilhaçados caíram no chão, e meus amigos se abaixaram para se proteger, cobrindo a cabeça com os braços. O vento forte entrou por todos os cantos, fazendo bater portas, voar cortinas e derrubar mais coisas. Vozes ao fundo me chamavam, mas eu não conseguia ouvi-las. Não conseguia focar minha atenção em nada que não fosse meu pai e seu cadáver. Tudo mais estava borrado e distante, porque tudo mais não importava.

Ele estava morto.

As lágrimas desciam incessantemente por meu rosto enquanto eu soluçava sobre o corpo de Luke. À distância, ouvi trovões que pareciam vir do lado de fora da fazenda e foi quando a

chuva começou a cair em torrentes de água e granizo. Eu sabia que daquela vez a tempestade não era obra da natureza, mas não me importei.

Deixei que o céu desabasse e desejei que tudo se destruísse. Desejei que a terra pegasse fogo com os raios que a atingiam. Desejei que cada canto daquele mísero planeta se desfizesse, apenas para refletir como me sentia por dentro: morta.

Como Luke.

Capítulo 30

Eu não sei ao certo o que houve depois do caos que se instalou dentro de mim, mas, algumas horas depois, vi a mim mesma acordando no meu quarto da fazenda. Deitada na cama e encarando o teto, meu corpo todo parecia doer como se tivesse sido triturado. Eu fiquei parada, sem forças ou vontade para sequer tentar levantar. Ouvia minha respiração acompanhar as batidas pesadas da chuva na janela — provavelmente a única da casa que não tinha se quebrado.

O quarto estava úmido e quente, apesar da tempestade que ainda caía lá fora. Fechei os olhos e, atrás das pálpebras, a visão do corpo de meu pai apareceu, coberto de sangue fresco e cacos de louça. Eu pisquei para afastar aquela imagem horrível que insistia em me atormentar. Uma lágrima escorreu em minha bochecha e involuntariamente eu a enxuguei. Ao mexer o braço, percebi que a dor em meu corpo não estava tão forte quanto eu imaginava; o sofrimento que sentia não era físico.

Lentamente, sentei-me na cama e dobrei os joelhos, apoiando a cabeça neles. Cruzei os braços ao redor das pernas e suspirei enquanto encarava os pingos de chuva que escorriam pelo vidro intacto da janela.

— Você está acordada — disse uma voz vinda da porta. Não me virei, não precisava. Reconheceria aquele som em qualquer lugar. — Matt a consertou, sabe. Assim como todas as outras.

Ele estava falando da janela. Fazia sentido. Meu quarto estava completamente em ordem, o que parecia impossível depois do caos que minha casa havia ficado. O caos que *eu* havia provocado.

— Foi minha culpa — falei tão baixo que minha voz mal era um sussurro. Deixei mais uma lágrima escorrer pelo meu rosto e fiquei assustada com o quanto realmente acreditava no que dissera.

—Não, não foi — disse simplesmente. Ouvi os passos vacilantes do príncipe quando ele se aproximou da cama.

— Você não entende... — comecei.

— Eu entendo, Catherine — disse ao me interromper. Senti John se sentar ao meu lado e a cama afundou levemente quando ele se inclinou para mim. — Eu entendo que, para me poupar, você entregou seu pai. Eu estava lá, lembra? Mas Jordan iria fazer o que fez de qualquer jeito, não importava o que você dissesse. Não foi *sua* culpa. Foi *dele*.

Eu afundei a cabeça entre as pernas, contendo um soluço. Eu sabia que Jonathan estava certo, mas ainda sentia o arrependimento e a dor me corroerem por dentro; eu não era capaz de expulsá-los, e não sabia como lidar com eles. Não importava quantas vezes eu ouvia aquelas palavras ou as repetia para mim mesma, simplesmente não conseguia convencer meu subconsciente de que a culpa *não* era minha.

O príncipe segurou minha mão e descruzou meus braços, lentamente me puxando para perto de si. Eu o permiti. Entrelaçou seus dedos aos meus e beijou o topo de minha cabeça, arrumando com a outra mão os fios desgrenhados de meu cabelo.

— Eu estou aqui por você, Catherine. Não precisa enfrentar isso sozinha — sussurrou em meu ouvido. — Eu te amo.

Aquelas simples palavras foram responsáveis por acender um pouco da chama que sentia sempre que estávamos juntos, aquecendo meu coração partido e restaurando-o lentamente. Naquele momento, eu soube que, mesmo que o pior acontecesse, sempre iria ter as pessoas que amava ao meu lado para me colocar de pé todas as vezes que eu caísse.

Ergui um pouco a cabeça e me inclinei para o príncipe, beijando-o suavemente. Ele sorriu entre meus lábios, considerando meu gesto uma vitória. Não pude deixar de achar engraçado o quanto ele se empenhava para me fazer feliz, além de extremamente fofo.

Sentindo-me um pouco melhor, aninhei-me novamente em seus braços e comecei a brincar com seus dedos, que ainda seguravam os meus.

—Eu sinto muito por Alyssa — falei, depois de um tempo em silêncio. Eu precisava dar continuidade àquela conversa, independentemente do quanto doesse. — Por você ter descoberto dessa maneira.

— Eu já desconfiava, sabe — ele murmurou, concentrado em enrolar minhas madeixas acobreadas em seu dedo. — Minha mãe me disse que Stephen fazia esse tipo de coisa o tempo todo. Eu só podia presumir que não era com nenhuma moça casada da corte real, apesar de ter acontecido com Franccesca. Apenas fico feliz de não ter tido um meio-irmão.

— Então... está tudo bem? Sobre isso, quero dizer.

John parou de remexer em meu cabelo e me encarou. Deu um sorriso leve e beijou minha testa.

—Sim — falou finalmente. — Está, sim. Vamos apenas nos concentrar em você, está bem? Temos muitas coisas acontecendo e você necessitará de toda a ajuda possível. Sei que você precisa de um tempo para ficar de luto por seu pai, mas não acho que os feiticeiros vão nos dar essa folga.

— Eu sei — suspirei, fitando o colchão. De repente, uma lembrança surgiu em minha mente. *Lancei um olhar rápido para baixo e vi um livro grosso e aparentemente antigo com desenhos dourados que pareciam runas entalhados na capa de couro preto.* — Isso me faz pensar...

Interrompi a mim mesma enquanto me perdia novamente na visão sobre Jordan e o livro negro que seu pai jogara aos meus pés. Só podia ser aquela a resposta. *Tinha* que ser.

— Pensar em que, Catherine? — John perguntou quando não terminei a frase.

Saí de seus braços, sentando-me de frente para ele. Encarei seus olhos, tomada por uma nova e frenética vontade de resolver tudo.

—O livro — falei, o que só fez com que o príncipe ficasse ainda mais confuso. — Da minha visão, Jonathan. O livro preto com as runas douradas.

Entendimento preencheu suas feições, mas então ele franziu as sobrancelhas e inclinou a cabeça para o lado.

— E no que isso pode nos ajudar?

— Eu ainda não sei. Mas por que motivo eu teria essa visão, desse momento em particular, se não fosse pelo livro? Ele *tem* que ser a resposta — disse, sorrindo com a ideia de finalmente ter algo que pudesse nos ajudar nessa missão impossível de deter Jordan. — Nós precisamos achá-lo, John. E rápido.

Eu cruzei os braços para afastar um pouco do frio que o vento forte daquela manhã trazia. Alguns pequenos pingos de chuva ainda caíam sobre o campo, mas estávamos protegidos por uma grande árvore centenária nos arredores da fazenda, sob a qual decidimos fazer o túmulo de Luke.

Encarei o pequeno montinho de terra à minha frente do tamanho de um homem. Ean e eu havíamos ajudado a cavar a cova enquanto Matt e John arrumavam o corpo. Eles se ofereceram para fazer aquilo em meu lugar, pois alegaram que os ferimentos eram muito ruins para que eu visse. Eu concordei, porque, embora na noite anterior eu não tivesse tido a chance de checar o que exatamente Jordan fizera, não sabia ao certo se *queria* ter essa chance.

Ainda o conde mandou um pombo com uma carta para Íris se juntar a nós e trazer alguns cavalos. A criada chegou pouco depois de terminarmos de arrumar tudo e esperou pacientemente enquanto nos lavávamos para tirarmos toda a terra e sangue do corpo.

Sacudindo todos os pensamentos para fora de minha mente, ajoelhei-me ao lado da pequena elevação no chão e coloquei a mão sobre ela.

— Descanse em paz, papai. Eu te amo — murmurei, sorrindo tristemente. — E sinto muito.

Fechei os olhos. Lentamente, senti a familiar onda de poder atravessar meu corpo e chegar aos meus dedos, liberando-se na forma de pequenas margaridas e jasmins. Eram nossas favoritas.

Abri novamente os olhos e me ergui, aprumando as costas. Girei em meus calcanhares e encarei meus amigos, que estavam lá para me apoiar em todos os momentos.

—Eu fiz uma promessa à Jordan que pretendo cumprir — falei, erguendo o queixo e colocando as mãos dentro do bolso da calça de montaria que vestia. — Senão por mim mesma ou por nós, então por meu pai.

— Que promessa, Cath? — Íris perguntou, franzindo o cenho. Eu a encarei.

—De fazê-lo sofrer e pagar por tudo o que nos causou.

—Eu... não acho que esse seja um pensamento muito positivo, Catherine — disse Matthew, dando um passo à frente. — Não me leve a mal, eu adoraria ver aquele feiticeiro tendo tudo o que merece, e sei que você está de luto pelo seu pai, mas essa não é a reação mais saudável, querida. Você não pode deixar essa sede de vingança tomar conta, senão... você se tornará pior do que o próprio feiticeiro.

—Ele está certo — Ean concordou, juntando-se ao seu namorado. — Você precisa aprender a lidar com a dor. Vingança não é o caminho.

— Não se preocupem. Eu vou ficar bem — garanti sem ter realmente muita certeza daquilo. *Não importa*, pensei. *Eles não entendem, e eu* tenho *que fazer isso.* — Agora... realmente preciso de sua ajuda, Matt, porque temos certo livro para pegar.

Ele me olhou por alguns segundos, avaliando e decidindo se acreditaria em mim ou não. Por fim, apenas suspirou e entrelaçou sua mão à do guarda.

— Está bem, mas vamos entrar. Eu estou congelando aqui.

****

— Espera. Você quer que eu faça o *quê*? — o conde perguntou em um tom exasperado.

Estávamos todos reunidos em volta da mesa de jantar na cozinha, que fora arrumada por Matt, Ean e John, enquanto eu dormia. Eu propus o meu plano e aparentemente ele não foi aprovado pelos meus amigos.

— Eu só quero que você me teleporte para a casa de Jordan para que eu possa pegar o livro — expliquei novamente. — Você pode fazer isso, certo?

— Não! — disse ele, se jogando na cadeira e cruzando os braços. — Impossível. De jeito nenhum. *Jamais*. É muito perigoso, Catherine.

— Você perdeu a cabeça?! — Jonathan exclamou, olhando-me como se eu fosse uma barata gigante. — Ir para dentro da toca do urso? Ninguém nunca te ensinou que você deve *fugir* dos seus inimigos, e não *ir de encontro* a eles?

—É, é uma péssima ideia ir até lá — concordou Íris, franzindo o rosto em uma expressão concentrada. — Mas... não teria um jeito de fazê-la estar apenas *meio* presente? Ver, mas não ser vista? Como... um fantasma, quem sabe.

Todos nos calamos e olhamos em sua direção. A criada corou, desacostumada com tanta atenção. Eu ergui as sobrancelhas. Aquela era uma ótima suposição.

— Essa... — Matt disse, hesitante. — Talvez... Seja uma boa ideia. *Talvez*.

—E você tem o poder para isso? Ou ao menos sabe como prosseguir? — indaguei.

O conde deu de ombros, o que pareceu ser um *sim* perfeitamente colocado. Sorri, bolando em minha mente um plano que seria responsável por me colocar dentro e fora da casa de Jordan em segurança.

— Vamos fazer isso — falei. — Não é perigoso e eu posso conseguir o que precisamos.

— Eu não sei... — o príncipe falou, coçando a nuca e me olhando com preocupação. — Eu ainda acho que não é uma boa ideia. Algo pode dar errado, Cath...

Eu o calei quando segurei sua mão e sorri, fazendo o possível para reconfortá-lo.

—Eu vou ficar bem. Sei cuidar de mim mesma, lembra? — murmurei. — Mas você precisa confiar em mim, apoiar-me. Eu não consigo fazer isso sem você. Sem nenhum de vocês.

Eu varri os olhos pela mesa, encarando cada uma das pessoas presentes ali. Nosso grupo era pequeno, porém poderoso, e eu estava determinada a salvá-los mesmo que custasse minha vida.

—Está bem — o conde decidiu, levantando-se em um salto. — Eu faço.

—Obrigada. — Eu sorri, embora devesse estar nervosa. Mas não estava. O plano estava dando certo e era o que interessava.

Matthew andou até mim e parou atrás de minha cadeira.

— Sente-se ereta e deixe a cabeça pender. Concentre-se no teto e esvazie seus pensamentos — instruiu, e eu tive um leve déjà vu de quando ele devolveu minhas memórias. Eu o obedeci e me aprumei na cadeira. — Não vai doer, mas talvez sinta uma leve enxaqueca quando terminar. Você não será vista, mas poderá ver, não será tocada mas poderá tocar, não será ouvida mas poderá ouvir. Precisa se focar no que está vendo para que o vínculo não seja quebrado, está bem?

—Certo. — Eu assenti. — Já fiz algo parecido com isso uma vez, lembra-se?

Ele deu um sorriso pequeno e cravou os olhos nos meus. Suas mãos seguraram a lateral da minha cabeça e eu prendi a respiração. Encarei quando seus olhos verde-amarelados ganharam um leve brilho e sua pupila se estreitou em uma fenda.

Então, minha visão ficou turva e tremeluziu como a superfície de um lago tocada por uma pedra.

Lentamente, entrou em foco uma pequena cabana na clareira de uma floresta, feita de madeira preta e marrom escuro. Uma das janelas do casebre estava quebrada e a porta estava arreganhada, o que tomei como um mau sinal.

Andei com passos vacilantes até sua entrada. Subi o pequeno par de degraus em sua varanda e passei por um carpete furado. A casa parecia saída de um cenário de terror horripilante, tão abandonada e desleixada que, se eu não soubesse, imaginaria que ninguém morava ali.

— Suma daqui seu imprestável! — esbravejou uma voz atrás de mim. Eu me virei e vi Jordan conversando com três homens que pensei também serem feiticeiros. — E me traga algo útil dessa vez!

Eles estavam mais à frente na clareira, parados a uma distância segura da casa. *Ótimo*, pensei. *Será perfeito para entrar e sair sem problemas*.

Continuei a andar e examinei o interior da cabana. Era tão pequena por dentro quanto por fora e igualmente descuidada. A única iluminação era a luz do sol que passava pela porta e pelas janelas.

No canto direito, uma cama de solteiro estava ao lado de uma pequena mesa que servia como criado-mudo. No esquerdo, pequenos trapos estavam postos no chão sujo e empoeirado e serviam de colchão. Não havia travesseiros.

Ladeando a porta, duas estantes de livro semivazias se encontravam. Apenas uns poucos volumes estavam guardados nelas, e um deles me chamou a atenção.

Parecendo ser o mais antigo, mas também o mais bem cuidado, o livro negro com runas douradas em sua capa estava apoiado solitário em um dos níveis de madeira das estantes.

Eu o peguei, mas tive uma estranha sensação de que não estava exatamente segurando-o. Era como se eu o encostasse, mas não pudesse senti-lo, como se ele não pudesse ser tocado; o que, de certo modo, era verdade.

Ignorando esse pequeno detalhe, folheei as páginas em busca de algo que pudesse me chamar a atenção, mas tudo estava escrito em uma linguagem antiga que eu não entendia. Quando estava pronta para desistir, encontrei uma folha rasgada bem no fim do livro.

Estranhamente, aquela página era a única em minha língua. Eu tomei aquilo como um sinal e comecei a ler o que estava escrito, abrindo os olhos cada vez mais a cada palavra que passava diante de mim.

Porém, o fim daquele macabro texto havia sido arrancado. Mesmo assim, tomei aquilo como suficiente e fechei o livro com um baque, ainda em choque e aterrorizada com o que havia lido. Voltei-o para a estante e fechei os olhos com força, torcendo para retornar à minha casa quando os abrisse novamente.

Funcionou. De volta à fazenda, os olhos de Matthew mais uma vez encontraram os meus, e eu soltei o ar que não percebi que prendia.

—Já de volta? — perguntou ele. — Foi muito rápido. Você conseguiu o que precisávamos? Houve alguma complicação?

—Não. Foi fácil, mas o que encontrei compensa totalmente esse fato, e de uma forma muito ruim — respondi, já me levantando e me dirigindo até o armário da cozinha.

—Ora, então nos diga o que foi que achou — disse Íris.

De dentro de uma das gavetas, peguei um pergaminho e uma pena com tinteiro. Escrevi com rapidez as palavras que havia memorizado parcialmente e entreguei o papel ao conde.

— Eu achei *isso* — falei e esperei que Matt lesse.

Por um segundo, ele apenas franziu a testa para o pequeno poema em suas mãos, então seus olhos cresceram tanto quanto os meus. Ele me encarou, assustado, e tentou dizer algo, mas nada saiu de sua garganta.

— Me dê isso aqui — Jonathan falou, com rispidez, e arrancou o pedaço de pergaminho da mão do amigo. — Eu vou ler.

E assim ele fez:

“Para a magia de um inimigo tomar,
sangue deverás derramar.
Dois sacrifícios hão de ser realizados:
o sangue de dois pelo rival amados;
mas, para o feitiço se completar
o seu...”

—Onde está o resto? — perguntou o príncipe, confuso.

— Foi só o que encontrei — expliquei. — A página estava rasgada.

— Que ótimo! Temos apenas meia informação. Maravilha. — Ean bufou, jogando-se na cadeira com clara frustração. — E o que é isso, afinal? Um poema macabro? E o que significa tudo o que está escrito?

— É um feitiço — Matt explicou.

Nossos olhares se cruzaram e eu engoli em seco. Embora estivesse com medo de dizer em voz alta, forcei a mim mesma a pronunciar as palavras seguintes:

— E significa que haverá mais uma morte.

Capítulo 31

Pela segunda vez naquele dia, amarrei uma bolsa com suprimentos para a viagem na sela do corcel, mas, diferentemente de antes, eu não montaria em Maximus. Íris havia trazido alguns cavalos até a fazenda consigo e escolhera os mais fáceis de serem domados, o que excluía o grande garanhão branco que se tornara meu amigo.

—Você tem certeza de que está pronta para ir embora? — perguntou Jonathan pela segunda vez ao se aproximar de onde eu estava. — Não quer ficar mais um pouco?

— Não é sobre o que eu quero ou deixo de querer, John. É perigoso ficar aqui, e eu prefiro não arriscar a vida de mais ninguém — expliquei novamente, suspirando. Olhei por um momento para a casa à nossa frente, deixando a tristeza tomar conta por um segundo. Aquele era o lugar onde eu tinha sido mais feliz em toda a minha vida, e agora eu estava o deixando. Não podia ser para sempre, e não permitiria que fosse. Balançando a cabeça, tranquei a dor no fundo da mente e voltei ao meu trabalho com a sela do cavalo. — Além disso, sinto que não será a última vez que virei a este lugar.

O príncipe ficou um segundo em silêncio, ponderando se deveria desistir, mas por fim me estendeu a mão e disse:

— Está bem. Então, ao menos, deixe-me ajudá-la a subir na montaria.

Eu aceitei e saltei para cima do corcel. Ajeitei-me em sua sela e puxei as rédeas, pronta para fazer o animal andar. Quando Jonathan estava já em seu cavalo, nós pudemos finalmente dar início à viagem de volta ao castelo.

****

O sol nascia novamente em Cannehor quando enfim conseguimos atravessar os portões de Damelok e alcançamos o palácio. Assim que os guardas de plantão nas muralhas avistaram o príncipe, eles abriram passagem para nós e não discutiram nem mesmo quando me viram e ficaram um tanto desconfiados. Eu não era mais acusada de roubo, ao que parecia.

Fomos em silêncio até os estábulos e deixamos os cavalos aos cuidados do cocheiro e dos zeladores, e eu me certifiquei de que Maximus estivesse bem. Quando estava voltando para me encontrar com meus amigos na ala dos guardas, avistei Matt andando calmamente pela estrada de pedras. Fui até onde estava e caminhei ao seu lado.

— Você está bem? — perguntei, notando um pouco de preocupação e o que pensei ser culpa em sua expressão.

— Só... pensando — suspirou.

— Sobre o quê?

Ele me fitou por alguns segundos e me surpreendeu ao puxar-me para um abraço.

—Venha aqui — pediu e passou os braços ao meu redor. Apoiei a cabeça em seu peito.

— O que está errado, Matthew?

— Eu sinto muito — sussurrou após um instante. Eu me afastei e o olhei interrogativamente. — Por Luke. Por não conseguir

protegê-lo como havia prometido a você.

— Ei, ei, pare. Pare — pedi, abraçando-o com mais força. — Não foi culpa sua, Matt. Está tudo bem. Não foi você que o matou.

Ele suspirou e me soltou depois de um tempo. Garanti que estava bem e então voltamos a andar. O conde estava apenas ainda um pouco em choque pelo que havia ocorrido e sentia culpa por ter me feito acreditar que meu pai estava bem quando, na verdade, estava em perigo. Mas não era culpa dele. Eu escolhi acreditar no que ouvira dele, assim como havia escolhido entregar Luke para que Jonathan não se ferisse.

Eu havia sido fraca. A culpa era *minha*.

—Sabe... andei pensando — continuei a falar, procurando um modo de escapar de meus próprios pensamentos. — Há pessoas demais no castelo: criados, soldados e até as competidoras. Eu não paro de pensar que alguém inocente poderia se machucar no meio de toda a confusão. Então, imaginei que poderíamos conjurar uma magia protetora para o castelo. Assim, estaríamos todos seguros. Isso existe?

— Sim, existe. E é uma boa ideia, na verdade — o conde disse. Nós entramos na ala dos guardas e ele parou de andar, virando-se para mim. Nossos amigos não estavam ali, e eu agradeci mentalmente porque queria terminar aquela conversa sem ter que explicar cada palavra a eles. Eu me sentia mal por pensar deste modo, mas era verdade. Jonathan e os gêmeos não faziam parte do mesmo mundo que eu e Matt, embora tentassem ao máximo. — Mas temo que não tenha poder o suficiente, Catherine. O castelo é muito grande e exigiria uma grande dose de concentração de minha parte, o que poderia me matar de exaustão.

— Mas... e eu? Eu tenho esse poder? — perguntei, hesitante.

— Infelizmente, seus elementos não permitem que você crie esse tipo de magia. Os feitiços de cura e proteção são sempre relacionados ao Espírito.

— Mas, então, como vou proteger as pessoas? Como vou conseguir passar por isso? — indaguei exasperada. Joguei as mãos para o alto e as deixei cair ao lado de meu corpo. — Como você espera que eu derrote Jordan se só consigo acender fogueiras e fazer algumas flores crescerem? Como você acha que ele vai reagir quando eu revidar seus ataques de magia negra com um pé de vento e uns pingos de chuva?

— Pingos de chuva? — repetiu, dando-me um sorrisinho mordaz. — Não sei se você percebeu, mas eu falei sério quando disse que você era a maga mais poderosa que já conheci. Você criou uma tempestade que assombrou toda Lenov Village, Catherine, e fez de dentro da própria casa. Acha mesmo que é capaz apenas de uns *pingos de chuva*?

— Eu não sei do que sou capaz, Matthew. Honestamente, *eu não sei* — falei e suspirei. Era verdade. Desde que ele me devolvera as memórias de minha infância e minha magia retornara a mim, eu tenho tentado descobrir o limite dos meus poderes. Mas não tive a chance de realmente testá-los, porque tudo estava acontecendo na velocidade de um furacão, e eu parecia estar no olho daquela tempestade. — Eu acho que seria mais fácil se eu apenas fosse embora e os deixasse fora disso. Se eu parar de amá-los, Jordan não terá mais ninguém para matar e então nunca poderá roubar minha magia — deixei escapar, cansada física e emocionalmente de toda aquela bagunça que minha vida havia se tornado. *Como foi que deixei chegar a esse ponto?* pensei.

—Não é assim que funciona, querida. Você não pode simplesmente dizer para o amor ir embora, porque ele não vai. Além disso, o que está feito, está feito. Jordan não vai desistir até que consiga o que quer e você sabe disso. — Ele me olhou com pena por um momento, e depois sorriu mais uma vez. — E, quanto a não saber do que é capaz, tenho uma solução para isso.

Eu ergui uma sobrancelha e o olhei cautelosamente. Matthew parecia estar construindo um plano mental que não poderia ser muito bom, considerando o brilho travesso em seus olhos.

— Que seria...?

O conde ampliou seu sorriso e cruzou os braços.

— Nós vamos treinar.

****

Pela décima terceira vez, deixei-me cair no chão do jardim exausta e permiti que o cheiro da grama me invadisse. Eu estava ali havia cinco horas, treinando como fazer uma árvore crescer e depois um raio atingi-la. Até agora, eu obtive um pinheiro de quinze metros que estava sofrendo de hiper-hidratação, porque tudo o que eu conseguia conjurar eram algumas dezenas de nuvens que formavam quase um dilúvio, mas não um raio. Toda vez que falhava, eu me deitava no chão para lembrar a mim mesma que estar ali era melhor do que estar dormindo — apesar de meu cérebro e meu corpo se recusarem a acreditar naquilo.

— Vamos lá, Catherine, não desista agora! — gritou Ean do outro lado do jardim.

Ele, a irmã e o príncipe haviam nos encontrado alguns minutos depois de termos saído da ala dos guardas e agora estavam me assistindo falhar — exceto por Jonathan, que saíra há duas horas por alegar que precisava voltar aos deveres reais com as competidoras.

Eu suspirei e fechei os olhos, balançando a cabeça. Aparentemente, o dom de minha mãe de criar tempestades não fora passado pela genética, o que me fez lamentar profundamente.

— Levante logo, princesa. Não temos o dia todo! — o conde gritou, e eu odiei o modo como utilizou meu título secreto. Tecnicamente, com a morte de meus pais, eu deveria ser uma duquesa, mas eu não iria dizer isso a ele. E nem a ninguém mais.

As pessoas não precisavam saber quem eu era; já bastava que *eu* soubesse.

Eu o obedeci e fui novamente até o pobre pinheiro demasiado limpo e hidratado. Deixei que as nuvens se dissolvessem e o céu se limpasse, retornando ao azul-pálido usual das tardes de inverno do reino de Cannehor.

Concentrei-me mais uma vez e estendi os braços para cima. Novos amontoados de água se formaram quando deixei a magia libertar-se dentro de mim, fazendo-me despertar e ofegar. A sensação de que minhas veias queimavam surgiu novamente e eu semicerrei os olhos. *Eu vou conseguir*, pensei. *Eu* vou *conseguir*.

Eu não consegui.

Como das outras vezes, rapidamente as grossas e escuras nuvens desabaram, e eu controlei a água. Apontei uma das mãos para o solo e deixei o poder concentrado entre meus dois braços, invocando a eletricidade das chamas dentro de mim. Mas não funcionou. Nada aconteceu.

Eu não consegui.

Deixei meus braços caírem e soltei o ar com força e com frustração.

— Você não está se soltando completamente, Catherine — Matthew me repreendeu. Eu o ignorei e fui até o pinheiro de quinze metros. Encostei minha mão em seu tronco e silenciosamente pedi desculpas, deixando minha magia secar suas folhas e remover o excesso de água de suas raízes. — Você *precisa* se permitir liberar os poderes ou...

— Chega — pedi, falando um pouco alto demais. Eu me virei para ele e o lancei um olhar fulminante que fez com que se encolhesse. — Chega disso, Matthew. Por favor, eu não consigo. Não aguento mais! Pare de tentar!

— Você não vai desistir agora — declarou, cruzando os braços. — Nós precisamos continuar. — Quando eu suspirei e o olhei com cansaço, o conde balançou a cabeça e voltou a falar. — Venha, vamos para a biblioteca. Se não quer mais a prática, então afundaremos na teoria.

E assim uma rotina se formou: por quase uma semana, alternei meus dias entre treinar meus poderes na galeria da biblioteca, onde faria menos estragos, e ler livros de magia da luz. As informações presentes naqueles volumes eram valiosas e de tirar o fôlego; podiam ser muito bem usadas, caso entendidas corretamente.

Enquanto alguns livros expunham relatos sobre os mais diversos feitos dos magos poderosos que existiram, outros ensinavam a disciplina e concentração necessária para aprender a controlar a magia dentro de si. Eu ficava horas e horas lendo para depois treinar eu mesma aqueles truques — embora nunca tenha conseguido dar forma a um raio.

Conforme afundava cada vez mais naquele poço de livros, eu deixava de voltar para o quarto. Quase não dormia e, quando o fazia, era por pura exaustão. Íris fazia o favor de me levar as refeições no horário em que deveria comê-las e me dava novas roupas todos os dias.

Matthew ficava comigo a maior parte do tempo, mas logo se cansava do silêncio esmagador e voltava para a vida no castelo. À noite, Jonathan me visitava, sempre com novidades para contar, mas eu mal o ouvia, pois a maioria das vezes estava ocupada demais com um livro. Eu sabia que isso o entristecia e podia perceber a distância entre nós crescer mais rápida e intensamente do que pensei sequer ser possível.

Em uma dessas ocasiões, ele entrou na biblioteca justo quando eu estava tomando nota sobre um interessantíssimo homem que era capaz de criar um tornado com um estalar dos dedos.

—Boa noite, Catherine — falou, sentando-se ao meu lado no sofá. — Como está?

— Oi — respondi e voltei à leitura.

Por alguns segundos, ele ficou em silêncio. Então, bufou e se levantou, indo até a porta, mas voltou logo depois e ficou de frente para mim.

—Você pode parar de ler por um instante, por favor? — pediu impaciente. Quando não reagi, ele pegou o livro bruscamente da minha mão, fechou-o com um baque e jogou na mesa atrás de si. — Obrigado.

— Ei, por que fez isso? — perguntei, levantando-me com um salto. — Eu estava lendo!

— É, e me ignorando. Catherine, o que está acontecendo? Por que você está agindo desse jeito? Por que está permitindo que esse abismo entre nós continue crescendo? — ele indagou e, quando olhei em seus olhos — pela primeira vez em algum tempo —, eles pareciam repletos de dor e preocupação. Amaldiçoei a mim mesma por fazê-lo se sentir assim, mas não podia evitar. Eu precisava do máximo de informações que pudesse conseguir antes que fosse tarde demais.

—Eu tenho que terminar de ler isso, Jonathan. Não sei se você se lembra, mas Jordan está por aí procurando mais um alvo para completar o feitiço e tomar de mim a minha magia. Eu preciso...

—Não — interrompeu o príncipe, balançando a cabeça e me olhando fixamente. — Você sabe muito bem que isso é apenas uma desculpa para afundar em algo que faça você se esquecer do que houve com Luke. Mas você não pode fazer isso, Catherine. Ele está morto e não vai voltar — gritou. — Você precisa arranjar um jeito de lidar com isso: ficando de luto ou superando. Não pode ficar presa no meio termo para sempre!

Eu cambaleei para trás e caí no sofá, sentindo o impacto de suas palavras me atingir mais forte que um soco. No segundo

seguinte, ele estava sentado ao meu lado e começava a se desculpar pelo que havia dito.

—Não, não. Não se desculpe — eu falei. Virei o rosto para o outro lado para que ele não visse as lágrimas que se formavam em meus olhos. — Você está certo. Eu só... gostaria que as coisas tivessem sido diferentes. Sinto falta dele, John — sussurrei. — Não consigo deixá-lo ir.

—Eu sei, Cath, mas você precisa. E lembre-se: não está sozinha. Não precisa se afastar, porque será sempre pior. Eu estou aqui por você — ele disse, ecoando as palavras que havia me dito tantas vezes antes.

Seus braços me rodearam, e eu me entreguei ao seu abraço, apoiada em seu peito. Finalmente, depois de todo esse tempo, eu me permiti sentir a dor que havia trancado no fundo da mente. Eu me permiti chorar e, enquanto me libertava dos sentimentos ruins, senti minha relação com Jonathan voltar ao normal em um piscar de olhos.

— Eu o matei — solucei, fechando os olhos. Agarrei sua camisa com força e deixei as lágrimas rolarem. — Eu o matei.

— Não pense nisso. Sabe que não é verdade. Fique calma, está tudo bem — murmurou passando a mão por meus cabelos. — Está tudo bem.

— Eu não quero que você morra, Jonathan. Nem Matthew, nem Íris e nem Ean. Eu preciso de vocês vivos. — Mais um soluço escapou de minha garganta quando ergui os olhos por um instante. O príncipe me fitava com ternura e apreensão, franzindo levemente o cenho, mas mantendo um leve sorriso reconfortante. Eu o amei por isso.

Encaixei-me mais em seu abraço e me encolhi no sofá, deitando sobre ele quando John se inclinou para trás. Chorei até minhas pálpebras ficarem pesadas e meus dedos se afrouxarem ao

redor do príncipe. Quando estava quase adormecendo, pude ouvi-lo sussurrar:

— Eu te amo, Catherine Fairway.

Quando acordei, Jonathan havia ido embora, mas não sem deixar um bilhete ao lado do sofá:

" Sinto muito por ter partido, o marquês estava à minha procura, tive de atendê-lo. Volto antes do almoço.

Sempre seu,
Jonathan.

P.S.: espero que goste do pequeno presente que deixei na mesa. Eu mesmo o fiz.

P.P.S.: Eu te amo".

Eu sorri e balancei a cabeça com incredulidade, levantando-me de minha cama improvisada. Quando olhei para a mesa indicada no pequeno bilhete, vi uma bandeja grande de café da manhã. Em um primeiro momento, pensei que Íris havia me preparado a refeição e que o presente de Jonathan estava ali no meio, mas então eu me dei conta de que *aquele* era o presente: um café na cama.

Meu sorriso se ampliou conforme examinava a comida presente na bandeja: uma xícara de cappuccino, um copo de suco de laranja, torradas com manteiga, um pedaço de bolo de chocolate, torta de maçã e um pequeno pote de salada de frutas. Ao lado das bebidas, havia mais um pedaço de papel, cujas palavras foram escritas com a mesma letra do bilhete anterior:

"Eu via você comendo alguns desses todas as manhãs. Se o gosto estiver muito ruim, saiba que a culpa é minha, e não das ótimas cozinheiras do castelo".

Embora não houvesse assinatura, eu sabia que vinha de John. Eu fechei os olhos e suspirei sonhadoramente, agradecendo a ele de forma silenciosa pela incrível refeição que havia me preparado. Sentei-me à mesa e comecei a devorar o meu presente, mas fui interrompida pela chegada de Matthew.

—Bom dia, minha querida. Como... — O conde parou de falar quando viu que eu não estava lendo e, ao invés, sorria enquanto ele falava. — Algo mudou. O que foi?

Dei de ombros. Ele se sentou ao meu lado e provou a torta de maçã, assumindo uma expressão de deleite.

— Acho que dormir com o príncipe faz isso com as garotas — murmurei, tomando o cappuccino.

O conde engasgou e me encarou com espanto.

— Dormir? — repetiu, esforçando-se para engolir o doce. — Vocês...? Você sabe... fizeram...?

— Não! Minha nossa, Matt! — exclamei, cobrindo o rosto com uma mão. — Eu disse dormir. *Dormir*!

O suspiro de alívio que deu foi o suficiente para me fazer rir do absurdo da situação.

— Mas, então... ele passou a noite aqui? — perguntou com seu típico olhar curioso.

— Sim, porém, foi embora antes que eu acordasse, a pedido do marquês. Acho que ele precisava falar com o príncipe, ou algo assim.

— Ah, aquele homem me cansa — suspirou o conde, deixando de lado a torta de maçã que eu pensei estar deliciosa. Provei um pedaço. — Ele deveria ter ido embora quando o baile acabou, mas insiste em ficar no castelo por mais um tempo para me

“ajudar”. Acho que deve estar com medo de que eu arruíne tudo, mas, se quer saber, consigo cumprir meus deveres tão bem quanto minha mãe.

— Eu não duvido disso — falei, colocando a mão na boca para não deixar caírem os farelos da torta. — Isso está delicioso! Não sabia que Jonathan cozinhava.

—Ele aprendeu bem com a mãe. Sabe, Angelic, não Alyssa — explicou, levantando-se. Eu me perguntei como ele havia descoberto sobre a mãe biológica de John, mas logo minhas dúvidas foram sanadas. — Ele me contou.

— Pare de ler minha mente — respondi imediatamente. Odiava aquilo, apesar de ainda achar um tanto intrigante. Mas não diria isso a ele.

— Está tudo bem, querida. Eu sei que ama meus poderes. — Sorriu, desviando de uma almofada que peguei do sofá e joguei em sua direção.

— Matthew Wayne!

Meu travesseiro improvisado acertou uma estante atrás dele e derrubou alguns livros. Suspirei e fui até lá para ajudá-lo a arrumar a bagunça.

— Você machucou os pobres coitados — lamentou ele, segurando um dos volumes contra o peito e me lançando um olhar acusador. — O que eles fizeram para merecer tal crueldade?

Revirei os olhos ignorando-o, e os coloquei de volta aos seus lugares, mas parei quando minha mão encostou um livro grosso que parecia quente demais ao meu toque. Franzi o cenho e o peguei, examinando-o com mais cuidado.

O tomo possuía uma capa dura dourada tão brilhante que eu poderia até mesmo dizer que era novo em folha, se não fossem pelas folhas amareladas e cheias de orelhas. Meu rosto se

contorceu em uma careta confusa quando vi que elas estavam vazias. Sem nenhuma palavra, nenhum desenho ou sequer um resquício de tinta. Somente... papel.

— O que encontrou aí? — Matt perguntou, notando meu interesse no livro. Quando olhou por cima de meu ombro e viu o que me incomodava, deu de ombros e voltou à sua tarefa. — Às vezes acontece. Pode ser um diário de alguém que iria ser começado, mas a pessoa desistiu. Quem sabe, não é?

Ele estava certo, mas não pude deixar de me sentir interessada pela peculiaridade daquele livro incomum. Eu me levantei e o segurei junto ao peito.

—Com licença, vou trocar de roupa — menti. Bem, não era exatamente uma mentira: eu ia *mesmo* trocar o vestido que trajava por algo mais confortável, mas também tinha a intenção de levar o livro para o meu quarto.

Quando o conde soltou um muxoxo de desinteresse, saí da biblioteca e andei rapidamente até meu quarto, ainda apertando o tomo contra o coração. O que seria aquele livro e por que eu havia me interessado tão intensamente por suas páginas vazias?

Enquanto andava distraída, abri a porta de meu quarto e entrei no cômodo, fechando-a logo em seguida. Assim que ergui os olhos, meu coração pareceu parar de bater.

Minha respiração escapou da garganta. O livro caiu no chão.

E tudo no mundo se tornou borrado conforme eu assimilava a situação em que me encontrava.

Capítulo 32

Encarei aquele sorriso diabólico por muito tempo antes de engolir em seco e focar em seus olhos. O preto em sua íris era tão profundo que despertava em mim um medo surreal. Eu desci o olhar até suas mãos, que seguravam com força os braços da minha melhor amiga.

—Não faça isso — sussurrei, já prevendo o que aconteceria a seguir. Senti as lágrimas se formarem em meus olhos, e o sorriso cruel se ampliou.

—Ah... Você vai chorar, bebezinho? — zombou, divertindo-se com meu medo. Então, seu rosto se fechou daquele modo sombrio que fazia desaparecer a humanidade de sua expressão. — *Bom*. Eu quero que você chore, quero que implore e que desmorone bem na minha frente. Eu disse que iria fazê-la sofrer, Catherine, mas eu não estou nem começando.

— Por favor... — tentei novamente, dando um passo à frente. — Deixe-a ir, Jordan. Íris não tem nada a ver com isso. Eu te darei o que quiser, apenas... deixe-a viver.

—Não é assim que funciona. — O feiticeiro riu. —Você não *pode* me dar o que eu quero. Felizmente, tenho que *tomar* isso de você. Mas não se preocupe; farei com que cada segundo valha a pena... para mim.

Jordan tirou do cinto uma faca e a pressionou contra a garganta de Íris, que soltou um grito abafado ao sentir a lâmina em seu pescoço. Eu a encarei e percebi que sua expressão de medo e desespero refletia à minha.

—Mate-me — ela sussurrou enquanto continha um soluço. Lágrimas rolaram por sua bochecha. — O feitiço... Eu preciso morrer pelas mãos dele...

Ergui novamente o olhar quando entendi o que ela quis dizer. O sorriso de Jordan ainda estava em seu rosto, embora um pouco forçado e confuso agora. Permiti que uma pequena onda de magia se liberasse de meu corpo e minhas mãos faiscaram. Cerrei os punhos com força.

Eu não queria que o feitiço se completasse, mas como eu poderia fazer aquilo? Como poderia matar minha melhor amiga quando ainda havia uma chance de salvá-la, mesmo que pequena? Como poderia permitir que Ean perdesse sua irmã, depois de tudo o que passou para sobreviver ao castelo e às crueldades da vida?

Não era justo. Nada daquilo era justo. Eu precisava tentar. Precisava salvá-la.

— Bem, você supostamente não deveria saber sobre o feitiço. Afinal, como você descobriu? — indagou, e eu pude ver um pouco de raiva em seus olhos. Mas logo se dissipou e sua expressão voltou à crueldade natural de sempre. — Não importa. Vai acontecer de qualquer jeito.

—Solte-a — rosnei, aproximando-me um passo deles. *Mais magia*, pensei, e deixei fluir por minhas veias aquele poder avassalador. *Preciso fazer isso*. — Eu não vou repetir, Jordan. Deixe-a livre.

— Tão fofo... — escarneceu. Quando dei mais um passo, ele apertou a faca contra a pele da criada e deixou escorrer um pequeno fio de sangue. Eu hesitei, o que fez com que sorrisse. — Mas você e eu sabemos que não vai fazer isso. Você é fraca, sempre foi, desde que perdeu seus queridos papaizinhos naquela clareira.

— *Não* fale sobre meus pais — falei, surpreendendo-me com a clareza e a ameaça em minha própria voz.

— Ora, vamos... Como se você se importasse com aqueles dois — riu. — Eu sei que você se ressente, querida, porque aquela bruxa que chama de mãe não merece o seu amor. Você foi fraca em protegê-la, mas não julgo: para mim, foi uma sábia decisão deixá-la morrer. Agora faça o mesmo com sua amiga aqui, e eu prometo que o sofrimento será menor do que o planejado.

Ele está com medo, eu pensei. *Está com medo de que eu consiga impedi-lo*. *Do contrário, não estaria propondo esse acordo*. Encurtei mais a distância entre nós. A faca se apertou, mas dessa vez não hesitei. Abri as mãos e o fogo se acendeu em minhas palmas, tomando a forma de pequenas esferas. Aquele era o melhor truque intimidador que havia aprendido, mas não parecia ter assustado o feiticeiro.

— É sua última chance, Jordan. — Eu o encarei e vi um leve tremor quando ele percebeu o brilho em meus olhos. — Deixe-a ir e lute comigo. Sou eu quem você quer, não ela.

— Lutar? — Ele revirou os olhos. — Você é realmente muito estúpida. Não podemos lutar ainda, querida, mas sei que você está ansiosa para perder. Contudo, por favor, eu lhe darei a chance de prosseguir com a sugestão de sua amiga: mate-a e então terá o meu respeito. Talvez eu até mesmo te poupe enquanto procure alguém para substituí-la.

Não me mexi.

Não podia. Não podia fazer aquilo. Não podia matar Íris. Jamais conseguiria viver com seu sangue em minhas mãos. Eu já me culpava pelo que houve com Luke; ter o peso de mais uma morte em meus ombros seria avassalador.

Além disso, como Jordan bem ressaltou, se Íris não fosse morta por ele, o feiticeiro tomaria a vida de outra pessoa que eu amava. E então ela teria morrido por nada.

Aquele era um jogo perigoso.

Ao ver minha hesitação, o feiticeiro sorriu e avançou um passo.

— Eu falei para você: *fraca*.

Antes que eu pudesse responder, num piscar de olhos, sua mão atravessou o peito de Íris, que gritou e arregalou os olhos com a dor. Jordan afastou o braço coberto de sangue e segurou em suas mãos alguma coisa pulsante e vermelha.

Seu coração.

—E é *assim* que você mata alguém — concluiu como se estivesse em um tutorial de cozinha.

Eu contive a bile que subiu por minha garganta e olhei chocada quando ele deixou o coração da criada espatifar-se no chão. O corpo dela caiu para o lado, as pernas em um ângulo estranho e a cabeça virada pra mim.

Eu gritei.

Meu corpo explodiu.

As janelas se quebraram. O feiticeiro desapareceu. O coração parou de bater.

Os olhos sem vida de Íris me encararam. E eu desabei no chão.

JORDAN

Lavei o sangue de minhas mãos na bacia grande atrás da casa. Rapidamente, a água adquiriu um forte tom carmesim, tornando inútil sua função de limpar minha pele. *É muito sangue*, pensei.

Ainda com manchas vermelhas no antebraço, virei o barril de madeira no chão e deixei que a água escorresse e então o ergui novamente. Fui até a próxima reserva de água e mergulhei novamente as mãos, dessa vez limpando-as por completo.

Enxuguei a água na calça e peguei o pequeno papel rasgado do bolso, lendo as palavras repetidamente; as mesmas que assombravam meus pensamentos todos os dias: o fim do feitiço que eu havia guardado comigo para me lembrar sempre do motivo pelo qual estava fazendo tudo aquilo.

Virei-me e guardei o pedaço de página quando ouvi passos. O homem magro e alto estava no limite da floresta, encarando-me com seus olhos negros e a usual expressão reprovadora.

—Você usou seus poderes de novo, não foi? — perguntou quando olhou para minhas mãos. Não respondi, o que pareceu ser o suficiente para ele entender. —Você está arruinando sua vida.

—Eu estou salvando-a — murmurei com raiva, voltando-me novamente para a casa. Comecei a andar e pude ouvir que meu pai vinha logo atrás.

—Escute o que eu digo, garoto: essa vingança e sede de poder vão apodrecer sua alma. Não pode continuar usando essa magia negra. Vai acabar se matando!

—Eu não ligo! — gritei e continuei andando. — Eu vou fazer isso, e você não vai me impedir. Eu *vou* conseguir o que quero.

— Está bem — berrou atrás de mim. — Destrua a vida dela. Tome seus poderes. Mate quem ela ama. E então volte para casa e se sentirá mais vazio do que antes, porque é *isso* o que a escuridão faz com você. Ela não te dá paz ou descanso, apenas dor e sofrimento. — Ele suspirou e parou de andar, mas eu continuei até chegar à porta da frente. — Você sabe que estou certo. Sabe o que eu passei depois da morte de Samantha.

— Isso é porque você é fraco! — exclamei, virando-me finalmente. — Ela destruiu a sua vida, a *nossa* vida. Ela te *abandonou*, pai! E, no fim de tudo, você ainda a *amava* — escarneci, acusando-o do maior erro de sua vida: deixar os sentimentos humanos ficarem em seu caminho.

— Sim, eu a amei. E é porque eu a amei que você está aqui. Ela foi a melhor coisa que já me aconteceu. E sabe o que eu fiz quando me entreguei à escuridão? Eu a *matei*. *Matei* a melhor e a pior mulher que já conheci em minha vida. — Ele deu uma risada curta, fria e amarga. Olhou novamente para minhas mãos e balançou a cabeça. — Mas você nunca poderia saber como é amar alguém. A escuridão está dentro de você. Não há volta agora.

—Eu não ligo — respondi, cerrando os punhos com força. Senti minhas unhas se cravarem em minha pele. — Eu vou fazer isso.

O homem suspirou e deu um passo para trás, derrotado. Assentiu e fitou o chão, ajeitando no ombro uma fita fina que não percebi que estava ali. Examinando mais, percebi que era a alça de uma mochila.

— Eu estou indo embora — explicou quando notou meu olhar.

— Por quê? — perguntei, franzindo o cenho. Não pude deixar de ficar feliz com aquele anúncio, embora também tenha me sentido confuso e um pouco traído. Chacoalhei a cabeça e expulsei aqueles sentimentos para fora da cabeça. Eu estaria livre de suas importunações. Era o que importava.

— Vou recomeçar a vida — concluiu e se virou, já se pondo a andar até a floresta. — Aproveite a solidão, filho. É tudo que lhe resta agora.

E assim ele desapareceu entre as árvores, deixando-me apenas com uma casa caindo aos pedaços e o sangue em minhas

mãos que jamais poderia ser lavado.

CATHERINE

Abri os olhos com um susto e inspirei profundamente, sentindo meus pulmões queimarem. Encarei o teto, confusa por um instante sobre onde estava e o que havia acontecido. Então, enquanto controlava a respiração, as memórias retornaram a mim e eu senti lágrimas pinicando meus olhos.

O feiticeiro.

O coração.

O sangue.

O corpo.

Fechei os olhos com força e cobri a boca para abafar os soluços que escapavam de minha garganta. Ela estava morta. A culpa era minha. Eu havia falhado em protegê-la, assim como aconteceu com meu pai.

Expulsei esses pensamentos para fora de mim. Ignorando a dor em meu peito, obriguei a mim mesma a reabrir os olhos. Criei coragem e virei a cabeça, esperando ver seu corpo ao lado do meu e seu sangue espalhado no chão.

Mas tudo estava limpo, e eu não estava mais deitada no piso do quarto. Estava na cama, e apenas o que podia ver era minha poltrona perto da sacada. O livro de páginas vazias estava sobre nela.

Sentei-me no colchão e limpei as lágrimas de minhas bochechas, examinando o resto do recinto: estava vazio e inteiro e exatamente como antes de tudo aquilo acontecer. Inevitavelmente, eu me perguntei se havia sido um pesadelo, mas sabia que tinha sido real. O horror daquela cena estava impregnado demais em minha mente para ter sido apenas um sonho.

A porta se abriu e Ean entrou, enrolado em um cobertor e com os olhos manchados. Ao fitar sua expressão por um segundo, eu soube que ele já havia recebido a notícia.

Eu me levantei imediatamente e corri até ele, envolvendo-o em um abraço apertado.

— Eu sinto muito, Ean. Eu sinto tanto... — murmurei, os olhos marejados novamente.

Ele retribuiu o abraço e o tecido fofo em seus ombros caiu no chão. Sua cabeça se afundou na curva de meu pescoço.

— Não foi sua culpa — sussurrou com a voz rouca.

— Ela não sofreu — menti, mantendo a voz baixa. — Eu não permiti que sofresse. Foi rápido e indolor.

Rezei para que ele não tivesse visto o horror que acontecera à sua irmã, pois isso denunciaria o quanto eu estava mentindo. Por sorte, o suspiro de alívio que recebi foi o suficiente para saber que ele acreditara.

Nós nos separamos quando a porta se abriu mais uma vez. O guarda pegou o cobertor caído, limpou suas lágrimas e esfregou os olhos, que estavam avermelhados e tão cheios de tristeza que pensei que seu coração fosse se partir ao meio.

— Querido? — a voz do conde chamou. Ele veio até nós e a preocupação preencheu sua expressão quando abraçou seu namorado. — Ah, Ean...

Novamente ele chorou, e dessa vez nos braços do homem que amava. Eu os assisti enquanto Matt murmurava palavras tranquilizadoras e passava as mãos em seu cabelo negro. Alguém se aproximou de mim e eu me virei. Eu não havia percebido, mas Jonathan entrara no quarto também, trazendo consigo um livro e uma expressão perturbada. Assim que o vi, corri em sua direção.

Abracei seu pescoço e afundei meus dedos em seu cabelo dourado, cerrando os olhos com força e inspirando profundamente. Limão e sabonete, o cheiro familiar que me fazia sentir em casa.

— Você está bem? — perguntou, e eu me concentrei em sua voz para tirar de minha mente a lembrança horrível da morte de minha melhor amiga.

— Eu te amo — murmurei, mesmo que as palavras não fizessem sentido algum naquele momento. Eu só precisava me

distrair.

— Eu também te amo — respondeu sem hesitar.

Eu mal havia tido tempo de processar a morte de meu pai antes da tragédia com Íris acontecer. Mais do que nunca, eu me sentia impotente e sem esperanças, como se a luz de dentro de mim tivesse sido sugada. Tudo o que havia restado era um monte de dor, tristeza, culpa e um coração aos pedaços.

Eu precisaria de muito mais que uma semana para processar todos os horrores que havia testemunhado, e de ainda mais tempo para deixar de me culpar pelos assassinatos pelos quais no fundo, sabia que não fora responsável.

No entanto, aquilo era tudo o que eu podia conseguir: abraços reconfortantes e recaídas aos montes, durante as quais precisava me agarrar a quem eu amava que ainda estava vivo.

Porque ela não estava.

Eles não estavam.

Os sacrifícios estavam completos. Tudo estava perdido agora.

E eu teria de lutar.

— Eu preciso te mostrar algo, querida — Matt disse algumas horas depois, sentando-se ao meu lado na beirada da cama.

Ele e Ean haviam se retirado para que o guarda pudesse se acalmar e descansar um pouco, então eu fiquei algumas horas com Jonathan. Mas, no fim, ele foi embora porque precisava quase tanto quanto o guarda de um boa noite de sono e um tempo para sofrer sozinho. Afinal, Íris era sua amiga também.

Então, Matt havia se prontificado a ficar comigo, já que nenhum de nós dois estava com muita vontade de ficar sozinho.

Agora, sentado ao meu lado, ele segurava o mesmo livro que vi o príncipe trazer para o quarto. Examinando com mais

atenção, naquele momento, vi que ele tinha uma capa preta e runas douradas...

— Onde pegou isso? — arfei com os olhos arregalados. Aquele era o mesmo livro que Jordan possuía; era o livro de magia negra.

— Bom... Durante as poucas horas que você ficou desacordada, John e eu voltamos a procurar na biblioteca... quando ele achou isso. — O conde me passou o volume. Eu o peguei com cautela, esperando sentir algo, como uma súbita vontade de matar ou algo assim. Mas nada aconteceu. Parecia um livro normal, embora eu soubesse que estava longe disso. — A página está completa — concluiu, engolindo em seco. Imediatamente, soube o que ele quis dizer.

Eu o encarei por muitos segundos, ponderando se estaria mesmo pronta para descobrir qual seria o final daquele feitiço. Algo na expressão de Matthew me dizia que não.

Mesmo assim, eu o abri e folheei as páginas, finalmente me entregando à curiosidade. Quando encontrei a certa — era a única que estava escrita em minha língua —, comecei a ler:

“Para a magia de um inimigo tomar,

sangue deverás derramar.

Dois sacrifícios hão de ser realizados:

o sangue de dois pelo rival amados;

mas, para o feitiço se completar,

o seu irmão de inimigo deverás chamar”.

Eu arfei e o soltei, o que fez com que caísse no chão.

— Não pode ser — murmurei, afastando-me do livro como se fosse um monstro gigante e assustador. — Não, não, não...

— Cath... — Matthew tentou dizer, mas eu não ouvia mais sua voz.

Meu mundo girou ao mesmo tempo em que as palavras ecoavam em minha cabeça. "*Para a magia de um inimigo tomar... o seu irmão de inimigo deverás chamar*". Não podia ser. Jordan não...

Eu cobri o rosto com as mãos e gritei, colocando para fora tudo de ruim que sentia desde que aquela bagunça começara. Aquilo não podia estar acontecendo. Era impossível.

Eu pensei em tudo que Luke me contara sobre Samantha; pensei em minhas visões e em minhas lembranças daquele dia na clareira. O assassino de meus pais e o pai de Jordan era a mesma pessoa, mas... seria possível que... aquele homem fosse Willian? Seria ele o ex-amante de minha mãe?

Porque, se ele fosse... então... tudo aquilo — *tudo*: a morte dos Beaumont, o feitiço de magia negra, os sacrifícios, a tortura, as mentiras... — era parte de um plano de vingança cruel e deturpado. Uma vingança contra Samantha e contra mim, porque eu tive a vida que ele não teve.

E o pior: se fosse verdade... Jordan seria meu irmão.

Meu *irmão*.

O feiticeiro que *assassinara* meu pai e minha melhor amiga a sangue frio era meu irmão.

O homem que eu beijei por *cinco meses* era meu irmão.

Senti a bile subir por minha garganta e me inclinei contra a beirada oposta da cama, colocando para fora o almoço e o café da manhã especial de Jonathan.

Aquilo era demais. Simplesmente demais. Todas as mortes, o sangue, a magia... Era loucura. Eu não conseguia lidar com tudo ao mesmo tempo, não na velocidade que as coisas aconteciam. Eu precisava de uma pausa.

Quando meu estômago decidiu se acalmar, limpei a boca e me joguei novamente na cama com os olhos apertados. Implorei aos céus que fizessem com que me esquecesse de tudo e me distanciasse daquilo por um tempo.

Então, como se meu próprio corpo tivesse dó de mim e decidisse me ajudar, senti minha mente se apagando e me entreguei de braços abertos à escuridão total do desmaio.

Capítulo 33

Era uma manhã fria. O cemitério de Darkot Village, onde os gêmeos moravam antes de se mudarem para o castelo, estava vazio, com exceção de nosso grupo. Ean preferira enterrar a irmã aqui, mas sem as cerimônias e os genéricos convidados que nunca foram realmente próximos de Íris. Nós éramos tudo o que ela tinha.

— Você não quer dizer nada? — perguntou o príncipe, abraçando-me por trás enquanto eu observava o guarda murmurar palavras que eu não podia ouvir para o túmulo.

— Não — sussurrei, levando a mão aos seus cabelos e beijando sua bochecha. — Ela não está realmente aqui e tudo o que eu tinha para lhe dizer, disse em vida.

Com um sorriso triste, John me conduziu para mais perto da sepultura e colocou um lindo maço de rosas brancas ao lado da lápide. Eu queria poder fazer o mesmo, mas o coveiro estava muito perto de nós, e eu não podia usar meus poderes; também não possuía dinheiro para comprar as flores. Então, teria de me contentar com apenas olhar e chorar.

Matthew abraçou Ean quando este finalmente levantou de seus joelhos e limpou uma lágrima. Eu senti um pingo de chuva molhar o meu rosto e olhei para o céu, vendo as nuvens se acumularem acima de nós. A viagem de volta ao castelo seria chuvosa e eu lamentei esse fato, porém parecia adequado que o céu chorasse conosco naquele instante.

Procurando me distrair um pouco, virei-me para Jonathan e disse, mantendo a voz baixa:

— Você tem certeza de que não vai ter problemas por deixar o castelo tantas vezes em uma mesma semana?

— Não se preocupe, Cath — murmurou e me puxou para si. Apoiei a cabeça em seu peito. — Não é como se o marquês ou um dos soldados fossem questionar minha autoridade, e o rei está muito ocupado com suas crises para notar que saí.

Era verdade. Alguns dias depois de ter desaparecido com os feiticeiros, Stephen retornou ao castelo e pediu que Jonathan tomasse seu lugar no trono por tempo indeterminado enquanto “resolvia problemas pessoais”. Desde então, não ouvimos falar dele, e John dizia não se importar com aquilo. Praticamente, o príncipe já se tornara um rei, e eu me sentia imensamente orgulhosa de ver quão bem ele lidava com os assuntos do reino e de seu povo. Só desejava poder permanecer ao seu lado para ajudá-lo a governar.

— Vamos, pombinhos — A voz de Matt me tirou de meus pensamentos. O conde se aproximou de nós enquanto deixava Ean se encolher em seus braços. — Vamos voltar para casa.

****

Eu acompanhei Jonathan até seu quarto, pois ele disse que precisava de mais algumas horas de sono antes de voltar forçadamente à rotina normal do castelo. Eu podia sentir sua tristeza e preocupação como se fossem palpáveis, e não achava que seria bom deixá-lo sozinho naquele momento, mas respeitei sua decisão. Afinal, eu também tinha os meus próprios assuntos para tratar.

Despedi-me do príncipe com um beijo e voltei para o andar térreo, dirigindo-me à ala dos guardas, onde sabia que Matthew estaria.

Quando cheguei ao hall em que guardavam as armas e armaduras, ao lado do corredor dos quartos, o conde estava sentado em um dos bancos do vestiário que os soldados usavam para se vestir. O lugar estava vazio, mas eu sabia que logo se encheria de homens preparados para a troca de turnos do almoço.

— O que está fazendo aqui? — perguntei, aproximando-me dele por trás. Matt se virou e sorriu quando me viu. — Não sabe que é inapropriado para um conde ficar sozinho em uma área de plebeus?

Com uma risada seca, ele respondeu:

— Você parece minha mãe falando. Quase me esqueci da sensação de ouvir algo assim. Ainda bem que ela agora se mantém invisível.

Eu sorri e me sentei ao seu lado. Matthew apoiou a cabeça em meu ombro e suspirou.

— Como você está, princesa? — perguntou, fazendo-me estremecer.

—Pare de usar meu título — pedi com a voz baixa. — Sabe que sinto como se fosse falso.

Matthew me olhou de soslaio e franziu o cenho.

Abaixei o olhar para meus pés.

—Você sabe que uma hora ou outra vai ter que reclamá-lo, certo? O reino não pode ficar sem um duque ou duquesa para sempre.

— Eu sei. Só não quero pensar nisso agora.

Ficamos por um tempo em silêncio, ambos desanimados demais para fazer alguma piada sobre a situação péssima em que nos encontrávamos.

— Como está Ean? — perguntei de repente, procurando quebrar o gelo. O conde endireitou-se no banco e respirou fundo.

— Ele vai sobreviver — murmurou, fitando o teto. — Só estou preocupado quanto ao jeito com que vai lidar com a morte dela. De qualquer modo, prometi a ele nunca sair do seu lado, então... — deu de ombros e fez um gesto amplo para o lugar — aqui estou.

— Isso é tão atencioso, Matt — eu falei, sorrindo. — Eu realmente espero que Ean se recupere.

— Mas e você? Se formos parar para pensar, você foi a que mais perdeu nessa história toda. — Ele olhou para mim e franziu o cenho.

Sem desmanchar o sorriso e tentando manter o otimismo, admiti:

— Dói. Muito. E eu sinto como se essa dor nunca fosse passar. Não é algo que você esquece, sabe? — Eu fiz uma pausa e suspirei mais uma vez, sustentando a expressão leve e relaxada. — Mas, como você disse, vou sobreviver. Posso aprender a lidar e conviver com a dor.

— Você sabe que também não sairei do seu lado, certo? Você é minha melhor amiga e eu jamais a deixaria na mão.

—Eu sei — sussurrei, ampliando o sorriso que agora se tornava verdadeiro. — Obrigada.

—Então... você conseguiu conjurar aquele raio? — perguntou com uma expressão brincalhona, mudando subitamente de assunto. Eu bufei e revirei os olhos.

—Não. Claro que não. E, honestamente, não sei se conseguirei. Sinto que o momento em que eu irei enfrentar Jordan está cada vez mais perto e não consigo impedir o medo que cresce em mim.

—Bom, então ache uma maneira de impedi-lo, porque você vai precisar. Se você deixar o pânico tomar conta, jamais será capaz de vencer isso.

Eu baixei novamente a cabeça para meus pés e estreitei os olhos.

— Sobre isso... eu precisava que você me respondesse algo.

— O que foi dessa vez?

— Você sabe se... — hesitei, incerta sobre como continuar. Organizei meus pensamentos por um segundo e continuei: — Você sabe se existe algum jeito de impedir que o feitiço de Jordan se complete?

— Apenas se você não morrer. Ele não pode tomar sua magia se não derramar seu sangue, como fez com... os outros.

— Eu não consigo nem conjurar um raio, Matthew. Como espera que eu sobreviva a Jordan?

— Eu já disse: você precisa se deixar libertar completamente. Mate-o você mesma, e assim não terá que se preocupar com isso.

— É *isso* o que você não entende — choraminguei. — Não sei se sou forte o suficiente para matá-lo, Matthew.

— Você é, não se preocupe — ele falou sorrindo, mas pude ver uma leve dúvida em sua expressão. Quando o encarei com descrença, o conde suspirou e hesitou antes de continuar: — Mas... se você realmente tem essa sensação... Bem, nunca devemos contrariar nosso instinto. Se você sente que não vai

conseguir sozinha, Catherine, há um jeito de fazer isso dar certo, mas é perigoso.

— Que jeito? — perguntei imediatamente.

Mesmo contestado, Matthew prosseguiu:

— Antes de completar o feitiço e matá-la, Jordan precisará renunciar a própria magia. Escuridão e luz jamais podem ficar em um mesmo corpo, ou as consequências seriam trágicas. Mas é claro que ele só o fará quando tiver certeza de que vai vencer, porque, do contrário, não conseguiria derrotá-la e continuar com o ritual. Então, teria um plano... — Ele ficou quieto por um momento, com uma expressão contrariada. Matt claramente não queria me dar aquelas informações, mas tinha tanto medo quanto eu de que Jordan pudesse vencer. Se eu mesma não acreditava em meu potencial, por que ele deveria? — Bem, é arriscado. Você praticamente estaria se suicidando, o que ambos sabemos que não vai acontecer.

—Conte-me — ordenei. — Matthew. Preciso de você para isso. Não esconda os detalhes de mim. Sabe que será pior.

Bufando com força, ele continuou:

—Você poderia enganá-lo por tempo suficiente para pensar que Jordan venceu, e assim ele renunciaria de sua escuridão para tomar sua luz. Seria nesse momento que você agiria. O feiticeiro estará significativamente frágil, não muito, mas o bastante para que você faça com ele o que ele planeja fazer com você.

— Como assim? — Franzi o cenho.

—Veja, a magia negra é muito mais instável e traiçoeira do que a magia branca. Ele renunciaria seus poderes, mas a escuridão apenas o deixaria quando a luz tomasse seu lugar. Desse modo, a magia estaria dormente, por assim dizer, e à procura de um novo hospedeiro para voltar à ativa. É como um vírus tentando espalhar sua doença.

— Sendo assim, eu poderia pegá-la para mim — concluí, finalmente entendendo onde ele queria chegar.

—Isso. Não seria necessário nenhum ritual ou sacrifício. Apenas chegar perto dele o suficiente para estar em contato com

seu corpo deve bastar.

—Mas... você disse que luz e trevas não podem habitar um mesmo corpo. O que aconteceria?

O conde olhou para a parede atrás de mim e balançou a cabeça, assumindo uma expressão arrependida. Matthew estava claramente dividido entre me manter protegida e salvar a vida de quem eu amava, incluindo a própria.

— A magia da luz não pode ser renunciada. Ela *nasce* com você. É sua, e permanecerá em você até o dia em que morrer, mesmo que escolha não usar — sussurrou por fim. Ele voltou a me encarar e pude ver seus olhos brilharem com algumas lágrimas que piscou para afastar. — Você morreria se tentasse o que acabei de lhe explicar.

Eu anuí com a cabeça, absorvendo aquela informação. Embora estivesse aterrorizada, o meu medo era mais da possibilidade de estragar tudo e deixar Jordan escapar do que da morte.

—Eu vou precisar da sua ajuda — falei por fim, decidida quanto à minha decisão. Engoli o choro enquanto falava. — Preciso que proteja os meninos por mim e proteja a si mesmo também enquanto eu estiver fora. Eu tentarei voltar, Matthew, mas não sei se...

— Não — interrompeu-me. — Isso não é uma opção, Catherine. Você não vai se matar — disse de maneira dura e autoritária.

— Não é a sua decisão para tomar! — gritei, sentindo meus olhos finalmente marejarem. — Você não pode decidir por mim. Sou eu ou vocês todos, e eu não vou perder mais ninguém. Eu não posso. Eu... não consigo — falei com a voz embargada devido ao nó que se formara em minha garganta. Reprimi um soluço e balancei a cabeça, fitando o nada.

Por um longo momento, o conde hesitou, parecendo muito perturbado. Quando voltou a falar, sua voz era baixa e cheia de medo:

— Você tem certeza disso, Catherine? Tem certeza do que quer fazer?

Eu ergui a cabeça e cravei meu olhar no seu. Eu precisava fazer com que ele visse que minha decisão não era precipitada. Mantendo a voz firme, eu disse:

— Sim. Eu preciso fazer isso, Matthew. Eu preciso matar meu irmão, mesmo que custe minha própria vida.

****

Andei descalça pela grama e deixei o vento frio da noite bagunçar meus cabelos. Depois da minha conversa com Matthew, passei algum tempo a mais com Jonathan e com meus amigos antes de pedir licença para tomar banho. Corri para o quarto e troquei de roupa, colocando uma confortável calça de montaria que era grudada ao corpo e uma camisa do menor tamanho que pude encontrar, que coube perfeitamente em mim. Então discretamente passei pelas portas de vidro do castelo e adentrei o jardim.

Ali, parada no meio do lugar, respirei fundo e tentei gravar a paisagem na mente. Quando me senti pronta, tomei ar e vociferei:

— Jordan! Eu sei que pode me ouvir. Vamos acabar logo com isso, feiticeiro. Encontre-me no lugar onde tudo começou para darmos um fim a essa história.

Esperei por um momento, mas nada aconteceu. Portanto, comecei a andar até a floresta, torcendo para que ele tivesse recebido o recado.

Minha caminhada foi lenta. Estar descalça não ajudou, mas eu queria poder sentir a natureza sob meus pés enquanto marchava para minha morte. Quando finalmente cheguei à clareira horripilante, Marian e Andrew me saudaram.

— Ah, pensamos que você nunca viria — bufou o ex-guarda, revirando os olhos. — Por que demorou tanto?

Eu o ignorei.

—Onde está Jordan? — perguntei, cerrando os punhos. — Meu assunto é com ele, não com vocês.

—Ele nos mandou para verificar se você estava falando sério — Marian explicou, assumindo uma expressão de tédio.

Ignorando-a também, fui ao meio da clareira e gritei:

—E então *eu* sou a fraca, Jordan? Você manda seus empregados para fazer seu trabalho sujo ao primeiro sinal de ameaça, e *eu* ainda sou a covarde por aqui? — Sorri diabolicamente, sabendo que a provocação o enlouqueceria. — Onde está sua coragem agora, feiticeiro?

—Do que você nos chamou, sua...? — Marian começou com raiva, mas foi interrompida por uma nuvem de névoa que a engoliu e a fez desaparecer junto a Andrew. Em seu lugar, Jordan surgiu, sustentando em seu rosto um sorriso falso.

— Maninha. Que saudade — saudou, abrindo os braços acolhedoramente. Fiquei onde estava. — O quê? Sem abraços no seu irmãozinho favorito? Ora... vamos, onde está o espírito familiar? — Então, ele fechou os olhos e estalou os dedos como se deduzisse a resposta. — Ah, já sei! Você deve estar se perguntando como eu descobri que sabe sobre nosso parentesco. Bom, não deveria estar surpresa. Afinal, ouvi o seu pequeno discurso no jardim, certo?

Não pude deixar de me perguntar o que mais Jordan sabia sobre minha vida e confesso que imaginar o que poderia fazer com tantas informações me deixou um pouco desesperada. *Foco, Catherine*, pensei. *Tudo acaba hoje, de uma maneira ou de outra*.

— Eu quero me render — falei, aproximando-me dele. Seu sorriso sumiu, e eu deixei meu medo transparecer, torcendo para que ele pensasse que fosse medo da morte e não da probabilidade de erro do plano.

— O quê?

— Eu quero me render — repeti.

— Não, não quer — Ele riu. — A quem você pensa que engana, querida? Eu não nasci ontem.

—Eu quero, Jordan. Estou cansada disso. Eu e você sabemos que não posso vencê-lo. Eu não consigo nem conjurar um raio, quem dirá matar um feiticeiro. Eu nunca nem reagi aos seus ataques. No fundo, sempre soube que não sobreviveria a este momento — falei, permitindo que algumas lágrimas falsas

transbordassem e escorressem por meu rosto. — Eu *quero* me render, mas com uma condição.

— Você acha mesmo que me engana? — perguntou, fechando o rosto em uma expressão diabólica que me fez tremer. Minhas mãos suavam enquanto ele se aproximava de mim, nada perto de acreditar em minha encenação. — Com quem acha que está falando, garota?

— Eu estou falando a verdade. Mas, se não quer acertar minha oferta, pode lutar comigo. Talvez vença, talvez não. Ou talvez eu fuja. Quem sabe? — eu disse e dei de ombros.

Após um longo momento em silêncio, a sede de poder finalmente venceu a desconfiança e Jordan falou:

— Qual sua condição?

—Deixe Jonathan, Ean e Matthew em paz. Você já me tem e já me causou sofrimento o bastante para que eu me entregasse. Prometa para mim que vai deixá-los viver e então eu permito que faça o que quiser comigo.

Ele sorriu maliciosamente e balançou a cabeça, deliciando-se com o momento de vitória, completamente absorto em minha mentira.

— Veja, Catherine... esta é a grande diferença entre nós — falou, começando a me rodear como um caçador ronda sua caça. Mal sabia ele que eu estava longe de ser sua presa naquela noite e que ele estava longe de ser meu predador. — Você deixa essas patéticas emoções humanas interferirem em sua vida. Mas eu não. E é isso o que me torna forte e te torna fraca.

—Você aceita ou não? — indaguei, já com raiva de ouvi-lo discursar sobre minha fraqueza.

— Eu aceito — disse finalmente.

Eu me ajoelhei e encarei a negritude em seus olhos. Respirei fundo e ergui o queixo, não mais temendo a escuridão dentro do feiticeiro. Aquele era o fim, e aconteceria o que tivesse de acontecer. Meu medo somente diminuiria minhas chances, então eu me forcei a expulsá-lo de meu corpo enquanto via Jordan se aproximar.

Aquele era o meu destino. Eu tinha de fazer aquilo. Eu nasci para aquele momento. Proteger quem eu amava era meu legado que herdei de Samantha.

E, como ela, eu também não tinha medo da morte.

— Faça rápido — pedi, o que acentuou seu sorriso cruel.

O feiticeiro acabou com a distância entre nós e sacou uma faca do cinto. Seu punho estava na altura de meu coração, e eu sentia a pulsação latejar em meus ouvidos. Pude ver o brilho maligno em seu olhar e soube, naquele momento, que Jordan estava tão perdido na escuridão que nenhuma magia da luz poderia salvá-lo.

—Adeus, irmãzinha — sussurrou, e foi quando eu soube que ele havia renunciado de seus poderes. Eu podia ver que seu sorriso diminuiu conforme perdia sua magia.

Então, ele golpeou.

Agarrei seu punho, amparando o impacto, e a faca rasgou minha roupa. Senti um pequeno fio de sangue quente escorrer por dentro da camisa, mas o corte não havia sido profundo. Lutei com sua força e deixei o poder fluir para minhas mãos enquanto levantava lentamente para olhá-lo nos olhos.

— Eu *não* sou sua irmã — murmurei.

Sua expressão de raiva desumana foi substituída por dor e surpresa quando apertei mais seu braço e esquentei mais meus dedos em sua pele. Com um gemido frustrado e doloroso, ele soltou a faca e livrou-se de meu toque.

Chutei a lâmina para longe e empurrei Jordan para a grama, aproveitando minha janela de surpresa. Mas ele se recuperou rápido e engatinhou para longe quando eu ameacei prendê-lo com meu corpo.

Levantando-se, estendeu a mão em minha direção, e eu senti que ele tentava trazer de volta a si a magia negra que ainda o habitava. Eu não podia deixar que aquilo acontecesse. Precisava prosseguir com o plano.

Ergui o braço e um jato de água saiu da palma da minha mão, que o atingiu e o derrubou novamente. Meus dedos

gesticularam no ar como uma garra e eu golpeei horizontalmente, arrancando do chão uma árvore e lançando o tronco na direção do feiticeiro.

Ele se abaixou para desviar do grande pinheiro e gritou. Eu comecei a andar lentamente em sua direção e virei ambas as palmas para o chão, concentrando-me em distraí-lo de sua tarefa principal: recuperar a força e a magia.

Um terremoto abalou a terra sob nossos pés e o fez tropeçar enquanto tentava levantar novamente para me atacar. Eu agradeci mentalmente pelo fato de que ele não podia revidar, ou toda aquela minha encenação pareceria uma brincadeira em comparação com seu poder.

Olhei brevemente para o céu e deixei que as nuvens se acumulassem, conforme encurtava a distância entre nós com os olhos fixos nos do feiticeiro. Ele estava com medo e me encarava horrorizado.

O vento ao redor de nós uivou ao passar e bagunçou meu cabelo. Ergui o queixo e parei na frente de Jordan, que ofegava enquanto tropeçava no chão já lamacento por conta da chuva ao tentar se afastar. Eu me ajoelhei e agarrei sua camisa, trazendo-o para mim.

— *Nunca mais* me chame de fraca.

Jordan engoliu em seco.

Segurando-o firmemente pela gola, pressionei a mão em seu coração e inspirei fundo enquanto tomava seus poderes para mim.

Quando percebeu o que eu tentava fazer, o feiticeiro se recuperou rapidamente e me empurrou para trás, usando a pouca força que havia sido capaz de reaver no curto período de tempo em que tentou fazê-lo.

Eu voei uns poucos metros e aterrissei de costas na grama. Apesar da dor lancinante que me atingiu, levantei ao mesmo tempo em que Jordan cambaleava até mim. Quando ele tentou atacar novamente, fui mais rápida: lancei em sua direção uma grande esfera de fogo, que passou raspando por seu braço antes de o feiticeiro pular para desviar.

Ele caiu no chão com um grito de dor. A manga direita de sua roupa estava queimada e um pouco de sangue manchou a mão esquerda, que pressionava o ferimento. Ataquei mais uma vez, dessa vez errando de propósito. A esfera flamejante queimou o chão a um centímetro de sua perna, e eu andei até ele novamente.

— Você não vai vencer, Catherine — falou, cuspindo um pouco de sangue e água da chuva que nos encharcava.

Meu cabelo grudava na testa e eu sentia o frio perfurar a barreira de adrenalina que havia se formado ao redor de mim. Eu os ignorei. Não eram relevantes. O que importava era Jordan e meu plano de vencê-lo. Mais uma vez parei acima dele, que estava agora ajoelhado, e falei, ofegante:

—Você não vê, Jordan? — Sorri e me ajoelhei à sua frente. Dessa vez, deixei minha mão acender-se com fogo antes de tocá-lo. Quando pressionei a palma novamente em seu coração, encarei seus olhos e falei por cima de seu grito de dor: — Eu *já* venci.

Puxei para mim seus poderes, o que fez com que gritasse ainda mais. Eu me juntei a ele quando experenciei a magia negra juntar-se à branca, sentindo como se uma grande bomba estivesse explodindo meu corpo de dentro para fora.

Forcei-me a me manter consciente enquanto permitia que a escuridão tomasse conta de mim. Minha visão ficou turva, e Jordan parou de gritar. A dor aumentou. Eu o ouvi se afastar e vagamente o vi cambalear até o meio da clareira.

Arfando, levantei-me com um grande esforço para impedi-lo de fugir, mas não precisei ir muito longe. Jordan não estava fugindo; pelo contrário, ele agora voltava para mim, mas dessa vez com algo brilhando em suas mãos ao refletir o brilho fraco da lua.

A faca.

Não.
Não, não, não.
Arregalei os olhos.
Ele não podia.

Não podia me matar, ou todo o meu esforço teria sido em vão.

Mas ele iria.

Ele iria me matar.

A cada segundo, Jordan dava mais um passo vacilante em minha direção. Eu estava fraca demais para correr e ainda mais fraca para lutar novamente. Então, fiz a primeira coisa que pude pensar: fechando os olhos, deixei as palavras de Matthew ecoarem em minha mente.

"Você não está se soltando completamente, Catherine... você precisa se deixar libertar completamente. Mate-o você mesma e então não terá que se preocupar com isso".

Abri os olhos novamente e respirei fundo.

Encarei Jordan e forcei minha visão clarear.

Deixei minha magia — a *minha* magia, a magia *branca* — se espalhar pelo meu corpo. Ela era minha e sempre seria, até o momento em que eu morresse.

Esvaziei a mente de qualquer medo, preocupação ou dúvida. *Esse é o meu legado*.

Olhei para o céu tempestuoso.

Essa é a minha herança.

Então, ergui um braço e deixei toda a minha magia correr livremente por meu corpo.

A sensação foi indescritível. Era como afundar em uma banheira de água fervente, com exceção de que eu também sentia meu interior queimar e, ao invés de me ferir, aquele calor me energizava e me dava forças. Impulsionava o sangue em minhas veias cada vez mais rápido e com mais intensidade, acelerando meu coração e minha respiração. A magia pulsou e rugiu dentro de mim como uma fera adormecida que acabara de acordar. Permiti que a eletricidade se libertasse, que a dor se transformasse em poder. A chuva se intensificou. O vento quase me tirou do chão com uma rajada. Um trovão ribombou no céu.

Olhei para Jordan. Ele estava apenas a alguns passos de mim, mas havia parado de andar e encarava minha mão, que soltava faíscas de eletricidade, com terror.

— Isso é por eles — gritei acima do barulho da tempestade. — Por *todos* eles!

Com um último lampejo de sanidade e consciência, abaixei a mão em um golpe na direção do feiticeiro. Um relâmpago desceu dos céus e atingiu o exato ponto em que Jordan estava. Fumaça brotou da terra carbonizada.

Finalmente, um raio, pensei. *Você ficaria orgulhoso, Matthew*.

Meus joelhos se dobraram e eu caí no chão. Senti a escuridão tomar minha mente enquanto minha concentração se quebrava.

Deixei que a chuva se dissipasse conforme me entregava à inconsciência e sentia a vida se esvair de mim.

Capítulo 34

EAN

Eu encarei enquanto o príncipe andava de um lado para o outro, exalando preocupação e arrependimento ao murmurar palavras sem sentido para si mesmo. Com um suspiro pesado, sentei-me no banco de pedra e encarei as árvores, desejando poder ver além da escuridão. A luz fraca da lua iluminava apenas um pouco do jardim onde estávamos, refletindo nas gotas de orvalho das flores e folhas e da grama no chão.

A cada minuto que se passava, sentia meu nervosismo aumentar. *Onde você está, Matthew? Volte para mim, por favor*.

Fechei os olhos e inspirei profundamente, tentando acalmar meus nervos. Minha perna começou a se mexer involuntariamente em um tique ansioso e eu bloqueei as tentativas traiçoeiras de meu subconsciente de me encher de medo, listando as piores explicações possíveis para a demora do conde em voltar à segurança relativa do castelo. *Está tudo bem*, mentalizei. *Ele está vivo e só está tendo dificuldades para encontrá-la*.

— Já chega — Jonathan disse, parando de andar e virando para a floresta à nossa frente. Levantei-me, alarmado com seu movimento abrupto. — Eu vou até lá. Deve ter acontecido alguma coisa, Ean. Eles não deveriam estar demorando tanto...

— Jonathan, não. — Fui até o príncipe e o segurei pelo braço, atraindo sua atenção para mim. Balancei a cabeça quando seus olhos suplicaram silenciosamente. Eu sabia como ele se sentia porque estava na mesma situação, mas não podia deixar o sentimento tomar conta; não com tanto perigo iminente ao nosso redor. — Nós não podemos. Se algo aconteceu com eles, ir até lá seria suicídio. Odeio pensar dessa forma, mas temos que nos manter protegidos. Você sabe que nenhuma arma seria párea para a magia daqueles feiticeiros. Temos que esperar.

John olhou mais uma vez para a floresta, franzindo o cenho com tanta profundidade que pensei que uma depressão se formaria entre suas sobrancelhas. Ainda relutante, ele recuou em silêncio e voltou a andar nervosamente, arrancando de mim um suspiro aliviado. A razão ainda estava presente em si.

Eu não o julgava por estar tão preocupado. Céus, eu mesmo estava me sentindo à beira da insanidade por não ter uma notícia sequer de Matthew e Catherine enquanto esperávamos. Mas era necessário que ficássemos ali, esperando, porque, caso contrário, eles não seriam os únicos desaparecidos.

Amaldiçoando minha frieza adquirida por muitos anos de combate, fitei as árvores mais uma vez. Eu precisava controlar cada músculo, cada nervo e cada célula de meu corpo para não sair correndo em direção à trilha que levava àquela clareira. Parecia uma tarefa impossível com a qual prosseguir e, depois de mais alguns minutos parado, em pé, senti minha cabeça começar a latejar.

Esfreguei as têmporas e fechei os olhos com força, concentrando-me me minha respiração para me distrair da dor que despontava do fundo de meu cérebro. Então, ouvi.

O leve farfalhar das folhas das árvores me chamou atenção e eu ergui a cabeça. Jonathan ainda continuava andando como um leão preso em uma jaula, absorto em seus próprios pensamentos, e não parecia ter escutado nada. Apurei os ouvidos, tentando captar o som mais uma vez. Por um instante, quando se fez silêncio, pensei que havia apenas imaginado aquilo, devido ao cansaço e à preocupação que sentia. Mas, no segundo seguinte, o barulho se repetiu, e dessa vez não houve dúvidas: havia alguém na floresta.

Com passos hesitantes, andei na direção do som e enrijeci o corpo quando ele se repetiu, parecendo cada vez mais perto. Daquela vez, até mesmo o príncipe percebeu e virou-se para a floresta. Parou ao meu lado e esperou, ansioso.

Poderia ser qualquer um, tanto amigo quanto inimigo. Eu desejei poder ter minha espada ou, no mínimo, um arco com flechas, apenas por precaução, mas as armas estavam muito longe dali e não havia tido coragem de abandonar meu posto de vigia.

A pulsação ribombando em meus ouvidos quase foi o suficiente para abafar o farfalhar dos galhos ao mesmo tempo em que alguém se movia cada vez mais perto de nós. Dei mais um passo à frente quando pude distinguir uma sombra em meio ao verde das folhas e pulei quando vi exatamente quem esperava ver.

Matthew parou diante de nós, ofegante, o cabelo desgrenhado e com alguns arranhões superficiais no rosto; fora isso, estava ileso. Eu corri até ele, mas parei quando vi sua expressão de pânico. *Algo está errado,* pensei, sentindo meu corpo se retesar novamente. Baixei um pouco o olhar e percebi a fonte do problema.

Catherine jazia inconsciente em seus braços, com as roupas um tanto rasgadas e os cabelos molhados. No ombro, um grande corte sangrava e manchava a manga de sua camisa. Um pequeno filete carmesim se estendia do centro do peito ao meio do abdômen e sua origem parecia ser um pequeno machucado no meio das costelas.

Jonathan foi o primeiro a reagir. Ele foi a passos rápidos até o conde e, enquanto erguia a mulher em seus próprios braços para levar de volta ao interior do castelo, vi lágrimas invadirem seus olhos. Com espanto, percebi que era a primeira vez que testemunhava o príncipe chorar; constatei também que não gostaria nada de ver a cena novamente.

Virei-me e me atirei em Matthew, envolvendo seu corpo com tanta força que ele engasgou.

— Eu pensei que tivesse te perdido — murmurei, a voz rouca. — Nunca mais faça isso.

Ele se afastou um pouco e sorriu minimamente, olhando-me nos olhos. Foi bom ver a familiar imensidão verde-amarelada de que eu tanto gostava, mas pude perceber que havia algo errado pela forma que a preocupação tensionava seus músculos.

— Eu prometi que estaria aqui para sempre, não prometi? Jamais sairei do seu lado — sussurrou.

Colei nossos lábios por longos segundos, permitindo-me apreciar a sensação maravilhosa que o alívio de o encontrar vivo me

proporcionava. Então, eu nos separei e rodeei seu rosto com ambas as minhas mãos, acariciando suas bochechas gentilmente.

—O que houve com ela? Por que você está tão aflito? — perguntei baixinho.

Com um suspiro pesado, Matt desviou o olhar para a porta, por onde o príncipe passara e desaparecera dentro do palácio.

— É a escuridão — disse, sua voz mal saindo em um sussurro amedrontado. — Está dentro dela.

Eu estremeci. Nunca havia presenciado um pânico tão profundo tomar conta dele, e não gostei nem um pouco daquilo. Suas palavras transferiram para mim parte do medo.

— Vamos entrar, então. Jonathan deve estar arrancando os cabelos de preocupação.

Nós passamos rapidamente pelos corredores e pelas escadas, assumindo que o príncipe levaria a garota até o quarto dela.

Estávamos certos.

Assim que chegamos, ele se virou para Matt e disse com a voz entrecortada pela respiração ofegante:

—Você precisa ajudá-la... Por favor, Matthew. Faça alguma coisa. Qualquer coisa. — Lágrimas escorreram por seu rosto. — O coração dela não está batendo — sussurrou. Mordeu o lábio com força ao olhar novamente para Catherine, que estava deitada na cama com uma aparência péssima. Ele ajoelhou-se ao lado do colchão e pegou a mão dela, embalando-a nas suas.

O impacto de suas palavras me atingiu com força e eu perdi o fôlego, virando-me imediatamente para o conde.

—Ela está morta? — perguntei em um arquejo. — Ela não pode estar morta, Matthew. Ela...

Parei de falar quando vi seu olhar profundamente triste.

— Não podemos saber com certeza ainda — murmurou. — Seu coração vai oscilar enquanto ela luta. Cath é forte, mas eu não tenho certeza de que conseguirá vencer a

escuridão. Essa magia... é muito poderosa. Nunca houve um mago na história que foi capaz de combater seus efeitos. É uma surpresa que ela ainda esteja respirando.

Eu constatei que meus próprios olhos haviam marejado. Catherine estava morrendo. Aquele seria seu fim. A garota mais altruísta que eu havia conhecido, a melhor amiga de minha irmã, agora estava nos deixando também.

Aquilo não parecia ser possível. Quem a visse viva, jamais poderia imaginá-la morta. Catherine Fairway era tão cheia de luz que vê-la ali, deitada, imóvel e sofrendo fazia o resto do mundo se apagar.

Mesmo eu não tendo sido tão próximo dela quanto Jonathan, Matt ou Íris, Cath havia desempenhado um papel importante em minha vida, pelo qual eu seria eternamente grato. Ela me mostrara o verdadeiro valor de uma amizade e também a importância do caráter de uma pessoa no primeiro dia em que nos vimos; ela enfrentou a maior ameaça com a qual eu já havia me deparado em toda a minha vida, em prol da minha felicidade e da de Matthew; acima de tudo, Catherine Fairway deu a sua vida para salvar a nossa, depois de perder o pai e a melhor amiga.

Eu não estava pronto para deixá-la ir. A verdade era que, além de ser a pessoa maravilhosa que era, a garota deitada naquela cama me lembrava mais de Íris do que eu gostava de admitir, e eu via nela a irmã mais nova que nunca tive. O luto pela morte da minha gêmea estava muito recente e tudo o que eu menos queria era ter que me despedir de Catherine também.

Eu sabia que a dor de Matthew seria muito maior que a minha; e a de Jonathan, provavelmente o triplo da de todos nós. Então, imagine o nosso alívio quando, depois de alguns longos minutos de desespero, uma respiração ofegante vinda de onde ela estava nos chamou a atenção.

CATHERINE

Puxei o ar para meus pulmões com força e imediatamente tossi. Eu sentia como se estivesse inspirando poeira e fumaça ao mesmo tempo. Minha visão estava embaçada. Meus músculos pareciam imobilizados e doloridos. Minha pulsação estava tão lenta que a inconsciência ameaçava me invadir novamente.

— Catherine? Você está ouvindo? — uma voz perguntou, parecendo distante e abafada. Eu pisquei e vi uma sombra bloquear minha visão. Vagamente distingui um contorno amarelo e outros dois pretos. — Cath? Você está bem?

Eu tentei abrir a boca para responder, mas tudo o que saiu foi um suspiro e um gemido. Minha garganta queimou como se tivesse bebido algo muito quente quando tentei dizer algo. As sombras sumiram de meu campo de visão e outra voz falou:

—Ela ainda não se recuperou. Temos que dar a ela um tempo, Jonathan. Deixe-a descansar.

— E se ela não se recuperar? E se...

—Ela vai — interrompeu outro alguém. — Ela *tem* que se recuperar.

Eu voltei a apagar, entregando-me à dor física que se alastrava por todo o meu corpo.

Depois desse episódio, tudo o que me lembro é de ter *flashes* de consciência e até mesmo algumas alucinações em que Luke e Íris conversavam comigo. Em uma das vezes que consegui reabrir os olhos e voltar à superfície, pude sentir vagamente alguém segurando minha mão e ouvi-lo falando, distante:

—Por favor, Catherine... volte para mim. Eu... eu preciso de você. Por favor. — Uma pausa. Um soluço. — Eu te amo.

Com toda a força que consegui juntar, ignorei a dor em meu braço e tentei mover os dedos, apertando a mão de quem segurava a minha. O gesto fez a pessoa se levantar imediatamente e posicionar-se em meu campo de visão borrado. Tentei sorrir, mas não sabia ao certo se meu corpo obedecia ao meu cérebro.

Então, mergulhei mais uma vez na escuridão, afundando completamente.

****

Acordei mais uma vez e estava preparada para outro curto período de lucidez quando percebi algo diferente: minha visão não estava mais embaçada, a dor em meu corpo havia sumido, e eu podia ouvir claramente as vozes discutindo ao meu lado:

— Não é possível que não haja nada que possamos fazer, Matthew — Jonathan disse, nervoso. — Já faz dias! Devíamos levá-la a um hospital, ou ao menos até a enfermaria do castelo. Podíamos...

—Não — o conde o interrompeu bruscamente. — Não há nada que os médicos possam fazer que vá ajudá-la, Jonathan. Essa é uma batalha que Catherine deve lutar sozinha. Não devemos interferir na disputa entre luz e escuridão.

— Eu estou farto dessa história toda de magia! — o príncipe gritou. — Foi lutar sozinha que quase a matou, Matthew, e olha onde estamos agora! Quer mesmo permitir que sua amiga morra sem fazer nada?

Eu não estou morrendo, pensei, desejando poder conseguir falar. *Eu estou aqui. Eu não os deixei ainda*.

—Ela não vai morrer, Jonathan. Você pode, por favor, confiar em meus instintos? Senão, confie na força dela. Não acha que Cath seja capaz de vencer isso?

—Não se trata do que eu acho, mas sim do que vejo! Não posso simplesmente ficar rezando e torcendo para as coisas acontecerem, precisamos fazer algo! — vociferou.

Parem de brigar, por favor, eu queria dizer. *Por favor*.

— Pelo menos uma vez na vida, Jonathan Heronwood, *escute-me*. Você não vê que não está ao nosso alcance? *Ninguém* jamais sobreviveu à condição em que Catherine se encontra. *Ninguém*. Não há nada nos livros de magia da biblioteca real, e você sabe que procurei em todos eles.

— Então vamos à outra biblioteca. Vamos procurar em outros livros! — exclamou, ainda mantendo a voz alta. Eu senti meu corpo estremecer levemente. Odiava ouvir aquele tom saindo de John; lembrava-me muito de seu pai.

Por favor, pare de gritar, implorei mentalmente. *Por favor*.

—Eu não acho que isso... — o conde começou, mas interrompeu a si mesmo. Por um instante, pensei que algo tivesse acontecido para impedi-lo de continuar, como o início de uma briga física. Mas logo ele voltou a falar e o alívio me invadiu. — Espere... acho que ouvi alguma coisa.

— Eu não ouvi nada... — falou o príncipe, abaixando o tom de voz.

— Não. Eu definitivamente ouvi algo.

— O que você...

— Shhhh! Deixe-me me concentrar.

O silêncio se instaurou na sala antes de Matt se pronunciar novamente.

Catherine?

Por um instante, pensei que ele estivesse me chamando em voz alta, mas então percebi que o conde havia se comunicado mentalmente.

Sim, pensei. *Estou aqui. Estou aqui*.

—É ela! — gritou. Ouvi seus passos quando ele se aproximou da cama e entrou em meu campo de visão. — Ela acordou, Jonathan!

— Ela provavelmente vai apagar novamente, Matt. É disso que estou falando — o príncipe murmurou, parecendo

cansado.

— Não — insistiu Matthew. — Ela se comunicou comigo. Estava ouvindo nossa conversa, John. Ela *está acordada*.

Então, Jonathan também surgiu acima de mim com o cenho franzido, e eu arfei ao vê-lo.

Sua aparência estava péssima. Enquanto o conde parecia o mesmo de quando o vi pela última vez, o príncipe tinha olheiras profundas, olhos opacos e sem brilho e uma barba por fazer da cor de seus cabelos desgrenhados, que o deixaria um tanto sexy se não estivesse misturada à péssima careta que recebi quando o vi. Ele parecia um homem exausto e triste, o que fez com que novamente me recordasse de seu pai. Não gostei nem um pouco dessa sensação.

— Você tem certeza de que ela estava nos ouvindo?

Sim, pensei, afastando meus pensamentos sobre sua aparência. *Eu estou aqui. Eu consigo vê-los*.

— Sim! — Matt repassou minha mensagem, entusiasmado. — Ela está de volta, John, ela está de volta!

—Então por que ela não fala? — ele perguntou, ainda duvidoso quanto à minha condição. Provavelmente, já presenciara tantos alarmes falsos causados pelos meus *flashes* de consciência que perdera a esperança de que fosse me ver novamente acordada.

Hesitei para responder.

Eu não consigo. Minha garganta dói, pensei.

— Pegue um copo de água — o conde pediu imediatamente.

John obedeceu. Um instante depois, seus olhos brilharam com esperança conforme eu permitia que o líquido

descesse pelo meu esôfago. *Aí está o homem que conheço*, pensei, sorrindo por dentro.

Matt ergueu uma sobrancelha para mim, e eu senti minhas bochechas esquentarem quando percebi que ele ainda lia meus pensamentos sobre Jonathan. Desviei os olhos quando ele sorriu e ergueu o rosto para encarar o príncipe.

— Ela está dizendo que sua barba o deixa parecendo um velho. E que seu cabelo está grande demais — ele zombou, colocando as mãos na cintura.

John franziu o cenho novamente e me olhou, procurando confirmação quanto às palavras do conde. Quando deu uma bela estudada em meu rosto, sorriu e abaixou-se para beijar minha testa.

— Não, ela não está — murmurou ao roçar o nariz no meu. Afastou-se um centímetro de meu rosto e cravou os olhos nos meus. — Bem-vinda de volta — sussurrou.

Sorri.

—Está bem, está bem. Chega disso, vocês dois. Estou quase vomitando aqui — Matt protestou, fazendo drama do jeito que sabia bem.

Revirei os olhos, arrancando uma gargalhada de Jonathan. Amei poder ouvir aquele som novamente.

Preciso de mais água, pensei. Tossi para testar minhas cordas vocais e deixei o conde encostar o copo mais uma vez em meus lábios. O líquido desceu e clareou minha garganta.

— Consegue falar agora? — perguntou com expectativa.

— Acho que sim — tentei, fazendo sair um sussurro rouco. Tossi novamente e me esforcei mais uma vez: — Acho que sim.

Minha voz ainda era rouca e áspera, mas pelo menos era audível.

— Vou buscar algo para comer — John disse, levantando-se em um salto. — Volto já.

Ouvi a porta se abrir e então se fechar, deixando Matt e eu a sós. O conde sorriu para mim, e eu virei a cabeça em sua direção.

— Consegue mexer alguma parte do corpo?

— Provavelmente sim — murmurei. — A dor se foi, mas ainda sinto meus músculos pesados.

—Bem, você lutou muito por todos esses dias. Não é de se admirar que possa demorar um pouco para voltar ao normal.

— Quanto tempo? — perguntei, sabendo que não seria necessário concluir a pergunta. Movi os dedos da mão, e ele assentiu em aprovação.

— Apenas uma semana e meia — disse um pouco nervoso. Eu praguejei baixo. Era bastante tempo para estar dormindo.

— E Jordan? — indaguei, incerta sobre querer ou não saber a resposta. Movi um pouco os braços, e ele me observou antes de responder.

— Bem, havia um corpo carbonizado lá. Era Jordan? Não pude identificar.

—Sim, era. Eu usei um raio, Matt — falei, exibindo-me e sorrindo.

O conde riu alto e balançou a cabeça, passando a mão pelos cabelos.

— Céus, senti sua falta — murmurou, fitando-me melancolicamente. Peguei sua mão e a apertei, lançando-lhe um sorriso reconfortante.

—Está tudo bem agora, Matt. Eu estou aqui — sussurrei.

Ele deixou uma lágrima escorrer e a limpou rapidamente, pigarreando para mudar de assunto:

—Então... como foi? Com Jordan? Você teve... algum *sentimento* quando o matou?

Por um momento, pensei sobre o assunto. Obviamente, não havia sentido nada revigorante ou feliz em tirar uma vida; mas, diferentemente do que achava, também não senti remorso ou arrependimento. Eu não pensei sobre o que estava fazendo. Apenas... fiz.

—Ele não era meu irmão de verdade, Matt — falei finalmente com um suspiro. — Podia ter o mesmo sangue que o meu, mas não era meu irmão. Jordan era apenas alguém que tentou me machucar tirando de mim as pessoas que eu amava. — Fiz uma pausa, pensando. Fitei o teto e dei de ombros. — Mas... não o culpo, sabe?

O conde ergueu uma sobrancelha e me encarou como se eu tivesse acabado de lhe dizer que dinossauros ainda existiam.

— Quero dizer que... — eu me apressei em explicar, remexendo-me desconfortavelmente no colchão. — sim, ele era horrível, mas... não tenho certeza de que eu mesma teria sido alguém melhor se tivesse passado pelo que ele passou, entende? Samantha o abandonou, Matt. Ela o deixou e correu para os braços do marido, porque não queria um bebê. Ela não pensou no que essa ação podia causar na vida de uma criança e... bem, aqui estamos.

Matthew me fitou por um instante pensando, e então suspirou. Disse com a voz baixa:

— De certo modo, você está certa. Mas a escolha de *como* lidar com este fato sobre o abandono foi inteiramente de Jordan. Sei que você prefere sempre ver o lado bom das pessoas, Cath, mas ele estava perdido. Não havia lado bom nele.

—Eu sei. Eu *vi* isso, Matthew. Eu vi nos olhos dele — murmurei, dando uma ênfase sombria em cada palavra da última frase. Lampejos de quando Jordan me encarava e sorria ao segurar o punhal na altura do meu coração invadiram minha mente. Eu estremeci e fechei os olhos, balançando aquelas memórias para longe de meu consciente. — Só estou feliz que tenha acabado. Finalmente podemos respirar aliviados.

Ele sorriu e olhou para o lado, pronto para dizer algo, mas parou assim que abriu a boca. Seus olhos se cravaram em um ponto do quarto e a expressão ficou séria, seus lábios entreabertos.

— O que foi? — perguntei, alarmada. Por um segundo, pensei que Marian ou Andrew pudessem estar de volta para se vingar, mas então eu virei a cabeça e entendi o que o deixara surpreso. — O que é isso? — sussurrei.

— Eu não faço ideia.

O conde se levantou e foi em direção à fonte de nosso espanto: o livro vazio que havia encontrado na biblioteca agora jazia na minha poltrona perto da sacada e brilhava tão intensamente que pensei ter uma tocha dentro de si.

Hesitante, Matt se aproximou do objeto luminescente e o tocou com certo receio, como se temesse que ele pudesse explodir. Quando teve certeza de que não era o caso, trouxe-o para mim e subiu na cama.

— Você acha que ele quer que nós o leiamos? — indaguei, curiosa.

— Mas pensei que ele fosse vazio...

— Pode ser um livro mágico, Matthew. — Ele me olhou com o cenho franzido e parecia prestes a descartar a possibilidade, mas fui mais rápida: — Só iremos saber se o abrirmos, então, abra-o!

Ele me obedeceu, mesmo que relutante, e folheou o pesado tomo brilhante. A cada página em branco que passava, a luz se tornava mais intensa, até que, bem no meio do livro, o clarão era tão forte que fomos obrigados a fechar os olhos.

Por alguns segundos, percebi por trás das pálpebras que a claridade ainda estava em sua total força, mas então, gradualmente, o brilho se apagou e se tornou seguro abrir os olhos.

Onde antes a luz resplandecia, agora havia algumas manchas de tinta preta. Eu arfei ao vê-las.

— Isso não estava aí antes! — exclamei.

— Tem certeza? — o conde perguntou, duvidoso e descrente. Seu cenho se franziu novamente.

— Claro que tenho.

—Bem, não parece ser grande coisa. São apenas manchas de... — ele parou de falar quando os pingos pretos brilharam fracamente e começaram a se mexer na página, formando palavras em forma de poema. —...tinta — terminou Matt, boquiaberto.

—O que você estava dizendo mesmo sobre não ser nada demais? — brinquei, tentando me sentar na cama para examinar melhor o livro. Depois de me lançar um olhar torto, Matthew me ajudou a ficar confortável e se recostou ao meu lado, colocando o volume diante de nós.

— Parece ser uma profecia — disse ele.

— Bem, vamos ler.

O conde começou:

“Ar, terra, fogo e água:

são esses os poderes da maga...”

— Olhe, está falando de você! A maga com poderes dos quatro elementos da natureza! — Matt exclamou, animado.

— Fique quieto e continue a ler. — Fingindo estar ofendido, ele continuou:

“...que inimigos de todos os cantos atrai; até mesmo seu irmão atrai

e a usa para completar um feitiço que o tornaria um mestiço...”

— Mestiço? — perguntei, fazendo uma careta. — Como assim?

— O livro deve estar se referindo à junção de trevas com luz que Jordan estava tentando realizar, mesmo que não intencionalmente.

“mas no ritual um erro é encontrado:

os poderes da maga não podem ser tomados; tão intensa é sua luz

que nem mesmo na escuridão ela se reduz.

Uma vitória foi contada, mas, cuidado, jovem maga:

sua jornada está muito longe de acabar,

pois no caminho sinuoso você acabou de entrar”.

Eu estremeci, sentindo o impacto dos últimos versos como se fosse um choque elétrico. Matthew me encarou horrorizado e fechou o livro com um baque. Por um instante, nós ficamos em silêncio, quando ele finalmente disse:

—Há alguma chance de isso ser apenas algum erro mágico e cósmico ou uma pegadinha de mau gosto?

Eu balancei a cabeça, desejando muito que aquele fosse o caso, mas ambos sabíamos que não era possível.

— Você acha que o livro se refere ao fato de que Marian e Andrew ainda estão vivos? — sussurrei, cruzando os braços sobre o peito e esfregando a pele para baixo e para cima com as mãos. De repente, a temperatura do lugar despencou e eu senti um calafrio na espinha. — Quero dizer... eles estão por aí, sabe?

—Eu não faço ideia, Cath. Mas, sei que, se esta profecia estiver correta, nós temos que tomar cuidado com o que está por vir — ele disse de forma sombria. — Porque, pelo que isso nos diz... nossos problemas estão apenas começando.

Capítulo 35

Jonathan voltou com uma bela bandeja grande de comida, alguns minutos depois que Matthew e eu encontramos a profecia sinistra. Quando percebeu nosso humor, o príncipe quis imediatamente saber o que havia nos deixado tensos. Enquanto eu comia, o conde explicou sobre o livro e mostrou-lhe o aviso que recebi, e John pareceu mais confuso do que jamais esteve.

— Então... não estamos livres? — perguntou, olhando-me com tristeza. Deixei de lado a bandeja e me senti infinitamente melhor por ter me alimentado.

—Não temos certeza do que significa ainda — Matthew explicou, murmurando. — Mas sabemos que pode ter a ver com o fato de que Marian e Andrew ainda estão vivos.

— E por que essa... profecia... só apareceu agora? — ele indagou, franzindo o cenho. — E qual a explicação para você ter sobrevivido? Quero dizer... estou feliz com isso, mas... vocês não acham suspeito que ela tenha sido a *única*, em *toda* a história da magia, a vencer essa coisa de escuridão e luz em um mesmo corpo?

Nós três nos encaramos por algum tempo, incertos do que dizer. Jonathan estava certo. Aquilo tudo era muito estranho, mas qual seria uma possível explicação? O universo gostava de mim? Incapaz de responder algo exato, Matt apenas deu de ombros e sorriu.

— Bom, quem sabe, não é mesmo? Catherine já é uma exceção quando se trata de seus poderes por poder conjurar mais de um elemento, que é o mais comum entre os magos. Não me surpreende ela ser uma exceção a mais algumas regras mágicas. — Ele me estudou por um segundo, calado, e vi seus olhos brilharem num intenso verde-amarelado. Senti minha mente pinicar, mas

daquela vez ele não parecia estar lendo minha mente. A sensação era... diferente. Era quase como se Matthew pudesse estudar minha alma. — Algumas coisas não podem ser explicadas — sussurrou por fim. Elas apenas... acontecem.

— Mas e quanto ao livro? — o príncipe tornou a perguntar, alheio ao momento de uso da magia do conde.

— É um livro mágico, John — expliquei, dirigindo meu olhar a ele. Matt saiu de seu transe e voltou a prestar atenção à conversa. — Pode estar cheio de profecias até onde sabemos, mas só pudemos ver a minha quando ela se completou. Talvez seja este o fator determinante.

—A princesa está certa — o conde falou. Olhei para ele com uma careta ao ouvir meu título não usado e ele piscou. — Falando nisso, já sabe o que fazer quanto à sua herança? Digo, *heranças*, no plural. Acredito que Luke tenha deixado a fazenda como patrimônio, certo?

Franzi o cenho. Não havia pensado sobre aquilo, na verdade.

—Bom... não sei quanto ao título, mas... acho que posso deixar para o herdeiro do próximo rei, ou algo assim — improvisei, fitando John. — Ou melhor, *segundo* herdeiro.

O príncipe me lançou um olhar malicioso e sorriu, erguendo as sobrancelhas.

— Isso quer dizer que teremos mais de um filho? — indagou. Eu corei violentamente e desviei o olhar.

—Eu não... n-nós... não... — gaguejei nervosa. Respirei fundo uma vez e o encarei com raiva. — Quem disse que o filho será meu? A competição ainda não acabou.

— Sobre isso... — Foi a vez dele de virar o rosto envergonhado e um tanto nervoso. Olhou sugestivamente para Matt, que imediatamente levantou e saiu, dando a desculpa de que precisava se encontrar com Ean. Quando o conde fechou a porta, John cerrou os olhos em minha direção. — Precisamos conversar.

— Sobre? — perguntei desconfiada.

— Não aqui. — Ele se levantou e olhou em volta, evitando meu olhar. — Vamos. Quero te mostrar algo.

Examinei a mim mesma, vendo minha roupa de montaria suja e desgastada.

— Você espera me trocar? — pedi, pondo-me de pé.

Jonathan ergueu uma sobrancelha e me fitou de cima abaixo. Seu olhar profundo me deixou um tanto envergonhada, mas não esbocei reação. Por fim, ele me puxou para um beijo rápido e murmurou:

— Você está perfeita assim. Apenas venha comigo.

Sem esperar por uma resposta, o príncipe me puxou pela mão e me levou até a escada, direcionando-nos ao andar de seu quarto. Quando passamos por sua porta, pensei que ele pararia, mas John apenas continuou andando e deu a volta por um corredor estreito.

— Onde estamos indo? — indaguei. — Não conheço este caminho.

— Você verá. — Então estacou abruptamente no lugar diante de uma porta de madeira comum, idêntica à sua. — Chegamos.

— Onde? O que é isso, Jonathan?

—Por favor, feche os olhos — pediu, ignorando minha pergunta. — Quero que seja uma surpresa.

Ansiosa, eu o obedeci e levei as mãos ao rosto. O príncipe me guiou à frente e eu escutei o estalido da porta se abrindo e então se fechando, e meus pés descalços tocaram algo macio e felpudo. Imaginando já estar dentro do aposento, tentei descobrir os olhos, mas ele me impediu.

— Ainda não — sussurrou.

Dei mais alguns passos vacilantes e praguejei. Qual era o tamanho daquele lugar?

— Posso agora? Não estou me aguentando de curiosidade.

— Sim — disse com um suspiro.

Eu abaixei as mãos e olhei em volta, prendendo a respiração.

Parado ao meu lado, Jonathan tinha me levado ao centro de um quarto hexagonal maior do que eu jamais poderia imaginar que existisse. O chão era todo coberto com um tapete branco e fofo de pelinhos. Janelas vitorianas grandes, que iam do chão ao teto, tomavam a maior parte das paredes azuis, deixando entrar a luz do sol quente da tarde. Do teto, um lustre de velas semelhante ao do salão principal descia, esperando para ser aceso. Uma cama grande de dossel de ouro estava encostada a uma das paredes e pensei que poderiam caber quatro de mim naquele colchão. Uma penteadeira dupla estava à frente desta, acompanhada de dois bancos acolchoados com veludo azul e dourado. Duas portas ladeavam uma área de sofás e poltronas chiques, levando ao que imaginei ser talvez um banheiro e uma sacada.

Girando em meu próprio eixo, encarei tudo aquilo boquiaberta e por fim me virei para o príncipe.

— O que é isso? — sussurrei.

— Nosso quarto — ele murmurou de volta, dando de ombros. Eu engasguei.

— *Nosso*?

John desviou os olhos dos meus e coçou a nuca.

— Sim... Olhe, sei que é muito e que você não gosta de coisas exageradas, mas... bem... Era dos meus pais, e eu gostaria que fosse nosso. Mandei retirar as coisas deles quando a competição acabou porque meu aniversário está perto e a coroação...

—Opa, opa, opa. Espere aí, pare. A competição acabou? — exclamei chocada. — Mas não faltava algum tempo ainda? Seus pais concordaram em sair daqui? O que houve com eles?

—Eles foram morar no palácio de inverno, do outro lado de Storm River. É o que acontece quando um novo rei é nomeado...

— Mas você não foi nomeado ainda — ressaltei.

— Mas serei, em algumas semanas — disse, finalmente buscando meus olhos. — A competição acabou, Catherine. Meu aniversário de vinte anos está perto e eu já escolhi, minha rainha.

— Já? — sussurrei, engolindo em seco.

Com um sorriso, Jonathan pegou-me pela mão e novamente me conduziu pelo aposento, aproximando-se de uma das portas, que pensei ser a da sacada. Mas, quando ele a abriu, vi que não era exatamente isso. As paredes do amplo anexo estavam abarrotadas com cabides e armários de sapatos e acessórios. Reconheci meus vestidos pendurados em alguns deles — os mesmos que faziam meu guarda-roupa quase transbordar, mas não chegavam a encher nem um quarto daquele espaço grande que parecia um segundo quarto. Do lado oposto, em uma arara diferente, algumas camisas, calças e ternos bem engomados estavam postos solitariamente lado a lado, completando uma coleção bem menor que a minha.

— Já, sim — John respondeu, tirando-me de mais um transe de choque. — E acredito que tenha sido uma ótima escolha.

Não respondi. Não consegui. Fui impedida de falar quando meus olhos caíram em um manequim no meio do *closet*. Fascinada, lentamente andei até ele.

Um vestido sem alças o cobria. Era de um tecido leve, macio ao toque, meio transparente e de cor majoritariamente branca, era sobposto por uma camada clara de cetim cor de creme. Na saia longa e levemente ondulada, flores vermelhas em galhos verdes se desenrolavam e subiam em um desenho dégradé que desaparecia ao atingir o corpete, deixando em seu lugar apenas o fundo branco e um cinto fino carmesim. Para completar, uma coroa cravejada de rubis estava na cabeça do manequim, presa com alguns elásticos para não cair.

— Este é o vestido de noiva da escolhida — explicou. — E, sabe... — John começou vindo a passos lentos até mim —, uma *amiga* uma vez me disse que o amor era algo automático. Que não podia ser controlado ou mudado de acordo com a vontade de alguém — ele murmurou, mordendo os lábios. Eu sorri ao reconhecer minhas próprias palavras duras e senti uma pontada de nervosismo esperando para ver onde o príncipe queria chegar. — Então, não me leve a mal, você é uma pessoa maravilhosa: linda, engraçada, inteligente... e eu estou apaixonado por você. Entende?

Nós damos belos amigos, mas acho que funcionaríamos melhor como um casal.

Finalmente, Jonathan parou diante de mim e olhou fixamente em meus olhos, abrindo um sorriso estonteantemente perfeito. Eu ri e balancei a cabeça, incrédula. O príncipe remexeu no bolso da calça e puxou de dentro dele uma caixinha de veludo preto.

Apesar de esperar seu gesto, cobri a boca com as mãos quando ele se ajoelhou em uma perna e a abriu. Apoiado em uma pequena almofada preta, um anel dourado sustentava um delicado coração do mesmo rubi que cravejava a coroa no manequim. Eu sorri quando percebi que a joia fazia par com meu medalhão que ganhara de Luke.

— Então, senhorita Fairway... você não concorda comigo?

Ajoelhei-me à sua frente e, ignorando o anel, puxei-o para mim ao enlaçar os braços em seu pescoço. O príncipe me envolveu pela cintura e fechou a caixinha com um baque, colando nossos lábios. No calor do beijo, nós tombamos para o lado e John rolou no chão, ficando por cima de meu corpo enquanto eu ria da situação.

— Eu... Te... Amo... Catherine... Beaumont... Fairway... Heronwood... — murmurou ele, pontuando cada palavra com um curto beijo. Por fim, colou nossas testas e suspirou. — Você é minha noiva agora. Não há como negar seu próximo título. Está preparada para isso?

Mesmo usando um tom de brincadeira, pude perceber que Jonathan realmente estava um tanto preocupado com o fato de eu talvez renegar o meu cargo de rainha. Grudei meus olhos nos seus e segurei seu rosto com ambas as mãos, roçando nossos lábios.

— Eu sempre estive preparada — murmurei, arrancando mais um sorriso dele. Devolvi o gesto ao perceber o quanto aquela declaração era verdadeira. — Eu te amo.

****

Encarei a fachada da casa durante alguns minutos, suspirando pesadamente. O campo atrás de mim já sofria as consequências da falta do cuidado que costumava receber: as folhas perdiam sua cor, enquanto as uvas murchavam e deixavam de exalar o maravilhoso cheiro de frutas maduras.

Por um momento, desejei poder olhar para trás e ver que aquelas evidências eram fruto da minha imaginação. Desejei poder entrar pela porta de madeira e ver Luke sentado à mesa de jantar, esperando-me para comer após um longo dia de trabalho. Desejei poder dizer que as lágrimas que escorriam pelo meu rosto eram de felicidade, porque eu iria finalmente contar ao meu pai sobre o meu recente noivado. Acima de tudo, desejei poder fazer desaparecer a cova que eu encarava, na qual jazia o corpo da melhor pessoa daquele mundo todo.

Colocando todos aqueles sentimentos de lado, obriguei-me a destrancar a porta e entrar na casa.

A sala de jantar, que se misturava à cozinha, estava exatamente como eu me lembrava. Matthew havia feito um ótimo trabalho em arrumá-la. Andando entre os móveis, passei a mão pela mesa no centro do aposento, recordando-me das lembranças mais felizes de minha vida. Luke havia sido mais do que meu pai; ele fora meu melhor amigo e companheiro para todas as horas.

Parei diante de um armário, aquele cuja gaveta proibida guardava alguns de seus segredos. Abri a porta em que guardávamos as xícaras e procurei embaixo da louça a chave que me permitia ver o que havia para mim ali dentro.

Quando a encontrei, coloquei-a sem pressa no encaixe da fechadura e girei, ouvindo o clique dela se destrancando. Segurei o puxador e forcei, sentindo que talvez a madeira estivesse emperrada. Depois de algumas tentativas, a gaveta cedeu e deixou-se abrir.

O pequeno espaço estava abarrotado de papéis, que variavam desde contas para pagar até edições de jornais velhos atualizando a população sobre a procura fracassada pela princesa perdida. Passei os olhos corriqueiramente pelos artigos,

desinteressada em saber sobre meu próprio paradeiro daquela época. Sabia que o veredito seria o mesmo em todas as matérias: “desaparecida e dada como morta”.

Então, cheguei ao fundo da gaveta e encontrei um envelope lacrado e sem assinaturas. Parecia feito de um papel novo, o que era estranho, porque isso implicaria que Luke o tivesse usado recentemente.

Tomada pela curiosidade, quebrei o selo de cera e puxei de dentro um pedaço de pergaminho que se assemelhava com uma carta. Reconheci a caligrafia de meu pai quando comecei a ler:

“Querida Catherine,

Se está lendo isso, é porque eu provavelmente já não estou mais entre os vivos para contar-lhe o que precisa saber. Então, por favor, querida, leia isto até o final.

Eu descobri o motivo pelo qual o medalhão mágico que usa emite aquela estranha luz e preciso que preste atenção às minhas instruções. Com sua memória de volta, deve lembrar que via o colar de sua mãe brilhar com frequência quando ela o usava, e é exatamente este o motivo: a magia do rubi é ativada quando alguém que possui parentesco com você está por perto, porque o poder investido nele foi forjado com o sangue dos seus antepassados. Use essa informação para descobrir a identidade de seu irmão e, assim que puder, confronte-o. [...]”

Eu franzi o cenho e me recordei de quando meu colar emitiu a luz forte pela primeira vez, aparentemente sem explicação, e me perguntei se, naquela época, o feiticeiro já me observava e coletava informações da minha vida.

Levei a mão ao colar e me lembrei de que não o usava quando lutei com Jordan por medo de perdê-lo. Se o usasse, com certeza teria descoberto sobre aquele fato muito antes. Fazia todo o sentido a razão pela qual a joia brilhava, mas agora não tinha mais importância.

Lamentando não ter sabido daquilo meses atrás, chacoalhei os pensamentos para longe da minha mente e continuei a ler:

“[...]

Eu preciso ir agora. Mas, querida, quero que saiba que jamais a esquecerei. Você foi a luz que iluminou minha vida nas épocas mais sombrias e que me guiou quando eu estava perdido. Obrigado por ter sido a melhor filha que um pai poderia querer. Eu lamento não ter lhe contado tudo o que precisava saber antes do perigo bater à porta, e lamento mais ainda não ter conseguido protegê-la.

Sempre te amarei, meu pequeno raio de sol. Estarei contigo como você esteve comigo para o que der e vier, mesmo de tão longe.

E não se preocupe com a saudade. Nós nos encontraremos novamente e, então, continuaremos a viver nossas vidas felizes, como era para ter sido.

Com carinho,

Luke.”

Enxuguei as lágrimas, sentindo a sensação dolorosa da injustiça me invadir. Dobrei a carta e apertei-a junto ao peito, junto ao medalhão que era a única coisa que me restava do melhor homem que já conhecera.

— Eu te amo, papai — murmurei comigo mesma, fechando os olhos. — Eu prometo que jamais vou esquecê-lo.

E então fui embora, abandonando a casa que nunca deixaria de ser o meu lar e com isso um pedaço de meu coração que sempre pertenceria a Luke.

Epílogo

A rainha olhou em volta, procurando seu marido no meio da multidão de convidados. A cerimônia do casamento e da coroação havia acabado e, apesar disso, não havia tido tempo de conversar com o rei em particular, porque a festa apenas começara. Enquanto estava distraída, uma pequena criaturinha engatinhou até os seus pés e puxou seu vestido, fazendo-a olhar para baixo.

Um emaranhado de cabelos castanhos e roupas macias brincava com a flor de plástico em seus sapatos brancos. As mãozinhas pequenas atrapalhavam-se com as pétalas do enfeite e, quando a rainha mexeu os pés levemente, o garotinho sentado no chão olhou para cima com grandes olhos verdes.

— O que está fazendo aqui, mocinho? — perguntou ela com a voz doce, abaixando-se para pegar a criança no colo. Limpou sua bochecha suja de chocolate, arrancando dele um sorriso banguela. — Você é muito novo para andar sozinho, pequenino. Onde estão os seus papais?

—Ah, você o achou! — exclamou alguém atrás dela. — Graças aos céus.

O conde correu na direção dos dois e então estacou, parando com as mãos apoiadas no joelho e as costas curvadas. Sua respiração ofegante e seu cabelo bagunçado despertaram um pouco de preocupação na rainha, que o encarou por um tempo antes de dizer:

— Bem, na verdade, foi ele que me encontrou. — Sorriu para o bebê em seus braços e alisou os cabelos escuros. Então, voltou-se novamente para o homem ao seu lado. — Há quanto tempo você o perdeu, Matt?

As bochechas de seu amigo coraram e ele se endireitou, dando de ombros.

— Pouco menos de dez minutos. Não conseguimos achá-lo no meio de toda essa gente. Parece que o reino todo foi

convidado para a festa!

—É a minha coroação e o meu casamento, seu bobo. É claro que o reino todo foi convidado — Ela riu. Sentiu pequenos dedos brincarem com seu colar e este reluziu com a luz do sol. Em seus braços, o menino se remexeu para se soltar, o que fez com que o pequeno terno verde que vestia se amarrotasse em seu corpo. — Ei, garotão, pare com isso. Você não pode sair andando por aí, está bem? Se a titia não tivesse te encontrado, o que seria de você, hum?

Parecendo entender as palavras brincalhonas da mulher, o bebê ficou quieto e deitou a cabeça em seu peito, olhando para o pai com os lábios formando um biquinho. Sem conseguir se conter, o conde se derreteu com aquela expressão tão fofa e sorriu. Pegou o filho nos braços e disse com a voz baixa e aveludada:

— Venha, meu pequeno Logan. Vamos encontrar o seu pai, porque ele está nos esperando. Você quase matou a nós dois de susto, sabia? — Então, virou-se para beijar a testa de sua amiga e sorriu. — Obrigado por isso, Cath. Fico te devendo uma.

Sem dizer nada, a rainha aquiesceu e assistiu ao homem se afastar com o menino no colo. Ao virar-se para tornar a procurar por seu marido, teve um sobressalto ao vê-lo parado bem atrás de si.

— Aí está você! — exclamou, dando-lhe um leve tapa no braço. — Procurei-o por toda parte! Por onde esteve?

O rei sorriu e se inclinou para beijar a bochecha de sua esposa, o que fez pequenos fios de seu cabelo loiro caírem em seus olhos.

— Eu estava providenciando mais bebidas para o marquês, porque simplesmente não aguentava mais ouvi-lo falar sobre minha péssima escolha de noiva — disse, revirando os olhos. Seus braços rodearam a cintura da rainha e ele subiu uma mão para afastar uma mecha ruiva de sua testa. — Aparentemente, a filha dele era louca por mim.

—Bem, você a beijou. Não é uma surpresa que ela tenha ficado totalmente caída em seus encantos — brincou a mulher,

sorrindo e abraçando o pescoço do homem. Então, o brilho descontraído sumiu de seus olhos quando passou os dedos pelas bochechas lisas dele. — Você fez a barba — constatou.

— Eu precisava estar arrumado para receber minha rainha, certo?

—Eu gostava dela — lamentou, arrancando um sorriso do rei.

— É mesmo?

— Sim. Deixava seu rosto mais sexy — disse ela, piscando um olho.

Balançando a cabeça e gargalhando, o homem puxou sua esposa para um beijo rápido e um abraço apertado. Na ponta dos pés, a rainha suspirou de felicidade e olhou para frente, fitando a multidão abaixo de si que dançava, bebia e comia. E logo seus olhos pousaram em alguém do outro lado do jardim de cerimônia e seu corpo se retesou.

Reconheceu no mesmo instante os olhos negros que a encaravam, mortíferos, e o cabelo loiro que havia crescido ao longo do par de anos que passara desde que se viram pela última vez. Mesmo estando a uma grande distância, a rainha pôde ver seu sorriso frio e suas mãos acariciarem uma grande barriga que, pelo tamanho, só podia ser proveniente de uma gestação.

Cambaleando um passo para trás, a rainha soltou-se do abraço de seu marido e fechou os olhos com força. Quando tornou a abri-los novamente, fixou-os no ponto onde antes sua velha inimiga estivera, mas... estava vazio. A feiticeira havia sumido.

— Catherine? O que foi? Você está bem? — perguntou o rei, franzindo o cenho com preocupação e seguindo o olhar da mulher em direção ao outro lado do jardim. Quando não encontrou nada, voltou a encará-la. — O que houve?

— E-eu... — a rainha tentou dizer, mas as palavras se prenderam na garganta.

Pigarreando, ela olhou para o homem à sua frente e viu um fio de preocupação manchar a felicidade em seu rosto. Então, sentiu-se uma tola por se alarmar por algo que provavelmente era apenas fruto de sua imaginação. Durante dois anos, ela e seus amigos viveram em paz, sem receber nenhum sinal dos feiticeiros

sobreviventes da batalha de tanto tempo atrás. Por que apenas naquele instante sua inimiga a procuraria, e depois desapareceria sem deixar rastros? Se tivesse mesmo sido uma imagem real, o caos com certeza já haveria se espalhado pela festa. Conhecia seus inimigos. Sabia que eram poderosos, mas não ousariam pisar em território real novamente — não depois da derrota que os feiticeiros sofreram naquela noite.

E assim forçou um sorriso, deduzindo que aquilo era apenas fruto da paranoia e preocupação constante que tinha sobre a profecia que recebera sobre sua vida, anos atrás.

— Estou, sim. Está tudo bem — murmurou, segurando a mão do rei e puxando-o para si. Quando sentiu um pequeno mal-estar na barriga, seu sorriso se tornou verdadeiro e o plano que havia criado dias antes retornou à sua mente. — Na verdade, eu queria mostrar-lhe uma coisa.

Por um segundo, ele hesitou, relutante em acreditar que nada havia acontecido. Mas então olhou nos olhos de sua esposa e ali encontrou a paz necessária para fazer suas preocupações sumirem em um mísero segundo. Devolvendo o sorriso e rendendo-se à curiosidade, deixou-se ser puxado para fora do pequeno palco de cerimônia e para dentro do castelo.

— Para onde está me levando, Catherine? A festa está lá fora...

— Eu quero mostrar-lhe o seu presente de casamento — ela disse apenas, ainda andando.

—Presente? Eu não tenho nenhum presente. Eu deveria...?

—Não, não. Não tem importância, querido — A mulher riu, entrando em uma salinha do térreo, mal iluminada e vazia exceto por uma poltrona e uma mesa de centro. Fez seu marido sentar no assento almofadado e ficou parada à sua frente. — Feche os olhos, por favor.

— Eu estou ficando curioso. O que você vai fazer?

— Apenas confie em mim, está bem?

Dando de ombros, o rei obedeceu ao que lhe foi dito e relaxou em sua poltrona, tomado de curiosidade. Sentiu sua mão ser tomada e erguida, e então seus dedos tocaram algo macio que reconheceu como sendo o corpete do vestido de sua esposa.

Ele esperou, confuso e ansioso. Por alguns segundos, nada aconteceu. Então, ele sentiu.

Um pequeno toque, tão sutil que, se você não estiver prestando atenção, não consegue sentir. Era fraco e quase imperceptível, mas estava ali. *E ele sentira*.

Sem perguntar, abriu os olhos e cravou-os nos de sua esposa, que já estavam marejados. Mordendo um lábio, levantou-se com um salto e moveu mais a mão por sobre a barriga da rainha, que já possuía um volume maior que era perceptível apenas ao toque.

— Isso é...? — começou, mas parou quando percebeu que não podia completar a frase. Sua voz embargou e ele engoliu o nó em sua garganta. — Nós vamos...?

Rindo e chorando, a mulher assentiu e puxou-o para um beijo rápido, mas caloroso e cheio de significado. Deixou as lágrimas rolarem por sua bochecha e fechou os olhos com força quando o rei os separou, colando suas testas.

— Eu não acredito nisso... — sussurrou ele, balançando a cabeça. — Diga-me. Isso é real?

A rainha abriu os olhos e fitou a imensidão dourada à sua frente, constatando que não havia nada naquele mundo que amava mais do que aquele homem; a não ser, é claro, o pequeno serzinho que crescia dentro de si.

— É real, meu amor — murmurou de volta, sorrindo. — Nós vamos ter um bebê.